



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR
MILTON SANTOS – IHAC
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
SOCIEDADE – PÓS-CULTURA

JANINE PEREIRA FALCÃO DE OLIVEIRA

CIDADES DE UMA CIDADE:
ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS QUE NARRAM SALVADOR NO
BAHIA MEIO-DIA

Salvador
2014

JANINE PEREIRA FALCÃO DE OLIVEIRA

CIDADES DE UMA CIDADE:
ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS QUE NARRAM SALVADOR NO
BAHIA MEIO-DIA

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Professora Dr^a. Rita de Cássia Aragão Matos.

Salvador
2014

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Oliveira, Janine Pereira Falcão de.
Cidades de uma cidade: estratégias e operações discursivas que narram
Salvador no Bahia meio-dia / Janine Pereira Falcão de Oliveira. - 2014.
268 f.

Orientadora: Profª Drª Rita de Cássia Aragão Matos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades,
Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2014.

1. Bahia Meio-Dia (Programa de televisão) - Pesquisa - Salvador(BA). 2. Análise
do discurso. 3. Televisão. 4. Telejornalismo. I. Matos, Rita de Cássia Aragão.
II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 401.41
CDU - 81' 42

JANINE PEREIRA FALCÃO DE OLIVEIRA

**CIDADES DE UMA CIDADE:
ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS QUE NARRAM SALVADOR NO
BAHIA MEIO-DIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Sociedade, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora

Rita de Cássia Aragão Matos – Orientadora _____
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

José Roberto Severino _____
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Ruy Aguiar Dias _____
Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela
Universidade do Estado da Bahia



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
IHAC- INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E
CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA & SOCIEDADE

Ata da Reunião da Apresentação Oral da Dissertação de **Janine Pereira Falcão de Oliveira**

Intitulada: **CIDADES DE UMA CIDADE: ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS QUE NARRAM SALVADOR NO BAHIA MEIO-DIA**

Aos 15 (quinze) dias do mês de maio de dois mil e quatorze, no IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, foi instalada a Banca Examinadora da Apresentação da dissertação intitulada: **"CIDADES DE UMA CIDADE: ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS QUE NARRAM SALVADOR NO BAHIA MEIO-DIA"**. Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores: Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia Aragão Matos – Orientadora - e pelo examinador externo: Prof. Dr. Ruy Aguiar Dias e interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: Prof. Dr. José Roberto Severino. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que a mestranda fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou o avaliador externo: Prof. Dr. Ruy Aguiar Dias. Após o examinador externo, fez suas arguições o Prof. Dr. José Roberto Severino, avaliador interno. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que a mestranda fizesse a sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a dissertação de Janine Pereira Falcão de Oliveira como APROVADA COM DISTINÇÃO. Nada mais havendo a tratar, eu, Rita de Cássia Aragão Matos, lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pela mestranda. Salvador, 15 de maio de 2014.

Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia Aragão Matos

Prof. Dr. Ruy Aguiar Dias

Prof. Dr. José Roberto Severino

Janine Pereira Falcão de Oliveira

CONFERE COM O ORIGINAL
10/06/2014

Franklin Rocha Leal
Técnico em Contabilidade
Mat. SIAPE 1973351
IHAC/UFBA

10/06/2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, essa força imaterial.

À minha avó, Maria Madalena, e aos meus pais, Antonia e Rudemberg, pelo amor, companheirismo, apoio e compreensão sempre. Amo vocês;

À Professora Rita de Cássia Aragão Matos, querida orientadora, pela confiança e incentivo constantes, por guiar-me nesta caminhada de forma séria e comprometida, mas sempre carinhosa, amistosa e serena;

Aos amigos, em especial a Morgana Gama, André Araújo, Josenildes Oliveira, Francisco Alves Júnior, Fred Aylandro e Geise Oliveira, por participarem desta caminhada e pelas partilhas, trocas, conversas, confidências e desabafos;

Aos professores dos cursos de Pedagogia e Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (em especial às professoras Virgínia Vaz Pimentel e Tânia Cordeiro), com os quais aprendi não somente sobre atividades profissionais, mas, principalmente, sobre educação, o desejo de conhecer e a necessidade de olhar além das superfícies;

Aos professores do Pós-Cultura, UFBA;

Aos professores e coordenadores de grupos de pesquisa Annamaria Palácios, Adriano Sampaio, Marinyze Prates e Maurício Matos e colegas dos grupos *Polifonia*; *Comunicação Estratégica e Marca*; e *Cultura e Subalternidades*, com os quais tenho aprendido;

Aos funcionários da UFBA, fundamentais para as atividades da Universidade, em especial a Delmira pelo compromisso, atenção e prestatividade.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo apoio que viabilizou esta pesquisa.

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.

(Eni P. Orlandi, 2012, p.52).

OLIVEIRA, Janine Pereira Falcão de. CIDADES DE UMA CIDADE: Estratégias e operações discursivas que narram Salvador no Bahia Meio-Dia. 268 f. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2014.

RESUMO

A pesquisa, do tipo analítica, visa a investigar, a partir dos discursos do telejornal Bahia Meio-Dia, como são organizadas e mobilizadas distintas estratégias e operações discursivas através das quais Salvador, com suas contradições e tensões, é dita. Para tanto, propõe-se caracterizar como o processo contemporâneo de midiaticização e espetacularização reverbera na organização do Bahia Meio-Dia, bem como nas operações que a produção realiza para noticiar a capital baiana. Busca-se, ainda, apontar, a partir dos enunciados do telejornal, temas que tornam Salvador dizível no referido programa, bem como quais as formações discursivas acionadas pelo programa. Selecionou-se, então, como dispositivo a televisão comercial aberta, o veículo Rede Bahia e, especificamente, a produção telejornalística Bahia Meio-Dia, considerando a abrangência da referida emissora no estado da Bahia e o fato de o programa em questão ser um dos mais conhecidos e difundidos no estado na faixa de horário em que é exibido. Para constituir o *corpus* da pesquisa, o programa foi acompanhado entre os meses de janeiro a dezembro de 2013 e, ao final desse período, 51 edições foram consideradas para composição da amostragem. O estudo reuniu a teoria social da mídia, a partir da qual considerou a presença e pertinência midiática nas sociabilidades contemporâneas, e a análise de discurso de tradição francesa, a partir da qual foram ancorados os gestos de leitura realizados. Desta forma, o dispositivo teórico-analítico congregou noções como as de *ethos*, condições de produção, discurso, interdiscursividade, pré-construídos, paráfrase e formação discursiva, além de ponderar a ambiência contemporânea e os princípios que caracterizam presentemente a cultura midiática. Revelou-se que o Bahia Meio-Dia caracteriza-se como uma produção leve, em que a presença de amenidades e *fait divers* confere o tom informal, célere e coloquial à produção. Além disso, observou-se que a noção de cultura disposta pela produção associa-se a atividades econômicas e confunde-se com diversão e entretenimento, o que aponta para uma perspectiva espontaneísta, em que a polissemia do termo é rejeitada. Entre as operações discursivas realizadas pelo programa a fim de narrar a capital baiana destaca-se a terceirização das responsabilidades, a partir da qual o poder público é praticamente isentado de obrigações. Igualmente, o programa prescreve a naturalização e o apelo à particularização, por meio das quais as questões municipais podem ser abordadas isoladamente e não de forma integrada e relacional. Além disso, vê-se a individualização, que viabiliza que causas e consequências de conflitos, sucessos ou fracassos sejam pessoais e não sociais. Tais operações apontam para a prevalência de uma estratégia central, o silenciamento, a partir da qual as questões do município são despolitizadas e, assim, deixam de ser abordadas ou tratadas como históricas e sociais e assumem caráter pontual. Para dispor de tais operações e estratégia, o Bahia Meio-Dia aciona uma formação discursiva que reafirma uma identidade baiana essencializada e uma formação discursiva que afirma uma cidade em expansão, congregando duas temporalidades: a da tradição e a da hipermodernidade. Nota-se, ainda, que o teor político da produção encontra-se, sobretudo, em sua aparente despolitização.

Palavras-chave: Salvador – análise de discurso – televisão – telejornal.

OLIVEIRA, Janine Pereira Falcão de. CITIES OF A CITY: strategies and discursive operations that tell Salvador in Bahia Meio-Dia. 268 f. 2014. Thesis [Master] - Institute of Humanities, Arts and Sciences Teacher Milton Santos, Federal University of Bahia, Salvador, 2014.

ABSTRACT

The analytic research aims to investigate, from the speeches of Bahia Meio-Dia newscast, as are organized and mobilized distinct discursive strategies and operations by which Salvador, with its contradictions and tensions, it said. For this purpose, it is proposed to characterize the contemporary process of mediatization and spectacle reverberates in the organization of Bahia Meio-Dia, as well as in the production operations done to report the state capital. Search is still pointing to the statements from the newscast, themes that make speakable Salvador city in that program, as well as which discursive formations triggered by the program. Then was selected as the device to open commercial television, the vehicle Rede Bahia and specifically the production Bahia Meio-Dia, considering the scope of that station in the state of Bahia and the fact that the program in question is one of the most known and widespread in the state in the time range in which it is displayed. To constitute the *corpus* of research, the program was followed during from January to December 2013 and at the end of this period, 51 issues were considered for the sample composition. The study gathered social media theory, from which considered the presence and relevance in contemporary media sociability, and discourse analysis of French tradition, from which the gestures were performed Reading anchored. Thus, the theoretical-analytical device assembled concepts such as ethos, conditions of production, speech interdiscursivity, prebuilt, paraphrase and discursive formation, and consider contemporary ambience and principles which characterize the present media culture. It was revealed that the Bahia Meio-Dia is characterized as a light production in the presence of amenities and fait divers gives informal, expeditious and colloquial tone production. Moreover, it was observed that the notion of culture prepared for production is associated with economic activities and it overlaps with fun and entertainment, which points to a spontaneist perspective, where the polysemy of the term is rejected. Among the discursive operations performed by the program in order to narrate Salvador the outsourcing of responsibilities, from which public power is practically exempted from obligations. Also, the program prescribes naturalization and call for particularization, through which municipal issues can be addressed separately and not integrated and relational form. Moreover, one sees individualization, which enables it causes and consequences of conflicts, successes or failures are personal and not social. Such operations point to the prevalence of a core strategy, silencing, from which issues the county are depoliticized and thus cease to be addressed or treated as historical and social character and take off. To dispose of such operations and strategy, Bahia Meio-Dia triggers a discursive formation that reaffirms an essentialized baian identity and a discursive formation that affirms an expanding city, bringing together two temporalities: the tradition and the hypermodernity. Is notable, though, that the political content of the production lies mainly in its apparent depolitization.

Keywords: Salvador - discourse analysis - television - television news.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Etnias da população residente em Salvador (BA), em 2010.....	74
Gráfico 2	Relação entre etnia e rendimento salarial em Salvador.....	75
Figura 1	Vinheta da Rede Bahia, 2013.....	100
Figura 2	Vinheta de abertura do Bahia Meio-Dia, da Rede Bahia, 2013.....	100
Figura 3	Cenário do Bahia Meio-Dia até o 1º semestre de 2013.....	101
Figura 4	Cenário do Bahia Meio-Dia a partir do 2º semestre de 2013.....	103
Gráfico 3	Principais temas e assuntos presentes nas escaladas do Bahia Meio-Dia em 2013.....	124
Gráfico 4	Tipologia geral de temas e assuntos que constituem pautas no Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013).....	217
Gráfico 5	Tipologia das <i>hard news</i> do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013).....	217
Gráfico 6	Tipologia das <i>soft news</i> do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013).....	218

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CULTURA MIDIÁTICA, TELEVISÃO E TELEJORNALISMO	21
2.1. A NOÇÃO DE CULTURA E A ASCENSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: UMA QUESTÃO DE AMBIÊNCIA	21
2.2. CULTURA MIDIÁTICA	29
2.3. A TELEVISÃO NO BRASIL	33
2.4. TELEVISÃO: PRINCÍPIOS E GRAMÁTICA.....	36
2.5. TELEJORNALISMO NO BRASIL	41
2.5.1. O padrão Globo de jornalismo	45
2.6. PRINCÍPIOS DO ESPETÁCULO NA CONTEMPORANEIDADE	50
2.6.1. A performance noticiosa na contemporaneidade espetacular: do telejornalismo ao infoentretenimento	52
3. CIDADES E DISCURSOS: DISPOSITIVOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS	55
3.1. DA CIDADE POLÍTICA À CIDADE CONTEMPORÂNEA: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A NOÇÃO DE CIDADE	56
3.2. A CIDADE DE SALVADOR	63
3.3. O QUADRO TEÓRICO-ANALÍTICO DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	77
3.3.1. Princípios gerais da Análise de Discurso de tradição francesa	78
3.4. CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA	80
3.4.1. Língua	81
3.4.2. Discurso	83
3.4.3. Condições de Produção	85
3.4.4. Ideologia	86
3.5. A TRILHA METODOLÓGICA E O <i>CORPUS</i> ANALÍTICO	89
3.5.1. Critérios para definição das notícias que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa	91
3.6. A REDE BAHIA E A PROJEÇÃO DA BAHIA	93
3.7. O DISPOSITIVO EM ANÁLISE: O PROGRAMA BAHIA MEIO-DIA	99
3.7.1. Caracterização do Bahia Meio-Dia	100
3.7.2. Estrutura e Organização do Bahia Meio-Dia	104
3.7.3. O <i>ethos</i> do Bahia Meio-Dia	110

4. O BAHIA MEIO-DIA, AS ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS MOBILIZADAS PARA NARRAR SALVADOR	123
4.1. O QUE DIZ O BAHIA MEIO-DIA SOBRE SALVADOR: TEMAS QUE CONSTITUEM AS PAUTAS DE UM LÍDER DE AUDIÊNCIA.....	123
4.1.1. O bairro e a comunidade: quando as distinções territoriais sugerem distinções sociais.....	128
4.1.2. O poder público municipal: dizendo o campo político da Soterópolis	134
4.1.3. O sentido de ser cidadão no Bahia Meio-Dia	150
4.1.4. A ideia de baianidade: um discurso estratégico para identificar e para silenciar	157
4.2. FORMAÇÕES DISCURSIVAS: EM QUAIS VALORES, CRENÇAS E PRESSUPOSTOS A SALVADOR DO BAHIA MEIO-DIA ESTÁ FUNDAMENTADA?	168
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
REFERÊNCIAS	196
GLOSSÁRIO	207
APÊNDICE A – Relação de Parques de Salvador	211
APÊNDICE B – Cronograma de Acompanhamento do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013) ..	212
APÊNDICE C – Quadro síntese de temas e pautas do Bahia Meio-Dia (jan./ dez. 2013) ...	213
APÊNDICE D – Quadro detalhado de notícias do Bahia Meio-Dia (jan./ dez. 2013).....	214
APÊNDICE E – Gráficos sobre as notícias e temas/ pautas no Bahia Meio-Dia (jan./ dez. 2013).....	217
ANEXO A – Amostragem de escaladas do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013)	220
ANEXO B - Corpus da análise: notícias transcritas	227

1. INTRODUÇÃO

Esta investigação encontra motivações plurais. É originada por um interesse pessoal em discutir esses espaços ambíguos, contraditórios, estimulantes e inquietantes que são as cidades, em especial, Salvador, capital baiana. Ao mesmo tempo, pelo interesse que se tem sobre o audiovisual, em especial a televisão – por sua presença no cotidiano brasileiro. Ambas as questões sob intensos debates na atual conjuntura.

As discussões sobre o futuro das cidades encontram-se hoje em destaque seja por conta do crescente fluxo de pessoas nesses espaços, pela atenção atualmente destinada a questões como preservação ambiental, qualidade de vida ou por novas práticas econômicas como, por exemplo, a dita economia criativa. Ao mesmo tempo, as relações que mantemos nas cidades são mais instáveis. Podemos nos solidarizar com demandas que atingem o extremo oposto do mundo e sequer saber ao certo o que acontece na rua ao lado. Socializamos-nos em rede o que favorece o acesso a informações; nos desterritorializamos e reterritorializamos facilmente, conforme não mais critérios de contiguidade física, mas de subjetividades, como diriam Deleuze e Guattari. Assim, a comunicação assume um lugar ímpar em nossas relações, sociabilidades e mesmo na vida das cidades. Comunicação pensada através de dispositivos múltiplos, incluindo desde os mais recentes até alguns mais consolidados como a televisão.

A cultura midiática, em especial a televisiva, segue, ainda hoje, sendo relevante para o cotidiano das cidades brasileiras. Seja por trazer tais espaços às discussões, por intermédio de suas narrativas ou por construir muitas de suas narrativas nos espaços das cidades ou pelo fato de muitas das pessoas que acessam tais dispositivos viverem nas cidades.

Assim, neste estudo, trazemos à discussão a cultura, a comunicação e a cidade. Para isto, relacionamos nesta análise a cultura midiática contemporânea (com sua onipresença e traços espetaculares); a comunicação (a partir de um dos meios mais importantes social, política e culturalmente no Brasil: a televisão); e a cidade, especificamente, Salvador, capital baiana, uma expressão de hibridismo: por ser uma cidade, por sua história, suas tradicionais manifestações populares e artísticas e por sua atualização hipermodernizante, praticamente inevitável, mas, também, controversa.

Com uma população estimada em mais de 2,8 milhões de pessoas, em 2013, a capital baiana é a terceira cidade mais populosa do Brasil. A economia local está fundamenta nos setores de turismo, comércio/varejo, construção civil e serviços. A renda média mensal do soteropolitano era de R\$973,00, em 2010 e, assim, Salvador reúne amplos contrastes.

A capital baiana, conforme o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013) tem o índice de desenvolvimento humano (IDH) médio de 0,759, o que é considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) alto. Contudo, Salvador reúne bairros com IDHs superiores aos índices da Noruega, como o Itaipara (0,971), Caminho das Árvores- Iguatemi (0,968), Caminho das Árvores-Pituba (0,968) e Brotas-Horto Florestal (0,968); e iguais aos da Noruega, a citar a região da Pituba-Av. Paulo VI (0,965). E, ao mesmo tempo, congrega bairros com índices de desenvolvimento extremamente baixos como a Zona Rural/ Areia Branca, Cia-Aeroporto-Ceasa (0,652); Coutos-Fazenda Coutos, Felicidade (0,659); e Bairro da Paz- Itapuã-Parque de Exposições (0,664).

Salvador é amplamente conhecida por sua diversidade étnica e cultural; por reunir ritmos, cores, sabores e expressões simbólicas de matrizes diversas; por ter atrativos como suas praias, e por ser a cidade mais iluminada pelo sol no Brasil. Em grande medida, a capital baiana, paira no imaginário nacional, como uma terra de alegria, felicidades, diversidade religiosa, musicalidade e festa. A capital da Bahia – tradicionalmente associada a Jorge Amado, Dorival Caymmi e aos cultos afros – hoje também é terra de trios potentes e festivais grandiosos, uma cidade conectada à temporalidade contemporânea. Assim, congrega mudanças, aumento populacional, violência, incertezas, projetos de requalificação, em conformidade com as alterações e mesmo incertezas ditas contemporâneas.

Salvador apresenta-se como uma terra de contrastes, em que belezas e encantos dividem espaço com desigualdades profundas. Assim, nosso hibridismo, apregoado como fonte de nossa singularidade, aponta também para aproximações, tensões e descontinuidades entre a tradição e o contemporâneo, o antigo e o novo, as certezas essencializadas e as incertezas das novas narrativas. É nessa ambiência que interessa-nos investigar como a grande mídia narra essa cidade, de que modo mobiliza modos de enunciação e investe em estratégias discursivas para tornar dizível e, sobretudo, noticiável a capital baiana.

Assumindo tais perspectivas, empreendemos aqui um trabalho analítico, fundamentado em estudos de orientação discursiva, em articulação com a teoria social da mídia a fim de analisar como são construídas e organizadas distintas estratégias discursivas a fim de narrar Salvador, com suas peculiaridades, seus traços, suas potencialidades, conflitos, instabilidades e ambiguidades. Uma tentativa de compreender quais e como valores, crenças, diretrizes e ideias orientam as narrativas midiáticas sobre esta cidade. Assim, ocupamo-nos de investigar não precisamente o que, mas como Salvador é dita na ambiência espetacular e instável

contemporânea, o que contempla dizeres sobre seus conflitos, cotidiano, cidadãos, hábitos, festejos, poder público, entre outros.

O ponto de partida desta pesquisa admite os meios de comunicação como constituintes das relações sociais na contemporaneidade. Reconhecemos, ainda, que tais meios dispõem, dentre tantas possibilidades, de um caráter pedagógico. Eles difundem propostas de visões de mundo, comportamentos, modos de vida. Nesse contexto, fomentam-se desejos, hábitos e práticas sociais que implicam em reconhecimento, pertencimento e identificação. Isso tanto pode fomentar quanto questionar hierarquizações sociais e culturais, bem como distanciamentos entre grupos sociais, culturais, étnicos e políticos.

Como as possibilidades de dispositivos e produções midiáticas são muitas, definimos como dispositivo de análise a televisão aberta comercial. Vale ponderarmos que, em tempo de redes sociais, *netbooks*, *tablets*, *smartphones*, *bits*, *fanpages*, *web 3.0*, *e-readers*, *posts* e *trending topics* debruçar-se sobre televisão – especificamente sobre telejornalismo – e discutir as relações e imbricações entre discurso e identidade pode, a priori, ser visto como algo ultrapassado. Os defensores mais fervorosos da digitalização podem afirmar que a era da televisão foi superada, sua hegemonia não existe mais e todos estão conectados em uma rede mundial, interativa e muito mais atraente.

Longe de negar a ascensão, pertinência e potencial das novas mídias, da web e de seus dispositivos e produções acreditamos que, no contexto brasileiro, em especial no contexto baiano, ainda não superamos alguns paradigmas sociais e culturais. As novas tecnologias – e com elas suas novas possibilidades – têm conquistado significativo espaço no cotidiano. São linguagens, possibilidades de trocas, conexões, sociabilidades, novas formas de inteligência que superam os limites temporais e territoriais da geografia física.

Essas novas tecnologias, entretanto, não provocam, necessariamente, a superação de meios como a televisão. Apontam para um novo paradigma comunicacional, cultural e educacional ao qual, inclusive, a própria televisão já se associa tendo em vista sua atualização. Além disso, apesar da expansão dessas novas possibilidades, cerca de 42% da população brasileira está conectada à rede mundial de computadores, enquanto 97% dos lares brasileiros dispõem de aparelhos televisores (IBGE, 2012). De acordo com a Fundação Pró-Livro e o Ibope Inteligência (2012), no Brasil, 28% da população têm o hábito da leitura, enquanto 85% dos brasileiros costumam ver televisão diariamente, de modo que, para muitos, a TV ainda é o principal meio de informação disponível.

Isso nos sugere que mesmo com a ascensão da internet e mesmo na era *mobile*, a TV ainda mantém uma relevância significativa para a sociedade brasileira. Além disso, apesar da maior disponibilidade de dispositivos com acesso à internet e dispositivos *mobile*, a ampla democratização destes ainda não é um fato na conjuntura brasileira. O papel social, político e cultural da TV aberta no Brasil é, portanto, ainda relevante. Suas produções contribuem para a constituição da nossa identidade cultural, a partir de discussões, debates, reafirmações e questionamentos que, frequentemente, dialogam com questões e inquietações sociais. Por isso, é pertinente analisarmos os discursos propostos e difundidos a partir de tal meio.

Além de dados estatísticos, podemos observar, simbolicamente, o quanto a televisão é admirada pelos brasileiros. Com as inovações tecnológicas, tais dispositivos também ganharam novas formas. Gradativamente o tamanho dos aparelhos de TV foi aumentando. Telas maiores, imagens em alta definição, som de cinema. Os equipamentos tornaram-se esteticamente mais finos, leves, projetados, com designer *high tech*, ocupando espaços similares aos de obras de arte que podem ser emoldurados nas paredes ou como artigos decorativos (mas não somente). Pode-se até criar um espaço próprio para a TV e, assim, surgem móveis, suportes e equipamentos projetados para que a televisão ocupe lugar destacável em nossos lares. Desta forma, reafirma-se certo fetiche em torno dessa atual sexagenária que se mantém como a mais atuante, presente e difusa fonte de informação e entretenimento no Brasil.

Os motivos para tal situação incluem fatores culturais, econômicos, nosso processo educativo, o *boom* das imagens e outras variáveis. Além disso, as próprias ofertas televisivas – em conformidade com a lógica de uma sociedade espetacular – tornam-se fartamente atraentes e convenientes. Por conseguinte, é a partir da TV que milhões de pessoas conhecem o mundo, tomam conhecimento sobre fatos políticos, sociais e econômicos, seja por meio de programas de entretenimento, das produções ficcionais ou por intermédio de telejornais.

Os telejornais, aliás, são alguns dos dispositivos televisivos mais consolidados no Brasil. Organizam-se através de propriedades específicas (próprias da condição de campo, de questões técnicas), mas também dialogam com o contexto sócio-histórico em que são desenvolvidos. Admitimos, por exemplo, que a forma de organização espacial do estúdio, as cores, as possibilidades de manutenção de diálogos mais ou menos informais, o perfil dos apresentadores, entre outros constituintes, variam não somente por questões técnicas ou operacionais, mas, sobretudo, culturais. Aceitamos, assim, que os processos jornalísticos não são definidos somente por matizes profissionais ou institucionais. Antes disso, intervêm em

tais ancoragens condições sociais, políticas, econômicas e culturais, as quais apresentam-se (discursivamente e simbolicamente) tanto pela materialidade linguística (dos textos), quanto pelos demais elementos sonoros e visuais que, no caso do telejornal, são corporificados em decorrência do caráter audiovisual da televisão.

As emissoras de TV, que produzem e transmitem tais programas, são também empresas e, como tais, cada uma ao menos tenta se diferenciar das demais na ambiência midiática. É pouco provável, portanto, realizar uma pesquisa que tente compreender as estratégias discursivas que dizem Salvador e que contemple todas as emissoras locais. Igualmente, seria ingênuo ou pouco cuidadoso tomar a apreciação de uma emissora como válida para todas. E mesmo ao analisar um veículo não podemos desconsiderar que este produz programas e produtos variados, com formatos, temas e especificidades. Assim, optamos por investigar nesta iniciativa a Rede Bahia e, especificamente, o programa Bahia Meio-Dia.

A Rede Bahia é a maior emissora das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Congrega 07 (sete) afiliadas, além de emissoras de rádio e jornal impresso. Tem vínculos históricos com um consolidado grupo político da região – por ter a maioria de suas ações em posse da família Magalhães. O Bahia Meio-Dia é um jornalístico que vai ao ar de segunda a sábado, entre as 12 horas e as 12 horas e 45 minutos. Além de informes sobre o estado, o programa agrega curiosidades, entretenimento e lazer, receita que, conforme enunciações de seus apresentadores, torna o programa “o telejornal líder de audiência no horário de almoço.”. Dados do Ibope (2013), referentes ao mês de março, revelam que a produção, frequentemente, lidera a audiência na referida faixa de horário. Comparado, por exemplo, a outras produções exibidas na mesma faixa de horário, o Bahia Meio-Dia tem, em média, 11 pontos de audiência. A Record Bahia teve, em média, 08 pontos; a TV Aratu/ SBT teve 05 pontos e a Band Bahia teve 04 pontos.

Optamos, então, por investigar tal produção considerando a força do dispositivo em questão e da emissora que o produz e transmite. Ademais, sendo a Rede Bahia uma emissora solidificada na região, afiliada à Rede Globo (maior rede de TV do país), e historicamente associada a segmentos estratégicos para a economia local (como o turístico e o de entretenimento), perceber como tal emissora narra Salvador em um de seus mais conhecidos programas torna-se uma questão pertinente para dimensões variadas (política, econômica, social e cultural). Assim, interessa-nos atentar para os discursos da produção, já que estes: são acessíveis e têm forte penetração social (em especial entre grupos sociais que, por vezes, têm pouco acesso a outras fontes de informação); são admitidos como legítimos (pela história da

emissora, por esta ser afiliada ao mais forte grupo de comunicação do país e pelo fato de ser um meio de comunicação nacionalmente forte); e têm laços estreitos com símbolos e discursos sobre a cultura local.

Vale ressaltar ainda que, tendo o dispositivo jornalístico um aparente compromisso com o referente, ou seja, um fato, uma situação ou circunstância interessa-nos buscar compreender que operações a produção realiza para noticiar contradições e oposições que caracterizam um mesmo território administrativo, mas que simbolizam realidades plurais. Ou ainda como tenta manejar os limites escorregadios e incertos que reúnem, mas também separam, a terra da alegria, da festa, das misturas étnicas, que é também terra de segregação étnica, de desigualdades econômicas e de violências.

Nesta conjuntura, propomos este estudo sobre as operações e estratégias discursivas do programa (jornalístico) Bahia Meio-Dia (veiculado pela Rede Bahia, afiliada à Rede Globo de Televisão) na construção discursiva da cidade de Salvador. Pretendemos verificar de que maneira o Bahia Meio-Dia opera a construção e mobilização de mecanismos e estratégias discursivas a fim de tornar dizível a cidade de Salvador, com suas contradições, conflitos, pontos de tensão e descontinuidades?

Partindo de tal problema são admitidos como desdobramentos da pesquisa pensar: como se caracteriza a organização do Bahia Meio-Dia a fim de noticiar Salvador em um contexto de midiaticização? Como as estratégias e operações discursivas do Bahia Meio-Dia podem evidenciar e disfarçar as tensões e descontinuidades de Salvador? Quais as principais formações discursivas manejadas pelo programa a fim de noticiar as realidades soteropolitanas? De que forma os modos de dizer Salvador e (re)construir discursos sobre a cidade, por meio do dispositivo jornalístico, implicam na proposição de sentidos sobre a cidade?

Diante de tais questões, definimos como objetivo geral desta pesquisa analisar, a partir dos discursos do telejornal Bahia Meio-Dia, como são organizadas e mobilizadas distintas estratégias e operações discursivas através das quais Salvador, com suas contradições e tensões, é dita. Para tanto, admitimos como objetivos específicos: caracterizar como o processo contemporâneo de midiaticização e espetacularização reverbera na organização do Bahia Meio Dia, bem como nas operações que a produção realiza para noticiar a capital baiana; apontar, a partir dos enunciados do telejornal, temas que tornam Salvador dizível no telejornal local Bahia Meio-Dia, bem como a compatibilidade de tais temas com frações

determinadas da cidade; e identificar as principais formações discursivas presentes no Bahia Meio-Dia sobre a cidade de Salvador/ Bahia.

A extensão da pesquisa compreende um período de 12 (doze) meses. Para tanto, a produção (Bahia Meio-Dia) foi monitorada diariamente e, a partir de tal acompanhamento, foram selecionadas algumas edições para composição do *corpus* do trabalho. A começar do mês de janeiro de 2013, selecionamos 01 (uma) edição semanal do programa, de modo que na primeira semana elegemos a segunda-feira, na segunda semana, a terça-feira, na terceira semana a quarta-feira e, assim, sucessivamente, até o sábado. Após cada sábado, reiniciávamos a semana a partir da segunda-feira subsequente. Assim, foram consideradas 51 (cinquenta e uma) edições do Bahia Meio-Dia, exibidas entre janeiro e dezembro de 2013.

Tais edições, contudo, não foram consideradas na íntegra para fins de análise. Em primeiro lugar, porque o Bahia Meio-Dia é transmitido para todo o estado da Bahia e, assim, congrega notícias, informes e curiosidades de diversos municípios baianos, excedendo o recorte desta pesquisa (Salvador). Em segundo lugar porque tomamos como unidades de análise desta investigação somente as notícias. Logo, quadros pontuais e comemorativos (em decorrência de eventos, datas cívicas e similares) não foram considerados. E por fim, pelo fato de admitirmos como aporte teórico-metodológico desta pesquisa a análise de discurso.

Os estudos de orientação discursiva consideram que os discursos não são nunca fechados, autônomos ou finalizados. Ao contrário, estão sempre em diálogo com outros discursos, de modo a não dar a ver claramente as origens e limites de tais aproximações. Assim sendo, um mesmo recorte pode ser investigado de múltiplas formas, ocasionando leituras variadas. Por conseguinte, não há como propor uma espécie de leitura derradeira, conclusiva e, portanto, nenhuma análise é exaustiva o suficiente para encerrar-se em si mesma. Dito de outra forma, as notícias – nossas unidades de análise – podem sempre ser retomadas e olhadas a partir de outro ângulo, revelando-nos nossas leituras e indagações. A exaustão quantitativa, assim, não equivale à exaustão de significados ou gestos de leitura.

Buscamos, então, fundamentadas em dispositivos teóricos e analíticos, possíveis leituras e gestos interpretativos sobre as operações e estratégias discursivas, construídas pelo Bahia Meio-Dia, para narrar Salvador (o que não significa dizer que estas são as únicas leituras possíveis). Tomamos, assim, o período destacado como espaço temporal para nossa análise, bem como para delimitação do *ethos* da produção Bahia Meio-Dia. É esta investigação que apresentamos aqui estruturada da seguinte forma: nesta introdução, dispomos de uma espécie de convite e ambientação, para que tome conhecimento inicial sobre o recorte de nossa busca.

Na sequência, em capítulo intitulado *Cultura Midiática, Televisão e Telejornalismo*, abordamos prioritariamente: a concepção de cultura, a ideia de cultura midiática na contemporaneidade, um breve histórico sobre a televisão no Brasil, com destaque para a Rede Globo, e o atual contexto de espetacularização, que viabiliza novos fenômenos como o infoentretenimento. Para tanto, realizamos um breve levantamento sobre a noção de cultura, com base em trabalho de J. B. Thompson, e admitimos, por fim, a noção interpretativa de cultura, a partir da perspectiva de C. Geertz. Discutimos, ainda, características, tensões e especificidades da cultura midiática. Tomamos como pressuposto o fato de nos inserirmos em uma sociedade midiaticizada e que é também espetacular.

Para discutir a noção de espetáculo tomamos por referência o trabalho de Kellner, ressaltando que hoje, mais que uma questão de imagem, os espetáculos orientam nossas relações e interferem em campos diversos como a economia e a política. Essa ambiência favorece um dispositivo como a televisão que não somente é afeito às imagens, mas que encontra no mercado (sobretudo o publicitário) um parceiro frequentemente considerado inseparável. Abordamos, ainda, o ingresso e ascensão da TV no Brasil, bem como da televisão na Bahia, a partir de trabalhos e pesquisas de Rubim, Matos e Kehl. Elucidamos, também, sobre a associação entre a Rede Bahia e os segmentos político e turístico baiano, demonstrando que o trabalho televisivo, suas produções, aproxima-se à ambiência política, social e econômica em que se dão. Finalizamos o capítulo abordando o telejornalismo brasileiro, as diretrizes do padrão Globo de jornalismo e como tal dispositivo dialoga com essa cultura midiática espetacular. Trazemos, para tanto, pesquisadores como Almeida, Costa, Mota e Mouillaud e encerramos esta etapa com alguns apontamentos sobre um dispositivo em ascensão na contemporaneidade: o infoentretenimento.

Na sequência, dispomos o capítulo *Cidades e Discursos: dispositivos teóricos e analíticos*. Neste tópico, apresentamos um breve histórico sobre a noção de cidade e seu desenvolvimento até a contemporaneidade. Sintetizamos tal noção a partir da identificação de alguns traços fundantes às cidades como a coletividade, a necessidade de administração pública e a presença do mercado. Apresentamos, ainda, uma caracterização sobre Salvador, capital baiana, ocasião em que abordamos a constituição social da região, algumas de suas desigualdades, a forma de ocupação do solo e distribuição das pessoas na cidade, com base em critérios, sobretudo, econômicos e, conseqüentemente, como isso se desdobra em formas de segregação e distanciamento social. Para isso, buscamos aporte em trabalhos de Rolnik, Fernandes, Carvalho e Pereira, Serpa e Ubiratan Araújo.

Discorremos, também, sobre como os segmentos de cultura e turismo estão entrelaçados em Salvador não necessariamente por atributos dos segmentos, mas por estímulos políticos. Uma associação, com frequência, incentivada e que encontra contribuições para o seu funcionamento por parte dos meios de comunicação, em especial, da Rede Bahia.

Destacamos que fizemos a opção por não constituir, separadamente, um capítulo para a metodologia de trabalho. Isso porque, em análise de discurso, é incomum a separação entre dispositivo teórico e analítico, já que estes são interdependentes. Assim, ainda no segundo capítulo, realizamos uma breve caracterização sobre a análise de discurso de linha francesa e trazemos alguns conceitos considerados fundamentais para a análise como os de condições de produção, discurso e língua. Baseamos tais considerações em trabalhos de Eni Orlandi, Helena Brandão e Maingueneau. Descrevemos, ainda, nosso *corpus* e os critérios de seleção das notícias consideradas.

Na sequência, iniciamos a análise propriamente. Para tanto, apresentamos e caracterizamos o dispositivo Bahia Meio-Dia (estrutura e organização) e identificamos, a partir de critérios quantitativos e qualitativos, o *ethos* da produção (através da identificação de temas e pautas recorrentes do programa; prevalência de *hards* ou *soft news*; e estratégias de aproximação utilizadas pelo programa). A partir daí, elencamos as características, interesses, compatibilidades e modos de enunciação prevalentes na produção.

No capítulo seguinte, denominado *O Bahia Meio-Dia, as estratégias e operações discursivas mobilizadas para narrar Salvador*, nos debruçamos de forma detida sobre as unidades de análise, ou seja, as notícias. Para tanto, organizamos tal momento em sub-tópicos considerando os temas e assuntos mais recorrentes no programa, bem como os elementos que, em capítulo anterior, foram sinalizados como primazes para a noção de cidade.

Como nos capítulos anteriores já apresentamos os conceitos essenciais, neste momento, aprofundamos nosso dispositivo analítico, ou seja, as noções que orientam o processo interpretativo propriamente, nossos gestos de leitura frente às notícias. Assim, dispomos de dispositivo analítico ancorado em noções como pré-construído, interdiscurso, paráfrase e formação discursiva. Fundamentam tal momento trabalhos de Eni Orlandi e Helena Brandão.

Por intermédio de trechos de notícias catalogadas durante o ano de 2013, buscamos identificar nos enunciados do Bahia Meio-Dia os discursos defendidos, reafirmados e mesmo naturalizados pelo programa. A partir disso, propomos uma leitura sobre as formações discursivas que ancoram tais discursos (basicamente uma que ainda hoje visa à essencialização da identidade baiana e uma que intenta mostrar em cidade em expansão que,

como tal, também congrega conflitos, mas estes são dados como praticamente inevitáveis, já que narrados como inerentes a condição de cidade) e como estas propõem sentidos para Salvador e, por desdobramento, sugerem possíveis leituras, adesões e sentidos para a localidade. Nesse momento, buscamos dialogar com os trabalhos de Eni Orlandi e Michel Foucault.

Por fim lançamos as considerações finais etapa em que buscamos sintetizar a pesquisa, seus resultados, mas em que também se evidenciam novas inquietações surgidas durante o trabalho. O produto apresentado, por conta dos limites da pesquisa e do dispositivo teórico-metodológico, como já apontamos, não propõe a exaustão de um objeto empírico, de modo que novas investigações podem ser propostas sobre o mesmo dispositivo, já que os discursos estão sempre em aberto, em movimento, em atualização. Dispomos ainda de apêndices e anexos que podem contribuir para contextualizar os dados apresentados.

Retomamos que, ao considerar a marcante presença da televisão no cotidiano social brasileiro, verificamos que há um gradativo crescimento do número de estudos desenvolvidos sobre o assunto no Brasil. Esse número, todavia, ainda é tímido no que se refere a pesquisas locais, regionais. Apesar disso, em todas as regiões do Brasil, a televisão é abrangente. Dispõe de extenso espaço como meio de acesso à informação (sobre os mais variados assuntos), a entretenimento e a manifestações culturais. É ainda um veículo de complexa organização técnica, tecnológica e institucional e que exige o investimento de elevados recursos financeiros. Esses e outros fatores tornam pertinente o desenvolvimento de pesquisas e conhecimentos constantes sobre a TV, inclusive localmente. A própria linguagem televisiva é também uma questão passível de profícuas discussões, assim como os ecos das produções televisivas na organização e no imaginário social brasileiro.

Decerto, não há por parte deste estudo a intenção de dar conta de todas as possíveis implicações da TV na sociedade soteropolitana, nem nas construções discursivas sobre Salvador. Da mesma forma, não cabe neste trabalho tentar responder ou liquidar os questionamentos acerca da identidade local. Ao invés disso, esperamos contribuir para os estudos que propõem diálogos entre os campos da cultura e da comunicação, bem como aqueles que destacam a midiatização da sociedade contemporânea, a partir de operações discursivas.

2. CULTURA MIDIÁTICA, TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

Neste capítulo, realizamos uma contextualização sobre as relações entre cultura midiática, televisão, telejornalismo e a contemporaneidade. Partimos de uma abordagem interpretativa da ideia de cultura para pontuar sobre as associações entre as produções midiáticas e simbólicas nas sociedades contemporâneas. Assim, traçamos um breve levantamento sobre a televisão no Brasil e na Bahia; elencamos alguns princípios gerais que orientam a gramática televisiva; e tentamos articular como tais princípios dialogam com a época atual.

Trazemos à discussão, ainda, o telejornalismo brasileiro. Neste caso, apontamos as características gerais dos telejornais nacionais; a influência norte-americana sobre nossos parâmetros predominantes; e a influência de um veículo especificamente, a Rede Globo, sobre o telejornalismo nacional. Lembramos, ao final, que as mídias, com destaque aqui para a televisão, não ficam alheias ao tempo e às mudanças. Ao contrário, seguem transformações, propõem orientações e, por vezes, insinuam tendências.

Diante disso, ponderamos que a ambiência de instabilidade, rapidez e individualidades, mas também de espetacularização, desejos por visibilidade e fama a qualquer preço tem deixado marcas nas produções midiáticas. Desta forma, cada vez mais, emergem expressões como o infoentretenimento, em que informação e diversão confundem-se, sem limites evidentes, a ponto de não haver nitidez sobre as fronteiras de alguns dispositivos. Trazemos, então, os diálogos e aproximações entre o jornalismo e o entretenimento.

2.1. A NOÇÃO DE CULTURA E A ASCENSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: UMA QUESTÃO DE AMBIÊNCIA

A expansão tecnológica e dos meios de comunicação têm possibilitado novas e intensas partilhas culturais, aproximações entre povos e territórios. Ao mesmo tempo, ponderamos que as relações e interações humanas nunca são isentas, de modo que pensar sobre os diálogos culturais requer refletir sobre relações assimétricas e conflituosas. Os empréstimos interculturais, portanto, envolvem relações de poder e forças.

Antes, contudo, de pensarmos os empréstimos culturais e a ideia de cultura midiática, importa atentarmos para a própria noção de cultura. Predominantemente, tal acepção é pensada a partir das ciências sociais e, em linhas gerais, as ciências sociais concebem *cultura* em associação a formas simbólicas, envolvendo ações significativas. Thompson (1995) defende a possibilidade de compreendermos *cultura* a partir de quatro perspectivas: a clássica; a descritiva; a simbólica e a estrutural.

A concepção clássica de cultura tem por base a História e teria tido mais força entre os séculos XVIII e XIX quando, sobretudo na Alemanha¹, a expressão passou a ser utilizada em oposição à ideia de civilização. Eagleton (2005) expõe que a ideia de civilização, sob a ótica francesa, revelava um caráter sociável, criativo. Para os germânicos, porém, a ideia de civilização era tida como artificial, individualista e imperialista. Já a noção de *cultura* (sob o ponto de vista germânico) era compreendida como manifestação ou expressão espiritual e intelectual, algo puro, etéreo. A partir desta perspectiva, *cultura* era admitida como associada a autenticidade, a essência humana, a superioridade espiritual e a especificidades territoriais. Tal concepção, observa-se, é um tanto essencialista, elitista e mesmo instrumental, já que, ao conceber a cultura como uma expressão do espírito, admite-se uma pré-seleção de sujeitos dispostos à cultura em detrimento de outros. Desta forma, nem todos os sujeitos e nem todos os povos teriam cultura, mas somente os eleitos.

Ainda no século XIX intensificavam-se as navegações ocidentais. Apesar de desde o século XVI o intercâmbio comercial entre a Europa e povos asiáticos, por exemplo, já ter sido iniciado, o imperialismo (como processo histórico, geográfico e cultural) foi intensificado no período oitocentista (SAID, 2011). Nações como Inglaterra e França majoraram seus esforços com propósito de dominação de territórios africanos e asiáticos e isso exigia argumentos (racionalis) para suas atuações e exercícios de subjugação além-mar. Foi nesse contexto que os estudos sobre cultura ganharam intensidade.

O novo espírito do tempo (FOUCAULT, 1999) – com as novas práticas econômicas, políticas e sociais – não somente reverberava nos campos científico, econômico, político; em

¹ A Alemanha era um dos poucos territórios europeus ainda não unificados. Não havia um Estado alemão e a cultura passou a ser apontada como a esfera apta a conferir àquele território e àquele povo uma aparente fonte de integração (ante a ausência de uma unidade política). Também no século XIX, o mundo vivenciou uma paradigmática transformação. A ascensão da ciência, do ideal racional, os reflexos do Renascimento tributaram para que o poder divino deixasse de ocupar o lugar central nos espaços deliberativos e na organização societária. A queda da Igreja como grande instituição responsável pelas explicações sobre o mundo e sobre o homem e a ascensão da Ciência demandavam justificativas racionais para legitimar o lugar do homem como ser superior aos demais e as relações de poder.

relações de poder entre povos diferentes, mas também na geografia mundial, na convenção de discursos identitários, em representações de povos ocidentais e não ocidentais, levando a uma ressignificação da própria noção de cultura.

Nessa ambiência, no final do século XIX, surge a Antropologia e, a noção de cultura passa a ser concebida de forma descritiva. *Cultura* passa a designar o conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas de um grupo particular em uma dada temporalidade. (THOMPSON, 1995). Tal noção é mais ampla que a clássica, uma vez que reconhece que diferentes grupamentos dispõem de distintas culturas, ou seja, supera o reducionismo centralizador que coloca alguns povos como cultos em detrimento de outros. Todavia, é uma percepção generalista (BAUMAN, 2012; GEERTZ, 2008).

Assim, ante o próprio percurso da antropologia e a complexificação dos padrões científicos, bem como a consolidação das ciências sociais, emerge uma terceira noção de cultura, também de base antropológica, a simbólica. Sob tal ótica, a *cultura* centra seu interesse no que é simbólico, de modo que seus estudos estariam interessados na interpretação dos símbolos e da ação simbólica. (THOMPSON, 1995).

Já a concepção estrutural de *cultura* está próxima da noção simbólica (antropológica). Entretanto, segundo Thompson (1995) agrega a esta a dimensão contextual, já que para o pesquisador

A concepção simbólica é um ponto de partida apropriado para o desenvolvimento de uma abordagem construtiva no estudo dos fenômenos culturais. Mas a debilidade desta concepção – na forma como ela aparece, por exemplo, nos escritos de Geertz – está em que ela dá uma atenção insuficiente às relações sociais estruturadas nas quais os símbolos estão sempre inseridos. Desta forma, formulei o que chamo de *concepção estrutural* de cultura. (THOMPSON, 1995, p. 166).

Esta última perspectiva baseia-se na compreensão simbólica de cultura, mas adiciona, segundo o pesquisador, o elemento contextual, de modo a focar a análise de fenômenos culturais como formas simbólicas contextualizadas. De acordo com Thompson: “[...] a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas.” (THOMPSON, 1995, p. 166).

Sem dúvida, consideramos a contribuição de Thompson para a compreensão de *cultura*. Porém, notamos que em sua perspectiva a discussão centra nos processos de produção e transmissão de formas simbólicas, o que coloca os processos de leitura dos interlocutores (numa perspectiva clássica, designados como receptores) como secundários em detrimento do aspecto tecnológico. Mesmo não sendo este estudo um trabalho focado em recepção – por

centrar em processos de significação e proposição de sentidos, como abordaremos de forma mais detida no próximo capítulo – tomamos as questões do processo de significação e dos gestos de leitura (ORLANDI, 2012) como relevantes. Desta forma, entendemos que a concepção simbólica de cultura é pertinente nesta investigação, mesmo porque não consideramos que o contexto seja ignorado em tal noção. Assim sendo, assumimos como ponto de partida a seguinte compreensão:

O conceito de cultura que eu defendo,[...], é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (GEERTZ, 2008, p.04).

Afirmar que o homem é um “animal amarrado a teias de significados” implica em admitirmos que o homem atribua sentidos a situações, eventos, práticas, objetos. Mas isso não acontece de forma isolada ou descontextualizada. O homem adquire hábitos, significa suas vivências, mas não dissociado de uma cultura. Como um ser social, mas também frágil (BAUMAN, 2012), o homem se constitui a partir e por intermédio de relações e trocas, e entre os mecanismos que ancoram a constituição humana é destacável a cultura.

Por isso também Geertz (2008) defende a noção de cultura como pública e partilhada; e afirma que mais que tentarmos, em uma análise cultural, apreender e delimitar o que é cultura, devemos nos ocupar com sua importância, sua significação social. Debruçar-nos sobre cultura (conceitualmente), uma cultura (específica) ou culturas (de forma aproximativa) não é uma mera questão de codificação-decodificação quase automatizada, mas de significação e leitura. Posto isso, ressaltamos dois pontos que nos chamam atenção nessa noção de cultura.

O primeiro refere-se ao fato de Geertz (2008), mesmo ao propor uma concepção de cultura, salientar que considera mais relevante que tal delimitação o debate sobre qual a importância da cultura e como esta se processa e manifesta em práticas cotidianas. Entendemos e reconhecemos a relevância de termos certa clareza na delimitação de alguns conceitos a fim de fundamentar a produção científica. Contudo, entendemos também que para além da delimitação conceitual vale buscarmos perceber como tais noções e ideias se efetivam no cotidiano, se corporificam.

O segundo ponto refere-se ao fato de tal mirada ser interpretativa. De forma interdisciplinar, tal concepção de cultura inspira a realização de processos de leitura sobre práticas humanas em busca da compreensão de como estas significam, são socializadas, se materializam em comportamentos, ações, julgamentos. Uma ideia que entendemos ser

pertinente nesta investigação tendo em vista que, como veremos no capítulo seguinte, a análise de discurso é, em si: interdisciplinar; efetiva-se a partir de gestos de leitura; e compromete-se a debruçar-se sobre processos de significação e construção de sentidos.

Tais ideias colocam a cultura como indissociável do processo de constituição do homem. Ela contribui para a constituição do ser humano e, igualmente, não é pertinente que seja estudada sob o propósito de identificação de leis gerais, válidas para todos os grupamentos humanos. Conforme Geertz (2008), aliás, vale atentar para o fato de que os estudos que têm por base a cultura ou análises sobre manifestações, produções culturais estão implicados em leituras, interpretações, práticas de significação e atribuições de sentidos e são localizados e mantêm ainda relações com temporalidades específicas. Isso se dá porque a cultura pode ser compreendida como “[...] um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções [...]” (GEERTZ, 2008, p.32). Um lastro, sustentação ou mecanismo de ancoragem e orientação através do qual aprendemos a nos relacionar, agir, comportar em um grupo. Assim sendo, em grande medida, a cultura orienta a forma como olhamos, avaliamos, julgamos, nos dispomos a nos relacionar com o mundo, outras pessoas, formas de vida etc.. E como essas práticas não são universais ou indistintas também devemos atentar para a impossibilidade de generalizar universalmente significados.

Vale ponderamos que o mecanismo *cultura* preexiste ao homem e nos inserimos e nos constituímos em nossas interações com outras pessoas contextualizadas por tais mecanismos. Também admitimos que o homem é pensante, de modo que negociamos com essas “predisposições”. Por conseguinte, notamos que apesar de preexistente, a noção de *cultura* não é fechada, imóvel, inerte ou necessariamente contínua (mesmo porque tais mecanismos não existem por conta própria e independente do homem, mas resultam também de nossos movimentos históricos). Entretanto, não há como delimitarmos um ponto originário, nem há como rompermos, radicalmente, por mera vontade individual com uma cultura. Negociamos com tais mecanismos, mas mesmo tais negociações encontram-se amparadas por um quadro de possibilidades. A cultura não é imóvel, não é sempre a mesma, todavia, suas atualizações independem de vontades individuais porque são sociais; assim como também não possibilitam o abandono completo de “receitas” e “planos” consolidados, o que ratifica uma relação recursiva entre cultura e ser humano.

Nesse sentido, o trabalho do investigador em cultura, parafraseando Geertz (2008), é o de ler manuscritos de segunda mão. Não por pouca qualidade, mas pela impossibilidade de

acesso a um “real puro”, à “coisa” em si. Acessamos o mundo por intermédio de signos. Comunicamos o mundo e nossas experiências através de signos. Socializamos nossas leituras por intermédio de signos, (sejam eles verbais, icônicos, imagéticos). O homem é “orientado” pela cultura, faz-se imerso em uma cultura e, conseqüentemente, importa tentarmos compreender como a cultura atua; que implicações humanas, sociais, simbólicas, políticas, discursivas ela tem; o que (e como) ela pode mobilizar.

A partir de tal enfoque, compreendemos que há aproximação entre uma cultura e os discursos sociais. Tomando por base a ideia de que “o discurso é efeito de sentidos entre locutores.” (ORLANDI, 2012, p.21) é possível admitir que a cultura (ainda que não de forma exclusiva) se processa a partir de discursos, além de fortalecê-los ou negá-los. Os discursos instituídos organizam espécies de matrizes culturais que orientam, direcionam e ordenam nossas relações e interações, que implicam nas teias de significados tecidas coletivamente. Os textos² culturais são espécies de corpos onde os discursos de tais culturas se materializam.

Pelas abordagens ponderadas até o momento, notamos que culturas e discursos não são naturais. São configurados historicamente através de operações e relações produzidas em tempo e espaço peculiares, mediante possibilidades e condições técnicas e tecnologias específicas. Estão em contínuos processos de atualização, mas também de cerceamentos, levando em conta que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2011, p.8-9).

Os meios de comunicação – como a TV – e suas produções (telenovelas, telejornais, *talk shows*, programas esportivos, documentários) exercem assim restrições; e são, em seus processos produtivos, também cerceados. São produções controladas (já que condicionadas por operadores técnicos, burocráticos, cronológicos, ideológicos) e, ao mesmo tempo, em alguma medida, controladoras (visto que ao proporem uma leitura de mundo silenciam outras, o que sugere direcionar o olhar sobre o mundo).

Em função de regras e limites impostos em ambiente televisivo (restrições técnicas, temporais, temáticas e outras incorporadas à gramática televisiva) Bourdieu (1997, p.19) aponta que “o acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda

² Admitimos aqui a noção de texto não como produção exclusiva da linguagem verbal, mas como toda e qualquer superfície significante por intermédio da qual o discurso expresse sua materialidade. Desta forma, uma imagem, uma fotografia, uma música podem ser compreendidas como textos.

de autonomia [...]”. Deste modo, apesar de a TV constituir-se em um meio que gera visibilidades e que dispõe de uma ampla abrangência (THOMPSON, 2012) ela também é castradora, uma vez que aquilo que exhibe precisa ser compatível com tal espaço (sob a ótica argumentativa), mas também organizado conforme parâmetros técnicos que, por vezes, se opõe à complexidade da questão, tema ou assunto abordado. Da mesma forma, os instrumentos de produção (televisiva) também não são acessíveis a todos, mas preferencialmente àqueles que dispõem de condições (econômicas e técnicas) para manejá-los, evidenciando que há diversos elementos – e de variadas dimensões – que implicam em formas de controle sobre as produções e difusões discursiva e cultural.

Vale lembrarmos, ainda, que a partir do século XVIII inúmeras transformações modificaram as formas de as pessoas se relacionarem no ocidente: revolução industrial, crescimento populacional, ascensão das cidades, “surgimento” do próprio sujeito moderno. Emerge uma nova forma de organização social, requerendo novas possibilidades de aproximação, diálogos, trocas entre os sujeitos. Nessa ambiência: “o processo comunicativo deixa de ser analisado em sua generalidade, não sendo mais tratado como o fundamento da consciência humana [...]; ele passa a ser investido como estratégia racional de inserção do indivíduo na coletividade.” (MARTINO, 2008, p.33).

O aumento do número de pessoas, o fluxo de informações e o comércio exigem uma comunicação mais sistemática, que atenda não somente a necessidade de contato e partilha do sujeito, mas que acolha também imperativos das novas formas de relações próprias da modernidade, dentre elas as políticas, as econômicas e as simbólicas. Assim, nas sociedades modernas, surgem práticas e processos de circulação de informação e de circulação de produções culturais, que passam a integrar de maneira mais acentuada o cotidiano social.

Para Adorno e Horkheimer (1985), tais transformações culminaram na organização da indústria cultural, uma expressão da sociedade industrializada, marcada pela produção seriada de produtos culturais como filmes, jornais, livros, entre outros. Sob esta perspectiva, a indústria cultural assumia como propósito primeiro o consumo, a uniformização e homogeneização social, tendo forte caráter mercantil e impositivo, uma vez que ao propor a padronização de gostos e interesses modelaria de forma praticamente indefensável as mentes, consciências e disposições de todos. Já para os ditos integrados, a modernidade ambientou a inauguração de uma comunicação de massa, visto que o crescimento do número e também a diversificação dos meios de comunicação (jornal, rádio, TV) possibilitou uma comunicação

expandida, capaz de chegar a muitos. Além disso, tal expansão favoreceria a grupos variados acessar produções simbólicas que, na ausência dos meios de comunicação, estariam restritas a poucos, promovendo a massificação da cultura.

Sob uma ótica que se propõe mais equilibrada, Eco (2008) sugere balancear os extremos na análise dos meios de comunicação e seus usos. Assim, admite a pertinência de não atribuímos aos meios de comunicação a causa dos males sociais advindos ou acirrados a partir da modernidade, mas de também não sermos ingênuos e olharmos para tais meios como isentos, sem vínculos com outras instâncias – sociais, políticas ou econômicas. Desta forma, defende, que a perspectiva dos apocalípticos (como designa teóricos da Escola de Frankfurt como Adorno e Horkheimer), de que a sociedade seria amplamente subjugada com a massificação das produções culturais, nega ao sujeito a capacidade de refletir, pensar, como se este fosse totalmente passivo. Já a abordagem dos integrados (como designa os defensores dos meios de comunicação de massa) seria um tanto ingênuo, uma vez que ao considerar os meios naturalmente benéficos por veicularem de forma mais ampla produtos culturais eles parecem admitir que tais produtos sejam imunes a quaisquer outros interesses, descontextualizando os meios de comunicação de uma ambiência social em que contam as relações de força.

Thompson (2012), com um enfoque que podemos aproximar ao de Eco (2008), afirma que nas sociedades industriais (desde a modernidade) as produções culturais passaram a integrar o cotidiano. São pensadas tendo em vista públicos variados, numerosos, dispersos; e podem propor informar, divertir, controlar, animar, motivar, desmobilizar. O desenvolvimento dos meios de comunicação, ainda segundo Thompson (2012), favoreceu novas visibilidades, além de possibilitar acesso a dados, eventos, acontecimentos de forma célere, dinâmica e lucrativa. Permitiu colocar em evidência tanto o homem público quanto o sujeito comum, alterando as noções de público e privado e favorecendo a preferência pelas personalidades.

Na contemporaneidade, era de visibilidades, da primazia das imagens e da disjunção espaço-tempo, os meios de comunicação, com destaque para a TV, passam a constituírem-se como importantes dispositivos para ordenamento da vida, da instância política e dos vínculos sociais. Mais que aproximar lugares a televisão constitui-se em um lugar; institui uma nova esfera pública (ALMEIDA, 2006; BUCCI, 2004 apud COSTA, 2010; THOMPSON, 2012) e penetra em esferas diversas (religiosa, jurídica, familiar, sexual, educacional) informando e contribuindo para a configuração de padrões e comportamentos. É diante deste cenário que importa compreender a cultura midiática, e, em especial, a dinâmica televisiva.

2.2. CULTURA MIDIÁTICA

A ascensão dos meios de comunicação, assim como a relevância que estes têm hoje, possibilitou que tais meios se desenvolvessem a ponto de organizarem uma dinâmica peculiar, orientada por padrões e parâmetros próprios. Ao mesmo tempo, a ambiência contemporânea (marcada por diretrizes como competitividade, internacionalização e rentabilidade) transforma as mais diversas produções em mercadoria, em consonância com a lógica do consumo. Assim, para Kellner (2001), a cultura midiática é uma cultura de imagem que orienta e em grande medida modela nossas relações, interações e modos de perceber e estar no mundo. Uma cultura de imagem não somente por exibir muitas imagens, mas por sugerir, por vezes, que estas sejam tomadas como o real, como “a coisa em si mesma”. (CHAUI, 2006; KELLNER, 2001). Vista desta forma, a cultura midiática e seus espetáculos constituem-se como princípios organizadores das sociedades contemporâneas. São comuns os diálogos sobre temas que a mídia nos apresenta; nos indignamos com eventos que são tornados próximos a nós, nos mobilizamos com causas que tomamos conhecimento por intermédio de produções midiáticas, nos identificamos (ou em alguns casos rejeitamos) com suas propostas.

Esse modo cultural contempla múltiplas dimensões como a técnica, a tecnológica, a econômica, a social, a política e a simbólica. No que tange à dimensão técnica, por exemplo, as produções da cultura midiática envolvem pessoas, que devem ter formação especializada, compreender as diferentes linguagens requisitadas, saber operar equipamentos e programas necessários à elaboração das produções. Da mesma forma, percebemos que há permanente atualização das produções conforme o aperfeiçoamento das tecnologias, dos dispositivos, que possibilitam novas formas de interação, usos, alcances etc..

Por critérios econômicos e financeiros, verificamos que tais produções têm forte apelo mercadológico, interessado em lucratividade e rentabilidade. São produções realizadas em escala industrial, geridas sob a ótica empresarial, diretamente associadas ao mercado. Assim, lucro e consumo constituem-se em parâmetros fundantes para sua organização. A dimensão social lembra-nos que essa forma cultural está atrelada a valores, regras, características de uma configuração social específica. Este é, quiçá, um dos pontos mais delicados desta discussão, já que há uma espécie de jogo permanente entre os interlocutores desses processos produtivos. Mas isso não significa a alternância equiparada na ocupação dos lugares de fala a partir dos quais são deliberadas as regras sobre tais processos. Esse tipo de produção envolve

ainda questões legais que impactam em concessões, legislação e regulamentação de segmentos como os sistemas de radiodifusão, os direitos autorais e as leis de incentivo.

Por fim, há a dimensão simbólica. As produções midiáticas, através dos mais distintos dispositivos, interferem em nosso cotidiano e em nossos sistemas simbólicos. Conforme propõe Bourdieu (1989) os sistemas simbólicos podem ser compreendidos como possibilidade de conhecimento e comunicação (por intermédio dos quais partilhamos visões, estilos, adesões); e como possibilidades de distinção (diferenciando os sujeitos, legitimando identidades e posições hegemônicas). São estruturados (por admitirem lógicas específicas) e estruturantes (uma vez que contribuem para o condicionamento e a organização social). As produções da cultura midiática, assim, operam (ou ao menos propõem) leituras e releituras sobre sistemas como a religião, as artes, a política e acabam por, em alguma medida, contribuir para a internalização de condutas, regras sociais e parâmetros que implicam em condicionamentos ou questionamentos sociais, de modo que a própria mídia pode ser percebida como um sistema simbólico. De acordo com Bourdieu:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) [...]. (BOURDIEU, 1989, p.11).

Sob tal ótica, os meios de comunicação, com suas produções (simbólicas), integram relações e disputas por poder e formas de legitimidade. Mas também vale lembramos que, como Said (2011) afirma, não há dominação sem resistência; ou como o próprio Bourdieu (1989) propõe, os “agentes” sociais não são inertes, estanques ou meros resultantes das “estruturas sociais”. Ao contrário, também buscam criar mecanismos e alternativas para negociar com tais construções sociais, podem vir a mobilizar recursos para se posicionar e tencionar as relações de forças. Não são, portanto, os meios de comunicação, como sistemas simbólicos, restritivos por sua própria natureza, mas, apesar disso, valeria pensarmos: em que condições e a partir de quais fundamentos essas disputas se dão, uma vez que as relações entre tais sistemas simbólicos (midiáticos) e aqueles que intentam alguma forma de resistência é, frequentemente, assimétrica?

No caso do Brasil tal questão ganha relevo em decorrência de nossas configurações societária, política e educacional. Arnt (1991) e Nepomuceno (1991) lembram que a sociedade civil brasileira ainda é frágil, temos uma democracia ainda recente, uma estrutura educacional que não satisfaz amplamente a todos. Nesse cenário, os meios de comunicação,

em especial a televisão, ganham importância e precisam ser pensados com atenção, sobretudo, quando comparados a outras instituições sociais, já que dispõem de credibilidade e alcance assimétricos. Da mesma forma, em uma ambiência em que são priorizados os critérios financeiros e não os sociais, as produções midiáticas tendem a buscar, preferencialmente, construir, reconstruir, ressignificar e alimentar, impressões, olhares, medos, sensações, angústias tendo como parâmetro a conservação.

Uma descoberta que se confirma em diversas pesquisas dos últimos anos é que a imprensa, o rádio e a televisão contribuem para reproduzir, mais do que para alterar, a ordem social. Seus discursos têm uma função de mimese, de cumplicidade com as estruturas sócio-econômicas e com os lugares comuns da cultura política. Mesmo quando registram manifestações de protesto e testemunham a desigualdade, editam as vozes dissidentes ou excluídas de maneira a preservar o *status quo*. (CANCLINI, 2002, p.50).

Tal perspectiva reafirma nossa convicção de que os produtos midiáticos de grande abrangência – em especial para este estudo no contexto brasileiro –, de forma predominante, são direcionados para a reafirmação da ordem consolidada e não para seu questionamento ou problematização. Não significa defender que sejam os criadores ou responsáveis pelos problemas e conflitos existentes, mas sim que eles (majoritariamente) não se ocupam de interrogar ou pôr em suspeita tais situações. Ao invés disso, reproduzem-nas. Perpassam e disponibilizam representações fundamentadas em noções estabilizadas de consumo, gênero, etnia, sexualidade, comportamento, e, desta forma, orientam e cooperam para a constituição, reafirmação e legitimação de identidades e ordenamento de nossas sociabilidades.

É nesta dinâmica que os produtos midiáticos, entre eles os televisivos, articulam e opõem falas, posições sociais, discursos e identidades postas como legítimas em relação a outras que são postas como desqualificadas. Kellner (2001) defende que as disputas por representações, corporificadas na cultura midiática, são reproduções de lutas sociais e políticas. Essas disputas não são de ordem física, mas discursiva, e extrapolam limites estanques, transbordam por instâncias religiosa, econômica, política, da sexualidade, jurídica e se manifestam em brigas pela construção de representações. Podem tanto ser pensadas sob a ótica da manutenção da ordem e da opressão de grupos específicos ou sob a lógica da mobilização – que provoca deslocamentos de discursos e representações estabilizadas, com o propósito de questionamento. “Parte-se assim do pressuposto de que a sociedade é um grande campo de batalha, e que essas lutas heterogêneas se consumam nas telas e nos textos da cultura da mídia [...]” (KELLNER, 2001, p.79).

Somamos a estes pressupostos a ideia de que a forma como nos organizamos socialmente, os padrões adotados não são unificados ou estabelecidos de maneira simétrica. Ao invés disso, a malha social é antagônica e tal característica apresenta-se nas produções culturais midiáticas. As produções midiáticas, em certa medida, codificam as históricas relações de poder, os antagonismos e diferenças entre grupamentos dentro de uma mesma sociedade, de um mesmo espaço territorial (ou até entre territórios). Então, concordamos que:

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são” [...]. Os textos culturais populares naturalizam essas posições e, assim, ajudam a mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas. (KELLNER, 2001, p.81).

Seria reducionista não admitirmos que é possível que as produções midiáticas problematizem discursos, identidades, consensos, lugares de fala atribuídos aos diversos sujeitos sociais. Admitimos tal possibilidade e consideramos que esta é relevante na contemporaneidade. Todavia, um breve levantamento local sobre as produções em circulação mostram-nos que mais que questionar ou gerar inquietações tais produções têm como mérito o consenso e o foco no entretenimento.

A televisão aberta, por exemplo, que neste trabalho é admitida como dispositivo para nossa análise, oferta um grande número de realizações que se propõem a ensinar o sujeito a “seguir um padrão”. Há diversas produções em que é notável uma espécie de apelo didático, que intentam dizer como se alimentar, como cuidar da saúde, como se vestir, como estar na moda, como fazer a maquiagem, como cuidar do relacionamento, como educar os filhos, como manter viva a paixão no casamento, como ter um comportamento sexual saudável, como conquistar a pessoa amada, como se portar em locais públicos, como decorar a sua casa etc.. Assemelham-se, portanto, a manuais práticos de adaptação de comportamento. Um slogan geral para tais produções seria “Comporte-se como diremos e serás feliz!”.

Se atentarmos, especificamente, para as produções noticiosas, notamos que são cada vez mais céleres e abreviadas. Com as novas tecnologias temos acesso rápido a informações de variadas partes do mundo. E em um contexto em que estar informado é fundamental a lógica é a de que não há tempo para contextualização de fatos. Assim, predominam as pinceladas de informações que nem sempre reverberam em conhecimentos que possibilitem a reflexão sobre os fatos. As possibilidades de debate e intervenção que os novos meios de comunicação admitem, na esfera da cultura midiática, têm sido pouco exploradas, apesar de sua indiscutível potencialidade.

Decerto, os meios de comunicação (em especial aqui a televisão) não atuam de forma isolada e autônoma. Não exercem poder incondicional sobre os sujeitos de modo a torná-los invariavelmente suscetíveis a todo e qualquer apelo de suas produções. Ocorre, entretanto, que sua atuação é sutil e indireta, de modo que, em associação a outras esferas da vida social, os sujeitos são envolvidos em teias discursivas dadas como naturais e não como construções. Não são explicitados os processos e interesses que permeiam as escolhas para tais construções ofertadas, quase sempre, como verdadeiras, legítimas, fidedignas e isentas. Diante disso, importa-nos chamar a atenção sobre o lugar cultural da televisão no Brasil.

2.3. A TELEVISÃO NO BRASIL

Entre as possibilidades tecnológicas surgidas ao longo do século XX está a televisão. Nos anos 1920 e 1930, ocorreram experiências pontuais com tal meio, mas foi na década de 1940 que o aparato adentrou o mundo das comunicações de forma regular e sistemática. Matos (2009) assinala que, a princípio, existiam três modelos de TV: o inglês (que primava pela autonomia da televisão em relação ao estado); o russo (marcado pela fidelidade ao Estado) e o norte-americano (afeito à liberdade de imprensa e ao entretenimento).

À época, Hollywood já era um grande centro industrial cinematográfico. Os Estados Unidos já dispunham de conhecimento destacável sobre produção audiovisual, o que beneficiou o país na consolidação e importação de seu modelo e na operacionalização da linguagem televisiva. O arquétipo de TV norte-americano, assim, ganhou o mundo, focado em entretenimento, lazer e de caráter prioritariamente comercial (MATOS, 2009).

Lembramos ainda que o século XX tem como marca as transformações a passos acelerados. O mundo vivenciou duas grandes guerras³, um amplo desenvolvimento tecnológico, mudanças políticas, geográficas e econômicas. Foi o período ainda de consolidação dos Estados Unidos como potência mundial. Todos estes elementos favoreceram a expansão do parâmetro televisivo norte-americano para outros territórios, inclusive a América Latina, região em que, de acordo com Matos (2009) a dependência econômica e tecnológica,

³ A Primeira Guerra Mundial durou de julho de 1914 a novembro de 1918, com vitória da Entente (França, Rússia, Reino Unido, Itália e Estados Unidos). A Segunda Grande Guerra perdurou entre 1939 e 1945, com vitória dos Aliados (Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos). Em ambos os conflitos, os Estados Unidos esteve entre os países vencedores e isso, somado à sua ascensão política e econômica, favoreceu sua consolidação como potência mundial.

bem como a internacionalização do capital na indústria local, também beneficiaram a ascensão do referido modelo.

Percebemos, assim, que a televisão está, desde sua etapa inicial, associada a relações de poder, a questões econômicas e políticas, que interferem em sua organização, em sua gramática e em seus discursos ainda hoje. No Brasil, desde a sua chegada, na década de 1950⁴, a TV tornou-se um dos dispositivos comunicacionais de maior frequência e alcance.

Cabe ponderarmos que a noção de dispositivo congrega, conforme Klein (2007), as dimensões: técnica ou tecnológica; socioantropológica; e de linguagem. O princípio geral da ideia de dispositivo admite-o como uma espécie de composto de relacionamento de forças (FOUCAULT apud KLEIN, 2007). Assim, os dispositivos comunicacionais consideram – em suas efetivações e práticas – a sociedade, a tecnologia e a linguagem, caracterizando-se, logo, como um mecanismo multidimensional. “O dispositivo aparece como um lugar das interações entre os três universos: uma tecnologia; um sistema de relações sociais; um sistema de representações.” (PERAYA, 1999 apud KLEIN, 2007). Como base nessas dimensões, os dispositivos acabam por definir (para sua atuação) e sugerir (para quem com eles interage) modelos, regras, roteiros que funcionam como orientações, guias.

Mouillaud (2012) defende que o dispositivo não deve ser confundido com um aparelho tecnológico ou um suporte. Ao contrário, ele relaciona o contexto, a materialidade física, e o enunciado. Assim, refere-se à ideia de dispositivo como uma espécie de moldura, um formato que prepara para um sentido proposto, a partir do tipo de tema ou assunto esperado, da estrutura e organização e da tecnologia a que está associado. O dispositivo induz o interlocutor para a mobilização de interesses específicos, e, deste modo, por exemplo, quando se assiste um telejornal espera-se por ver fatos reais; a telenovela nos predispõe para uma narrativa ficcional. É pouco provável que alguém busque em um programa esportivo informações sobre bolsa de valores ou que espere de um *talk show* um debate filosófico. É plausível que se espere imagem na TV, e que, ao acessar a internet a navegação não seja

⁴ A televisão foi introduzida no Brasil em setembro de 1950, por Assis Chateaubriand. A Tupi, além de ser a primeira emissora brasileira, foi a primeira emissora de televisão da América Latina e a quarta do mundo. A TV Tupi encerrou suas transmissões em julho de 1980, em decorrência de problemas financeiros, administrativos e legais. As duas décadas seguintes à implantação da TV no Brasil foram marcadas por importantes mudanças sócio-políticas e econômicas. O país vivenciou um período que congregou modernização industrial, abertura da economia nacional ao capital estrangeiro e mudanças em seu regime político – por intermédio de um golpe militar –, o que reverberou em diversas dimensões: política, jurídica, educacional, cultural. Ao mesmo tempo, expande-se o diálogo com a indústria cultural internacional, vide, por exemplo, a crescente presença de produções cinematográficas hollywoodianas e a ascensão da televisão.

linear. O dispositivo, portanto, é uma espécie de matriz que não apenas direciona e orienta os enunciados, mas fornece pistas acerca da própria postura do leitor/ interlocutor.

Tratamos, pois, a televisão como um dispositivo midiático, comunicacional e audiovisual. E entendemos, ainda, que suas produções (inclusive as jornalísticas) são também dispositivos. Nesse caso, dispositivos informacionais, que admitem especificidades em sua linguagem, organização tecnológica e narrativas. A TV, através de sua gramática, conduz os posicionamentos de seus telespectadores diante de seus variados dispositivos. A regularidade com que isso acontece acaba por impactar nos modos cotidianos de prepararmos-nos para as leituras de mundo. Desta forma, para além de um mero equipamento eletrônico, a televisão passa a ocupar um lugar de destaque como aparato simbólico e identitário nacional; além de constituir-se em dispositivo por meio do qual o mundo é dado a conhecer para muitas pessoas.

Em 1964, menos de quatorze anos após a implantação da TV no Brasil, o país vivenciou um golpe militar que gerou impactos na sociedade brasileira como, por exemplo, o cerceamento de direitos civis e políticos. Paralelo a isso, gradativamente, a disponibilidade tecnológica no país melhorou. Surgiram novos dispositivos e equipamentos que favoreciam a transmissão televisiva. O acesso a essas tecnologias, entretanto, exigia investimentos e aplicação de recursos financeiros altos, nem sempre disponíveis para as emissoras de menor porte como a TV Paulista⁵ e a TV Rio⁶. Por conta disso, as pequenas e incipientes emissoras acabaram suspendendo suas atividades, e, houve o fortalecimento de grupos específicos que passaram a ofertar uma “unificação simbólica via satélite” (MATOS, 2009, p.62).

A princípio, a TV brasileira tinha sua programação constituída, sobremaneira, com programas que se assemelhavam as produções radiofônicas, com o propósito, ainda segundo Matos (2009) de garantir a audiência do público fiel ao rádio, além de possibilitar uma forma de adaptação da linguagem até então mais conhecida e difundida no país. A lógica de consumo da televisão brasileira, presente em sua organização e práticas desde a sua fase embrionária, será fortalecida a partir da ascensão da Rede Globo.

A Rede Globo foi inaugurada em 1965. Um ano depois, em 1966, sua direção é transferida (dos núcleos artístico e jornalístico) para profissionais de *marketing* e publicidade, liderados por Walter Clark. Assim, em aproximadamente uma década “[...] a Globo

⁵ Que manteve suas atividades de março de 1952 a março de 1966.

⁶ Fundada em 1955, a TV Rio atuou até 1977 de forma independente. Entre 1987 e 1992 houve tentativa de reabertura da emissora que atualmente é uma afiliada à Rede Record.

(re)inventa um modo de representação do Brasil, e, em algum nível, o público receptor, a multidão de brasileiros, parece aceitar o jogo de sedução.” (MATOS, 2009, p.65).

A mudança gerencial da Globo não impactou somente na emissora. Mais do que isso, imprimiu à TV brasileira novos paradigmas gerenciais e administrativos. Fundamentada em uma mentalidade comum às empresas privadas, a emissora passou a priorizar rentabilidade, eficiência e lucro. Além disso, passou a investir em tecnologia e qualidade técnica. Em consonância com os argumentos do milagre econômico, da modernização nacional e da crescente industrialização, sua programação reafirmava o compromisso com o dinamismo, o progresso e o avanço, a partir de uma estética límpida, moderna e espetacular.

2.4. TELEVISÃO: PRINCÍPIOS E GRAMÁTICA

A TV reúne produções variadas. São programas de entrevista, documentários, esportivos, infantis, ficcionais, animações, noticiários, *talk shows* e outros, aproximados por anúncios publicitários, por campanhas, por ofertas de novos produtos, serviços e marcas. Ela mantém uma relação muito próxima, constante, até subordinada, em relação à publicidade. Se retomarmos aqui algumas características de nossa sociedade espetacular – afeita à indústria do entretenimento, do consumo, das imagens – veremos que, como defende Matos (2009), a publicidade, em grande medida, torna-se definidora da organização televisiva.

Chauí (2006) argumenta que a dinâmica televisiva é estabelecida a partir de imperativos de mercado, visto que a TV (como se apresenta hoje) está diretamente ligada à lógica de venda, é guiada pela publicidade e imputa aos seus mais variados produtos o papel de promotores de alguma ideia. Isso pode nos remeter, ainda, às ideias de Lyotard (1988) segundo as quais a produção tecnológica, técnica e mesmo científica hoje estão diretamente ligadas à questão do desempenho: para ser bom é preciso ser lucrativo, dar retorno – de preferência de forma ágil. De um ponto de vista similar, Thompson afirma:

A mídia é um domínio no qual sérias preocupações éticas foram banidas há muito tempo. Com o crescimento da comercialização da instituição da mídia, os ideais políticos e morais sustentados por alguns dos primeiros empreendedores foram substituídos por critérios de eficiência e lucratividade. Os produtos da mídia mesmo se tornaram cada vez mais padronizados e estereotipados; eles vão atrás do trivial e do sensacional, interessam-se por eventos efêmeros e abandonam qualquer inspiração para transcender as banalidades da vida diária. (THOMPSON, 2012, p.323).

Diante disso, é o desempenho (assim como o retorno que um dispositivo possibilita) que passa a ser acionado como critério de qualidade. No caso da televisão, seu caráter audiovisual

já requer a produção incessante de imagens. Associada a isso, a lógica gerencial à qual a TV comercial se submete faz com que tal meio seja afeito aos espetáculos, à produção incessante de efemérides atrativas e altamente substituíveis. Por isso, Kehl (2003) defende que a televisão é, por excelência, um veículo espetacular.

Além disso, ao considerarmos que a lógica do espetáculo está ligada a economia do entretenimento, percebemos o quanto a TV é propícia a tais investimentos, visto que grande parte dos recursos financeiros que mantêm a televisão comercial advém da publicidade, seja oriunda de organizações privadas ou entidades públicas. Desta forma, torna-se prioritário atrair consumidores, apresentar-lhes marcas, produtos e produções com os quais possam se identificar. Mostrar-lhes um mundo idealizado como viável e atrativo, a partir da oferta de comportamentos, atitudes, parâmetros e discursos.

O bom desempenho televisivo, nesta ambiência, está associado ao retorno de imagem e marca que ela pode oferecer ou contribuir para fomentar. Uma estratégia recorrente é a aproximação às ditas celebridades: atores, atrizes, cantoras e até jornalistas que, a partir de suas imagens, avalizam uma ideia, produto, situação, evento etc.. Importa que alguém cuja imagem seja dada como credível e atrativa, e a visibilidade seja bem administrada, afira confiabilidade à marca ou produto a ele associado por meio de contratos publicitários e de *merchandising*. Assim são as opiniões pessoais as fiadoras no mundo do consumo e do espetáculo. Elas indicam possíveis (e idealizadas) formas de agir, sentir, interpretar, conviver.

A gramática televisiva admite ainda o tempo como elemento determinante. (BOURDIEU, 1997; CHAUI, 2006; MATOS, 2009). Tudo precisa ser breve, rápido, veloz e, conseqüentemente, o mundo se torna, de forma recorrente, abreviado. São eventos, fatos, acontecimentos simplificados em pílulas cujo volume se mede em segundos. De tal modo, define-se o tempo do programa, dos intervalos, de fala dos convidados, o período para dúvidas, o tempo que um tema ou assunto merece, conforme os especialistas da TV acreditam ser apropriado, em conformidade com o cronômetro dos patrocinadores.

Questões com amplitude e impacto social diversos – como a votação de um projeto de lei polêmico ou o casamento de uma celebridade – podem, assim, ganhar o mesmo tempo de existência televisiva. Da mesma forma, tempos muito discrepantes podem ser disponibilizados para assuntos similares. Dois casos de desvio de verba pública, por exemplo, podem ter durações televisivas bastante distintas – chegando mesmo a atenta e minuciosa exposição de um e ao quase desaparecimento do outro – conforme filiações político-partidárias, aproximações, adesões políticas. Campos diversificados, discursos heterogêneos

podem ser reunidos na TV. Todos, entretanto, são sempre submetidos ao nexo do tempo televisivo que, em última análise, é o tempo publicitário (CHAUI, 2006; MATOS, 2009). Por isso, o imperativo de mensagens rápidas, diretas, simples, estimulantes; que não demandem reflexão, dedicação ou apreciação para inteligibilidade.

As produções televisivas caracterizam-se ainda, de acordo com Thompson (2012), pela presença das deixas simbólicas; pela suspensão de coordenadas espaço-temporais; e pela capacidade de transacionar entre o real e o imaginário. As deixas simbólicas, constituídas por gestos, entonação e movimentação corporal de apresentadores e jornalistas televisivos, conferem às produções um caráter pessoalizado. Possibilitam a sensação similar a de uma interação face a face, uma vez que aquele que interage com o produto visualiza as reações e comportamentos de seu interlocutor.

A suspensão de coordenadas espaço-temporais permite aos telespectadores tornarem-se “[...] viajantes no espaço e no tempo envolvidos numa transação com diferentes estruturas espaçotemporais [sic] e num intercâmbio de experiências mediadas de outros tempos e lugares com suas próprias experiências cotidianas.” (THOMPSON, 2012, p.130). Assim, a televisão possibilita a seus interlocutores vivências em outros espaços e tempos, o que – apesar das limitações e condicionantes discursivas e simbólicas próprias do dispositivo – é, em alguma medida, uma possibilidade de alargamento de experiências.

Igualmente, a capacidade televisiva de transposição do perímetro entre o real e o imaginário (bem como sua aptidão para mobilizar discursos, falas, sentimentos, sensações, por meio de textos imagéticos e verbais) evidencia sua disposição criativa. Bucci (2000) e Matos (2009) defendem que a TV não está alheia ao real, mas também não necessita manter-se fiel a ele para elaborar suas propostas e interpretações sobre o mundo.

Lemos o mundo a partir de padrões aos quais aderimos; e a partir dos paradigmas de cada época, o que configura uma espécie de “sistema de pensamento dominante” (MARIMÓN e VILARRASA, 2010). Contudo, a forma como lemos ou significamos um fato constitui uma leitura deste, e não a única verdade sobre este. Isso sugere que as produções televisivas também nos disponibilizam leituras e interpretações de mundo, mas essas não são as únicas possíveis.

As novas visibilidades ocasionadas pela televisão alteram processos históricos e formas de sociabilidade, modificam nossas interações, insinuam um elevado número de interlocutores que passam a poder partilhar experiências antes localizadas. Contudo, essa visão expandida do mundo não pode ser tida como livre ou neutra. É uma perspectiva, em alguma medida,

orientada, controlada, seja por questões técnicas (como a angulação, o enquadramento da câmera), por questões discursivas (como a construção dessas formas de tornar territórios, povos e situações dizíveis), operacionais (o tempo de elaboração, o tempo de exibição, o número de laudas) (BOURDIEU, 1997) e interpretativas/ simbólicas.

A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência. (THOMPSON, 2012, p.156).

Ao lembrar tal possibilidade não queremos defender que a televisão dite o olhar e as leituras que seus interlocutores realizam, mas chamar atenção para o fato de que qualquer proposição ou produção carrega escolhas, que estão impregnadas de ideias, visões de mundo, convicções e isso não seria diferente com as produções televisivas. Os meios de comunicação estão inseridos em contextos sociais e políticos, em condições de produção específicas. E são gerenciados por pessoas que pertencem a grupos sociais, que têm disposições e integram relações econômicas, políticas e de poder. Todavia, não atribuímos a tal dispositivo o lugar de manipuladora da sociedade, já que posicionamentos políticos e adesões estão por toda parte; e que o sujeito – apesar de poder ser influenciado por ideias e valores televisionados – não é absolutamente passivo como propunha a perspectiva hipodérmica.

Além disso, hoje, não podemos ignorar a ascensão de fontes variadas de acesso a informações e entretenimento (apesar de nem sempre acessíveis a grande parte da sociedade brasileira, marcada por desigualdades significativas) o que aponta para uma potencial descentralização dos grandes meios de comunicação. A quantidade de variáveis, então, presentes nessa ambiência não nos permite um olhar necessariamente coeso e uno. Ao contrário, aponta para inúmeras e por vezes, aparentemente, contrárias posições e perspectivas.

Vattimo (1992) afirma que, na contemporaneidade, de forma ambígua, a sociedade é caracterizada pela transparência e pela opacidade. Dispomos de muitas e variadas fontes de informação. Podemos em segundos acessar dados sobre transações comerciais, negócios, acordos políticos etc.. Paralelo a isso, dispomos de menos tempo para nos deter em uma análise, para averiguar informações com atenção ou para ponderar se uma dada situação requer mais ou menos dedicação. Desta forma, como uma contradição, há tanta informação que acabamos não vendo. A transparência torna-se opaca.

A televisão contemporânea, em uma perspectiva similar, incorpora e promove pontos de visibilidades e opacidade. O volume e a intensidade da produção de informações, dados,

criações, coberturas e eventos é de tal monta que acabamos, cotidianamente, não nos detendo ante nenhum desses fenômenos. Não visualizamos de forma contextualizada o que é disponibilizado. E, assim, temos a impressão de que há cada vez mais coisas e situações visíveis, mas acabamos por não ver detalhadamente essas coisas.

Outra possibilidade característica desse mundo de visibilidade mediada é que aquilo o que não é mediado pode vir a ter (e com frequência tem) sua existência negada, mesmo sendo evidente. É só andar pelas ruas das grandes e médias cidades, olhar as calçadas, as praças e ver a pobreza, a miséria, a situação de exclusão social extrema em que milhares de pessoas estão lançadas. São, como denomina Nascimento (2003), os excluídos desnecessários: mulheres, homens, jovens e idosos que não interessam à sociedade, ao mercado consumidor, ao mundo do trabalho e aos quais é negada a condição de cidadão (numa ambiência em que cidadania vincula-se a poder de consumo). Entretanto, conforme a lógica da visibilidade midiática, são invisibilizados.

Esse tipo de ocorrência evidencia a presença do poder simbólico. De acordo com Bourdieu (1989, p.07) o poder é “[...] uma espécie de círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma”. A partir de tal ponto de vista, o poder não é propriedade exclusiva de uma emissora de TV ou de um dispositivo específico; e é exercido, em algum grau, com a cumplicidade de quem o exerce e de quem sofre seus efeitos, ainda que tais atores e sujeitos não tenham plena consciência desse mecanismo.

Ocorre, contudo, que esse exercício (de poder) não se dá de forma equilibrada. Ao contrário, há uma assimetria nessas relações (entre aqueles, por exemplo, que definem o que ou quem ganha visibilidade e o que ou quem será invisibilizado). E se não há como afirmar que o poder simbólico – exercido, por exemplo, por intermédio das produções televisivas – é determinante para a consolidação de uma visão homogênea e unidimensional do mundo é possível afirmarmos, ao menos, que tais dispositivos ofertam convicções, imagens, narrativas que intentam uma leitura preferencial de mundo. Elas codifica as instâncias deliberativas, a economia, manifestações culturais etc. conforme disposições específicas.

Isso não significa que, necessariamente, o interlocutor realizará a leitura preferencial (HALL, 2003), em consonância com as expectativas da dita “instância de produção”, ou seja, não significa afirmar que a TV exerce uma dominação irrestrita. Entretanto, muitas de suas produções minimizam as chances de divergências e neutralizam as cisões. Como exemplo, há alguns programas jornalísticos que, baseados em um pragmatismo informativo, pouco

possibilitam discussões sobre motivações e desdobramentos das situações que anunciam. Vale observarmos, ainda, que a televisão, desde o seu ingresso no Brasil, parece ter sido pouco questionadora e propositiva. Com o intento de chegar a públicos plurais, com interesses variados, mantendo uma margem de entendimento nos processos de atribuição de sentidos e satisfazendo as demandas de investidores, suas palavras de ordem têm sido manter e entreter. E seu princípio orientador o espetáculo.

2.5. TELEJORNALISMO NO BRASIL

O primeiro telejornal brasileiro foi o *Imagens do Dia*⁷ (MAIA, 2011). O meio de comunicação mais difundido no país era, até então, o rádio. O acesso restrito ao letramento dificultava a leitura de jornais e outros impressos. Assim, apesar de durante os anos iniciais da TV sua promoção ser limitada (tanto pela escassez tecnológica quanto pelo custo dos equipamentos domésticos), com a gradativa diminuição dos preços dos equipamentos os telejornais tornaram-se populares e ganharam espaço. Eles possibilitavam a comunicação de informações sobre o Brasil e o mundo tanto para os letrados quanto para aqueles que não sabiam ler. E com um diferencial em relação ao rádio: as imagens.

Dois anos depois, em 1952, surgem outros telejornais como o Telenotícias Panair⁸, o Repórter Esso⁹ e o Telejornal Pirelli (MATOS, 2009). Observamos que esses noticiosos já indicam, em alguma medida, a associação entre a televisão e a publicidade, vide que levam em suas denominações seus patrocinadores. Isso nos leva a lembrar a proximidade entre a linguagem publicitária e a linguagem televisiva: ambas rápidas, diretas e simples, características que foram agregadas ao jornalismo televisivo.

A consolidação do telejornalismo no Brasil, bem como de seu padrão predominante, emerge com a Rede Globo¹⁰. Apesar de em seus primeiros anos a emissora acumular índices irrisórios de audiência em menos de uma década a Globo assumiu a dianteira da TV no Brasil

⁷ Transmitido pela primeira vez em 19 de setembro de 1950, pela TV Tupi, o telejornal era apresentado pelo radialista Ribeiro Filho. O texto era de Rui Rezende. A princípio, o telejornal não tinha horário fixo, mas era exibido à noite, entre as 21h30 e às 22 horas.

⁸ Em substituição ao *Imagens do Dia*, fixado no horários das 21 horas.

⁹ Que inicialmente era transmitido pelo rádio.

¹⁰ Em 1969, quatro anos após a inauguração da Rede Globo, é veiculado pela primeira vez o *Jornal Nacional*, ainda hoje, considerado o telejornal brasileiro de maior audiência e qualidade técnica no país.

(MATOS, 2009). Assim, consolidou-se como líder em audiência, pioneira em implantação de novas tecnologias e passou a ocupar a posição de parâmetro para o telejornalismo brasileiro.

A abrangência, poder de penetração e superação das limitações espaço-temporais possibilita à televisão uma aparente onipresença. A disponibilidade de informações sobre localidades diversas, somada ao testemunho das imagens, torna as narrativas televisivas praticamente inquestionáveis. Principalmente quando estas ocupam o espaço do telejornal, afinal, este ainda é tido por muitos como uma forma de mediação e transcrição de fatos reais, o que confere a seus discursos credibilidade e confiabilidade.

Pesquisa realizada entre moradores de Salvador sobre as instituições¹¹ brasileiras aponta que “Apenas 10% destes consideram a mídia ruim, 30% a definiram como regular e 60% a classificaram como boa.” (ALMEIDA, CORDEIRO e TAPPARELLI, 2008 p.34). Isso implica em pensarmos que mesmo com os avanços tecnológicos e novas possibilidades de acesso a informações, o papel dos grandes meios de comunicação e dos grandes veículos, ainda é proeminente. O lugar de verdade que muitas vezes é ocupado por tais produções reverbera – apesar de não fazê-lo de forma absoluta ou incontestável – no modo como nos portamos diante de conflitos entre grupos sociais, como entendemos outras etnias, outras culturas, outras formas de manifestações e organizações políticas. Os sujeitos negociam sentidos, todavia, o lugar que a TV ocupa ainda hoje no Brasil é privilegiado em nossa teia de relações sociais, devido não somente ao seu poder econômico, mas à sua habilidade em manejar sentimentos, em (re)construir narrativas sobre o mundo e as coisas do mundo.

Rubim (1994) argumenta que a mídia é constitutiva da sociedade contemporânea, participando ativamente da construção de cenários políticos e sociais, estabelecendo uma nova forma de vivência, a “(tele)vivência”. É inviável pensarmos em relações sociais, em formas de sociabilidade, afastadas dos meios de comunicação. Por mais que novas formas de diálogos e trocas simbólicas surjam (e mesmo que muitas formas sejam questionáveis, do ponto de vista ético por suas disposições predominantemente mercadológicas) eles atuam, sistemática e sutilmente nas vidas das pessoas, tanto em suas subjetividades quanto nas coletividades. Em um país em que o acesso à educação ainda constitui um problema social, o

¹¹ Foram entrevistados 705 moradores da cidade de Salvador, de diferentes bairros. A pesquisa contemplou a coleta e análise de informações sobre as seguintes instituições: o Sistema Penitenciário, o Judiciário, as Polícias, a Defensoria Pública, o Ministério Público, a Religião e a Mídia. Destaca-se ainda que, de forma comparativa, a Mídia foi a segunda instituição melhor avaliada pela amostragem que participou da pesquisa. Os índices sobre a credibilidade e aprovação das instituições foram: Sistema Penitenciário (9,4%), Judiciário (11,1%), as Polícias (11,4%), a Defensoria Pública (27,9%), o Ministério Público (28,5%), a Mídia (60%) e a Religião (76,9%).

acesso à leitura habitual (apesar de crescente) ainda não é comum, assim como a fruição de manifestações artísticas, e, em que os dispositivos digitais ainda não são democratizados¹², o lugar do telejornal como instância que narra o mundo ainda é fundamental.

Na perspectiva de Sousa (2008), a consolidação do jornalismo no universo televisivo encontrou dois entraves significativos: o caráter monolítico da TV e o binômio “rentabilidade/audiência”. O fato de a televisão ser um meio monolítico constituía um obstáculo pelo fato de o texto audiovisual ser irreversível. Após ser dito não havia como recuperá-lo, relê-lo (exceto em situações especiais, por exemplo, em casos em que o telespectador gravava a edição). Hoje, entretanto, quase tudo que é televisionado pode ser acessado ou disponibilizado pela internet. Além disso, lembramos que as retificações, quando julgadas pertinentes, são garantidas legalmente, de modo que a irreversibilidade do dito pode ser relativizada. Mas isso não significa que as consequências do já-dito, bem como os sentidos já constituídos sejam reversíveis. Assim, o caráter monolítico da TV e do telejornal parece-nos merecedor de atenção pelo fato de dificultar o diálogo efetivo entre os interlocutores das mensagens.

A segunda questão (sobre o “binômio audiência/ rentabilidade”), para Sousa (2008), acaba por tornar o jornalismo refém do imperativo da manutenção da audiência. A audiência é uma condição para a rentabilidade televisiva. Importa sobremaneira que suas produções consigam atrair o público. Desta forma, as produções, inclusive os telejornais, mantêm a preocupação sobre como deter a atenção de seu interlocutor (o telespectador), de onde derivam estratégias como a duração rápida, entrecortada por comerciais, textos curtos e o apelo à “variedade temática” e imagética que “evita o aborrecimento do telespectador.” (SOUSA, 2008, p.234), mas que implica em uma espécie de perda da informação:

a necessidade de se garantir a variedade temática e um ritmo que atraia o telespectador dificulta a contextualização da informação, já que são apresentadas muitas peças (de poucos minutos) em pouco tempo [...]. Ou seja, o formato telejornal condicionou os conteúdos, favorecendo o espetáculo e a superficialidade em detrimento do contexto (SOUSA, 2008, p.235).

Os telejornais passam a ofertar pílulas de notícias, doses homeopáticas de informações, fragmentos, por vezes desconexos, do mundo. Podemos transitar através de temas como

¹² Em 2012, 45% dos domicílios brasileiros tinham acesso a internet. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2013/10/domicilios-com-acesso-a-internet-no-brasil-crescem-de-38-2011-para-45-em-2012>>. Acesso em 12 jan. 2014. Em 2013, o número de pessoas com acesso a internet no Brasil chegou a 105,1 milhões, contemplando, nesse caso, acesso em ambientes domiciliar, de trabalho, escolas, bibliotecas, lan houses, espaços públicos e outros locais. Disponível em: <<http://www.ibope.com/pt-br/noticias/paginas/numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-no-brasil-chega-a-105-milhoes.aspx>>. Acesso em 12 jan. 2014.

política, economia, meio ambiente, arte, entretenimento, violência, saúde e festas sem hesitação. Isso com o apoio dos apresentadores que conseguem, de forma fluida e tranquila, anunciar uma tragédia e, na sequência, com um sorriso no rosto, divulgar aos telespectadores a agenda cultural do final de semana. Diante disso, elencamos quatro características gerais que parecem guiar a prática nos telejornais, são elas:

a) *Relevância e precedência da imagem em relação ao texto* – uma vez que a televisão é um dispositivo audiovisual o uso das imagens é não somente determinante como fundamental (ALMEIDA, 2006; ARNT, 1991; COSTA, 2010). Imagens que referem-se não apenas às filmagens, mas aos próprios recursos gráficos e visuais. Assim, quase sempre, o texto telejornalístico é ancorado nas imagens: “Uma notícia é destacada não por sua importância para o interesse público (e de público), mas pela qualidade de suas imagens: se fortes e contundentes, emotivas e chamativas, certamente serão usadas e exploradas no noticiário.” (COSTA, 2010, p.44-45).

b) *Rapidez e superficialidade das reportagens e abordagens* – o telejornal é visto e ouvido pelo telespectador. A rapidez visa a favorecer o interesse do telespectador para que este mantenha-se atento ao que se passa, para que se mantenha a audiência. O modelo televisivo fundamentado no entretenimento prima pela agilidade, pela sensibilização, não pela atenção ou necessidade de investimento de tempo diante de questões ou situações mais complexas (CHAUÍ, 2006). O telejornal opera tendo em vista ser rápido, ligeiro e com isso pode tornar-se superficial.

c) *Forma simples e direta* – em decorrência do imperativo de textos e abordagens velozes e pouco extensivas estas precisam também ser simples, diretas, com o máximo de clareza possível e o mínimo de rebuscamento ou problematização. Segundo Costa (2010, p.46) “A TV deixa para os meios impressos o detalhamento das informações.” Se pensarmos, entretanto, que o hábito da leitura de impressos no Brasil ainda é pequeno e que a tiragem de jornais e revistas, anualmente, tem caído¹³, podemos inferir que o “detalhamento das informações” torna-se comprometido. E mesmo com a ascensão da internet e do webjornalismo, isso não necessariamente se reverte. Em especial porque, de forma crescente, o webjornalismo tem admitido textos mais próximos do televisivo que do impresso. A questão da forma simples, direta e clara dos telejornais, então, aponta para um potencial conflito:

¹³ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/circulacao_das_revistas_em_queda>. Acesso em 18 dez. 2013. Vale ponderar, contudo, que, paralelo a queda da tiragem de jornais tradicionais, cresce o número de tabloides, bem como o número de sites e blogs noticiosos. E mesmo os jornais impressos e editoras de revistas, mantêm páginas na web, disponibilizando seu conteúdo em versão digital.

quais os limites entre a simplicidade e a simplificação? Para ser compreensível e acessível os textos telejornalísticos precisam não contextualizar os fatos que abordam?

d) *Variedade temática* – Para favorecer a audiência (mais uma vez) e pela abrangência dos telejornais (que pode chegar a pessoas com interesses diversificados) estes investem em variação temática. Podem agregar assuntos como política, saúde, violência, economia, viagens, esportes, lazer, ciência, cidades, entre outros. O cardápio, entretanto, varia conforme a estrutura do telejornal, o horário em que este é exibido, seu público-alvo. Não significa, porém, uma ampliação de discursos e olhares sobre o mundo, de modo que assuntos diversos podem ser lidos, ditos e reconstruídos a partir dos mesmos parâmetros sociais.

2.5.1. O padrão Globo de jornalismo

É neste cenário que o telejornalismo da Rede Globo mantém-se consolidado como paradigmático no Brasil. Apesar de ressalvas, considerações e questionamentos, o modelo Globo de jornalismo segue reconhecido como padrão de qualidade. A emissora dispõe de manuais de redação, por meio dos quais orienta seus profissionais e, em agosto de 2011, publicou abertamente os “Princípios Editoriais das Organizações Globo”. Em documento, a rede expressa suas diretrizes e parâmetros sobre o fazer jornalístico, assim como evidencia os elementos em que se baseiam a linha editorial da emissora.

Bahia (1990) defende como próprio do jornalismo “[...] apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação.” (BAHIA, 1990, p. 09). Esta visão acolhe uma prática jornalística empenhada com o espaço público e a formação da opinião pública. Uma ideia de jornalismo marcada pela defesa da fidelidade aos fatos e à verdade. Um fato, contudo, por mais que seja verdadeiro, ao ser convertido em notícia, não significa a verdade, mas um olhar sobre ela, uma forma de aparição da verdade, uma possibilidade de leitura, uma interpretação. Assim, em documento denominado Princípios Editoriais das Organizações Globo (2011), a emissora aponta que:

Não se trata aqui de enveredar por uma discussão sem fim, mas a tradição filosófica mais densa dirá que a verdade pode ser inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe; e que, se a objetividade total certamente não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo. **É para contornar essa simplificação em torno da “verdade” que se opta aqui por definir o jornalismo como uma atividade que produz**

conhecimento (grifo nosso). Um conhecimento que será constantemente aprofundado, primeiro pelo próprio jornalismo, em reportagens analíticas de maior fôlego, e, depois, pelas ciências sociais, em especial pela História. (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.03).

Com o propósito, então, de “produzir conhecimento” são assumidos pelas Organizações Globo os seguintes princípios jornalísticos: a isenção, a correção e a agilidade. Ainda de acordo com os princípios editoriais da emissora, “isenção é a palavra-chave em jornalismo”:

[...] é possível ter 100% de isenção? – a resposta é um simples não. Assim como a verdade é inexaurível, é impossível que alguém possa se despir totalmente do seu subjetivismo. Isso não quer dizer, contudo, que seja impossível atingir um grau bastante elevado de isenção. É possível, desde que haja um esforço consciente do veículo e de seus profissionais para que isso aconteça. (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.05).

Assim, a emissora prevê que deve haver isenção em variados níveis hierárquicos da organização (na apuração, análise, edição e veiculação dos fatos) independente, por exemplo, de governo, partidarismo e grupos econômicos. (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011). Concordamos, entretanto, que, como defende Mouillaud (2012, p.60), os eventos que nos são dados a conhecer chegam-nos sempre a partir de enquadramentos “delimitando um campo e um fora de quadro; o quadro determina o que deve ser visto [...]”. Ademais, como já defendemos, os grandes meios de comunicação organizam-se, predominantemente, como organizações empresariais – sobretudo se abordarmos os conglomerados de comunicação. Bahia (1990, p.11), afirma que “Uma imprensa dependente, manobrada por interesses obscuros, não pode ser confiável”.

Transpondo tal asserção para o ambiente televisivo podemos admitir que a isenção jornalística encontra-se, ao menos parcialmente, subordinada à autonomia e independência financeira do veículo. Apesar de em tal documento a Rede Globo afirmar sua independência financeira, a publicidade é uma das principais fontes de receita da televisão no Brasil. Assim, podemos mesmo acreditar em isenção jornalística em um contexto em que a comunicação é entendida antes de tudo como negócio e não como direito? E em que a publicidade e o consumo são matrizes condicionantes das ações empresariais (e, também, comunicacionais)? Cabe, ainda, atentarmos para os seguintes parâmetros definidos pela emissora:

Denúncias e acusações, feitas em entrevistas por pessoas devidamente identificadas, que desfrutam de credibilidade, seja pelo cargo que ocupam, seja pela história de vida, podem ser publicadas, sem investigação própria, mas, necessariamente, acompanhadas pela versão dos acusados, de preferência no mesmo dia, quando estes se dispuserem a falar. Denúncias feitas em entrevistas por pessoas sem credibilidade, como criminosos, por exemplo, mesmo se identificadas, devem ser exaustivamente investigadas, antes de ser publicadas; (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.10).

Ainda que tais definições digam respeito especificamente às “denúncias e acusações”, parecem contradizer o ideal de isenção, já que a emissora admite como pressuposto a distinção entre sujeitos ditos credíveis e sujeitos ditos sem credibilidade. Demarcam-se previamente lugares de fala e posições de legitimidade. Dispondo de tais pressupostos, é possível sustentar a isenção?

O segundo princípio jornalístico dito fundamental à prática das Organizações Globo e suas afiliadas refere-se a correção. Importa que haja fidedignidade nos relatos, já que isso fundamenta a credibilidade do trabalho jornalístico. É paradigmático, assim, o “compromisso com o acerto” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.12), por isso, ainda de acordo com a emissora, é fundamental antes das veiculações a apuração dos fatos com rigor, a verificação da exatidão das informações e a revisão.

Decerto, a verificação, a busca por exatidão, a checagem de dados deve ser, acreditamos, imprescindível para a atividade jornalística. Contudo, tal item não gera, necessariamente, impacto sobre a isenção na abordagem. É possível, por exemplo, dispor de um relato preciso, pleno em detalhes, mas que não contemple falas e perspectivas de todos os envolvidos em uma dada situação. Isso acontecendo, dispomos de precisão, mas sob um olhar unidirecional e, por conseguinte, castrador ou até deformante, o que demonstra que ter correção não significa, necessariamente, imparcialidade ou um caminho para a isenção.

Por fim, o terceiro pilar do padrão Globo de jornalismo é a agilidade. Como, segundo os Princípios Editoriais das Organizações Globo (2011), o jornalismo produz uma espécie de estado da arte dos fatos cotidianos, isso implica em incompletudes e imperfeições. A agilidade, assim, é propalada como uma forma de compensação destas incompletudes. Para tanto, a empresa investe em tecnologias e em procedimentos céleres; e define que: “Como princípio geral, não se deve guardar notícia. Em geral, informação confirmada é informação publicada.” (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.17).

No contexto globalizado, em que informação e conhecimento são apregoados como capital; em que produção de conhecimento alude poder, maior margem de negociação em definição de regras para as relações estabelecidas entre pares e concorrentes; e em que a qualidade das performances é mensurada pela rapidez na produção e na atualização, a agilidade proposta pode ser compreendida também como estratégia de mercado. Um meio, inclusive, de tentar manter o padrão Globo como *o* padrão e não como *um* padrão, além de demonstrar a dinâmica mercantil em que a produção de notícias está inserida.

Entendemos a necessidade e pertinência, do ponto de vista organizacional, de dispor de princípios orientadores, bem como de diretrizes para a atividade jornalística. Todavia, ao aproximarmos os parâmetros midiáticos contemporâneos; as existentes relações de interdependência econômica e política – inclusive por questões legais que dizem respeito às concessões para as emissoras de TV –; e os discursos engendrados sobre o cotidiano nacional e internacional, cabe perguntar: é possível efetivar (e dispor de) uma prática que proponha a produção de conhecimento de forma rápida, correta e isenta, livre de intervenções externas? Isso parece pouco possível em um contexto em que o aval de patrocinadores e investidores é fundamental para a manutenção do veículo. De acordo com Bahia (1990) o cumprimento do princípio da isenção requer (independente do veículo) a autossuficiência econômica e política.

Bourdieu (1997) aponta que a televisão pode construir, em seus espaços e produções, debates verdadeiramente falsos e debates falsamente verdadeiros. Os primeiros (verdadeiramente falsos) são mais facilmente identificáveis, já que há oposições, em certa medida, combinadas, previsíveis e previstas. Os debates falsamente verdadeiros, ao contrário, pretendem dar a impressão de verdadeiros e isentos, mas os modos e condições a partir das quais são produzidos escondem traços e posições que eliminam a possibilidade de isenção e igualdade. Nesse segundo caso, há operações diversas de censura (BOURDIEU, 1997), a começar, por exemplo, pela presença de um apresentador que deve garantir aparente igualdade, ocupar-se das regras do jogo, mas que já impõe o tempo, o assunto, as perguntas e trata igualmente pessoas, em geral, em condições desiguais.

Já sobre a agilidade, acreditamos que este é um princípio próprio à lógica televisiva (independente do dispositivo em questão) que, como já apontado, fundamenta-se a partir da lógica do tempo publicitário. É preciso ser rápido e, em um contexto de mudanças cada vez mais intensas, é preciso ser atento, interessante e dispor de novidades incessantemente ou corre-se o risco de ser dito ultrapassado. Importa, ainda, atentarmos para o fato de que, por primar pela agilidade, é possível colocar em risco a veracidade e mesmo as consequências de uma informação. Assim, o caráter irreversível da TV, já abordado anteriormente, exige de suas produções uma agilidade atenta, responsável, que possibilite atualização, mas sem descuidar da ética.

Observamos, ainda, que em seus Princípios Editoriais, a emissora reafirma sua defesa à liberdade de imprensa irrestrita.

A afirmação destes valores é também uma forma de garantir a própria atividade jornalística. Sem a democracia, a livre-iniciativa e a liberdade de expressão, é

impossível praticar o modelo de jornalismo de que trata este documento, e é imperioso defendê-lo de qualquer tentativa de controle estatal ou paraestatal. Os limites do jornalista e das empresas de comunicação são as leis do país, e a liberdade de informar nunca pode ser considerada excessiva.

Esta postura vigilante gera incômodo, e muitas vezes acusações de partidarismos. Deve-se entender o incômodo, mas passar ao largo das acusações, porque o jornalismo não pode abdicar desse seu papel: não se trata de partidarismos, mas de esmiuçar toda e qualquer ação, de qualquer grupo, em especial de governos, capaz de ameaçar aqueles valores. Este é um imperativo do jornalismo do qual não se pode abrir mão. (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.25-26).

De fato, a liberdade de imprensa é defensável e a censura, em uma sociedade democrática, indesejada. A questão posta, entretanto, emerge de forma simplificada e sua complexidade parece ser reduzida a oposições entre veículos e partidos políticos. Apesar de esta não ser tema central nesta pesquisa, merece uma ainda que incipiente consideração, visto que gera impacto sobre os discursos engendrados nos meios de comunicação brasileiros, e, sobretudo, nos discursos da referida emissora e suas afiliadas, como abordaremos em capítulo posterior. Além disso, está diretamente ligada à exequibilidade dos princípios divulgados, tendo em vista que regulação não pode ser confundida com censura.

Dispor de um marco legal, de parâmetros que indiquem princípios gerais estabelecidos pelo Estado para o funcionamento das comunicações, implica em estabelecer diretrizes e regras para um sistema de comunicação o mais democrático ou menos concentrador possível. Uma forma de admitir a comunicação não somente como um negócio, mas como um direito e, por isso, merecedora de leis que assegurem seu cumprimento conforme interesses não de grupos específicos, mas da maioria da sociedade.

A atual configuração das comunicações no Brasil aponta para uma parca diversidade e pluralidade na televisão comercial aberta. Dispomos de outros dispositivos como TVs a cabo, redes sociais e plataformas web que possibilitam a profusão mais descentralizada de vozes e falas (lembrando que estes ainda não estão cotidianamente acessíveis à ampla maioria da sociedade brasileira). Entretanto, a grande mídia, que é organizada a partir de concessões públicas, não segue o mesmo parâmetro.

Pensar em formas de regulação não deve ser confundido com cerceamento da prática jornalística. Ao invés disso, deve favorecer o acesso ampliado às comunicações e o maior comprometimento das redes e empresas do segmento com a qualidade e as discussões propostas. Vale somar a tal ponto o fato de que a atual legislação de comunicação brasileira precisa ser revista, já que não contempla as inovações e recentes e questões como a convergência midiática.

2.6. PRINCÍPIOS DO ESPETÁCULO NA CONTEMPORANEIDADE

Discussões sobre espetáculo e sociedade não são recentes. Debord (1967) já defendia que a sociedade capitalista era, por excelência, a sociedade do espetáculo pelo “princípio do fetichismo da mercadoria”¹⁴. Sob tal ótica, a explosão do poder e da presença das imagens (que atuam como substitutas do mundo real) intensificam o caráter mercantil das produções materiais e simbólicas, o que acontece não pelas imagens propriamente, mas sim pela aptidão do sistema capitalista em se apropriar destas e, rapidamente, manejá-las com fins comerciais.

Já para Kellner (2004), a complexificação dos processos de produção, assim como a globalização econômica, ocasionam a multiplicação dos espetáculos que são entendidos contemporaneamente como um dos princípios organizadores da economia, da política e da vida. Associam-se às instâncias de poder e lucro, reconfigurando nossas formas de sociabilidade e nossos modelos de experiências.

A sociedade espetacular dissemina seus produtos manufaturados principalmente através de mecanismos culturais de lazer e consumo, serviços e entretenimento regulamentados pelos critérios da publicidade e de uma cultura da mídia comercializada. (KELLNER, 2004, p.06).

As esferas política, social, econômica são hoje moldadas pelo espetáculo que, aliás, são constituintes da cultura midiática que contribui para conformar formas de agir, pensar e propor identidades. Os espetáculos, sob tal olhar, são:

[...] fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos. (KELLNER, 2004, p.05).

Além disso, os espetáculos fundamentam a “economia do entretenimento” (KELLNER, 2001), na qual negócios e diversão são vinculados.

As produções midiáticas, nesse contexto, podem ser percebidas como, em última instância, produções de uma indústria do entretenimento. Ao mesmo tempo, promove-se uma entretenização da economia: comercializam-se imagens, valores, ideias mais que os produtos propriamente; os produtos são transformados em imagens para que estas sejam

¹⁴ Vale ressaltar que esta defesa não significa dizer que antes da sociedade capitalista não existiam espetáculos. Ao invés disso, admitimos que as sociedades pré-modernas já contemplavam formas de espetáculos. Contudo, há pelo menos quatro fatores que distanciam o espetáculo pré-moderno do moderno: a disjunção espaço temporal; a presença de dispositivos eletrônicos (e mais recentemente digitais); a mercantilização do espetáculo; e a globalização. Além disso, o alcance, o modo de produção, a centralidade do espetáculo e as finalidades dos espetáculos pré-modernos e modernos são distintos. Entre trabalhos que realizam essa discussão constam: Rocha e Castro (2009); Kellner (2003) e Portela Júnior (2009).

comercializadas. Essas mesmas imagens contribuem para fomentar e orientar as relações e comportamentos na contemporaneidade: o jeito de morar, o estilo de vida, a marca a vestir, o restaurante a frequentar, o livro a ler, tudo pode ser convertido em imagem, associado a uma figura chave, a fim de tornar-se credível, adequado e consumível. Assim, fazer a boa figura e ter a imagem adequada, incide em rentabilidade e, logo, administrar as visibilidades torna-se fundamental para os negócios, a divulgação de mercadorias e serviços, e, a sustentabilidade das marcas, por exemplo.

O fascínio dos espetáculos, vale destacar, mostra-se ligado ao consumo. Marcas, imagens e celebridades tornam-se equivalentes a *commodities* na sociedade espetacular e constituem alguns dos parâmetros a partir dos quais a própria vida político-social passa a ser organizada neste cenário. Interfere na proposição de padrões de comportamento, estética, atitudes; sobre a definição de o que são, afinal, relacionamentos saudáveis, o que é ter sucesso profissional, quais as atitudes adequadas e necessárias para equilibrar vida pessoal e carreira. Oferecem *scripts* sobre a vida e, esses *scripts*, possibilitam que ações variadas tornem-se midiáticas. (KELLNER, 2001, 2003; FAUSTO NETO, 2006).

Da mesma forma, os espetáculos fazem com que a ideia de real esteja vinculada às imagens. O real torna-se dizível quando se configura de forma imagética. Enquanto ele não pode ser representado como imagem pode, simplesmente, ser tido como fantasioso, como uma criação, ser questionável ou até posto como de menor relevância. Situações – como já apontamos – como a pobreza, a miséria, a fome e a exclusão social são, frequentemente, resguardadas, não chegam a ganhar atenção e notoriedade, no mundo do entretenimento. Aliás, são questões predominantemente incompatíveis com o mundo dos espetáculos, já que podem até comover, mas, como regra geral, não chegam a ser rentáveis a ponto de galgarem espaços de visibilidade midiática.

Eventualmente é até possível que tais situações ganhem notoriedade, quando da excepcionalidade de algum fato como, por exemplo, o sujeito que apesar de viver em condição de extrema pobreza, em um ato de honestidade e moral, devolve uma vultosa quantia que alguém perdeu. Ou quando uma pessoa, tocada com as circunstâncias de pobreza de uma criança e seus pais, mobiliza amigos e parentes, via redes sociais, para ajudar aquela família. Ou quando um casal de moradores de rua demonstra grande preocupação com animais abandonados, o que é explorado tendo em vista a emoção que a generosidade e o amor incondicional provocam. Nessas ocasiões, criam-se espetáculos pontuais que são

acionados como espécies de válvulas de escape ante a criminalidade, a corrupção, a violência e o medo urbanos. São mecanismos que insinuam aos sujeitos a possibilidade de reversão de um quadro de depreciação e degradação social (deixando latente – sob tal ótica – a defesa de que depende de cada um, individualmente, a mudança).

Os sujeitos abarcados em tais casos são constituídos quase dramaturgicamente e apresentados de forma pessoalizada. E, assim, a pobreza, a miséria, o desemprego deixam de ser apresentados como conflitos sociais e transmutam-se em situações específicas da família “a”, do jovem “b”, da pessoa “c”. Se tais problemas são localizados, ditos como peculiaridades, não há motivos para a sociedade, essa entidade quase etérea, mobilizar-se de forma ampla, detida sobre tais conflitos. E se algumas atitudes pontuais de um grupo de pessoas imbuídas de bons sentimentos cristãos e benevolência são o suficiente para salvar essas ocorrências localizadas, rapidamente tudo pode ser resolvido e torna-se desnecessário esse tipo de debate.

A lógica do espetáculo, portanto, oferta e devolve situações de forma rápida, pontual, localizada. Tudo é efêmero e, deste modo, as informações precisam ser compactas para que sejam facilmente acessadas e superadas. A dialética espetacular requer compactação e tal princípio chega a diferentes tipos de produção: filmes, revistas, programas televisivos, teatro, música ou telejornais.

2.6.1. A performance noticiosa na contemporaneidade espetacular: do telejornalismo ao infoentretenimento

Os primeiros telejornais abordavam prioritariamente assuntos como política e economia nacionais, meteorologia e alguns informes sobre política internacional (SOUSA, 2008). Gradativamente, o telejornalismo se consolida e, diante da ambiência espetacular em que está inserido, não fica alheio a tal dinâmica. Entre as diversas possibilidades de estilos telejornalísticos (opinativos, documental, sensacionalistas, mistos, entre outros), Sousa (2008) defende que, hoje, o infoshow tem ascendido de forma destacável. O *infoshow* ou infoentretenimento é caracterizado como uma derivação do jornalismo para o entretenimento. Nesse tipo de produção, são explorados elementos superficiais, leves, curiosidades, de forma ágil e entrecortada.

Ao analisarmos a TV comercial aberta brasileira observamos que o infoentretenimento também tem ascendido localmente – ao lado da forte concorrência dos policiaiscos. É na ascensão de tal modalidade jornalística que observamos a transfiguração do telejornalismo em espetáculo, e da informação em infoentretenimento (KELLNER, 2004).

Bahia (1990, p.35) defende a ideia de notícia como “o modo pelo qual o jornalismo registra e leva os fatos ao conhecimento do público. Nesse sentido, notícia é sinônimo de acontecimento, matéria, dado, verdade, mentira, certeza, dúvida, jornalismo, informação, comunicação.” (BAHIA, 1990, p.35). Ainda de acordo com Bahia (1990), a notícia seria um fato, evento, acontecimento capaz de gerar interesse, mobilizar e provocar a coletividade. Seria algo que não encerra em si mesmo, admite ou provoca desdobramentos capazes de gerar impacto social. Nesse caso, para que um fato seja dito noticiável são requeridos alguns requisitos, a citar: importância, interesse, atualidade e veracidade (BAHIA, 1990, p.36).

Sob tal ótica, o papel social da notícia – e do fazer jornalístico – o compromisso com o cidadão e com a esfera pública são fundantes na prática jornalística. A notícia e o noticiável estariam atrelados a um ideal de bem-estar social, em que o Estado é compreendido como provedor, regulador das relações e garantidor de benefícios e igualdade de condições; e a sociedade um corpus *integrado* e agregador.

Ocorre que, na contemporaneidade, as organizações político-partidárias e o Estado não apresentam-se mais como centrais nas relações sociais; a sociedade tornou-se significativamente fragmentada e desagregada; o consumo guia não somente as relações sociais e nossos ordenamentos, mas até a concepção de cidadania. A era da espetacularização e da informacionalidade é também a era em que são cultivadas as personalidades e, logo, as questões e assuntos que mobilizam interesses já não são os mesmos do início do século passado.

Medeiros (2010) evidencia a proliferação de celebridades, a produção de ídolos (sejam eles duradouros ou descartáveis) como algo cada vez mais recorrente. Há uma propagação de imagens que vendem beleza, saúde, felicidade, satisfação. A mercantilização do mundo, das relações, da juventude torna qualquer coisa (e mesmo pessoas) similares a objetos. O que, então, nesse contexto, é visto como noticiável?

O valor-notícia básico, de acordo com Motta (2012) é a anormalidade, a excepcionalidade. Isso, porém, nos parece pouco esclarecedor se considerarmos que, por exemplo, a atuação dos poderes executivo, legislativo e judiciário deve ser algo regular, mas

esse é um tipo de assunto que parece de interesse público, então, se retomássemos as ideias de Bahia (1990) tal universo seria noticiável, mesmo não apresentando excepcionalidades. Já Gomis (1991) afirma que a definição de notícia é difícil e sempre controversa, mas a sua matéria-prima é sempre um “feito”, um evento, um acontecimento e, logo, uma notícia pode originar-se a partir de:

Cualquier cosa que ocurre: algo que hace alguien, algo que le pasa a alguien, algo que sucede en alguna parte. Puede ser una frase, un gesto, un acto físico, o un conjunto de palabras, gestos o actos que el observador interpreta como una unidad con sentido. (GOMIS, 1991, p.51).

Partindo de tais ideias, notamos que a relevância e os eventuais impactos sociais e políticos de um fato não são os principais critérios de noticiabilidade. Não são o que define se um acontecimento deve ou não constituir-se como notícia. De acordo com Motta (2012) um fato hoje pode ser notícia não por seus valores, mas por seu humor, seu apelo emocional. Na sociedade espetacular, acontecedora (GOMIS, 1991), a “criação” de notícias não está necessariamente integrada às consequências que um episódio pode suscitar, a sua relevância pública, ou aos seus potenciais desdobramentos. Ao invés disso, o caráter inusitado de um fato, sua singularidade, sua aparência pitoresca, podem definir a sua noticiabilidade.

Um espetáculo precisa ser excitante, gerar sensações, emoções. Seguindo tais guias, o telejornalismo investe, cada vez mais, em variação temática, em feitos extraordinários, interessantes e curiosos. Podem agregar, tal qual gôndolas de supermercados, temáticas diversas (política, saúde, violência, economia, viagens, esportes, festas, moda, bem-estar, gastronomia entre muitos outros). Também investe em assuntos que gerem emoção, sensibilizem seus telespectadores, provocam em algum grau de mobilização sentimental (o que não necessariamente gera atitudes práticas ou questionamentos aos padrões vigentes).

Os imperativos mercadológicos, a competição entre as empresas de comunicação, o desejo de manter a audiência suscitam a afirmação de uma arena de competitividade. A prioridade é o que cativa fácil, atrai, diverte e vende. O telejornalismo (ainda que com ressalvas), em muitos casos, passa a centrar no mercado e, assim, aproxima-se de outros espaços de diversão e entretenimento. Mais que informar, algumas produções assumem como propósito a diversão, como um passatempo. O telejornal espetacular, o infoentretenimento mostra-se, então, abrangente e variado ou ainda eclético. Precisa se apresentar de forma atrativa, excitante, fácil de assimilar. Não importa se o que noticiarão é revelante. Importa que insinue algum fascínio, que emocione, comova. É a espetacularização da notícia, convertendo o que seria informação em distração.

3. CIDADES E DISCURSOS: DISPOSITIVOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico-metodológico a partir do qual desenvolvemos a pesquisa. Partimos da exposição sobre a ideia de cidade e suas variações desde o surgimento das primeiras cidades, no Ocidente, até a contemporaneidade. Em seguida, discorremos sobre Salvador, capital baiana, cidade sobre a qual centramos este estudo. Admitimos como ponto de partida para a apresentação de Salvador a segunda metade do século XX, período em que a região passou por um projeto propalado como sendo de modernização – a partir do qual não só vias e avenidas são reconfiguradas, mas também os modos de circulação, apropriação e fruição da região.

No terceiro momento, abordamos o quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso, a partir do qual encaminhamos a análise. Traçamos um histórico introdutório sobre a análise de discurso de tradição francesa (também identificada aqui por AD), suas características e os conceitos fundamentais como as noções de língua e discurso. Vale observar que, em alguns momentos, recorreremos a noções de análise de discurso propostas por Foucault. Isso porque, apesar de identificarmos as linhas como diversas, não as compreendemos como excludentes. Nos tópicos seguintes, discorremos sobre o veículo e o dispositivo em análise, apresentando a Rede Bahia e o telejornal local Bahia Meio-Dia. A partir disso, expomos o *corpus* da pesquisa e seus limites.

Iniciamos, então, nosso procedimento analítico, a partir da análise introdutória da produção em questão. Atentamos para a organização do telejornal, sua configuração estética e as questões e temas frequentemente agendadas pela produção. Finalizamos o capítulo com a apresentação do *ethos* do Bahia Meio-Dia delimitado por meio de análise dos temas e pautas frequentes na produção. No capítulo seguinte, daremos continuidade à análise partindo de conceitos específicos (que compõem nosso dispositivo analítico) a partir dos quais evidenciaremos os interdiscursos no telejornal, seus movimentos parafrásticos, as estratégias e operações discursivas acionadas para narrar Salvador.

3.1. DA CIDADE POLÍTICA À CIDADE CONTEMPORÂNEA: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A NOÇÃO DE CIDADE

Como discutimos nesta pesquisa as construções discursivas (a partir do dispositivo telejornalístico) que dizem a/ sobre Salvador contemporânea, importa antes mesmo de caracterizar Salvador, elucidar sobre a noção de cidade e quais critérios são acionados aqui para delimitarmos tal ideia como uma categoria para este trabalho. No Brasil, estima-se que 84%¹ das pessoas habitem áreas urbanas. Na Bahia, esse percentual chega a 72%.² Apesar disso, a definição de cidade não é simples ou rápida, afinal, compreender ou definir tal ideia mobiliza muito mais que dados estatísticos.

Um dos pensamentos mais recorrentes ao propor uma definição de cidade talvez seja a de oposição à noção de campo. Nesse último, prevaleceria a proximidade em relação à natureza e certo hedonismo. Enquanto isso, a cidade seria o espaço artificial, de imposição do homem sobre a natureza e de relações burocráticas. (U. ARAÚJO, 2010; WILLIAMS, 2011).

A ideia de cidade, contudo, para além da simples oposição em relação ao campo, perpassa critérios mais complexos, que levam em conta a geografia, a história, a economia, a política, as relações sociais e, na contemporaneidade, também, os processos de urbanização, as migrações e o consumo. Admitimos que a noção de cidade sofreu alterações conforme os momentos e os padrões vigentes. Nesse caso, podemos elencar: a primeira cidade como política, a segunda como comercial; a terceira como industrial até chegarmos à cidade contemporânea. (J. ARAÚJO, 2012).

A primeira cidade, a cidade política, remete-nos a *polis* grega, ou a *civitas* romana. Em ambos os casos, concordamos com a percepção de que:

os grupos que dominavam o espaço das cidades reservavam para si a *polis* e a *civitas*, que é exatamente a esfera de tomada de decisões sobre o conjunto do espaço urbano, em detrimento dos outros grupos dominados, que eram apenas parte da *demos*, e moravam na *urbis*. (U. ARAÚJO, 2010, p.35).

Observamos, então, que nessa primeira cidade o critério definidor não era a geografia *per si*, o território, mas seu desempenho político. O critério definidor da cidade era a atuação

¹ De acordo com o Censo 2010/ IBGE das 190.732.694 pessoas que habitavam o país em 2010 84,35% (cerca de 160.879.708 pessoas) estavam em situação urbana. Tais informações indicam que apesar de o crescimento populacional no país ter diminuído entre 2000 e 2010 (de 15,6% para 12,3%) a urbanização aumentou, já que em 2000 estimava-se que 80% dos brasileiros viviam em áreas urbanas.

² Ainda de acordo com o Censo Demográfico 2010, a Bahia tinha, em 2010, 14.016.906 pessoas residentes. Desse total, 10.102.476 pessoas em áreas urbanas (72,07%) e 3.914.430 (27,92%) em áreas rurais.

frente a questões da coletividade, a prática política, o exercício de cidadania (ainda que saibamos que nem todas as pessoas fossem reconhecidas como cidadãs, visto que os direitos eram restritos). Além disso, na tentativa de manter um grau mínimo de ordem em um contexto de distinções, já havia a necessidade de alguma forma de regulação, uma forma de gestão sobre a coletividade. (ROLNIK, 1995).

Tanto a *polis* grega quanto a *civitas* romana já apontavam para hierarquias, para organizações estabelecidas a partir de centros de poder e de conflitos internos, haja vista que indicam distinções de papéis sociais e, com estes, relações de poder. A cidade política já comportava em sua realização uma divisão de papéis (entre aqueles que administravam e aqueles que executavam as atividades; entre os cidadãos e a *demos*) e uma divisão de poderes.

A partir de tal ótica, notamos que essa primeira cidade congrega dois traços fundamentais: a política (o espaço das deliberações e decisões sobre o que é comum) e a coletividade (a cidade como um espaço coletivo, mas também de diferenciações). Do encontro entre esses dois fatores emerge a necessidade de gerir o coletivo e o público, a fim de equacionar os interesses, os desejos, as forças, as normas, os poderes e conflitos; de estabelecer parâmetros mínimos de conduta para que o agrupamento se sustente.

Com o incremento do comércio, a partir do século XV³, as cidades começam a se organizar focadas em atividades mercantis. Em sua fase inicial os burgos eram ocupados de forma desordenada e o espaço citadino ainda não havia se tornado, ele mesmo, mercadoria. Notamos que embora já em ascensão o caráter comercial das cidades, estas ainda eram construtos, sobretudo, coletivos, em que o sentimento de pertença, os usos, as formas de apropriação do espaço tinham prioridade frente ao valor mercadológico.

A partir do século XVI, com a consolidação das cidades europeias (e consequente aumento de tamanho, dos índices populacionais e da assiduidade comercial) os espaços de uso comum começam a deixar de ser prioritários. (J. ARAÚJO, 2012). Tornam-se preferenciais os espaços de mercancia e a própria terra começa a ser comercializada. Para Rolnik (1995), a intensificação do comércio e a concepção da terra como mercadoria favorecem a

³ Desde o fim do classicismo até o século XIV o feudalismo era o regime predominante na Europa. Senhores feudais e vassallos organizavam-se a partir do campo. Não havia comércio forte e as regras de conduta eram definidas não em regime de comunhão, mas de forma autônoma, por cada feudo. A produção feudal não centrava no comércio em grande escala. O domínio dos senhores sobre suas terras e servos era absoluto – tanto econômico quanto político. Com a queda do feudalismo, a ascensão do regime monárquico (centralizado e militarizado, focado em proteção dos interesses dos nobres e favorecimento da unificação mercantil) e, posteriormente, à incipiente burguesia, os vínculos entre homem e campo foram enfraquecidos. Os senhores feudais, apesar do declínio político, mantinham suas terras. Os vassallos, enquanto isso, migravam do campo para as incipientes cidades tornando-se trabalhadores.

caracterização da cidade como forma de organização marcada pela divisão social. Burgueses e trabalhadores começam a habitar espaços diferenciados e surgem os primeiros locais especializados: próprios para o comércio, para os encontros, para as sedes de governo, para as habitações de trabalhadores. É o início do processo de mercantilização do espaço em si.

Entre os séculos XVI e XVII a mercantilização do espaço foi intensificada, além de incipientemente planejada. A posse (de meios de produção, da força de trabalho, de bens e da terra) começa a se consolidar como princípio elementar de ordenamento nas/ das cidades. Esses parâmetros ratificaram a ideia de cidade como espaço conflituoso, plural e de segregação. Associa a posse e o vínculo com a terra aos poderes econômico e político os quais, não é novidade, continuam sendo motivadores para disputas entre grupos sociais. Assim, é corroborado um modelo de cidade em que os grupos que dispõem, em um dado momento, de condições mais sólidas de mando deliberam sobre a distribuição e os usos dos espaços.

Esse modo de organização das cidades cresceu pelo mundo⁴ e acirrou processos de segregação social. Surgiram novas formas de mando sobre a produtividade (o controle do tempo, os contratos de trabalho), impactando nas sociabilidades. O governo sobre o tempo de trabalho insinua o controle, também, sobre como as pessoas usam seu tempo para estudar, se divertir, se exercitar, conviver etc. (FOUCAULT, 1987). Essas demarcações sugerem o que J. Araújo (2012) compreende como anticidade, ou seja, a negação da potência política-comercial da cidade, já que esta se torna esvaziada de costumes e das relações sociais que lhe dão vida.

A cidade industrial apresenta como diretriz determinante a mercantilização, o que nem sempre condiz com a percepção da cidade como obra (LEFEVBRE apud J. ARAÚJO, 2012), uma vez que gera impactos sobre os encontros, a diversidade e a pluralidade que vivificam a cidade. Os ideais de bem comum e de coletividade, sob a ótica da mercantilização do espaço, tornam-se subordinados aos ideais de mercado e, em grande medida, regidos pelos parâmetros de eficiência e lucratividade. Acrescendo a tais diretrizes os paradigmas científicos modernos (especialização, racionalidade), as cidades, por vezes, tornam-se fragmentadas e compartimentadas o que diminui a percepção destas como espaços de heterogeneidades, em

⁴ DaMatta (1997) demonstra que no Brasil do final do século XIX, com a queda do regime escravocrata e a expansão do trabalho livre (em condições precárias), as cidades brasileiras foram tomadas por um impulso segregador. Esse ímpeto impactou até mesmo na organização das casas. Consolidava-se a distinção entre a rua e a casa como os espaços, respectivamente, do público e do privado. E mesmo o espaço do privado (a casa) passou por uma espécie de zoneamento. Os cômodos das residências ganharam atributos, propriedades e funções específicas. Rua e casa consolidaram, também, seus respectivos administradores: o homem e a mulher, revelando ainda delimitações associadas aos gêneros.

que aproximações ou diálogos são possíveis e desejáveis. De tais distinções, uma possível consequência (cada vez mais comum) é o fortalecimento de formas veladas de hierarquização que operacionalizam processos discriminatórios, inibem os intercâmbios sociais e afetam os processos de sociabilidade e produção simbólica na/da cidade.

Já o momento atual caracteriza uma nova etapa da história das cidades. A fase contemporânea para Lahorgue (2002) e J. Araújo (2012) é assinalada pelo processo de urbanização. Não discutiremos neste trabalho a questão da urbanização propriamente, tendo em vista o cerne da pesquisa empreendida. Apesar disso, não podemos ignorar algumas das marcas das cidades na contemporaneidade. As inovações tecnológicas, inclusive dos meios de comunicação, reconfiguraram as relações sociais. As sociabilidades, as aproximações, não dependem mais da contiguidade geográfica, mas podem acontecer em uma ambiência que independe do espaço físico. Tempo e espaço foram redefinidos, de modo que podemos vivenciar relações que antes seriam inviáveis pelas distâncias físicas. A própria ideia de experiência pode ser revista, uma vez que tudo acontece sob a perspectiva da velocidade, em fluxos ligeiros e sem a exigência da vivência pessoal para constituir uma experiência, já que esta pode ocorrer por intermédio de dispositivos tecnológicos e comunicacionais.

Ao mesmo tempo, temos a sensação de maior dispersão. Vivemos relações cada vez mais aceleradas, os temas que mobilizam as pessoas têm duração cada vez mais encurtada. O ritmo veloz das experiências, das trocas, dos contratos acaba por reverberar no ritmo das cidades, também intensificado, de tal modo que as cidades contemporâneas apresentam-se em constantes processos de modificações e instabilidade. Os deslocamentos são mais frequentes, as barreiras geográficas parecem menos determinantes nos fluxos de pessoas, mercados e trocas culturais. Ao mesmo tempo, sentimos as barreiras sociais, simbólicas e políticas.

Essas incertezas e aparentes contradições caracterizam o estado das cidades contemporâneas que pode ser compreendido como um estado de crise, “[...] entendendo crise como processo de destruição do existente e de criação do novo.” (FERNANDES, 2010, p.25). As cidades contemporâneas, nesse sentido, são ambiências em transformações constantes, e tais processos implicam em alterações em nossos diálogos e aproximações com pares, com a alteridade e com o próprio espaço da cidade. Apesar disso, é ainda aparente a primazia mercadológica em alguns grandes centros, o que favorece a intensificação de um processo de “desposseção de valor simbólico” (FERNANDES, 2010, p.25) e admite como possíveis

desdobramentos o enfraquecido do sentimento de pertença e a ascensão dos guetos, voluntários e reais (BAUMAN, 2003).

Vale lembrar também que, desde a modernidade, tem sido intensificada a valorização do indivíduo e das individualidades. O homem pré-moderno tinha sua identidade definida coletivamente, com base em tradições, laços e preceitos. Na sociedade moderna (pós-tradicional) passou-se a enfatizar as potencialidades particulares, guiadas pela racionalidade e pela técnica. Já na contemporaneidade, as identidades tornaram-se mutáveis, movediças (HALL, 2006) e, apesar das incertezas, da fragilidade humana, da crise, ganham espaço: a capacidade pessoal de escolha; os desejos individuais; e as possibilidades de intervenção e ações dos sujeitos. Assim, por um lado, temos mais liberdade e possibilidades de intervenção, por outro, temos a fragilidade da coletividade, elemento primaz à noção de cidade.

Nesse contexto, apesar da maior oferta de bens, da disponibilidade de novos equipamentos urbanos e novas formas de fruição da cidade isso não implica, necessariamente, em distribuição justa de todas essas possibilidades, nem em atenção aos processos simbólicos que a cidade não só comporta, mas possibilita. Somam-se a tal quadro as relações de poder, a força das relações econômicas, o enfraquecimento dos espaços públicos e o acirramento dos processos de especialização espacial o que nos leva a observar que os vínculos sociais nas cidades têm sido manejados, sobretudo, a partir de práticas de consumo e de mercado. O consumo torna-se anterior à cidadania, incorrendo em predomínio da ideia de consumo privado (ou privatizado) da cidade e, critérios como eficácia e rentabilidade passam a direcionar as conexões estabelecidas e mantidas nas e com as cidades contemporâneas.

Partindo de tais parâmetros, as afetividades, as subjetividades, as formas de organização que não se guiam por critérios mensuráveis e controláveis são classificadas como ineficientes e inapropriadas. Da mesma forma, essa valorização das individualidades favorece o hedonismo da sociedade de consumo (LIPOVETSKY, 2007) e tem o privado e o individual como prioridades:

[...] para nós, modernos, que vivemos em sociedade, onde a parte (o indivíduo) é mais importante que o todo (a sociedade), o problema estaria sempre no coletivo e na multidão, esses “estados” que seriam o inverso do indivíduo que o sistema consagra como normal e ideal. (DAMATTA, 1997, p.29-30).

Esses parâmetros prevalecem ainda nas formas de regulação, organização e controle das cidades que passam a ser pensadas e projetadas para atender, prioritariamente, especificidades em detrimento de coletividades. O espaço citadino passa a ser estruturado e reconfigurado como produto (FERNANDES, 2010; LAHORGUE, 2002). Isso não significa desconsiderar

formas de resistência ou usos “contra-hegemônicos” das cidades, entretanto, tais manifestações apresentam-se como exceção, enquanto a “regra geral” parece ser o consumo mercantil do espaço. Paralelo a isso, tal maneira de organização das cidades, assim como as mudanças contemporâneas, motivam o desejo do contraponto, uma aspiração pela aproximação e apropriação das cidades que ultrapasse as demandas de compra e venda. Esse momento (de crise), de acordo com Fernandes (2010), não deve ser compreendido como o caos terminal, mas como possibilidade de criação de algo novo.

Assim, parece-nos que tal questão envolve a reconfiguração das cidades e de modos de pensar, planejar, viver e dizer as/nas cidades. O ritmo acelerado dos centros urbanos não está isolado de outros ritmos (informação, conhecimento, ciência, tecnologia). Repensar as cidades requer repensar os padrões político, econômico, tecnológico, contemplando não somente um modelo de sociedade e consumo ditos sustentáveis, mas, sobretudo, requer propostas mais democráticas de manejos e apropriações do espaço. Além do planejamento de gabaritos, vias, acessos é preciso perceber as cidades como espaços de produção e trocas simbólicas, de laços e experiências.

As cidades contemporâneas apresentam-se como espaços de paradoxos e contradições, como a própria contemporaneidade. Discorremos sobre a internacionalização de capital, sobre o enfraquecimento de fronteiras geográficas, as aproximações que as tecnologias da informação proporcionam. Ao mesmo tempo, assistimos a ascensão de modelos de habitação que se manifestam como guetos voluntários ou enclaves fortificados (BAUMAN, 2003; CALDEIRA, 2000), que têm como principal propósito separar os “de dentro” e os “de fora”. Somos estimulados aos empréstimos culturais, mas assistimos ao acirramento de conflitos bélicos por questões identitárias. Defendemos as diversidades e reafirmações de múltiplas identidades, mas também nos vemos reféns da proliferação da política do medo, que afasta-nos daqueles em que não enxergamos nosso reflexo. E todas essas contradições podem ser vivenciadas nas cidades.

Vale ainda ponderar que a lógica do espetáculo, discutida na seção anterior, é incorporada à gestão e organização das cidades. A economia do entretenimento, por exemplo, mobiliza setores como o turístico e o artístico, com expressões como festas e grandes eventos. Não é a ocorrência em si destes feitos que é preocupante, mas sim o modo como tais eventos são pensados e incorporados às localidades. Fomentar o potencial turístico de uma região, fortalecer uma localidade como destino, beneficiar a imagem de uma região ou gerenciar uma

marca-lugar pode ser favorável ao desenvolvimento regional. Importa, entretanto, que para obter tais resultados não seja necessário, por exemplo, incorrer em práticas que venham a estereotipar grupos sociais ou manifestações populares ou mesmo lançar mão de atitudes como a desapropriação de terras de forma inconsequente. Equacionar tais possibilidades demanda diálogos entre grupos diversos, participação em instâncias deliberativas, espaços que viabilizem o que costumamos chamar de cidadania.

O caminho aqui proposto para a compreensão da ideia de cidade permite-nos observar a necessidade da ocorrência de alguns elementos fundamentais para que possamos discutir sobre as cidades como: a coletividade (que não seja passageira, possibilitando o estabelecimento de vínculos entre as pessoas, ainda que estes não se deem de forma direta); o mercado/ consumo (espaço sistemático de trocas, que viabiliza não somente o fluxo de mercadorias, mas de pessoas); e a administração pública (uma espécie de gestão que proporciona a convivência tendo como prioridade não as liberdades individuais, mas a coletividade, os interesses comuns). (J. ARAÚJO, 2012; LAHORGUE, 2002; LENCIONI, 2008). Observamos, ainda, que a coletividade mais uma questão numérica ou de contiguidade, pressupõe o envolvimento, a partilha (de hábitos, símbolos, cultura). Talvez, aliás, esse seja um elemento primaz à reconfiguração das cidades neste momento de crise.

A cidade, como realização coletiva, exige a relação entre sociedade e espaço. (LENCIONI, 2008; ROLNIK, 1995). Serpa (2011a, p.24) afirma que “[...] os lugares são reflexo e condição para a reprodução das relações sociais, políticas, culturais e econômicas nas mais diversas escalas de análise”. Essas ideias possibilitam-nos visualizar as cidades como efeitos (e condicionantes) históricas de ações da coletividade. Não há como compreender ou atribuir sentido à noção de cidade sem relacioná-la com intervenções sociais, humanas e, conseqüentemente, simbólicas; sem admiti-las, também como formas de materialização da história.

A historicidade, inerente à noção de cidade, pode ser percebida nas atitudes de ocupação, organização e distribuições de espaços, na arquitetura, em nomes outorgados às vias públicas, em atribuições dadas às localidades. Essas configurações dão a ver a narrativa local, os caminhos e modos objetivados pelos grupos sociais estabelecidos em tais sítios. Demonstram como um determinado lugar tem sido constituído e ocupado; como as pessoas têm percebido e significado dadas regiões ao longo dos anos.

Aproximando tal compreensão à situação de Salvador, podemos afirmar que sua arquitetura, a forma de ocupação, as especialidades de determinadas áreas, os nomes e traçados de suas ruas são reveladores. Não é somente o centro histórico o narrador de sua história. Todo o município, em sua multiplicidade, constitui uma narrativa histórica. A biografia da capital baiana não está preservada somente nas fachadas dos casarios coloniais e nos sobrados coloridos. Está também em suas fontes, quase todas tamponadas ou destruídas; em suas modernas vias e avenidas, como a Contorno e seu Centro Administrativo; ou ainda nas nomeações de suas ruas e avenidas como a Joana Angélica ou o Pelourinho. Mas a história da capital baiana também se atualiza continuamente nos emergentes enclaves fortificados, nas vias congestionadas, nos festejos guiados pela economia do entretenimento. Tais percepções levam-nos a pensar a necessidade de rever a cidade como obra:

[...] é importante reincorporar a ideia da cidade como obra, formulação de Henri Lefebvre, ainda nos anos 60, [...]. Isso significa atentar para os processos de produção que estão além dos valores puramente mercantis, reduzidos a um equivalente geral e intercambiável, ou seja, para os processos simbólicos, de sociabilidade, de criação, de urbanidade. (FERNANDES, 2010, p. 24).

Isso acena à compreensão de cidade que associa território, história, sociedade e processos simbólicos. Exige considerar que as discussões sobre cidades contemplam relações de forças, heterogeneidades, tentativas de (re)afirmações e pertencimentos, de modo que ao invés de relações homogêneas e consensuais, prevalecem disparidades e dissenso.

3.2. A CIDADE DE SALVADOR

Admitimos, então, como ponto de partida para discutir os discursos sobre Salvador, a compreensão desta como um espaço de historicidade, que congrega coletividades, elementos simbólicos, atividades econômicas, é orientada legalmente por instâncias de administração públicas, mas que é, também, um espaço quebradiço, fracionário e em que, todo o tempo, disputas por poder estão em voga. Assim, indagamos, a princípio, o ideário de uma pretensa unidade identitária, sustentada sobre uma aparente homogeneidade harmoniosa e idílica, em diversas esferas: cultural, social, econômica e política, para citar algumas. Tornam-se relevantes, logo, elementos físicos e materiais, mas também traços que apontem para como as relações com a alteridade acontecem na cidade. Quais os sentidos possíveis ao tornar dizível o espaço soteropolitano e as pessoas que ocupam e se relacionam com tal espaço? Como são

apresentados discursivamente os modos de apropriações sociais e os usos da cidade, de onde partem propostas de sentidos sobre as cidades que constroem a cidade de Salvador?

Convém ressaltarmos que nossa abordagem não se restringe à área urbanizada de Salvador, mas abrange o município homônimo. Contudo, admitimos que apesar de as áreas pouco urbanizadas do município merecerem um olhar atento (em especial porque as pessoas alocadas nessas áreas costumam enfrentar significativos problemas de mobilidade – geográfica e social – e no que tange ao acesso aos tais equipamentos urbanos – sejam estes vinculados ao transporte, ao emprego, à saúde e outras modalidades) notaremos que estas áreas, ao longo de nossa pesquisa – que tomará como dispositivo de análise o telejornal Bahia Meio-Dia – pouco emergem como merecedoras de um lugar na esfera midiática. Aliás, quase sempre, o aparecimento dessas localidades está associado a práticas que costumam ser assumidas como negativas, menores e inadequadas à coletividade. Assim, notamos a partir de um olhar ainda inicial, que o referido programa centra suas abordagens em áreas urbanizadas de Salvador, reservando ao seu entorno a posição de apêndice.

Essa situação já demonstra o quanto a ideia de que as cidades expressam suas relações históricas (BARCELLOS e MAMMARELA, 2007; LENCIONI, 2008) é salutar. A organização do município⁵ e da cidade-sede – seus espaços consolidados como privilegiados, a distribuição (e concentração) de investimentos públicos, as áreas urbanizadas, que dispõem e concentram equipamentos culturais e infraestrutura, bem como suas construções, modelos habitacionais etc. – estão diretamente ligados à sua história. Em Salvador (tanto nas áreas urbanizadas quanto nas não urbanizadas) as relações de poder também foram, e ainda são, determinantes para a constituição social. Ocorre um processo de hierarquização e discriminação na ocupação do espaço municipal e na organização da cidade.

Esse processo pode ser percebido, a começar, por marcas linguísticas que tornam a cidade dizível. Os grandes centros urbanos são, com grande frequência, ditos a partir de zonas

⁵ Entendemos que há distinções entre as noções de município e cidade. Assim, admitimos por município uma unidade administrativa e territorial que contempla tanto áreas habitadas, povoadas e urbanizadas quanto áreas desabitadas ou não-urbanizadas. Já a cidade corresponde à área urbanizada dentro do município. Desta forma, a cidade localiza-se em um município, e este excede a cidade. É primordial na delimitação de um município, portanto, a questão administrativa, já que tanto a área urbanizada quanto a não urbanizada são submetidas a uma mesma administração. Enquanto isso, a cidade limita-se ao espaço urbano de um município. Para uma área ser caracterizada como município, requer um número mínimo de habitantes, estabelecido, no Brasil em 6 mil nas regiões norte e centro-oeste, 6,5 mil na região nordeste e 12 mil para as regiões sul e sudeste. A urbanização requer infraestrutura e equipamentos urbanos que atendam minimamente as exigências dessa população (exemplo: saneamento, transporte, saúde pública e segurança). Assim, nesta pesquisa, abordaremos o município de Salvador, entretanto, usaremos a nomenclatura cidade em função de o uso de tal terminologia ser recorrente mesmo quando são abordadas localidades situadas nos limites de Salvador.

geográficas (leste, oeste, sul, norte). Salvador, sob perspectiva peculiar, é dita, basicamente, a partir de uma composição binária e mesmo maniqueísta. Assim sendo, é comum considerarmos que há as áreas ditas nobres e as ditas populares e, entre elas, uma hierarquia. Há, ainda, uma cidade alta e uma baixa que, para além de critérios topográficos, são demarcadas por atribuições históricas e econômicas.

Moura (2011) lembra-nos que a inserção da Bahia no mundo, no século XVII, (Bahia aqui compreendida como Salvador e Recôncavo) deu-se pela atividade mercantil. E nossos portos (portas do incipiente mercado nacional) onde estão? Na Cidade Baixa que, desde então, tornou-se o *locus* de trabalho de povos escravizados, além de área em que eram concentrados mercados (inclusive de pessoas escravizadas) e casas de comércio.

Aglomeravam-se nas ruas e no cais negras vendendo objetos africanos, tecidos e diversos tipos de alimentos como peixes, frutas, mingaus e bolos. Muitas dessas mulheres estavam trabalhando para suas senhoras, das quais normalmente ganhavam alguma recompensa financeira. Com o dinheiro acumulado no decorrer de anos de trabalho, muitas delas conseguiam comprar sua carta de alforria, comumente paga à prestação. [...]. Os barbeiros, santeiros, serralheiros, vendedores de água, trançadores de cestos e outros tipos de trabalhadores também ofereciam seus serviços ao ar livre. Negros – escravos e libertos, carregadores de pesadas cargas ou de passageiros – costumavam ficar em movimentadas praças e esquinas, chamadas de “cantos”, à espera de fregueses. (BIASIN, 2011, 33).

A Cidade Alta, de forma diversa, era o lugar das belas moradias, de espaços de lazer, de gente dita civilizada, com alguma infraestrutura (como fornecimento de água) e equipamentos urbanos (como monumentos, estátuas), como Biasin (2011) identifica em relatos e registros do período oitocentista.

[...] a Cidade Alta era considerada elegante, limpa e tranquila, local onde era possível observar belas casas, carruagens e pessoas trajadas à moda europeia. Tratava-se de uma região residencial, apesar de contar com alguns estabelecimentos comerciais de pequeno porte. A maioria dos habitantes de Salvador residia nessa área, sendo a freguesia da Sé o centro jurídico, administrativo e eclesiástico. (BIASIN, 2011, 33).

Para além de uma distribuição geográfica as cidades alta e baixa; nobre e popular incidem em uma metáfora sobre nossas relações sociais, sobre a forma como julgamos algumas práticas vide, por exemplo, a maneira um tanto depreciativa como comumente se avalia no Brasil os trabalhos manuais em relação aos intelectivos, como desenvolve Holanda (1995). A classificação de determinados bairros como “nobres” em oposição aos ditos “populares” já revela o quanto a língua e a linguagem podem dizer sobre a municipalidade. A nobreza⁶, historicamente, era constituída por seletos grupo social que dispunha de privilégios –

⁶ Até o final do século XVI, os títulos de nobreza funcionavam como forma de estratificação sócio-política. Os nobres detinham territórios, quase sempre concedidos pelos monarcas, como prêmios em batalhas, e, sobre

políticos, econômicos e sociais – frente aos demais membros das sociedades. Quase sempre seus membros não precisavam trabalhar e eram proprietários de terras. Enquanto isso, o termo popular⁷ reúne como alguns possíveis sentidos: manifestações próprias do povo; instâncias e expressões que distam daquelas que ocupam os espaços privilegiados; evento, acontecimento ou coisa comum, corriqueira; algo de pouco valor ou pobre.

O hábito de corriqueiramente dizermos Salvador organizada entre esses dois polos insinua uma espécie de divisão por classes (ricos e pobres), por status (privilegiados e desprestigiados) e por relações de poder⁸ (aqueles em dominância e aqueles em situação de subordinação). Decerto que a complexidade que envolve cidade e município hoje não permite análises maniqueístas. Todavia, não se pode negar a existência, na linguagem cotidianamente utilizada acerca da organização do território, de elementos que apontam para a presença histórica de traços de segregação e que, mesmo no século XXI, mantêm acesas reminiscências de relações colonialistas. Esses primeiros realces ratificam a percepção de que:

A história das cidades é a história da relação entre classes e entre grupos sociais, onde os mais privilegiados e com maior poder aquisitivo e status sempre se estabeleceram nos melhores espaços disponíveis no momento – ocuparam os melhores territórios que se tornavam “novos” frente aos já estabelecidos (BARCELLOS e MAMMARELA, 2007, p.07).

Estas evidências tornam-se ainda mais aparentes e relevantes quando observamos que, em geral, as áreas classificadas como nobres congregam espaços minimamente arborizados, com equipamentos culturais, de lazer e entretenimento, infraestrutura satisfatória, além de rede de serviços. Concentram os investimentos públicos e eventuais ações da iniciativa privada. As áreas populares, ao contrário, reúnem prioritariamente residências, pouco dispõem de equipamentos culturais ou áreas comuns destinadas ao lazer e entretenimento e com certa incidência enfrentam dificuldades com saneamento, transporte, infraestrutura, serviços, segurança, mobilidade e oportunidades de emprego e renda.

tais territórios, mantinham o controle político e social. Assim, eram concedidos à nobreza a jurisdição sobre as famílias que moravam nas terras senhoriais, bem como a isenção de tributos. Os títulos de nobreza, por sua vez, eram hereditários. (B. SOUSA, 2007).

⁷ A complexidade do termo ‘popular’ provoca hoje inúmeros estudos no campo cultural. Ortiz (1989) chega a fazer uma retomada da noção de popular e lembra que, em sua concepção mais antiga, o termo popular “[...] significa tradicional, e se identifica com as manifestações culturais das classes populares, que em princípio preservariam uma cultura “milenar.” (p.160). Nesse sentido, uma possível leitura sobre os bairros ditos populares seria a de que são aqueles menos afeitos às amenidades da “modernidade”, em que conservam-se hábitos tradicionais e, também, com fortes vínculos com grupos tradicionais.

⁸ Vale ponderar que tais relações não são estanques. Ao contrário, são movediças e transitórias. Entretanto, para fins didáticos, utiliza-se aqui tal disposição para que se tenha uma ideia geral sobre a relação desigual de forças entre grupos sociais. No que tange às relações de poder e a transitoriedade destas é pertinente a abordagem de Foucault (1989).

Esses arranjos deixam notar que a organização de Salvador indica uma espécie de categorização territorial e social. Para Carvalho e Pereira (2008) a lógica de classificação territorial utiliza-se de critérios como: poder aquisitivo (poder de consumo), escolaridade, ocupação profissional, etnia e religião. Atua atribuindo espaços ditos como mais ou menos apropriados para cada grupo social e, portanto, hierarquizando-os. São instituídas, ao longo do município “algumas ilhas da modernidade e vastas áreas marcadas pela precariedade, pela pobreza e pela segregação.” (CARVALHO e PEREIRA, 2008, p.81).

Observamos que essa distinção entre áreas precarizadas e áreas privilegiadas não utiliza, prioritariamente, critérios de contiguidade geográfica. É possível que haja proximidade espacial entre dois grupos, mas um afastamento por fatores econômicos, culturais e étnicos, os quais passam a servir como índices de identificação, similaridade e demarcação no espaço social e geográfico. Isso é perceptível em Salvador, uma vez que a área urbanizada congrega empreendimentos, classificados como de alto padrão, ao lado de favelas; bairros que estruturam-se como mini-cidades, quase autônomos, vizinhos de áreas sem infraestrutura mínima, em que até a chegada do transporte público é restrita. Porém, vale destacar que o processo de urbanização em Salvador é marcado por expressões e formas de discriminações o que, em certa medida, é recorrente nos processos de urbanização no Brasil.

As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Nesse sentido, podemos arriscar afirmar que desde os projetos modernizantes, iniciados nos anos 1960, até os recentes projetos de requalificação urbana, Salvador caminha não para a reunião e diálogos entre as diferenças, mas sim como um espaço de discriminações, em que a alteridade, cada vez mais, é apontada como ameaçadora. Essa maneira de pensar a cidade ao invés de admiti-la como espaço de vivências plurais (e em associação a índices de violência, oferta de equipamentos urbanos, de transporte público, da existência ou não de áreas de lazer, entre outros fatores) emerge como incentivo a modos de demarcações e atribuições de propriedades e atributos específicos às localidades e, também, aos grupos destas localidades. Da mesma forma, é algo que parece-nos contraditório, uma vez que a capital baiana é propalada como plural, terra de múltiplas manifestações artísticas e religiosas, de misturas.

Esses padrões não foram estabelecidos rapidamente. Caldeira (2000) adverte que, ao longo do século XX, São Paulo, por exemplo, vivenciou três formas básicas de segregação social:

A primeira [...] produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia. A segunda forma urbana, a centro-periferia [...]. Nela, diferentes grupos sociais estão separados por grandes distâncias; as classes média e alta concentram-se nos bairros centrais com boa infra-estrutura, e os pobres vivem nas precárias e distantes periferias. [...], uma terceira forma vem se configurando desde os anos 80 [...]. Sobrepostas ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologia de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Esses parâmetros não foram exclusividade paulistana. Acabaram servindo como moldes para outras regiões, como Salvador. Até as décadas de 1940 e 1950 o Centro Antigo da capital baiana figurava como a principal área da cidade. Concentrava os centros econômico, político e administrativo, além de espaços de lazer e consumo. Com a alteração na estrutura do centro de Salvador, foi modificada também a organização social soteropolitana. Os grupos que dispunham de maior poder aquisitivo migraram do centro para novos bairros como Graça, Barra e Canela. Enquanto isso, a população mais pobre foi sendo empurrada para a periferia, afastada da região central e urbanizada – o que implica em grandes deslocamentos e gastos com transporte, à época ainda mais precário – sem oferta de serviços, espaços de lazer, longe do comércio e dos locais de trabalho. Gradativamente, houve o declínio das áreas centrais e o crescimento da cidade para as regiões periféricas.

Nos anos seguintes, entre 1960 e 1970, Salvador vivenciou um período propalado como de modernização, a partir da construção de grandes vias ligando áreas economicamente importantes. Tal projeto, mais uma vez, não atentou para as necessidades dos grupos mais pobres da cidade. Ao invés disso, reafirmou uma postura excludente.

Nessa fase, comprometida com uma modernização excludente e com os interesses do capital imobiliário, a Prefeitura de Salvador, que detinha a maioria das terras do município, transferiu sua propriedade para (algumas poucas) mãos privadas, através da Lei da Reforma Urbana, em 1968. A abertura das avenidas de vale extirpou do tecido urbano mais valorizado um conjunto significativo de assentamentos de população pobre, que ocupavam tradicionalmente os fundos até então inacessíveis dos numerosos vales de Salvador. Além disso, o governo municipal erradicou invasões populares localizadas na orla marítima, área reservada ao turismo, outro componente da estratégia de crescimento e modernização da cidade (BRANDÃO, 1981; SOUZA, 2000 apud CARVALHO e PEREIRA, 2008, p.85).

Já nos anos 1980, com a concretização do novo centro de Salvador, ratificou-se o esvaziamento do centro tradicional e a solidificação da configuração da capital baiana em três eixos: a orla marítima norte, o miolo e o subúrbio ferroviário. De acordo com Carvalho e Pereira (2008), a orla marítima norte consiste na região que concentra os bairros ditos nobres, a população de alto poder aquisitivo, com maiores índices de escolaridade, os equipamentos culturais, os principais parques e praças da cidade. O miolo congrega áreas

predominantemente residenciais, reúne a classe média e dispõe de poucos atrativos voltados ao lazer. Já o subúrbio ferroviário agrega a área que agrupa a população pobre e extremamente pobre, marcada pela precariedade habitacional e pelo desemprego.

Observamos que tal organização, hoje, pode ser repensada. Considerando, por exemplo, os atuais arquétipos habitacionais, já apontados aqui conforme a perspectiva de Caldeira (2000), o modelo urbano pode aparentemente aproximar (no que tange à contiguidade territorial) habitações de alto padrão e habitações autoconstruídas; bairros planejados e favelas. Todavia, tais espaços são diametralmente opostos em termos de disponibilidade de recursos, qualidade de vida e oportunidades para seus moradores; assim como são afastados pelos equipamentos de segurança. Ainda assim, a distinção entre orla, miolo e subúrbio (que não chega a ser tão distante do presente) mantém uma espécie de memória.

Igualmente, o fato de encontrarmos localidades socialmente díspares em regiões próximas, como Ondina e Calabar, não significa dizer que tais espaços mantenham laços sociais harmoniosos propriamente. Ao contrário, com o prolongamento da cidade para a orla norte e o acelerado crescimento dos empreendimentos de alto padrão ampliam-se as distâncias entre diferentes grupos sociais (por intermédio dos muros, das guaritas, das câmeras de vigilância, dos sistemas digitais de identificação). Criam-se outras formas de fronteiras entre os mesmos e os outros, os estabelecidos e os *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000), fomentando a estratificação entre espaços urbanos e das desigualdades entre “cidades” coexistentes em um mesmo município.

Diante disso, é possível inferirmos que as regras que orientam a organização de Salvador revelam um município historicamente afeito às desigualdades sociais. Uma urbanização abrangente, segundo Pedrão (2009), implica em acessibilidade, mobilidade, distribuição equilibrada entre as atividades produtivas por toda a extensão territorial. Possibilita condições de vida favoráveis à maioria e não a grupos restritos; contribui para a mobilidade geográfica e social, bem como para a diminuição da concentração de renda. Ao considerarmos a Salvador contemporânea é presumível que nosso processo de urbanização não contempla todo o município. O equilíbrio social, bem como as práticas efetivamente coletivas, também não parecem constituírem-se em critérios orientadores.

Ao invés disso, a lógica do capital especulativo tem caracterizado o projeto contemporâneo de requalificação da capital baiana. Um projeto que, mais que manter, acirra o

caráter excludente e discriminatório do arranjo soteropolitano, com áreas e conseqüentemente grupos humanos admitidos como incluídos e excluídos.

É a cidade dividida, advertida por Milton Santos. A cidade compreende áreas exclusivas de grupos identificados com o grande capital, áreas claramente absorvidas pelos grupos de não incluídos e áreas de interpenetração, onde se realizam as manobras de poder dos grupos de rendas médias [...]. (PEDRÃO, 2009, p.09).

A deterioração das relações e dos vínculos enfraquecem a coletividade, os laços sociais e o sentimento de pertença local, além de expandir o estranhamento que alguns grupos sociais têm em relação à localidade. Assim, se como propõe Lipovetsky (2007) e defende Magnavita (2009) “Não é mais tempo de expectativa de grandes revoluções sociais, mas de “revoluções moleculares”, de microações individuais ou de grupos, objetivando contribuir, favorecer a construção da solidariedade e da emancipação social” Salvador precisa enfrentar um problema plural, que requer tanto que seja repensada sua configuração administrativa – a partir de instâncias como os poderes executivo e legislativo municipal – quanto formas de reconstruções de seus laços – gradativamente afrouxados por proposições que primam por dirimir a potência de processos múltiplos ou moleculares.

De acordo com Serpa (2008) as alterações que assinalam o projeto de requalificação da capital baiana acontecem em um momento em que o mundo passa por duas relevantes modificações: a ascensão da ideologia das cidades sustentáveis; e a exasperação das desigualdades entre grupos socioculturais – em decorrência do modelo econômico em vigor. Como conseqüências dessas transformações visualizamos a multiplicação dos ditos enclaves fortificados⁹ (CALDEIRA, 2000) e a precarização dos espaços públicos (com a ressalva aqui daqueles diretamente associados ao segmento turístico que, no caso de Salvador, ainda mantêm uma regularidade e volume de investimentos por questões estratégicas).

Nessa ambiência – de valorização dos espaços privatizados e precarização dos espaços públicos – é sintomático o isolamento social. Os grupos que dispõem de condições para viver *indoor*, a partir da opção pelo estilo de vida em enclaves fortificados (proferido como sustentável, saudável e seguro por campanhas publicitárias de grandes construtoras e incorporadoras imobiliárias) operam uma espécie de descolamento em relação aos demais espaços da cidade. Tendo uma existência, aparentemente, autônoma em relação aos que

⁹ Caldeira (2000, p.211) define ‘enclaves fortificados’ como: “[...] espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os “marginalizados” e os sem-teto.” São organizados, portanto, como ‘mini-cidades’, exclusivas, seletivas e constantemente vigiadas.

habitam o lado de fora das mini-cidades esses grupos, regularmente, pouco se ocupam de questões que seriam de interesse dos cidadãos da localidade, mesmo porque o que lhes interessa é destacar sua diferenciação em relação à cidade. “Os enclaves são, portanto, opostos à cidade, representada como um mundo deteriorado no qual não há apenas poluição e barulho, mas, o que é mais importante, confusão e mistura, isto é, heterogeneidade social.” (CALDEIRA, 2000, p.265).

Já os grupos que não partilham tal estilo de vida e habitam a cidade propriamente, seguem, em algum grau, ceifados de direitos, diante da escassez de articulações que proponham a ressignificação da cidade, nessa ambiência de crise; muitos passam a desejar habitar os enclaves fortificados porque vêm nestes uma alternativa para um cotidiano mais seguro e tranquilo; são, predominantemente, desconsiderados nas políticas de planejamento urbano. Fomenta-se, então, um círculo vicioso em que o medo, a sensação de insegurança e a aparente ausência de possibilidades de intervenção geram uma demanda por isolamento e distanciamento social. E ao se isolarem pessoas e grupos sociais passam a conhecer ou dialogar ainda menos com o outro, e esse desconhecimento retroalimenta a insegurança em relação a esse outro, logo, o medo.

Esses distanciamentos sociais geram impacto direto sobre a política na cidade. Sobretudo se admitirmos o espaço público como “[...] o espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade”. (SERPA, 2011b, p.09). Nesse caso, a efetivação do espaço público está integrada muito mais às relações estabelecidas, às formas de intervenção e apropriação propostas pelos sujeitos que ao espaço concreto, físico. Porém, a perspectiva vigente de requalificação da municipalidade pouco contribui para usos mais participativos e ampliados dos espaços urbanos, de modo que arriscamos inferir que tal projeto de requalificação, a partir do pressuposto do isolamento, contribui para minar possibilidades de resistência ou enfraquecer intervenções plurais. Sobretudo porque o distanciamento social sugere a diminuição de chances de atuação conjunta, o que implica em esvaziamento do espaço público como espaço de ação, de discurso e de prática social.

Vale destacar ainda que grande parte dos projetos e programas de requalificação contemporâneos, incluindo aqueles destinados a espaços e áreas públicas, tem sido gerida sob a perspectiva do *city marketing*¹⁰. Assim, um elemento determinante para a execução de tais

¹⁰ Tal perspectiva tem como prioridade fortalecer as regiões como destinos turísticos. Assim, restringem-se os investimentos a segmentos tidos como estratégicos para o turismo, o que nem sempre dialoga com

iniciativas é a potencial capacidade destes proporcionarem a seus investidores retorno financeiro e imagético o que não seria algo negativo ou incompreensível, desde que tal critério não fosse alheio ao desenvolvimento social local e a necessidades que excedem a instância turística e as demandas dos visitantes da cidade, agregando qualidade também para o cidadão e, em longo prazo, uma integração entre segmentos e áreas diversas que mobilizam a cidade econômica, social, política e culturalmente. As ações de requalificação dos espaços públicos acabam não sendo necessariamente motivadas pelos usos que podem ser feitos daqueles espaços (ditos requalificados) pela sociedade local ou pelo seu significado social ou simbólico. Ao invés disso, prima-se pela possibilidade de agregar valor à marca e imagem da cidade e, por conseguinte, daquele que investe no referido projeto.

Observemos, por exemplo, projetos em andamento, atualmente, em Salvador. O plano de requalificação da orla da Barra (que fica na orla marítima norte) está orçado em mais de R\$58 milhões e prevê novas calçadas, ciclovias, quiosques, um anfiteatro, restaurantes, área para eventos, banheiros e praças. A requalificação do Rio Vermelho, bairro conhecido por congregar restaurantes e casas de show, está orçada em R\$5 milhões. Antevê recuperação asfáltica, sistema de drenagem, rampas de acessibilidade, instalação de equipamentos de ginástica, quiosques, bancos, iluminação cênica, ciclovia e pista de caminhada, entre outras ações (como o tamponamento do canal da Avenida Juracy Magalhães Júnior, já que é recorrente em Salvador ao invés de limpar e recuperar os canais e rios tamponá-los). Já o projeto de requalificação da região de São Tomé de Paripe (subúrbio ferroviário) está orçado em R\$3 milhões e prediz obras de drenagem, pavimentação de ruas, construção de calçadas com acessibilidade, reforma de campo de futebol, pista de skate e bicicletário¹¹. De fato, cada localidade requer ações específicas. Todavia, considerando os investimentos destinados a cada área, bem como as prioridades estabelecidas, notamos o quanto o elemento econômico, em especial a atividade turística, é determinante para orientar tais ações e distribuição de recursos orçamentários.

Nesse sentido, tais iniciativas parecem dissociadas de uma perspectiva participativa ou cidadã e tendem a ser pouco discutidas coletivamente. Muitos debates sobre Salvador, hoje, contemplam temas como setor imobiliário, atração de investimentos, turismo. Poucos contemplam a vida da cidade, os conflitos cotidianos, iniciativas sociais, as ações

desenvolvimento social ou mesmo com a ideia de marca-lugar, cujos parâmetros de atuação excedem o segmento turístico.

¹¹ Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2013/06/nova-orla-de-salvador-tera-trecho-exclusivo-para-pedestres-e-anfiteatros.html>>. Acesso em 10 nov. 2013.

“moleculares” ou participação política, a ocupação e distribuição do solo urbano. Em ambos os casos, frequentemente, tais debates não tomam conhecimento público ampliado. Vide, por exemplo, o projeto Linha Viva que prevê a implantação e exploração econômica de uma via expressa (designada como Linha Viva) que prevê ligar a região do Acesso Norte e a Estrada Cia-Aeroporto, sob uma concessão com duração de 35 anos. De acordo com a Casa Civil e a Secretaria de Urbanismo e Transporte, estudos sobre o impacto ambiental da obra estão em andamento. A obra prevê, ainda, desalojar 10 mil famílias, desorganizar e dividir algumas regiões e grupos, mas tem sido pouco discutida, apesar de interessar a todo o município¹².

Situações como essa demonstram, ainda, que as áreas não urbanizadas do município frequentemente não são lembradas – menos ainda consultadas ou ouvidas – nos projetos municipais de requalificação; e os parâmetros a partir dos quais as propostas são validadas sustentam-se prioritariamente em critérios como rentabilidade econômica e imagética. No caso de Salvador, a partir do argumento de sua vocação turística, justificam-se ações, práticas e tomadas de decisão que excluem significativa parcela da sociedade de seus benefícios.

Diante disso admitimos, como pondera Magnavita (2009), que discorrer sobre Salvador requer atentar para o fato de que a maioria das pessoas se encontra excluída (econômica, social, política e culturalmente). Esta ideia é ratificada a partir de dados estatísticos sobre a capital baiana, que evidenciam desigualdades acentuadas. Disparidades estas que não se referem somente a fatores socioeconômicos, mas associam elementos como localização, gênero e cor/etnia.

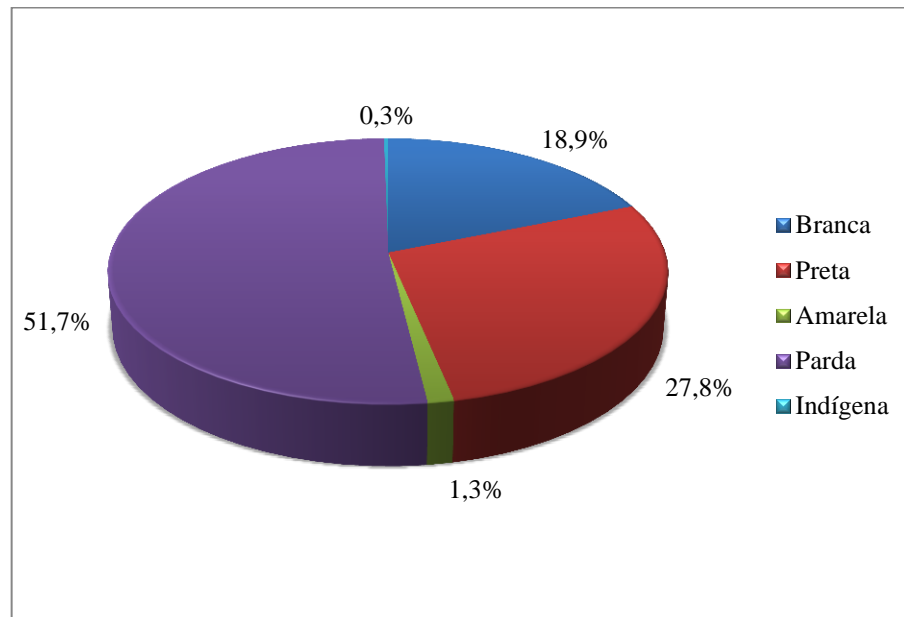
De acordo com o Censo 2010 (IBGE) Salvador é composta por 51,70% de pardos, 27,80% de pretos, 18,90% de brancos, 1,30% de amarelos e 0,30% de indígenas¹³. E dos 2.710,968 milhões de pessoas que, conforme o Censo 2010 (IBGE), compõem a população de Salvador, 53% são mulheres e 47% homens.

Quando os dados sobre cor/raça são cruzados com os índices que se referem a rendimento evidencia-se a concentração de renda entre aqueles que se autodeclararam brancos, assim como a concentração dos menores salários entre aqueles que se autodeclararam negros.

¹² Informações disponíveis em: <<http://www.linhaviva.salvador.ba.gov.br>>. Acesso em 12 jan.2014; e em: <<http://www.linhavivanao.com>>. Acesso em 12 jan.2014.

¹³ O IBGE considera como negros a soma daqueles que se autodeclararam pretos e pardos. Como utilizamos os dados do Instituto, mantivemos a nomenclatura utilizada pela entidade. Assim sendo, conforme o IBGE, 79,5% da população de Salvador é considerada negra.

Gráfico 1 – Etnias da população residente em Salvador (BA), em 2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/ Censo 2010.
Elaboração: pela autora.

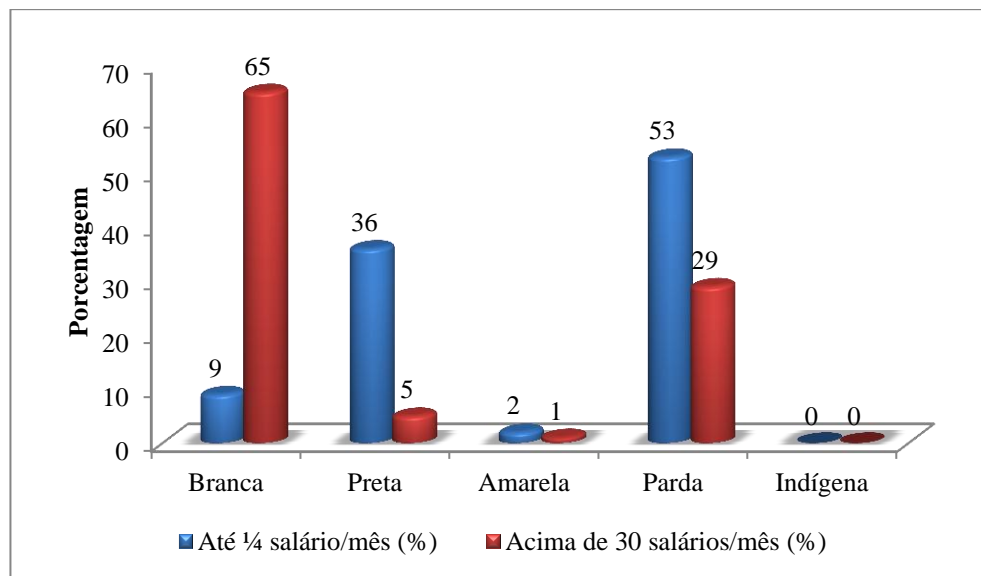
A situação de desigualdade é dilatada ao compararmos a distribuição de renda entre homens e mulheres na capital baiana. Do total de pessoas que recebe menos de 1/4 de salário mínimo/mês em Salvador aproximadamente 75,6% são mulheres e 24,4% são homens. Entre as pessoas sem rendimento/mês cerca de 61,1% são mulheres e 38,9% são homens. Os números se invertem e os maiores índices deixam de ser atribuídos às mulheres quando observamos os rendimentos mensais mais altos. Nesse caso, do total de pessoas residentes em Salvador que recebe mensalmente mais de 30 salários mínimos aproximadamente 25,1% são mulheres e 74,9% são homens.

Dados como esses são reveladores porque apontam desigualdades econômicas, étnicas e de gênero, o que expõe que a organização física, residencial e de serviços da cidade reflete e, ao mesmo tempo, mantém segregações de todas essas ordens, e que reverberam, ainda, nas esferas educacional, religiosa e simbólica. Cruzando os dados sobre cor/raça da população soteropolitana com os dados sobre rendimento, por exemplo, nota-se que o contingente populacional que se autodeclara branco concentra os maiores salários, já que retém 65% dos rendimentos acima de 30 salários. Ao mesmo tempo, essa parcela da população é uma das menores no que tange à frequência de rendimentos que indicam situação de pobreza (9%).

Em perspectiva oposta, aqueles que se declaram pretos ou pardos representam, respectivamente, 5% e 29% dos mais altos salários da região. Porém, no que tange aos

salários mais baixos, aqueles que se autodeclararam pretos somam 36% e os pardos 53%, totalizando 89% da população pobre de Salvador. Vale destacar que entre os indígenas os índices – tanto de concentração de salários mais altos como mais baixos – chegam a menos de 1%. Entre os que se autodeclararam amarelos os índices são relativamente proporcionais, entretanto, menos de 1% dos amarelos recebe mais de 30 salários, enquanto cerca de 2% deste grupo recebem até 1/4 de salário/mês.

Gráfico 2 – Relação entre etnia e rendimento salarial em Salvador



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/ Censo 2010.
Elaboração: pela autora.

Essa concentração de renda nas mãos de estrita parcela soteropolitana e que também indica fortes componentes de segregação étnica e de gênero repercute, também, na distribuição e organização do território da cidade. A organização, ocupação e distribuição do solo de Salvador constituem, assim como distribuição de renda, etnia e escolaridade, elementos por meio dos quais podemos visualizar a segregação, as desigualdades e exclusão social. Demonstram as disparidades entre áreas do município e como tais dessemelhanças implicam em negação ou privação de direitos. Serpa (2011a) destaca, por exemplo, como a disposição de parques e praças em Salvador ratifica o processo de valorização das áreas ditas

nobres, “[...] acrescentando novas amenidades físicas aos bairros que já possuem melhor infraestrutura de comércio e serviços.” (SERPA, 2011b, p. 24)¹⁴.

Beverley (2004) destaca que na contemporaneidade nossos conflitos se complexificaram. Além de questões econômicas, importa ocuparmo-nos de questões e problemáticas como as diferenças étnicas, culturais, linguísticas e religiosas ou, “simplesmente”, das diferenças. As identidades passam a ser problematizadas e isso contempla abordagens que perpassam discussões de gênero, sexualidade, étnicas, religiosas, territoriais, entre outras.

No caso de Salvador, sob muitas roupagens esses conflitos são perceptíveis. Seja nas relações cotidianas, nas prioridades do poder público, nas ações do empresariado, nos discursos midiáticos. Tais situações nos levam a retomar as ideias de Beverley (2004, p.23) quando, ao discutir as relações de poder, ele questiona: “Quais representações têm autoridade cognitiva ou podem, quais não tem autoridade ou não são hegemônicas?”.

Ao identificarmos que muitas representações são elaboradas a partir de discursos legitimados, podemos inferir que o indicador da pretensa “autoridade cognitiva” está nos discursos engendrados como legítimos, autorizados e reconhecidos. Assim sendo, os discursos postos como legítimos – advindos de instâncias que dispõem de autoridade política, econômica ou simbólica – são dados muitas vezes como verdades e não como construções. São dados como única possibilidade e não como uma perspectiva possível. Ao tornar Salvador dizível a partir de construções dadas como verdades, estas tendem a ser pouco problematizadas, constituem, muitas vezes, posições que mais que falar sobre a cidade falam pela cidade. Por isso, antes de debruçarmo-nos sobre os discursos sobre Salvador, propriamente, ocupamo-nos em ofertar certo panorama sobre a localidade. Essa ambientação ganha relevo, ainda, pelo fato de em análise de discurso, admitirmos que as condições de produção, como veremos adiante, são determinantes na construção dos discursos.

¹⁴ Em apêndice A consta relação de parques de Salvador e suas respectivas localizações. Dos 10 parques públicos de Salvador sete estão concentrados em áreas definidas como de tipo superior ou médio-superior, três em áreas médias ou populares. Observa-se, ainda, que dentre tais espaços nem todos são alçados como espaços merecedores de atenção ou como ponto de lazer e turismo, por exemplo. Em página eletrônica sobre turismo na Bahia (<http://www.bahia.com.br/roteiros/parques-de-salvador>), apenas quatro parques são listados como opções de diversão na cidade, a citar: o Zoobotânico Getúlio Vargas (Jardim Zoológico), o Parque Metropolitano de Pituacu, o Parque Joventino Silva (Parque da Cidade) e o Parque Costa Azul, os três primeiros situados em áreas tidas como superiores e o quarto situado em área classificada como média superior.

3.3. O QUADRO TEÓRICO-ANALÍTICO DA ANÁLISE DE DISCURSO

Delinear o caminho teórico-metodológico de uma pesquisa parece-nos uma das etapas mais delicadas do processo. Exige a realização de escolhas que por mais que saibamos que não são definitivas ou imutáveis são, para aquele momento, cruciais. Assim, desde que iniciamos a construção do projeto de pesquisa, pensamos em como delinear tal caminho. Interessava-nos articular e relacionar referenciais que parecem-nos relevantes e compatíveis com a temática, mas considerando os limites práticos e temporais. Interessava-nos, sobretudo, conseguir desenvolver a problemática proposta, olhando para um dispositivo comunicacional complexo (a televisão), focalizando em um dispositivo específico (o jornalístico) e tendo como mote Salvador. Dentre as muitas e pertinentes possibilidades, uma nos pareceu particularmente preeminente: a Análise de Discurso.

Os estudos relacionados às linguagens seguem por trilhas variadas e perspicazes. Mobilizam debates não somente profícuos e estimulantes, mas, também, conflitantes. Enquanto sujeitos simbólicos não podemos nos distanciar dos signos, dos símbolos, das linguagens – independentemente de suas modalidades. Quer apreciando uma imagem, uma melodia, um poema ou simplesmente em uma conversa despreziosa em uma fila de espera estamos sempre imersos em jogos simbólicos. Manejamos incessantemente formas simbólicas e, na maior parte do tempo, sequer pensamos sobre isso (o que parece apropriado, afinal, se tentássemos a todo o tempo apreender o ritmo e a sequencialidade dessas operações não nos comunicaríamos, ficaríamos aprisionados em um jogo meta-simbólico).

Nesta pesquisa, optamos por seguir os estudos de orientação discursiva e, por isso, focalizamos o dispositivo teórico a partir da análise de discurso de linha francesa, por vezes anunciada como AD. Em linhas gerais, podemos dizer que os estudos que seguem uma orientação linguística focalizam o debate sobre a língua. A proposta aqui traçada, então, difere de tal ideia (linguística) por admitirmos como central, como questão primordial, o discurso. O recurso à análise de discurso nos fascina pelo fato de a análise de discurso afirmar-se como lugar relacional entre disciplinas (ORLANDI, 2002). Um espaço, logo, em que se desloca o olhar de um sistema fechado (como seria a língua para a linguística moderna) para a introdução de elementos externos, contextuais, como constituintes do recorte em análise. Esta perspectiva, cremos, é salutar para o trabalho aqui empreendido.

3.3.1. Princípios gerais da Análise de Discurso de tradição francesa

São recorrentes algumas tensões quando em pauta estão a Linguística e a Análise de Discurso. Os limites entre os campos, assim como seus princípios e distinções nem sempre parecem evidentes. Sem a pretensão de dissolver os pontos de conflito entre as áreas (mesmo porque tal problemática, isoladamente, já constituiria uma questão bastante fecunda) elencamos algumas ideias gerais que possibilitam melhor compreensão sobre os limites e propósitos deste trabalho. Salientamos possíveis questões das quais podemos tentar nos aproximar e, por exclusão, temas que não são compatíveis com esta análise.

A linguística moderna tem suas bases nos trabalhos de Saussure. Em seu Curso de Linguística Geral (CLG), organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, admite-se que a Linguística é constituída, a princípio, “[...] por todas as manifestações da linguagem humana”. Entretanto, a linguagem é admitida como ampla, dispersa e heterogênea, o que, conforme Saussure, dificulta a delimitação de um campo científico. Na tentativa, então, de superar possíveis ambiguidades que a ideia de linguagem promoveria (ou promove), o linguista admite que, para a linguística, importa “[...] colocar-se primeiramente no terreno da língua e toma-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (CLG, 2006, p.16-17).

Isso aponta para uma primeira delimitação do campo, de acordo com a qual a língua é o objeto da linguística, já que, diferentemente da linguagem, a língua é compreendida como “uma parte da linguagem”. Operando a partir de tais bases, a linguística ocupar-se-á do estudo da língua que, ainda de acordo com o CLG (2006, p.21), possibilita a um grupo social utilizar dos mesmos signos e atribuir-lhes um mesmo conceito. A língua, portanto, é admitida como sistema de signos (aliás, o principal sistema de signos, abstrato e passível de descrição), dada como social, apreensível e passível de fixação (pela escrita), em oposição a *parole* (fala), percebida como individual e autônoma.

Assim, entre os princípios básicos da linguística moderna, destacam-se: a) A delimitação da língua como objeto da linguística; b) A crença na ideia de que a língua pode ser estudada em separado, em relação à fala; c) A admissão de uma noção de língua de natureza concreta (que pode ser “apreendida” pela escrita). Gradativamente, o campo de estudos foi reorganizado e novas questões e problemáticas foram introduzidas a área¹⁵.

¹⁵ Aiub (2009) realiza um levantamento sobre a história dos estudos de linguagem, pontuando o desenvolvimento da área a partir dos trabalhos de Saussure, Jakobson, Hjelmslev, Benveniste e Pêcheux.

Já na década de 1960, Pêcheux propõe um novo olhar sobre os estudos de linguagem. Argumenta que a análise linguística não considerava a relação *língua – contexto* e introduz a exterioridade como elemento a ser considerado nos estudos. Abandona, para tanto, a concepção sistemática de língua e incorpora como estruturante – logo, constitutivo e indissociável – da língua o externo. A incorporação do elemento contextual em suas análises será crucial para a delimitação das bases de estudos não mais de orientação linguística, mas sim discursiva. Ao deslocar o eixo de estudo em questão, Pêcheux aponta para a delimitação de um novo objeto (o discurso) e de uma nova “disciplina” (a Análise de Discurso).

Tomemos, então, como ponto de partida para os debates sobre Análise de Discurso os trabalhos desenvolvidos por Michel Pêcheux, na década de 1960, na França¹⁶. A ambiência era de fervor cultural e político¹⁷. De acordo com Brandão (2006) a análise de discurso emerge como uma tentativa de compreensão de tais fenômenos. Por isso mesmo, em seu momento inicial, o foco dos estudos discursivos são os discursos classificados como políticos (em sua acepção mais tradicional, ou seja, aqueles vinculados a partidos, às instâncias deliberativas etc.).

A Análise de Discurso, na contemporaneidade, ampliou seu foco. Além de contemplar discursos político-partidários, possibilita o exame de outros segmentos (identitários, midiáticos, científicos, entre outros) e mesmo de outros dispositivos textuais, formas materiais que extrapolam os textos escritos, comportando, por exemplo, imagens, sons e, como propomos aqui, textos midiáticos e televisivos. Cabe ponderar que a compreensão sobre o campo político também apresenta-se de forma alargada, de modo que podemos discutir sobre discursos políticos mesmo quando estes não dispõem de vínculos partidários, por exemplo.

Apesar das mudanças evidenciadas entre o foco dos estudos de orientação discursiva em seu primeiro momento e os recortes possíveis hoje, observamos que, desde o princípio, a análise de discurso considera nas análises empreendidas informações e conhecimentos sobre aspectos e dimensões que excedem o linguístico, agregando os fatores sociais e históricos. Os estudos discursivos, portanto, nunca acontecem de forma descontextualizada.

Sobre este último, o autor destaca que suas contribuições têm como singularidade o foco não mais na língua, mas no discurso.

¹⁶ Francine Mazière (2007), de modo diverso, defende que as bases da AD advêm dos trabalhos de Z. S. Harris, iniciamos nos anos 1950.

¹⁷ Era uma ambiência de mudança, com novas manifestações políticas e culturais, protestos contra governos autoritários, revolução sexual, ascensão de movimentos como o feminismo e movimentos civis a favor de direitos de negros e homossexuais. Emergem, ainda, a Revolução Cubana e manifestações contra a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã.

Ainda na fase inicial do campo, por exemplo, Pêcheux (1990) já apontava que um mesmo fato pode ser enunciado de formas diversas e tais enunciações construirão distintas significações. Todo enunciado, então, pode ser descrito como uma série de “pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.” (PÊCHEUX, 1990, p.53). A língua não pode, assim, ser tomada como absoluta, homogênea ou transparente. Ao contrário, toda descrição está exposta ao equívoco da língua, de modo que todo enunciado pode tornar-se outro, diferente de si mesmo.

Maingueneau (2001, p.20) defende que “todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico”, e, graças a isso, é possível que um mesmo enunciado ganhe significações diversas conforme o contexto social, a ambiência em que se dá a enunciação, os conhecimentos prévios dos quais dispõem os interlocutores, entre outros elementos. A simetria (que inexistente) seria o que possibilitaria a comunicação transparente, sem equívoco, sem resvalos, sem ruídos, o que requereria a existência de um sentido único e absoluto presente no enunciado e eliminaria a subjetividade e os gestos de leitura. A renúncia a um estudo estritamente linguístico (e, logo, a exigência à atenção à ambiência sócio-histórica em que se dá a produção de tal enunciado como constituinte deste), é o que possibilita uma definição inicial de Análise de Discurso como “[...] estudo linguístico das condições de produção de um enunciado” (BRANDÃO, 2006, p.06). E permite o acréscimo que destaca que a AD:

não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é a analisar só a parte gramatical da língua (a palavra, a frase), mas leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que cercam a produção de um discurso e nele se refletem; o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade. (BRANDÃO, 2006, p.06).

Essa caracterização aponta para alguns conceitos fundamentais para o campo da análise de discurso de tradição francesa.

3.4. CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

O adensamento de questões e problemáticas sociais e científicas, bem como as transformações históricas, trouxe à análise de discurso provocações e mudanças. Emergiram

novas tradições e correntes como a análise de discurso anglo-saxã¹⁸ que, segundo Orlandi (2002) é bastante proeminente no Brasil. Entre as duas tradições podemos encontrar algumas distinções e aproximações. Compreendemos, entretanto, que alguns conceitos considerados fundamentais à análise de discurso de linha francesa são relevantes para este trabalho e, por isso, seguimos tal trilha nesta pesquisa. Um dos elementos que nos leva a tal posicionamento é o fato de partilharmos de convicções próprias à AD como as de que: a língua é mais que um sistema fechado, mas também um elemento histórico; que o sujeito é, também e sempre, um sujeito político; e que os discursos expõem mais que posicionamentos individuais, eles revelam as condições sociais e históricas em que são constituídos e partilhados. É partindo de tais adesões que elencamos alguns conceitos fundamentais à análise de discurso francesa.

3.4.1. Língua

A análise de discurso traz ao centro da discussão as dimensões histórica, social e ideológica. Compreende o discurso não como uma fala autônoma ou isenta de valores e crenças, mas, ao contrário, como uma forma de concretização que reflete valores, ideias, crenças em voga em um dado momento. E como não é viável pensar em uma organização social sem conflitos essas tensões também estão presente nos discursos, inclusive, na relação entre aqueles discursos apontados como validados, como legítimos e aqueles eventualmente (ou repetidamente) vistos como menos credíveis.

Por isso, em AD, a relação *língua – exterioridade* é entendida como indissociável. Para Orlandi (2002) essa inseparabilidade caracteriza a singularidade da análise de discurso, já que a AD não se restringe a uma análise textual ou gramatical. A língua, em AD, não é o objeto de estudo, mas um dispositivo em que seu objeto (o discurso) ganha forma e materialidade; e este último só pode ser acessado se considerado o contexto.

A língua é a materialidade específica do discurso (é a base dos processos discursivos) e o discurso é a materialidade específica da ideologia. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Se, como tenho afirmado, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, não há sentido sem interpretação pois a língua se inscreve na história para significar e é aí que proponho apreender a questão da ideologia, do sujeito, da interpretação. (ORLANDI, 2002, p.31).

¹⁸ A Análise de Discurso anglo-saxã, ou americana, segue uma tendência linguístico-pragmática, empiricista, o que possibilita focar em processos de interação e conversação. Em linhas gerais, admite um sujeito intencional e compreende o discurso como uma associação entre língua e contexto. Entre os estudiosos de destaque que seguem esta tradição podemos citar Norman Fairclough.

Em AD, portanto, o sujeito não é percebido como pleno e autônomo, nem a língua como isenta, ahistórica. Por isso, o olhar do analista de discurso não focaliza as regras de produção textual, mas a historicidade nos discursos, assim como

[...] as suas condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco. O que nos interessa não são as marcas em si mas o seu funcionamento no discurso. É este funcionamento que procuramos descrever e compreender. (ORLANDI, 2012, p.65).

Além disso, a análise de discurso admite a linguagem como prática mediadora entre o homem e o mundo. Assim sendo, a língua não é percebida como sistema abstrato, mas como uma espécie de superfície fluida, incompleta e mutável acessada para trocas simbólicas. Por não ser entendida como sistema homogêneo, fechado – tal qual preconiza Saussure –, em AD, a língua tem uma autonomia relativa, de modo que não importa mais atentar para a língua isoladamente, mas para seu uso, seus movimentos e suas aproximações com a história.

Os estudos propostos em AD levam em conta o fato de que o sujeito – usuário da língua e, ao mesmo tempo, seu transformador – intervém na constituição desta por ser um sujeito histórico. Por isso, Orlandi (2012) defende que a análise de discurso questiona a linguística pela historicidade, uma vez que admite como interligados: sujeito, sentido, língua, história e ideologia. Não há como isolar a língua dos elementos sociais e históricos. Ao contrário, ela reverbera tais instâncias, visto que o sentido extrapola os limites da linguística; as significações de um texto não podem ser afastadas das condições em que se produz o texto, pois, estas são indispensáveis às possíveis significações. (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2002).

O fato de a língua ser compreendida em AD não como sistema fechado e autônomo é o que possibilita admitirmos que ela resvala, falha, é incompleta e aberta. Esse é o primeiro diferencial da AD (Orlandi, 2002). E é um dos elementos que permite-nos defender que os sentidos não estão já acabados no enunciado, mas são relacionais, conforme o enunciado, os sujeitos interlocutores e as condições sociais em que se dá a enunciação.

Se o caráter relacional e aberto da língua é primordial para a AD, então, interessam-nos não as marcas textuais, mas os modos como essas marcas estão dispostas nos textos de forma a impactar na proposição de sentidos e nos processos de leituras realizados pelos interlocutores. Por isso, importa entender a língua não enquanto sistema ou estrutura com regras de sintaxe, mas como espaço social e simbólico, em que sujeito (de inconsciente) e história (exterioridade) se manifestam, operacionalizando os discursos.

3.4.2. Discurso

Em Análise de Discurso não há como pensar somente a língua ou somente a situação (exterior) em que se dá a enunciação. A exterioridade está relacionada ao linguístico e, mais ainda, à história, de modo que não há equivalência entre língua e discurso. Para Orlandi (2002) isso é o que caracteriza a AD, é “o que há de mais específico nessa proposta teórica, ou seja, a afirmação de que a linguística tem seu objeto, que é a língua, e a análise de discurso se constitui pela afirmação de um outro objeto, o discurso.” (ORLANDI, 2002, p.30).

A ideia de *discurso* em AD extrapola o senso comum que compreende tal termo como fala, prática ritualística, transmissão de informação em que há linearidade entre os elementos presentes ou mesmo algo pejorativo. Isso porque a AD admite que a língua não é somente um código abstrato, mas é a superfície onde e por meio da qual é possível que discursos se materializem. Discursos esses, por oportuno, que podem ser *locus* em que a ideologia ganha materialidade. Em decorrência disso, mais que pensar a mensagem, a sua estrutura, a AD propõe pensar os discursos e essas relações entre os interlocutores; ocupa-se com os modos como se dão as trocas e construções de sentidos; e como os intercâmbios comunicativos operam enquanto processos de “constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.” (ORLANDI, 2012, p.21). Ocupa-se, portanto, com processos de subjetivação e sentidos.

Esses propósitos tornam visível que, em AD, a noção de discurso requer a relação entre o sujeito (histórico, político e afetado pelo inconsciente) e a língua. Assim, para este campo, as circunstâncias, os enfrentamentos, os paradigmas sociais, políticos, científicos, religiosos ou, tal como propõe Foucault (1999) a “tábua” que caracteriza cada momento social, interferem na própria língua, nos modos de dizer, nas construções engendradas e possíveis em um dado tempo. Em decorrência desses elementos constitutivos dos discursos, Orlandi (2012) aponta que eles (os discursos) não são livres, autônomos, independentes. Ao contrário, são condicionados linguística e historicamente. Isso, porém, não os tornam impenetráveis. Especialmente porque a condição de incompletude da língua e do sujeito possibilita equívocos, falhas, desvios e, como a própria Orlandi (2012, p.52) afirma: “A falta é também o lugar do possível.” É o fato de a língua vacilar, resvalar, permitir brechas que, como propõe SILVA (2000) permite múltiplos processos de significação.

Ao desenvolver-se desta forma a AD desloca teorias e campos teóricos (sobretudo a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise), colocando em questão, inclusive, “o sujeito do conhecimento”. (ORLANDI, 2002, p. 22) que deixa de ser autônomo, centrado, racional e a origem de seus discursos e passa a ser percebido como em construção nos atos de enunciação. “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (FOUCAULT, 2008, p.55).

A ideia de discurso, portanto, não está associada a algo concreto, palpável, fisicamente delimitado. O que é concreto, nesse caso, é o texto que dá acesso aos discursos. Os discursos ganham materialidade nos textos – sejam eles verbais, escritos, imagéticos, artísticos etc.. – mas não podem ser confundidos com o próprio texto. A ideia de discurso pode, assim, ser percebida como uma instância em que língua e ideologia se relacionam, um construto em que as ideologias se materializam e que nos é dado a ver por intermédio dos textos que lhes servem de dispositivo.

Para a análise de discurso, então, importa não a estrutura do texto ou sua composição, mas o que o texto traz, organiza, reflete em sua discursividade. Orlandi (2012, p.63) defende que “O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte.” É a partir de tal unidade (o texto) que o analista se remete a um discurso e, por meio de suas regularidades, a uma (ou mais de uma) formação discursiva, que ganha sentido por estar ancorada em uma formação ideológica específica. Sob tal ótica, podemos inferir que são fatores e elementos sociais, históricos, políticos, que revelam as crenças e parâmetros impregnados em um dado momento em um grupamento social, que a AD busca compreender como funcionam. Sua tentativa é a de identificar e interpretar que formações servem de parâmetro para as relações mantidas e como estas se configuram, cotidianamente, de forma quase naturalizada, em nossas falas e narrativas, ancorando nossos olhares e os modos como interpretamos o mundo. A noção de discurso, como objeto da AD, estabelece as bases do trabalho do analista. Lembra-nos que não é possível compreender como um discurso é organizado sem abranger em que condições esse discurso é instituído, legitimado (ou contrariamente refutado ou deslegitimado). Por isso, importa-nos apontar para outra noção pertinente à AD, a de condições de produção.

3.4.3. Condições de Produção

Como já apontamos, a análise de discurso não se estabelece de forma descontextualizada, uma vez que falamos de um campo de “entremeio”. Os fatores históricos, sociais e paradigmáticos, geram impactos determinantes nas construções possíveis em um dado momento. Anteriormente, por exemplo, ao discutirmos a noção de cidade, não apresentamos tal ideia no período conhecido como Idade Média. Isso porque, naquele momento, o território europeu (que serve de base para a construção ocidental da noção de cidade) era organizado a partir de um sistema feudal, estruturado com bases servis. As relações sociais, econômicas e de poder davam-se a partir do campo. Não era compatível com o momento, portanto, o desenvolvimento das cidades e, logo, a noção de cidade.

Regressando um pouco mais, no capítulo anterior, ao discutirmos os primeiros estudos sobre cultura, apontamos que estes emergem nos idos do século XIX, ambiência de transformações políticas, econômicas, geográficas em escala mundial. A política imperialista foi propulsora de aproximações – nem sempre pacíficas e menos ainda despreziosas economicamente – entre povos, grupos, culturas diversas. Fez surgir a necessidade de, em alguma medida, compreender tais povos. Sabemos que essa necessidade de entendimento tinha um comprometimento primeiro com processos de dominação e subjugação por parte das nações imperialistas. Entretanto, essa necessidade de aproximar-se do outro foi fundamental para o surgimento de campos científicos como a antropologia, a arqueologia e outros (o que não justifica a subjugação).

Os parâmetros, o momento histórico, a configuração societária, a estrutura econômica, as bases jurídicas, os saberes e formas de conhecimento em voga em um tempo-espaço específico são alguns dos constituintes das chamadas condições de produção. São fatores que não somente interferem na produção de discursos, mas em grande parte contribuem para o que pode e o que não pode ser dito em um dado momento. Orlandi (2012) afirma que as condições de produção podem ser percebidas em sentido estrito (o que abarca as “circunstâncias de enunciação”, ou seja, o contexto imediato em que o enunciado é proposto); e em sentido amplo, nesse caso, “incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. (ORLANDI, 2012, p.30). Seguindo a perspectiva ampliada, é possível considerarmos que ao falar em condições de produção já está contemplado o contexto imediato. Deste modo, as condições de produção podem ser percebidas como “[...] conjunto dos elementos que cerca a produção de um

discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando.” (BRANDÃO, 2006, p. 06).

Antes dos estudos da psicanálise freudiana, por exemplo, não era possível discutir complexo edipiano, já que não era admitida a ideia de que o homem é constituído por consciente e inconsciente. A legitimidade de tais ideias advém, nesse caso, de estudos científicos (ou seja, do lugar de fala ocupado por Freud como um produtor de conhecimento científico) que possibilitam novos parâmetros (a ideia de homem psicologicamente cindido) e tornam possíveis e compatíveis novas assertivas (na infância, o sujeito pode amar a mãe e ver na figura paterna um opositor). Antes da psicanálise não existiam as condições de produção para sustentar tais ideias. Isso só é viabilizado quando os paradigmas sobre a própria noção de sujeito – autônomo, racional, pleno, indiviso – são modificados¹⁹.

Por isso admitimos que a exterioridade é tomada em AD como constitutiva dos discursos, logo, intervém na configuração destes e em como eles se materializam textualmente. Isso nos leva a ratificar a ideia de que os discursos requerem prerrogativas históricas, sociais, científicas instituídas conforme as bases sobre as quais uma sociedade, em um momento específico, está ancorada. Revela que as condições de produção têm relação estreita com a ideologia de um dado período.

3.4.4. Ideologia

Abordar a noção de *ideologia*, na contemporaneidade, é uma tarefa um tanto espinhosa. O termo ideologia²⁰ é visto como datado, marcado, carregado de uma conotação que chega a ser pejorativa. Entretanto, para a AD de tradição francesa tal noção é fundante, uma vez que a

¹⁹ Com as mudanças contemporâneas e o descentramento do sujeito, a perspectiva edipiana já é por muitos estudiosos contestada, visto que a família nuclear e patriarcal já não é mais o único modelo possível, bem como o sujeito encontra outras formas de diálogo com o mundo que excedem instituições como a família, os partidos etc.. Isso gera, inclusive, novas percepções sobre territórios e territorialidade. Nesse sentido, as discussões propostas por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, em *O Anti-Édipo* (2010), são relevantes.

²⁰ Nunes (1961) realiza um levantamento e tipificação em que aponta cerca de quatorze acepções para o termo ‘ideologia’. Elenca que tais compreensões advêm de critérios variados: históricos, comportamentais, o grau de abstração de cada acepção etc.. Seguindo as trilhas da sociologia política, ele destaca a ideia de ideologia como fenômeno social. Apresenta, ainda, a acepção talvez mais discutida e difundida de ideologia, a marxista, de acordo com a qual o termo está associado a relações econômicas, de classe e a dominação social. Seria uma ideologia burguesa e que tem a função de fazer a opressão não ser vista como opressão, caracterizando um falseamento em que as ideias de um grupo sobrepõem-se às de outros (com base em orientadores, sobretudo, econômicos). Ela validaria, assim, interesses de grupos econômicos. Nesse caso, a ideologia seria forjada na classe dominante.

ideologia não somente relaciona palavra e coisa como ganha materialidade na língua. De acordo com Orlandi (2012) a ideologia é parte do funcionamento da língua.

A análise de discurso ressignifica tal noção tomando-a a partir da perspectiva não da sociologia ou da política, mas da linguagem. Assim, a *ideologia* não é concebida como um conjunto de valores acionado com funções e propósitos específicos ou como um modo de ver o mundo peculiar a um grupo social (independente do critério de agremiação: renda, faixa etária, escolaridade, ocupação profissional ou quaisquer outros). Ideologia, em AD, é entendida como prática significante. Por conseguinte, de acordo com Orlandi (2012), seu trabalho consiste em servir de base para a constituição da memória, dos processos de apagamentos, esquecimentos ou ativação de interdiscursos que discutiremos posteriormente. É, pois, um mecanismo basilar para os processos de atribuição de significados: “Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e a [sic] com a história para que haja sentido.” (ORLANDI, 2012, p.48).

Sob tal perspectiva, a ideologia atua como uma espécie de sustentação a partir da qual o sujeito identifica, reconhece, classifica os fatos do mundo, a partir da qual ele ancora possíveis sentidos e propõe interpretações sobre o que o cerca. Isso implica em admitirmos que o sujeito realiza gestos da leitura, lê fatos, ocorrências, atribui sentidos às coisas e às relações que estabelece porque parte de uma prática significante, entendida aqui como ideologia. Os processos de significação são, posto isso, sempre ideológicos. Por isso somos afetados por alguns dizeres e não por outros; mobilizamo-nos diante de algumas questões e não de outras, porque partilhamos, de forma inconsciente muitas vezes, de algumas redes de sentidos a partir das quais concebemos as leituras dos fatos que nos cercam.

Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. (ORLANDI, 2012, p.34).

Para que isso aconteça, é preciso que a língua – não mais enquanto sistema fechado, mas como esse espaço em que se materializam os discursos – inscreva-se na história, associe-se a elementos da exterioridade, ganhando ares naturalizados. Assim acontecem os apagamentos que dão a impressão de que os sentidos já estão dados, prontos, acabados e incide uma aparente naturalização da relação entre palavra e coisa ou acontecimento.

[...] é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. É aí que se sustenta a noção de literalidade: o sentido literal, na concepção linguística imanente, é aquele que uma palavra tem independentemente de seu uso em qualquer contexto. (ORLANDI, 2012, p.51).

A ideologia – enquanto prática significativa – gera a ilusão de sentido literal, natural, autônomo, referencial e verdadeiro. Atua como mecanismo de apagamento, ao cristalizar sentidos, tornando-os preferenciais (HALL, 2003), sem referenciar os processos históricos que, associados à língua, tornam tais movimentos possíveis. É quando um sentido é aparentemente cristalizado que se vê o resultado da ideologia. Nesse caso, tem-se a impressão de que não há a necessidade de leitura, de que o sentido estaria pronto e localizado fora do sujeito e de que a língua e a história são facilmente apreensíveis por todos e da mesma forma.

A língua, a linguagem, os sentidos e a história, entretanto, não são transparentes. São incompletos: “[...] nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.” (ORLANDI, 2012, p.48). assim, o elemento ideológico mostra-se como fundamental para a constituição do sujeito; e a “evidência do sentido” (ORLANDI, 2012) acontece quando os processos de significação sobre um tipo de acontecimento, comportamento, fato, ou referente é massificado a ponto de apagar sua materialidade.

Esse tipo de situação incorre sobre o que Hall (2003) denomina sentido preferencial. Uma forma de leitura em que o leitor atua dentro de parâmetros de leitura, de processos de atribuições de sentidos já consolidados. Quando isso acontece e muitos passam a ler dentro desse mesmo parâmetro, vislumbrando sentidos próximos, sem grandes discontinuidades. Então, é possível dizer que operam através da leitura preferencial, atribuindo ao fato um sentido hegemônico e confirmando, assim, um sentido ideológico. Isso demonstra, como Orlandi (2012) observa, que apesar de os sentidos não estarem prontos, não serem dados e de o sujeito não ser um mero receptáculo passivo, os processos de interpretação são, em alguma medida, determinados ou, como preferimos dizer, semi determinados. Não se pode realizar um gesto de leitura, sem recorrer a conhecimentos históricos e a signos partilhados, por isso, novamente, a importância das condições de produção.

A noção de ideologia, em AD, assim, aproxima o linguístico, o social e o histórico (BRANDÃO, 2006; ORLANDI, 2012), possibilitando a compreensão de que os dizeres sobre a ambiência em que estamos inseridos são formas de saber e, como tal, estão atrelados a disposições humanas e a relações de poder. A linguagem, na condição de prática mediadora, é fundamental ao sujeito; e é por onde se apresentam as bases ideológicas que constituem os discursos aos quais ele se filia ou que ele refuta, evidenciando suas escolhas, laços, posicionamentos, adesões.

3.5. A TRILHA METODOLÓGICA E O *CORPUS* ANALÍTICO

Para proceder este estudo partimos do pressuposto de que os meios de comunicação são constitutivos das sociedades contemporâneas. Não há como pensar as sociabilidades e relações humanas, simbólicas, políticas, de trabalho, hoje, de forma alheia à mídia. Entre os meios de comunicação mais relevantes e presentes nas relações sociais (no Brasil), destacamos a televisão comercial aberta. Por sua penetração social e abrangência, a TV constitui o principal meio de acesso à informação e entretenimento no Brasil.

Na Bahia, de forma similar, a TV comercial aberta também desempenha papel fundante. Assim, para proceder tal análise, selecionamos para compor o recorte deste estudo o telejornal Bahia Meio-Dia, veiculado pela Rede Bahia, afiliada à Rede Globo de Televisão, maior rede de comunicação do país. Nosso propósito, partindo dos princípios da análise de discurso, é investigar de que maneira o Bahia Meio-Dia opera a construção e mobilização de mecanismos e estratégias discursivas a fim de tornar dizível a cidade de Salvador, com suas contradições, conflitos, pontos de tensão e descontinuidades? Partindo de tal problema, são admitidos como desdobramentos da pesquisa pensar: como se caracteriza a organização do Bahia Meio-Dia a fim de noticiar Salvador em um contexto de midiaticização? Como as estratégias e operações discursivas do Bahia Meio-Dia podem evidenciar e disfarçar as tensões e descontinuidades de Salvador? Quais as principais formações discursivas manejadas pelo telejornal a fim de noticiar as realidades soteropolitanas? Como frações do município são ditas e configuradas no discurso televisivo? Que questões e conflitos são silenciados e como isso pode ser identificado?

Para tanto, optamos por realizar três movimentos que entendemos como cruciais para atingir tais finalidades: a) Caracterizar como os processos contemporâneos de midiaticização e espetacularização reverberam na organização do Bahia Meio-Dia, bem como nas operações que a produção realiza para noticiar a capital baiana; b) Apontar, a partir dos enunciados do telejornal, temas que tornam Salvador dizível no Bahia Meio-Dia, bem como a compatibilidade de tais temas com frações determinadas da cidade; c) Identificar as principais formações discursivas presentes no Bahia Meio-Dia sobre a cidade de Salvador/ Bahia.

Sobre a caracterização da espetacularização contemporânea discorreremos ainda no capítulo inicial, evidenciando o quanto a celeridade dos processos atuais, bem com a economia do entretenimento têm modificado as bases da atividade jornalística que, na

ambiência televisiva, já passa por alguns constrangimentos oriundos da lógica (publicitária) que orienta a TV. Ademais, através da delimitação do *ethos* do Bahia Meio-Dia, assim como da identificação das temáticas frequentes no programa (que serão abordadas ainda neste capítulo) podemos identificar como a midiaticização e a espetacularização reverberam, especificamente, nesta produção. Da mesma forma, identificamos pela presença e ausência de temáticas, critérios que tornam Salvador enunciável. Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos a análise propriamente das notícias e identificamos as formações discursivas em que o Bahia Meio-Dia ancora seus dizeres.

Observamos que o trabalho do analista de discurso deve exceder a interpretação da situação, passando da superfície linguística para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (ORLANDI, 2012, p.30).

Para tanto, o trabalho do analista requer o estabelecimento de um dispositivo teórico (associado aos fundamentos e quadro teórico acionado) e um dispositivo analítico (organizado com base na questão a ser analisada e na finalidade do estudo). Isso indica que é o problema estabelecido pelo pesquisador que leva à construção do dispositivo analítico. Em nossa análise, compomos, então, o dispositivo teórico a partir de noções como: a) língua; b) discurso; c) condições de produção; d) ideologia. Recorreremos, ainda, à noção de formação discursiva para ancorar os debates e aproximações empreendidas.

O trabalho está organizado em três momentos. Em um primeiro momento, delimitamos nosso problema e objetivos. Com base em tais definições (já expostas) ponderamos sobre os meios de comunicação na contemporaneidade, demarcamos os dispositivos a serem observados (televisão e Bahia Meio-Dia) e a noção de cidade com a qual trabalhamos. Na sequência, identificamos o *ethos* do Bahia Meio-Dia, as principais características de tal produção (regularidades, temas, estratégias de aproximação), bem como os manejos realizados pelo programa, a fim de materializar seus discursos e fomentar determinadas formações discursivas em seus enunciados.

No terceiro momento, iniciamos: a) O exame da organização e estrutura do Bahia Meio-Dia; b) A caracterização de sua configuração visual; c) A identificação das principais temáticas que, de acordo com o programa, dizem Salvador; d) A identificação das estratégias discursivas por meio das quais Salvador é enunciada. Tal percurso é proposto por entendermos que todo o contexto em que a enunciação se processa interfere no enunciado e nos processos de significação. Para tanto, utilizamos um dispositivo analítico organizado a partir das noções de interdiscurso, pré-construído, paráfrase e silenciamento.

3.5.1. Critérios para definição das notícias que compõem o *corpus* da pesquisa

Definimos como unidades de análise notícias sobre Salvador veiculadas no Bahia Meio-Dia entre os meses de janeiro e dezembro de 2013. A amostra é composta a partir da seleção de uma veiculação por semana, de forma consecutiva. Na primeira semana analisamos a veiculação da segunda-feira, na segunda semana, a de terça-feira, na terceira semana, a de quarta-feira e assim sucessivamente até chegarmos ao sábado, quando recomeçamos a semana.

Ao todo, compõem o *corpus* de análise 51 exibições²¹. Admitimos, entretanto, que não nos prendemos de forma rígida a todas as exibições ou a todas as notícias veiculadas, uma vez que o critério quantitativo não é determinante em nossa proposta. Além disso, não consideramos todas as notícias veiculadas nas edições pré-selecionadas para composição do *corpus*, já que nem todas as notícias atendem aos critérios estabelecidos e que serão posteriormente apresentados. Igualmente, consideramos que uma mesma notícia pode implicar em infinitos retornos, recorrências ou rupturas em relação a determinadas estratégias enunciativas, de modo que reconhecemos que este estudo não é suficiente para esgotar a problemática investigada. A perspectiva assumida, assim como as indagações lançadas, inclinam o pesquisador a buscas que poderiam ser outras caso as questões admitidas como centrais fossem modificadas ou caso os dispositivos teórico e analítico fossem outros. Desta forma, torna-se incompatível a pretensão de tentar exaurir a análise individualizada de cada notícia ou as edições do telejornal, visto que reconhecemos, desde já, a incompletude desta análise o que, decerto, pode favorecer o empreendimento de novos estudos.

²¹ As datas das edições do programa que compõem o *corpus* da pesquisa constam em apêndice B.

Assim sendo, entre as notícias veiculadas no Bahia Meio-Dia, entre janeiro de dezembro de 2013, compõem nosso *corpus* notícias que abordem:

- a) Tanto as regiões urbanizadas quanto as não urbanizadas de Salvador;
- b) A administração pública municipal e sua esfera deliberativa, a exemplo, aquelas sobre a gestão municipal e os poderes legislativo e executivo;
- c) Eventos, situações, informações relacionadas à organização territorial de Salvador ou sobre os espaços públicos municipais;
- d) Situações ou eventos que se passem, predominantemente, em locais públicos;
- e) Vida pública e espaços públicos do município;
- f) Temas que incidam em conflitos, lutas, disputas por territórios e localidades urbanas e municipais, bem como sobre a ocupação municipal;
- g) Questões associadas a tensões e conflitos recorrentes em Salvador;
- h) Questões associadas a cultura, festas e entretenimento em Salvador;
- i) *Fait divers* na ou sobre Salvador.

Observamos, ainda, que:

- j) Considerando os critérios anteriormente expostos, compõem a amostra as veiculações condizentes com tais determinações, independentemente de estas serem notas, boletins ou reportagens.
- k) As notícias em análise não precisam expor, de forma explícita, terminologias e expressões como município ou cidade, mas temáticas que refiram-se ou aconteçam em Salvador.
- l) Não são consideradas notícias sobre a Região Metropolitana de Salvador, nem sobre demais municípios do estado.
- m) Não são consideradas as unidades de análise (notícias) vinculadas a quadros fixos (como Desaparecidos, Agenda Cultural) ou esporádicos (como Dançando no Carnaval, Meu Grito de Independência)²².
- n) Também não são consideradas no *corpus* as sessões de serviços (como previsão do tempo e trânsito ao vivo); as chamadas e *inserts*; e as passagens de bloco.

Tomamos como ponto de partida tais critérios e, com base nestes, nossa amostra é apresentada através de fragmentos textuais obtidas a partir das notícias veiculadas²³.

²² A presença de tais quadros, contudo, é objeto de análise quanto à constituição do *ethos* do programa.

3.6. A REDE BAHIA E A PROJEÇÃO DA BAHIA

No capítulo anterior, quando pontuamos alguns dos critérios que geram impacto sobre as escolhas e modos de construção das produções televisivas, elencamos fatores: humanos, institucionais, empresariais, econômicos e financeiros e, por fim, políticos. Sobre este último não discorreremos, deixando-o para um momento posterior que, agora, faz-se presente.

Antes de discorrermos sobre a produção em análise (o Bahia Meio-Dia, da Rede Bahia, afiliada à Rede Globo de Televisão) apresentamos o contexto social e político em que foi inaugurada a TV Bahia, que hoje integra a Rede Bahia. A Rede Bahia é a maior empresa de televisão comercial das regiões Norte e Nordeste. Congrega sete emissoras locais²⁴; 66,66% das ações do Grupo são de propriedade da família Magalhães, cujo mais conhecido político foi Antonio Carlos Magalhães²⁵; e, desde junho de 2012, 33,33% das ações do Grupo pertencem a Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV).

Como já abordamos em capítulo prévio, a televisão chega ao Brasil em 1950, com a instalação da TV Tupi em São Paulo, por iniciativa de Assis Chateaubriand. Entre os anos 1950 e 1970 o Brasil passa por transformações políticas (regime militar, construção da atual capital federal), econômicas (industrialização, ascensão de uma indústria produtora de

²³ Em apêndices C e D dispomos o quadro geral e o quadro detalhado de assuntos e pautas do Bahia Meio-Dia de 2013, em que demonstramos as principais temáticas exibidas pelo telejornal. Em anexo B constam as notícias transcritas, de onde extraídos as sequências que serão consideradas nesta análise.

²⁴ As sete emissoras locais são: TV Salvador (Salvador) em operação desde 2000; TV Bahia (Salvador) em operação desde 1985; TV Subaé (Feira de Santana), em operação desde 1988; TV Santa Cruz (Itabuna), em operação desde 1988; TV Sudoeste (Vitória da Conquista), em operação desde 1990; TV São Francisco (Juazeiro), em operação desde 1990; e TV Oeste (Barreiras), em operação desde 1991. A Rede comanda, ainda, duas emissoras de rádio FM e um jornal impresso. Das sete emissoras o sinal digital, até o momento, encontra-se disponível somente em Salvador. As outras cinco emissoras estão com o sistema digital em implantação.

²⁵ A família Magalhães é uma das mais influentes, politicamente, no estado da Bahia. A ascendência política da referida família data do início do século XX, com a eleição de Francisco Peixoto de Magalhães Neto ao cargo de deputado federal por três legislaturas. A partir de então, a presença da referida família do cenário político baiano tornou-se recorrente. Francisco Peixoto de Magalhães Neto nasceu em 26 de dezembro de 1897, formou-se em medicina. Foi também professor e deputado federal por três legislaturas. Faleceu aos 31 de março de 1969. Já Antonio Carlos Magalhães nasceu em 4 de setembro de 1927. Formou-se em medicina, pela Universidade Federal da Bahia. Em sua carreira política, integrou legendas como a União Democrática Nacional (UDN), a Aliança renovadora Nacional (Arena), o Partido Democrático Social (PDS) e o Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas. De 1967 a 1970 foi nomeado prefeito biônico de Salvador. Como governador do estado da Bahia, ACM exerceu três mandatos, sendo duas vezes nomeado pelo regime militar (de 1971 a 1975; e de 1979 a 1983) e uma vez eleito de forma direta (de 1991 a 1994). Ocupou ainda a cadeira de Ministro das Comunicações do Brasil (de 1985 a 1990). Nesse mesmo período, exatamente em 1985, começou a funcionar a então TV Bahia, que hoje integra a Rede Bahia. ACM também foi eleito senador em 1994 e 2002; e, entre 1997 e 2001, foi presidente do Senado. Em meio a uma série de escândalos e acusações de quebra de decoro parlamentar, ACM renunciou à cadeira do Senado em 30 de maio de 2001, na tentativa de evitar a cassação de seu mandato. Em seu lugar, assumiu seu filho, Antonio Carlos Magalhães Júnior. ACM faleceu em 20 de julho de 2007 por insuficiência cardíaca e falência múltipla dos órgãos.

petróleo, abertura nacional para o capital estrangeiro), culturais (novas manifestações artísticas, a Tropicália, o Teatro Arena, a própria televisão). A Bahia, e em especial para nosso trabalho Salvador, também vivencia inúmeras transformações (urbanísticas, econômicas e culturais) entre essas décadas (de 1950 a 1970).

Entre os anos 1940 e 1950 a população soteropolitana saltou de 290 mil para mais de 400 mil habitantes. Até a década de 1950, o centro da cidade concentrava a atividade comercial do município e o porto de Salvador, na Cidade Baixa, era a principal porta de acesso à cidade. Ainda nos anos 1950 a capital baiana passa por uma modernização urbanística e arquitetônica significativa, com novas vias; a construção de novos prédios no Comércio (voltados à concentração de serviços e repartições públicas); e na Cidade Alta os primeiros prédios residenciais. É uma época, ainda, de crescimento econômico (para o estado), em decorrência das atividades petrolíferas:

A descoberta de petróleo em solo baiano e o desenvolvimento da economia agrícola no sul do estado com o cultivo do cacau parecem ter sido os principais fatores responsáveis pelas modificações desencadeadas na velha São Salvador. Depois de um longo período de estagnação, a partir de 50, a economia baiana retoma o seu impulso, uma vez que a Bahia torna-se o primeiro estado brasileiro a produzir petróleo. (ANCÂNTARA, COUTINHO e RUBIM, 1990, p.32).

O crescimento econômico impulsionou tanto a renda das famílias na região quanto mudanças urbanísticas. Além disso, o crescimento da renda familiar estimulou novos hábitos de lazer, de consumo e de morada. Ao mesmo tempo, as transformações impactavam (negativamente) sobre famílias e pessoas cuja renda não acompanhou as mudanças urbanas, revelando a insuficiência dos investimentos por parte do poder público para repensar a organização da cidade diante de seu crescimento:

O aumento do poder aquisitivo de determinadas camadas sociais e o crescimento populacional acentuado - muitos habitantes provêm do interior do estado, atingido nesses anos por fortes secas - provocam, por sua vez, uma alta demanda imobiliária, agitando o mercado da construção e a arquitetura baiana. Por outro lado, a pressão populacional sobre as áreas centrais e sobre os bairros já constituídos de Salvador terminou por empurrar uma parcela da população, seus setores mais pobres, para as áreas então periféricas da cidade, enquanto as regiões com melhor infra-estrutura urbana passaram a ser ocupadas pelas camadas privilegiadas. Aos mais pobres, restou a opção da periferia e das invasões, surgidas a partir dos anos 40. (ANCÂNTARA, COUTINHO e RUBIM, 1990, p.32-33).

Salvador fervilhava. A indústria crescia, cresciam os espaços e vias urbanas, mas também crescia a pobreza de muitos, o número de invasões, de pessoas empurradas às bordas. Por outro lado, o aumento do número de invasões forçava o poder público a melhorar, ainda que precariamente, a inexistente infraestrutura das áreas afastadas, o que ocasionava, lentamente, algum grau de urbanização nas áreas periféricas.

Nesse mesmo período (anos 1950), a cidade também deu vida a inúmeras manifestações culturais e intelectuais²⁶. Essa agitação cultural foi entusiasmada: com a atuação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (que passou a realizar congressos e encontros reunindo escritores, artistas e intelectuais); pela atuação do então secretário de Educação e Cultura do Estado, Anísio Teixeira (idealizador e fundador do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, conhecido como Escola Parque, que passou a ser palco de manifestações culturais e de um clube de cinema); e pela atuação de grupos estudantis, como o do Colégio Estadual da Bahia, mais conhecido como Colégio Central (local de saraus, apresentações, criação de revistas sobre o cenário cultural baiano). (ANCÂNTARA, COUTINHO e RUBIM, 1990).

Já na década de 1960, Salvador segue como palco de mudanças impactantes. Em 1960, é fundado o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), inicialmente no *foyer* do TCA, posteriormente (em 1963) transferido para o Solar do Unhão, onde está instalado até a presente data. Em 1962 é inaugurada a primeira rodoviária da capital baiana, na região da Sete Portas; e em 1964 é inaugurado o Teatro Vila Velha. Economicamente, a Bahia e Salvador mantêm o crescimento, agora não mais focado somente na indústria petrolífera, mas também em decorrência da instalação do Centro Industrial de Aratu (CIA). Os anos 1960 marcam também a verticalização de Salvador (principalmente nas regiões do Corredor da Vitória, Caminho das Árvores e Avenida Sete). Já nos anos 1970, são inauguradas grandes obras urbanísticas centradas, prioritariamente, em mobilidade e ligação de áreas estratégicas da cidade como a Avenida do Vale do Canela, Garibaldi, Centenário; Avenida Lafaiete Coutinho (mais conhecida como Contorno); os tuneis Américo Simas e Teodoro Sampaio. São do mesmo período a implantação do sistema *ferry-boat*, ligando Salvador à ilha de Itaparica (1970); a realização do Centro Administrativo da Bahia (CAB) (1972); e a Avenida Luís Viana Filho, mas conhecida como Paralela (1974).

Notamos, então, que as décadas de 1950 e 1960 concentraram modificações para a cidade nas dimensões econômica, urbanística, social e cultural. Houve alterações no ritmo de vida e nas formas de as pessoas se relacionarem com o espaço. E foi em 1950, como já apontamos, que a televisão chegou ao Brasil. A primeira emissora televisiva a chegar à Bahia foi a TV Itapoan, em 1960, pouco antes do golpe militar (em 1964).

²⁶ É na década de 1950 que é fundado, por exemplo, o Clube do Cinema da Bahia (CCB), um dos cineclubes mais relevantes nacionalmente, e que por sua movimentação, encontros e iniciativas acaba por incentivar a produção cinematográfica local e também o *cinema novo*. No mesmo período a UFBA cria a Escola de Teatro; reúne os seminários de música (que originarão posteriormente a Escola de Música); e cria a Escola de Dança, além de reformular a Escola de Belas Artes. E em 1959 é construído o Teatro Castro Alves (TCA).

Entre os anos 1950 e 1960, então, Salvador dispunha de uma crescente produção cultural local (na música, da dança, no audiovisual). Porém, com o golpe de 1964 e a repressão cultural a cena cultural é enfraquecida (nacionalmente)²⁷. Paralelo a isso, inicia-se uma etapa de concentração dos polos de produção cultural no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, o que somado à repressão militar contribui para diminuir as produções locais/regionais. Expande-se, então, a televisão com o argumento de unificação nacional.

É nessa ambiência de (suposta) integração nacional, de mudanças na configuração urbana local (novos bairros, novas vias) e na organização cultural (logo após um período de intensificação das expressões locais, seguido de um momento de predomínio de formas nacionais) que emergem as emissoras de TV no estado. Após a TV Itapoan (1960) surgem a TV Aratu (em 1969) e a TV Bandeirantes (em 1981). Em 1985, a Bahia ganhou duas novas emissoras: a TV Educativa²⁸ – gerida pelo estado – e a TV Bahia, inaugurada em 10 de março. Dois anos depois, este último veículo consegue judicialmente o direito de retransmitir a programação da Rede Globo²⁹ (MATOS, 2011) e, desde a sua inauguração, assumiu o papel de contribuir para tornar a Bahia visível para o restante do país e fortalecer sua economia, sobretudo, a partir da aproximação entre comunicação, cultura e turismo.

Vale lembrar, ainda, que a Bahia da década de 1970 – pouco antes do crescimento do número de emissoras de TV no estado – além das mudanças em sua urbanização, projetava mudanças nos rumos empresariais. Em 1972, o então governador do estado, Antônio Carlos Magalhães, institui a Bahiatursa que assumiu o propósito de “zelar e publicizar a peculiar herança africana na Bahia. A autarquia estatal foi naquele momento o órgão centralizador capaz de agenciar imagens-força da cultura negra para a atividade turística, sobretudo o candomblé e a capoeira.” (ANJOS JÚNIOR, 2007, p.08). Destacamos, também que além das ações propaladas como modernizadoras, centradas na capital, o estado era palco da ascensão de movimentos sociais, grupos e manifestações artísticas e políticas, sobretudo, ligados à cultura afro-brasileira como, por exemplo, o Ilê Aiyê, criado em 1974.

²⁷ Entre os anos 1960 e 1970 emerge o movimento Cinema Novo. Em 1969, durante a ditadura militar, é criada a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), mas a censura e a forte repressão enfraqueceram os movimentos teatrais, musicais, as publicações e mesmo o ambiente intelectual.

²⁸ Mais conhecida como TVE

²⁹ Por aproximadamente 18 anos a TV Aratu retransmitiu a programação da Rede Globo na região – mesmo sem contrato de renovação de afiliação. A situação só foi interrompida em 1987, dois anos após a inauguração da TV Bahia. À época, houve entre as duas emissoras disputa judicial pelo direito de retransmitir a programação da Rede Globo e, de tal disputa a TV Bahia saíra vencedora, o que, para os proprietários da Aratu, ocorreu em função das relações de amizade entre os senhores Roberto Marinho (então proprietário da Rede Globo) e o senhor Antônio Carlos Magalhães (político local, então proprietário da TV Bahia e ministro das comunicações). Fonte: <<http://aratuonline.com.br/historico.html>>. Acesso em: 13 set. 2013.

Nesse contexto, propalado como sendo de modernização e ascensão social e econômica, somavam-se: movimentos sociais pela defesa de direitos de cidadãos negros; grupos e manifestações de valorização da cultura afro. Havia, ainda, o desejo político de afirmação da ideia de democracia racial e de tolerância religiosa. Passa, então, a ser fomentada a aproximação entre o turismo (entendido como atividade econômica de grande potencial para a região) e as manifestações artísticas locais, em especial de matrizes afro, favorecendo a aproximação das esferas econômica e artístico-cultural no estado, o que beneficiava o setor turístico (consolidando o segmento empresarial, captando recursos, gerando receita e criando postos de trabalho) e, ainda que não de forma plena, representava um avanço social, via inserção cultural de pessoas historicamente marginalizadas por questões étnicas.

Essas mudanças proporcionam desdobramentos múltiplos para o estado e a sociedade local. Rubim (2004) afirma que nos anos 1970 acontece a “africanização” da cultura baiana:

A partir deste momento expressões como cultura baiana e música baiana passam quase a ter um sentido idêntico a noções como cultura e música afro-descendente não só para os próprios baianos, como também para os visitantes, brasileiros e estrangeiros, que acorrem à Boa Terra para ver e viver sua cultura. (RUBIM, 2004, p.05).

As novas práticas ampliaram a visibilidade dada às manifestações de origem afro-brasileira, favorecendo o combate a preconceitos, discriminações e a valorização de manifestações até então excluídas dos espaços de arte e cultura vistos como legitimados. Provocaram, em alguma medida, um deslocamento sobre as convicções artísticas e a própria estética das manifestações culturais na região. Além disso, beneficiaram também artistas que não encontravam incentivo.

Ao mesmo tempo, a forma de apropriação de tais manifestações acontece a partir de uma ótica reificadora, que coloca tais expressões como meras mercadorias entre os *souvenires* oferecidos pela Bahia. Assim, a cultura afro-baiana emerge como um artigo à venda, uma peça ou simples atrativo econômico: “A eleição do turismo como alvo estratégico de governo, a partir do segundo período, significou fazer a cultura ser subsumida pelo turismo, implicando em privilegiar aspectos folclóricos da produção simbólica popular para consumo externo.” (ALMEIDA, 2000, p. 05). Essa “apropriação” das manifestações culturais de matriz afro tornava-se também pertinente (para os grupos políticos à época), uma vez que possibilita a estes contornar ou dirimir possíveis efeitos das novas manifestações sociais em ascensão.

Estão presentes, então, na ambiência que precede a implantação da TV Bahia: 1) A aproximação entre as esferas econômica e cultural – sintetizada na ascensão do setor turístico

na região e na criação de novos órgãos (como a já citada Bahiaturisa) criados especialmente para gerenciar tais articulações; 2) O crescimento do movimento negro e o processo de “reafricanização” local (RUBIM, 2004) – acionados de forma a favorecer as ideias de democracia racial e igualdade de oportunidades; e 3) A ascensão dos meios de comunicação, sobretudo emissoras de televisão, na região. Os ingredientes nos mostram que apresentar a “nova” Bahia, propalar sua imagem festiva, exótica, pitoresca e convidativa passou a ser uma das atribuições da emissora que, rapidamente, mais cresceu no estado³⁰. A articulação entre esses elementos foi primordial para a atualização e o reposicionamento da imagem da Bahia entre os baianos e em todo o Brasil, onde se encontravam os potenciais visitantes.

De acordo com Almeida (2000, p.08) “[...] quando um governo estadual elege o turismo como alvo estratégico a ser perseguido, ele escolhe os elementos da tradição cultural que lhe convém, de acordo com seus objetivos de diferenciar o seu produto no mercado de lazer.”. No caso baiano, entre os elementos escolhidos estão as festas populares, a musicalidade, os ritos religiosos (das religiões de matriz africana) e a gastronomia. Assim, esses elementos passam a compor a agenda da TV Bahia. Aos poucos, a emissora passa a projetar uma imagem de Bahia “para turista ver”. Uma Bahia estereotipada, homônima a Salvador; em que praticamente todo homem é mestre de capoeira e toda mulher é baiana de acarajé. Todos comem acarajé diariamente e só há dois endereços possíveis: o Farol da Barra ou o Centro Histórico; e “meu rei” é pronome de tratamento universal.

Essa projeção, decerto, encontrou fundamentos em elementos reais. Ocorre, entretanto, que a forma como ela é apresentada acarreta restrições, fomenta estereótipos e intervém na vida social. Nesse caso, vemos que a TV Bahia, desde seus primeiros momentos, assume compromisso com a proposição de uma Bahia (sobretudo Salvador e Recôncavo) essencializada, focada na valorização das práticas culturais locais e não na valorização destas, além de aprisionada a parâmetros designados, sobretudo, por segmentos empresariais e políticos. A emissora assume o lugar de vitrine para os estereótipos e mercantilização simbólica da Bahia e suas produções. O poderio da TV encontra respaldo não somente em sua conotação mercadológica e econômica, mas, antes mesmo, por razão do desempenho desta na reafirmação e atualização de representações e participação na construção das esferas

³⁰ Almeida (2000) destaca que em 1976 a Rede Globo exibiu nacionalmente a telenovela Gabriela, Cravo e Canela, baseada em obra de Jorge Amado, por meio da qual expunha nacionalmente a Bahia – a partir de sua região cacaueteira. O sucesso da produção, segundo o pesquisador, era visível pelos altos índices de audiência. E a visibilidade conferida ao estado seria um dos motivadores para os posteriores investimentos do governo do estado no setor turístico. Toda a exuberância da obra de Jorge Amado, ao ganhar as telas dos lares brasileiros, teria fomentado no imaginário brasileiro o desejo de conhecer a Bahia.

simbólicas. Nota-se, então, a atuação e pertinência do fator político na configuração das produções midiáticas, em especial, televisivas.

É certo que desde a inauguração da TV Bahia até os dias correntes, os cenários políticos nacional e regional sofreram alterações. Todavia, os campos midiático e político continuam imbricados. Não somente no que se refere à configuração legal das emissoras e suas concessões (capítulo ao qual não pretendemos nos ater neste trabalho), mas também no que concerne a aproximações, filiações e, claro, às visibilidades engendradas e fomentadas.

3.7. O DISPOSITIVO EM ANÁLISE: O PROGRAMA BAHIA MEIO-DIA

Como a oferta de produções televisivas é grande, para concretizar este estudo selecionamos uma produção específica, jornalística, sobre a qual nos debruçamos: o Bahia Meio-Dia. O programa é exibido de segunda a sábado, das 12 horas às 12 horas e 45 minutos, pela Rede Bahia. O telejornal foi ao ar pela primeira vez em 1989, quando era denominado BA TV 1ª edição. A partir de 1999 foi renomeado. Como muitas das produções jornalísticas exibidas no início da tarde, o Bahia Meio-Dia caracteriza-se por uma linha editorial leve.

O horário de exibição do telejornal é um forte indicativo. [...]. As pesquisas e o bom senso indicam que aposentados e donas de casa ficam a maior parte do tempo em casa. E também que a maioria dos adolescentes, mesmo os que trabalham, costumam almoçar com a família. Sendo assim, mães, filhos e avós são uma parte significativa da audiência dos telejornais que vão ao ar do meio-dia à duas da tarde, o que justifica reportagens sobre o comportamento dos jovens, quadros fixos sobre bandas musicais, novas tribos, matérias sobre economia doméstica, saúde, aposentadoria. (BISTANE E BACELLAR, 2010, p.43-44).

Seguindo tais parâmetros, o Bahia Meio-Dia congrega matérias e boletins afeitos ao cotidiano e a presença marcante de temas amenos como variedades, clima, festas, eventos que acontecem na cidade, dicas de saúde e alimentação, economia doméstica entre outros. Entretanto, isso não elimina do telejornal a presença de questões como a violência, em muitas formas de manifestação (física, no trânsito, entre outras), mas também não é o mesmo que afirmar que tais questões, quando aparecem, sejam problematizadas ao invés de simplesmente expostas como um evento chocante, aberrante ou doloroso.

3.7.1. Caracterização do Bahia Meio-Dia

Por ser uma afiliada da Rede Globo de Televisão, a Rede Bahia segue os parâmetros estéticos e editoriais da emissora. Bistane e Bacellar (2010) descrevem o padrão Globo de jornalismo da seguinte forma:

Dos EUA a emissora carioca importou a receita do “padrão globo de jornalismo”, expressão que se traduz em qualidade técnica, cenários elaborados, imagens apuradas dos telejornais e programas globais. Fórmula que atrai críticas por buscar incansavelmente a estética, mas que, é preciso reconhecer, deu cara, rumo e fama às produções da televisão brasileira. (BISTANE E BACELLAR, 2010, p.108).

No Bahia Meio-Dia tal “padrão” é perceptível em diversos elementos: desde a aparência dos apresentadores (um casal composto por um homem e uma mulher, dentro dos padrões estéticos considerados aceitáveis para a noção de “belo” em voga), passando pelas vinhetas, cores, luzes, composição do cenário e uso de elementos gráficos e visuais.

Figura 1 – Vinheta da Rede Bahia, 2013.



Fonte: Acervo pessoal (Gravação do Bahia Meio-Dia durante 2013).

Figura 2 – Vinheta de abertura do Bahia Meio-Dia, da Rede Bahia, 2013.



Fonte: Acervo pessoal (Gravação do Bahia Meio-Dia durante 2013).

Até o primeiro semestre de 2013, o cenário do telejornal revelava vínculo com uma Bahia tradicional. O cenário continha a já tradicional (no telejornalismo brasileiro) bancada, atrás da qual posicionavam-se sentados os apresentadores. Ao fundo, o telespectador podia ver duas imagens-força da Bahia, de Salvador e da ideia de baianidade. À esquerda era exibida parte da fachada da Igreja do Senhor do Bonfim, uma das mais conhecidas de Salvador. Com suas fitas do Senhor do Bonfim, a imagem remete à tradição, religiosidade e manifestações populares típicas de Salvador e da Bahia.

Figura 3 – Cenário do Bahia Meio-Dia até o 1º semestre de 2013



Fonte: Arquivo pessoal (Gravação do Bahia Meio-Dia, 16 de maio de 2013).

À direita era ostentada imagem aérea do Farol da Barra. Assim, o telespectador era situado (na cidade de Salvador) e, ao mesmo tempo, podia ser lembrado sobre as tradições e beleza locais. Em ambos os casos, o uso de imagens reconhecíveis, amplamente associadas às tradições da região, pressupõem a identificação do telejornal com esta região, suas tradições, manifestações, crenças; resumem o sentimento de pertença e a assimilação entre a produção e a região e, por desdobramento, seu povo.

A partir do segundo semestre de 2013, entretanto, o cenário do programa passou por uma transformação significativa. A mudança aconteceu após o término da Copa das

Confederações e foi anunciada na edição do dia 06 de julho, um sábado, pela apresentadora do noticiário. O novo cenário foi “inaugurado” na edição do dia 08 de julho, segunda-feira.

Desde então, o programa ganhou aspecto mais dinâmico, tecnológico e contemporâneo. A iluminação do estúdio é mais clara, branca, e brilhante, dando uma feição de modernidade. A bancada, antes com detalhes em madeira e a região frontal opaca, em azul, ganhou a cor branca, detalhes transparentes, com iluminação logo abaixo do tampo que deixou de ser de madeira e passou a ser, aparentemente, laqueado em cinza cintilante, o que confere à peça ar além de inovador e mais leve que a bancada anterior. Além disso, notamos que os apresentadores não permanecem mais sentados atrás da bancada, mas sim de pé, o que confere a ambos maior mobilidade para circular pelo estúdio, sobretudo, durante as situações de diálogo, entrevistas com convidados e exploração de novos dispositivos tecnológicos.

Ao fundo, é possível notarmos a adição de um monitor em que os jornalistas, assim como quem assiste ao programa, veem os VTs que serão exibidos na sequência. O monitor funciona, ainda, como uma espécie de portal sempre que há um *link*. Desta forma, os apresentadores dialogam com os repórteres, ao vivo, por intermédio do equipamento, de modo que, quando os jornalistas se voltam para o monitor, tem-se a sensação de que estes ocupam o lugar de espectadores, o que pode favorecer certa identificação com o interlocutor que está em casa, acompanhando a produção.

Todo o cenário ganhou, ainda, tons mais claros, com detalhes em branco e laca, que conferem ao espaço aparência inovadora, logo, propondo uma leitura de que o telejornal está mais atual, atento às mudanças advindas do ritmo acelerado das novas tecnologias. Do lado direito do cenário (considerando o olhar do telespectador), há, ainda, uma estrutura montada a partir da soma de 09 monitores que compõem um telão. Tal estrutura é utilizada, principalmente, para exibição de matérias especiais e de grande impacto.

Por fim, mas não menos importante, notamos que os ícones soteropolitanos também mudaram. Ao lado das luzes indiretas, dos detalhes laqueados, dos monitores e dos *tablets* portados pelos apresentadores não são postas mais como compatíveis as imagens da tradicional Igreja do Senhor do Bonfim ou do mais conhecido cartão postal do município, o farol da Barra. Salvador é imagetivamente simbolizada por uma das iniciativas que mais contribuiu para imprimir a cidade na era da modernização: a Avenida Antonio Carlos Magalhães.

Assim, ao fundo, atrás dos apresentadores, no canto esquerdo, o cenário exhibe a Avenida ACM, como é mais conhecida, de um ângulo frontal, em leve *plongée*,

possibilitando ao telespectador visualizar a grandeza da avenida, em suas dimensões e organização. Importa atentar para essa seleção, uma vez que ela atua como um sintoma sobre o momento vivido pelo município e, mais ainda, pela cidade. É possível, por exemplo, retomarmos a noção de *condições de produção*, aproximando o atual momento citadino, a atual gestão municipal e as mudanças no telejornal. Em grande medida, a transformação do cenário coincide com uma pretensa transição de uma época (e uma cidade) afeita às tradições, aos afetos passados e às suas memórias para uma época de inovação, avanços e hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007). Possibilita a leitura de que a cidade caminha não para a reafirmação de tradições, mas para sua integração à lógica da transnacionalização.

Figura 4 – Cenário do Bahia Meio-Dia a partir do 2º semestre de 2013



Fonte: Arquivo pessoal (Gravação do Bahia Meio-Dia, 1º de agosto de 2013).

Ocorre, entretanto, que se regressarmos um pouco na trajetória da cidade notamos que tal elaboração não chega a ser inovadora. Se por um lado é próprio da contemporaneidade a presença das novas tecnologias, o dinamismo, as conexões rápidas e constantes – que podem ser associadas à bancada sem cadeiras, às cores e brilho da iluminação e do cenário, aos telões e *tablets*; por outro lado, o discurso modernizador parece requentado.

Na década de 1960, quando Antonio Carlos Magalhães assumiu a prefeitura de Salvador, como prefeito biônico, propalou a modernização da cidade, como já abordamos. A atualização da capital baiana estava nas novas e grandes vias e avenidas, nas ligações que

dinamizariam o centro, na ocupação de áreas antes inóspitas. Agora, a hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007) está nas fachadas suntuosas e envidraçadas, nas tecnologias de ponta, na cidade verticalizada. A imagem da AV. ACM simboliza a nova face soteropolitana. A face de uma cidade em que o empresariado prepondera sobre a própria história da cidade, que indica a prevalência da iniciativa privada e da própria dinâmica econômica e social contemporânea: direcionamento, agilidade, resultado, volume, inovação.

Quando o telejornal assume tal imagem em seu novo cenário, uma possível leitura é a de que a produção insinua que as paisagens urbana e municipal já não são as mesmas. Decerto, não pretendemos defender a idílica manutenção imaculada das tradições, mas apontar que as mudanças no cenário de um telejornal nem sempre estão dissociadas das mudanças no panorama político, econômico e social local. Ao invés disso, pode ser como um antiquado negativo e vir a revelar as novas imagens que se formam ou se propõe configurar.

3.7.2. Estrutura e Organização do Bahia Meio-Dia

A produção é organizada em quatro blocos. Os dois primeiros são exibidos pelas afiliadas da Rede Bahia, os blocos três e quatro são exibidos de forma integrada, direto da capital (Salvador) para todo o estado. Os blocos têm duração crescente, sendo o primeiro o menor, e o quarto o de maior duração. Cada um dos quatro blocos dura, em média, e respectivamente, seis, sete, onze e quinze minutos.

A configuração do jornal não é estática, todavia, ele é organizado com certa regularidade. Assim, logo na abertura, a escalada traz os fatos que serão as principais notícias do dia. Quase sempre contempla entre sete e nove manchetes, dispostas a partir da alternância entre os dois âncoras que apresentam o telejornal. As primeiras manchetes expostas na escalada, costumeiramente, abordam episódios extraordinários, que informam sobre fatos violentos (acidentes, mortes, contingências, agressões e similares), além de situações que tendem à sensibilização (como problemas ocasionados por chuvas, enchentes, incêndios e situações que podem incidir em formas abruptas de interrupção da vida humana ou da ordem corriqueira das cidades, municípios ou do estado). Na sequência, são oferecidas notícias e informes sobre variedades, cotidiano, interesses humanos ou *fait divers*, envolvendo assuntos como mobilidade, saúde, cursos, dicas de saúde e bem-estar, alimentação, entre outros.

Finalizando a escalada, são apontados os informes que expõem, de forma direta, gastronomia, entretenimento, curiosidades, lazer, arte e eventos culturais.

Isso demonstra que o jornal segue um ritmo tranquilizador, ou seja, inicia com notícias e dados mais fortes, segue para questões neutras e encerra com pautas leves, motivadoras, esperançosas, alegres ou divertidas. Durante a análise que será detalhada no capítulo seguinte, será possível ratificarmos o caráter acalentador o que, como já apontamos, não significa eliminar questões fortes ou merecedoras de atenção detalhada. Contudo, a forma como tais questões são apresentadas, assim como o espaço que tais problemáticas ocupam diante de outros temas, podem retirar das abordagens propostas a possibilidade de problematização, seja pela investida “naturalizadora” ou aparentemente conclusiva.

Como os dois primeiros blocos do telejornal são exibidos pelas afiliadas das macrorregiões do estado, no caso da veiculação em Salvador, esses blocos contemplam, prioritariamente, notícias sobre fatos e acontecimentos de alguma forma relacionados com Salvador e Região Metropolitana (isso não elimina totalmente as demais áreas do estado destes blocos). Podemos observar, a partir do acompanhamento regular da produção, que estas notícias focam em situações que podem ser classificadas, em geral, como violentas, seguidas por notícias sobre variedades e *fait divers*. Assim, apesar de o espaço em que a cena enunciativa se desenvolve ser o espaço soteropolitano, nem sempre tais fatos têm como referente a cidade.

O terceiro bloco – frequentemente anunciado pelos apresentadores como aquele bloco “agora, para todo o estado.” – dedica-se, de forma mais detida, a fatos e acontecimentos que envolvem outros municípios baianos que não Salvador e a Região Metropolitana, ou seja, dedica-se à Bahia. O acompanhamento sistemático da produção permite-nos observar que duas temáticas são recorrentes nesse momento, são elas: segurança e violência. São periódicas as notícias e informes sobre fatos violentos como assaltos, sequestros, acidentes rodoviários, mortes, tragédias, explosões de caixas eletrônicos e similares. Entretanto, como toda pesquisa impõe limites, não abordaremos aqui tais preferências, visto que, nossa análise do dispositivo Bahia Meio-Dia, tem como foco os discursos sobre Salvador.

Já o quarto e último bloco do programa veicula, novamente para todo o estado, notícias e informações sobre amenidades, os chamados “interesses humanos” (MOTA, 2012) ou *fait divers*. Assim, prevalecem notas e boletins sobre gastronomia, dicas de saúde e bem-estar,

eventos, shows, entretenimento e análogos. São comuns, também, pautas sobre curiosidades como, por exemplo, hábitos estranhos, habilidades individuais e assuntos do mundo animal.

Importa, ainda, observar que o Bahia Meio-Dia dispõe de alguns quadros estáveis como o *Desaparecidos*, o *Repórter Cidadão* e o *Música no estúdio/Convidado Musical*³¹. O quadro *Desaparecidos* é exibido sempre às quartas-feiras, com transmissão ao vivo, direto da Praça da Piedade, centro antigo de Salvador. O quadro, conforme descrição realizada pelo próprio programa, equivale à fatia de “prestação de serviço” da produção. Assume como propósito dar visibilidade a situações de desaparecimento de pessoas em circunstâncias não elucidadas. Para tanto, ele é realizado em um espaço público, aliás, uma das praças mais movimentadas da capital baiana, em que familiares e amigos de pessoas desaparecidas se encontram para solicitar ajuda na localização dessas pessoas. O quadro é realizado em parceria com a Polícia Inter-estadual (Polinter) e seus *inserts* acontecem em todos os blocos do telejornal.

Assim, paradoxalmente, é possível que se veja o que, a princípio, seria inacessível: o desaparecimento. Quando o Bahia Meio-Dia exhibe o quadro *Desaparecidos*³² o telejornal consegue tornar visíveis e dizíveis pessoas desaparecidas, das quais familiares e amigos não dispõem de informações sobre os paradeiros. Ausentes tornam-se noticiáveis. Sobre estas pessoas são ditas características, evidenciam-se dados sobre a qualidade dos relacionamentos mantidos (antes do desaparecimento) com suas respectivas famílias, assim como informações sobre a saúde desses sujeitos.

Torna-se oportuno observarmos que, em muitos casos, as pessoas anunciadas dispõem de características que, em condições correntes, excetuando-se a anomalia do desaparecimento, tornam-nas socialmente invisíveis. Nessa situação atípica do desaparecimento, paradoxalmente, a espetacularização (sobre a qual discorremos no capítulo anterior) torna visível o sujeito que “*sofre de doença mental*” ou o jovem que “*fugiu da clínica de tratamento para dependentes químicos*” ou ainda a mãe ou o pai que, há muitos anos, afastou-se dos filhos “*porque não tinha como sustentar*” etc..

Esse é um dos indícios que nos ajuda a confirmar, entre nossas constatações iniciais, que o jogo do espetáculo – do qual compartilha a produção em estudo – engendra conflitos,

³¹ Nesse caso, não há uma nomenclatura exata para o momento, bem como não há vinhetas. Entretanto, considerando a regularidade de tais ocorrências, entendemos o elemento como um quadro do programa e designamos o mesmo com base nos vocativos frequentemente utilizados pelos jornalistas para acionar tal inserção na produção.

³² O formato desse quadro é similar ao de outros telejornais, nomeados da mesma forma, e exibidos também no horário de almoço, veiculados em outros estados como, por exemplo, Sergipe, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Santa Catarina.

mas o faz de forma sutil e parcimoniosa. Ao mesmo tempo em que o Bahia Meio-Dia aponta para a leveza, para as amenidades e para a fábula contemporânea (tomando de empréstimo a fábula da globalização apontada por Milton Santos), ele também sugere algumas das mazelas da sociedade excludente que, cotidianamente – e sobretudo por meio das brilhantes imagens televisivas – tenta silenciar situações de negação de direitos à vida humana. Assim, não é possível negar que o programa exponha formas sociais contrastantes. Mas é possível questionar o tratamento dado a tais contrastes, algo que abordaremos adiante.

Outro quadro componente do Bahia Meio-Dia é o *Repórter Cidadão*. Diferentemente do *Desaparecidos*, não há dia fixo para sua exibição. O quadro pode não ser exibido por cerca de um mês e, de forma repentina, ser exibido em uma dada semana em dois dias consecutivos, por exemplo. Em suas primeiras exibições ele apresentava uma característica peculiar. As pautas do *Repórter Cidadão* eram propostas por cidadãos soteropolitanos que, indignados com algum problema na cidade – quase sempre ligado a infraestrutura – entravam em contato com o referido telejornal denunciando sua insatisfação. A produção, conforme os critérios institucionais, verificava a reivindicação e deliberava sobre sua veiculação.

Quando a reclamação era televisionada, o boletim era construído com o reclamante ocupando o papel de repórter. Assim, o repórter profissional aparecia gerenciando a encenação, enquanto o “cidadão-telespectador-reclamante” passava a ocupar o lugar de fala do repórter após ter adquirido (temporariamente) tal concessão da emissora. Ou seja, aparentemente, dava-se a voz ao cidadão que, apesar de não dispor de conhecimento técnico sobre a construção televisiva ou sobre o dispositivo telejornal, era quem elucidava os fatos.

O formato do quadro, todavia, foi alterado. Não há mais a figura do “cidadão-telespectador-reclamante”. Agora, é o repórter que ocupa o lugar do cidadão e, por isso, apresenta a partir do seu lugar (legitimado) a indignação que seria, de acordo com a produção, cabível ao cidadão soteropolitano. Neste ponto, cabe observar que não estamos avaliando se a antiga configuração do quadro possibilitava ao cidadão (que aparentemente tomava o microfone e, com isso, ocupava o posto legitimado como do repórter) ocupar, de forma concreta, o lugar de fala, o lugar de elaboração do discurso. Entretanto, a modificação na primeira configuração do quadro leva-nos a questionar sobre o que, atualmente, torna o quadro peculiar, uma vez que ele noticia algo sobre uma localidade no município a partir do lugar já institucionalizado do repórter? O que, então, diferencia o quadro das demais notas e boletins do Bahia Meio-Dia?

O quadro presentemente caracteriza-se como uma intervenção intimista estabelecida pelo repórter que o comanda. O que o diferencia é o fato de o *Repórter Cidadão* ocupar-se de situações extremas. Circunstâncias de tamanha precariedade, ausência e negação de direitos e dignidade que podem ser vistas como degradantes, depreciativas ou aberrantes. Desta forma, o *Repórter Cidadão* ocupa-se de episódios como: a rua que está há mais de dois anos alagada por um esgoto entupido; o buraco que existe, há mais de três anos, por conta do qual os moradores, aleatoriamente, foram levados a interditar a passagem de veículos; a rua em que não há fornecimento regular de água encanada há mais de um ano e similares.

Podemos inferir que se o quadro *Desaparecidos* equivale à fatia de prestação de serviço do Bahia Meio-Dia, o *Repórter Cidadão* é o equivalente à fatia *mundo cão*, mas um *mundo cão* de caráter mais asséptico que o de outras produções. Ou seja, um *mundo cão* padrão globo de jornalismo. Está destinado a abordar o *share* do social tratado como os “excluídos desnecessários” (NASCIMENTO, 2003); grupos excluídos, marginalizados socialmente, em situação extrema de negação de direitos e traz isso de forma demarcada e alegórica, uma vez que, predominantemente, as matérias do referido quadro expõem localidades do município já estigmatizadas e estereotipadas em que, quase sempre, é manifesta a insuficiência do poder público. E essa ausência é tanta que, em muitas situações, ou os cidadãos da localidade não sabem como acionar o Estado – e por isso recorrem à imprensa e aos meios de comunicação – ou, quando acionam, são negligenciados, a ponto de evidenciarem em suas falas a descrença no poder público e, com base nisso, justificarem o uso do recurso midiático.

Cabe destacar mais um elemento constitutivo da produção. Sendo Salvador propalada como a capital cultural do Brasil, a cultura, não poderia ser excluída da produção. Em sua atenção, o Bahia Meio-Dia exhibe, regularmente, um departamento musical. Assim, com frequência quase diária, há *música no estúdio* ou algum *convidado musical*. Vale destacar aqui dois pontos: o primeiro refere-se a peculiaridade de tal elemento como constitutivo do programa. O espaço é regular, com exibição cíclica, já que as exceções acontecem quando, eventualmente, não há uma atração, ao vivo. Esse tipo de componente é peculiar e, verificando rapidamente os telejornais regionais das emissoras afiliadas à Rede Globo exibido nas capitais brasileiras, é restrito ao Bahia Meio-Dia.

É possível, ainda que ocasionalmente, ocorrem entrevistas, ao vivo, com artistas globais. Tais ocorrências são comuns quando antecedem o lançamento de uma nova produção – como telenovela, minissérie ou filme, da Globo Filmes – ou quando estes artistas estão com

algum espetáculo teatral em cartaz na Bahia, mais especificamente em Salvador, em decorrência de uma turnê. Por fim, podem ser entrevistados artistas locais de projeção nacional, predominantemente ligados à música, quando da ocorrência de grandes eventos como carnaval, micaretas, gravação de DVDs e festivais³³.

O segundo destaque alude à concepção de cultura propalada pelo Bahia Meio-Dia, percebida como sinônimo de lazer, entretenimento ou linguagem artística. Notamos, portanto, a restrição desta categoria (de cultura), quase sempre associada somente às manifestações artísticas, com destaque para uma linguagem em particular: a música. Quase todos os dias há apresentação de um artista (cantor(a) solo, banda ou grupo musical). As pílulas musicais são ofertas ao término de cada bloco; e, no último bloco do telejornal, além de cantar, os artistas participantes são rapidamente entrevistados e podem informar sobre suas agendas de shows.

O acompanhamento constante do telejornal permite-nos notar que entre a semana posterior ao carnaval e o mês de julho prevalece a ocorrência de bandas, cantoras e cantores de forró (o que atribuímos a uma espécie de preparação para as festas juninas). Já entre agosto e dezembro prevalecem artistas ligados ao axé e ao pagode (que mantém atuante o epicentro da indústria fonográfica dita baiana) e, por vezes, ao arrocha e ao forró. De janeiro até o carnaval, os artistas participantes, predominantemente, têm ligação com a grande festa soteropolitana (o carnaval) e, nesse período, reforçam a ocorrência dos denominados *ensaios de verão* (preparando soteropolitanos e turistas para a festa carnavalesca).

Há, visivelmente, uma intensa associação entre cultura e mercado, entre cultura e consumo, de modo que são as manifestações agregadas a eventos calendarizados e com apelo mercadológico (e não simbólico, estético ou histórico) que ocupam o programa. Não advogamos com tal observação que tais manifestações não mereçam ser anunciadas, mas sim que, considerando a abrangência e visibilidade do programa, seria socialmente pertinente que a cultura propalada na produção não se restringisse somente a tais manifestações. A questão, portanto, não é o acesso dado a tais opções, mas o fato de o programa constituir uma agenda para a cultura (e uma noção de cultura) do estado em que parece que só há tais opções.

A cultura no Bahia Meio-Dia, portanto, é marcadamente mercantil, atrelada a economia, uma vez que é motivada por datas e eventos que, integrados ao turismo, demandam altos investimentos financeiros. É, ainda, uma cultura calendarizada, visto que, mesmo sendo as

³³ Destaque, por exemplo, para o Festival de Verão, que acontece desde 1999, em Salvador, durante cerca de 04 (quatro) dias (inicialmente eram 05 dias de festa), e é um evento idealizado e organizado pela iContente, empresa pertencente à Rede Bahia, que atua no segmento de entretenimento.

exibições de suas pílulas diárias, elas têm motivações sempre agendadas como: preparar o interlocutor para os ensaios de verão, o carnaval ou o São João.

O noticiário contempla, ainda, durante seus boletins, chamadas para outras produções globais. A maioria das chamadas anuncia o Globo Esporte e o Jornal Hoje (JH). Sobre o Globo Esporte os *inserts* e *teasers* contemplam, majoritariamente, uma modalidade: o futebol. De forma cíclica, o interlocutor é informado sobre o campeonato baiano de futebol, a copa do nordeste de futebol e o campeonato brasileiro de futebol. Os atores são, quase exclusivamente, o Bahia e o Vitória (exceto quando o assunto é o campeonato brasileiro). Já as chamadas para o JH destacam temáticas amplas, focadas em questões como educação, Sistema Único de Saúde e pautas de abrangência nacional.

3.7.3. O *ethos* do Bahia Meio-Dia

Maingueneau (2001, p.71) defende que “o *mídiu*m não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer.”. Mouillaud (2012), como já apontamos em capítulo anterior, defende perspectiva similar e afirma que o dispositivo prepara o leitor/ interlocutor para a mensagem, dá pistas sobre como devemos nos portar para a leitura. Importa, entretanto, lembrar que o *mídiu*m refere-se a um suporte, o aparato, o meio a partir do qual uma mensagem é difundida, enquanto a ideia de dispositivo contempla uma espécie de entrelaçamento multidimensional que excede o suporte e o conteúdo, contempla redes entre diferentes elementos, caracterizando um mecanismo de poder (FOUCAULT, 2011).

Os dispositivos comunicacionais, assim, alteram a forma como nos relacionamos com eles e cada um dispõe de uma espécie de gramática própria. Cada dispositivo apresenta especificidades que tanto condicionam quanto reverberam sua organização, sua maneira de dizer, aquilo que conforme Maingueneau (2001) constitui o *ethos* da produção.

Cada tipo de discurso e cada dispositivo, em linhas gerais, têm propriedades específicas. Por desdobramento, cada produção – conforme o dispositivo ao qual se filia – dispõe também de propriedades específicas. A delimitação de tais marcas favorece: a afirmação e definição de uma identidade para a produção; a distinção de tal produto em relação a outros existentes;

e atua como critério para a aproximação com o público-alvo projetado pela produção, constituindo assim o *ethos* da produção.

De acordo com Maingueneau (2001), o *ethos* revela a personalidade do enunciador, sua forma de inscrever-se no mundo, seu posicionamento. Como focalizamos aqui não uma pessoa especificamente, mas uma produção televisiva, é possível pensar que o *ethos* demarca a “identidade” da produção, define seu “tom”, sua “maneira de dizer” e sua “maneira de ser”. Revela as construções sociais valorizadas e desvalorizadas pela produção, bem como suas adesões. “A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado.” (MAINGUENEAU, 2001, p.99).

A partir de tais ideias, podemos discutir o *ethos* do Bahia Meio Dia. Para tanto, destacamos dois elementos que atuam como pistas: o vocabulário utilizado na produção; e as estratégias de aproximação presentes na enunciação dos jornalistas, em especial os apresentadores. A própria organização cenográfica, os recursos sonoros e os recursos de dramaturgia acionados pelo programa, por exemplo, apontam indícios sobre a identidade da produção. Todavia, como não temos a pretensão de esgotar no presente momento as possibilidades de análise, definimos os elementos supracitados, uma vez que estes já nos ajudarão a concretizar nossa investigação e, na sequência, acessar as unidades de análise que são as notícias propriamente. Lembramos, ainda, que o foco de nossa análise é o texto verbal, apesar de admitirmos um dispositivo audiovisual, visto que não haveria como darmos conta de elementos como imagens e sons durante uma só investigação.

Como algumas das marcas do telejornalismo são a agilidade, a abrangência e impossibilidade – em condições corriqueiras – de releitura, o *vocabulário* televisivo é predominantemente simples e acessível. São evitadas expressões rebuscadas ou que possam gerar dúvidas, tendo em vista o desejo da compreensão rápida da mensagem pelo maior número de pessoas, bem como o fechamento de um sentido preferencial. Notamos, então, que a produção, tal qual é recorrente em programas jornalísticos vespertinos, utiliza-se de um vocabulário simples, coloquial e acessível como podemos verificar nos trechos a seguir:

A2: Agora, meio-dia e sete minutos. Já, já você vai ver o show que o filho da cantora Ivete Sangalo deu em uma festa do Litoral Norte³⁴.

A2: Agora são meio-dia e onze minutos. Já, já você vai ver o amor de uma cadela por um gatinho que ficou órfão.³⁵

³⁴ Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

R (link/ ao vivo): Pois é, Sodake. Agora, nossa turma cresceu. Temos também a participação dos trabalhadores que estão aqui, construindo a Fonte Nova. O Joel tá ali do lado, mostrando que a zumba todo mundo pode aprender. Ali também o Carlos Alberto. E a galera toda ali acompanhando, ao vivo do Bahia Meio Dia aí! Pois é, a zumba tomando conta de Salvador, e, a gente mostrando *pra* todo mundo.³⁶

R (link/ ao vivo): Valeu, Joel. *Jogue duro* no exercício aí! Pois é, gente, vamos acompanhar, então? Professor, mostra mais um pouquinho da zumba pra gente ver.³⁷

A2: Agora a gente vai curtir um trechinho da apresentação da banda Eva ontem, no show de aniversário de Salvador, no Farol da Barra, com a música *É do Eva*.³⁸

A1: O Bahia Meio-Dia está de volta. Hora do almoço, Silvana. Essa hora muita gente, como se diz, tá forrando o estômago, né?³⁹

Para além da simplicidade, o uso de expressões comuns em conversas corriqueiras, assim como o uso de gírias, metáforas e diminutivos (“já, já”, “o show que o filho da cantora Ivete Sangalo deu”, “o amor de uma cadela por um gatinho”, “nossa turma cresceu”, “E a galera toda ali”, “jogue duro no exercício aí”, “a gente vai curtir um trechinho”) apontam o caráter leve e pouco afeito a formalidades da produção. Conferem ao programa um ar ligeiro, simples, informal e que denota certa intimidade. Além disso, o vocabulário coloquial opera como uma estratégia que propõe a aproximação entre a produção – por intermédio de seus enunciadore, os jornalistas – e os telespectadore. Assim, o telejornal revela o perfil de público que é projetado como alvo da produção. Ao lançar mão de recursos que apontam para aparente intimidade a produção demonstra que destina-se a um público que ela supõe que utilize em seu cotidiano expressões similares e, possivelmente, se identificará com o programa, já que as mensagens serão facilmente inteligíveis para os interlocutores.

O perfil informal que o Bahia Meio-Dia tem pode ser identificado, ainda, por intermédio das *estratégias de aproximação* propostas entre os jornalistas que compõem o programa e os telespectadore. É notória a recusa do programa ao modelo jornalístico que prima pelo distanciamento. Ao invés disso, a produção estima a proximidade e o acolhimento, fazendo-o, por exemplo, a partir do posicionamento gestual e das enunciações dos jornalistas. Especialmente os apresentadore (mas também os repórteres) mostram-se, com assiduidade, de forma sorridente. Exploram gestos, expressões corporais e faciais que expressam (de forma não verbal) suas opiniões. Além disso, é comum que os jornalistas revelem gostos e cheguem a compartilhar elementos, preferências e fatos da esfera privada para referendar algumas pautas, tecer comentários ou corroborar abordagens propostas pela produção.

³⁵ Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

³⁶ Veiculação em 22 de março de 2013.

³⁷ Veiculação em 22 de março de 2013.

³⁸ Veiculação em 1ª de abril de 2013.

³⁹ Veiculação em 07 de dezembro de 2013.

A2: Olha, Ricardo, eu que faço supermercado todo dia, da minha casa, já percebi: feijão, arroz, farinha, banana são itens que não podem faltar, mas que têm subido bastante. Pesado mesmo no orçamento. E nessa hora a dona de casa tem que ser esperta, tem que pesquisar. Veja como na nossa reportagem.⁴⁰

A1: Eu gostei da coleção de insetos. Agora, já pensou seu filho no meio daqueles carrinhos ali?

A2: Nossa, ia ser uma farra, viu! (risos)⁴¹

A2: Olha, agora a gente vai mostrar a luta de um balconista, aqui de Salvador, para conseguir fazer uma cirurgia. Há mais de um ano ele sofre com cálculo renal, que são aquelas pedras nos rins, que provocam dores muito fortes. (aponta para o colega) Você sabe disso.

A1: Nem me fale! Eu tenho cálculo renal, graças a Deus, meu caso não é tão grave assim, mas eu posso afirmar que em momentos de crise a dor é insuportável. Eu fico sempre atento porque, em algumas situações... E pode piorar tanto! Pode provocar infecções, levar até à morte da pessoa.

A2: Pois é, e, esse é grande problema, Sodake, porque, no caso desse balconista que a gente vai mostrar, o Jorge, os médicos já deixaram claro que só a cirurgia pode resolver o problema dele. Mas a operação, infelizmente, ainda não tem data pra acontecer.⁴²

A2: [...] A gente vai voltar a conversar ao vivo com a repórter Renata Menezes que já mostrou *pra* gente aí artesanato, mas tem comida típica também. *Cê* já conseguiu provar alguma coisa, Renata?

R: Ai Camila, ainda não. (risos). *Tô* trabalhando ainda não consegui, mas depois do trabalho vou experimentar muita coisa! Nesse horário! Eu que sou do interior, todo mundo que gosta de comida do interior, imagina? Tanta comida gostosa! Vou mostrar *pra* vocês. A gente *tá* aqui nessa parte, que foi reservada *pra* os alimentos, vindos todos do interior nessa feira de produtos do interior[...].⁴³

Em tais trechos podemos verificar que os jornalistas, regularmente, deslocam-se da posição de especialistas e revelam outros papéis sociais (dona de casa, pessoa interessada por determinadas curiosidades, mãe, sujeito que sofre com uma doença e por isso é empático a uma situação, o migrante etc.). Esses deslocamentos apontam para papéis sociais diversos e agregam à identificação com o público final do programa. Apresentadores e repórteres surgem como profissionais, mas também como pessoas comuns, sensíveis aos dramas ou questões que atingem a todos.

Na posição de especialistas, os jornalistas dispõem de legitimidade e reconhecimento estabelecidos a partir de critérios técnicos e profissionais. Por isso, pela posição de especialistas que ocupam, dispõem de autoridade e legitimidade para narrar os fatos dados como importantes socialmente. É a legitimidade profissional que lhes permite a ocupação de um dado lugar de fala e que confere a tais enunciações validade, mesmo quando as temáticas

⁴⁰ Veiculação em 10 de julho de 2013.

⁴¹ Veiculação em 18 de julho de 2013.

⁴² Veiculação em 21 de agosto de 2013.

⁴³ Veiculação em 26 de julho de 2013.

em pauta são sobre efemeridades, amenidades e curiosidades. O lugar de fala ocupado pelos jornalistas confere aos enunciados veiculados pela produção credibilidade e confiabilidade.

Ao mesmo tempo, a identidade pessoal emerge ratificando tratar-se de alguém que compreende as exigências da vida de mãe, dona de casa, pessoa que precisa de tratamento médico, que se identifica com a cultura interiorana etc.. Os jornalistas, então, para além de especialistas, surgem como sujeitos comuns, que se identificam com as narrativas e esta postura favorece traços como familiaridade e intimidade ao programa. Assim, os especialistas mostram-se como pessoas próximas, pares, que vivenciam aquilo sobre o que falam e isso reverbera nos sentidos propostos pelo telejornal, afinal, se somos amigos, parceiros, pares, possivelmente, partilhamos ideias, valores, crenças e queremos o mesmo para a cidade: seu bem, sua alegria, vitalidade, valorização.

Tais deslocamentos beneficiam as possibilidades de identificação entre a produção e o público conferindo ao programa além de credibilidade, humanismo e verossimilhança. Além da referencialidade os testemunhos dos jornalistas (que deixam de ocupar o lugar de mediadores e transitam entre a mediação e a dramaturgia, enquanto personagens) tornam os fatos noticiados credíveis, afinal, eles não são somente profissionais, são também pessoas que vivenciam situações como qualquer outro telespectador.

Outra estratégia de aproximação recorrente no programa é a interpelação direta do telespectador.

A1: Afinal, quem foi o melhor jogador do mundo, em 2012?

A2: Olha, pra mim, o argentino Messi! (risos) Agora, quem tem mais detalhes *pra gente* sobre os concorrentes é Thiago Mastroianni, olá Tiago, boa tarde!⁴⁴

A1: O assunto interessa agora, principalmente, às donas de casa. Até pouco tempo o tomate era um vilão aí, por causa do preço. Ainda bem o preço baixou, voltou ao normal. Mas será que você sabe escolher o tomate? Sabe armazenar e, principalmente, aproveitar todo o tomate?⁴⁵

A1: Lembra que a gente pediu a você aí de casa que mandasse aqui, *pra gente*, um vídeo mostrando sua habilidade para fazer imitação? Então, hoje, nós vamos mostrar um jovem lá de Feira de Santana que imita um motor de um carro potente. Veja aí!⁴⁶

A2: E você aí de casa, sabe fazer alguma imitação? Pode ser de um som, como o que a gente acabou de ver ou mesmo um artista famoso. Se você sabe, aproveite, grave um vídeo e mande *pra gente*. O endereço é g1.com.br/bahia. A gente faz questão de mostrar aqui, o seu talento no Bahia Meio-Dia.⁴⁷

⁴⁴ Veiculação em 07 de janeiro de 2013

⁴⁵ Veiculação em 13 de agosto de 2013.

⁴⁶ Veiculação em 18 de julho de 2013.

⁴⁷ Veiculação em 18 de julho de 2013.

A interpelação acontece, prioritariamente, pela interrogação. A produção lança aos telespectadores questões (“Mas será que você sabe escolher o tomate?”, “E você aí de casa, sabe fazer alguma imitação?”) que têm por finalidade gerar a curiosidade e o desejo de obtenção de resposta. Esta, por sua vez, quase sempre, pode ser dada pelo próprio programa, de modo que este se torna autossuficiente. Ao mesmo tempo em que lança problemáticas ele dispõe de possíveis soluções.

A2: É, tudo, quase tudo que o baiano gosta, está sim com preço mais alto. A mistura feijão, arroz e farinha também subiu de preço. Mas como economizar? Nós acompanhamos uma nutricionista na Feira de São Joaquim. Veja as dicas para gastar menos sem prejudicar a sua saúde.⁴⁸

A2: Muito desperdício! E diante de tanto desperdício, vale lembrar o nosso comportamento no dia a dia, dentro de casa, na rua. Será que você sabe onde a gente mais desperdiça água dentro de casa? Veja aí.

A1: Preste só atenção. Vamos começar pela ordem: desperdício dentro de casa, primeiro lugar: chuveiro.[...]⁴⁹

Repórter: Quando a gente chega aqui neste setor de um supermercado, o setor das frutas, a ... São muitas. E hoje a gente veio até aqui *pra* descobrir qual é o melhor jeito de aproveitar tudo que esse setor oferece gastando menos. O segredo? Aproveitar as frutas da estação. Quem explica *pra* gente é a nutricionista Marcia Magalhães. Primeira dica, observe bem: quando a produção da fruta é grande o preço é mais barato, e, elas estão mais bonitas e saborosas. Agora, por exemplo, é tempo de manga, laranja e melancia. Desta última seu Manoel quer distância!⁵⁰

Ao interpelar o telespectador a produção também se coloca no lugar de ente que conhece os hábitos e comportamentos característicos de seu público (de alimentação, comportamento, consumo). O programa, por intermédio dos jornalistas, aparece como aquele que sabe o que o telespectador costuma fazer, quais suas dúvidas, o que o telespectador gostaria de saber e, sobretudo, o que ele precisa saber. Assim, os processos de interpelação, frequentemente, associam-se ao caráter pedagógico do programa. O questionamento dirigido de forma direta ao telespectador inicia um ação didática por meio da qual este é ensinado a alimentar-se de forma saudável; fazer as escolhas que, conforme os critérios da produção, são dadas como adequadas; portar-se de forma aceitável. Assim, o programa opera a partir de possíveis identificações e da ideia de proximidade. O uso frequente do pronome de tratamento “você” propõe uma espécie de transformação do telespectador (“*ele*”, frequentemente associado à ideia de impessoalidade e indefinição de sujeito) em um “*tu*” que, ao ser interpelado, é posto em relação a um *eu* (quem interpela), mas que também ocupará o lugar de *eu* ao se posicionar diante do *tu* que o interpela, já que tais posições são sempre momentâneas

⁴⁸ Veiculação em 23 de janeiro de 2013.

⁴⁹ Veiculação em 22 de março de 2013.

⁵⁰ Veiculação em 09 de abril de 2013.

e relacionais. De tal modo, podemos ler que o programa intenta certa reciprocidade e familiaridade em função do modo de enunciação.

O caráter pedagógico da produção também é manifesto e atua tanto como estratégia de aproximação quanto como traço constitutivo do Bahia Meio-Dia.

A2: É, tudo, quase tudo que o baiano gosta, está sim com preço mais alto. A mistura feijão, arroz e farinha também subiu de preço. Mas como economizar? Nós acompanhamos uma nutricionista na Feira de São Joaquim. Veja as dicas para gastar menos sem prejudicar a sua saúde.⁵¹

R(off): A segunda dica da nutricionista é sobre o jeito de consumir as frutas.

F2 (Nutricionista): Apesar de todos os benefícios, das vitaminas, minerais, água e fibra que tem nesses alimentos, no caso as frutas, a gente deve consumir com moderação. As frutas também são fontes de açúcar, de carboidratos que, em excesso, podem subir muito a glicemia e também fazer engordar.⁵²

A1: Nas últimas semanas o que a gente mais ouviu falar foi sobre o preço do tomate que, chegou a seis reais, o quilo, aqui em Salvador. Agora, a vilã da história é a cebola. Por causa da seca e da baixa produção o preço do produto disparou.

A2: O quilo está, em média, cinco reais. O problema é que a cebola é a base pra temperar a comida, *né?* Isso sem falar que ela é rica em vitamina C, faz bem ao coração, circulação e, também, à pressão arterial.

A1: Então, como fazer pra continuar deixando a comida nutritiva e bem temperada sem gastar tanto? O Bahia Meio-Dia foi atrás dessas dicas. Veja só.⁵³

A2: O Bahia Meio-Dia está de volta, e, agora para todo o estado. A gente fala de um tipo de alimento que muita gente, às vezes, não presta atenção, mas que é muito importante no cardápio. É o suco.

A1: É, o repórter Mauro Anchieta foi conversar com uma nutricionista e traz dicas importantes pra aproveitar melhor os nutrientes das frutas.⁵⁴

Como estratégia de aproximação o programa se coloca como aquele que sabe quais questões inquietam e angustiam o telespectador. Assim, diante de fatos que podem atormentar seu público (alta de preços, dúvidas sobre cardápio e temperos) a produção cuida para acionar especialistas e apresentar alternativas para a economia doméstica, o controle do orçamento e a elaboração de receitas saborosas, por exemplo.

Além do vocabulário e das estratégias de aproximação os assuntos e pautas sobre os quais uma produção se ocupa também são reveladores sobre seu *ethos*. Entretanto, entendemos que mais que pistas sobre o perfil do programa, neste caso, as pautas e assuntos que ganham visibilidade no Bahia Meio-Dia indicam ainda sobre seu posicionamento político, seus compromissos e os sentidos que o programa propõe para Salvador. O acompanhamento regular do programa possibilitou que identificássemos perenidades e sazonalidades na

⁵¹ Veiculação em 23 de janeiro de 2013.

⁵² Veiculação em 09 de abril de 2013.

⁵³ Veiculação em 17 de abril de 2013

⁵⁴ Veiculação em 11 de maio de 2013.

produção, algumas das quais já foram citadas quando apresentamos a produção durante o capítulo anterior.

Assim sendo, identificamos 10 (dez) categorias, com base em assuntos e temas recorrentes que direcionam as abordagens da produção. Elencamos tais categorias como editoriais a partir das quais a produção estrutura sua organização e os assuntos que tornam Salvador dizível. Lembramos, ainda, que as categorias operam desdobramentos, o que possibilita a identificação de questões recorrentes e associadas a tais conjuntos. São elas:

a) *Cidade* – aborda questões já consolidadas como próprias do ambiente urbano, com destaque para dois subtemas: infraestrutura e mobilidade. As questões de infraestrutura costumam abranger a conservação das vias públicas, asfaltamento, equipamentos urbanos, acessibilidade. A temática da mobilidade aparece, predominantemente, vinculada às questões trânsito e congestionamentos e, eventualmente, aborda a questão do transporte público.

b) *Economia* – menciona temas relacionados a emprego e renda, consumo, poder aquisitivo e mercado. Desdobra-se em subcategorias como mercado de trabalho, comércio, vendas, serviços, turismo, imobiliário.

c) *Educação* – aborda o campo educacional no município, envolvendo tanto discussões sobre a Rede Municipal de Ensino quanto projetos e ações desenvolvidas no município de Salvador com foco em educação, independente da faixa etária envolvida ou atendida por tais iniciativas. Não engloba discussões sobre a Rede Estadual de Ensino ou a instância federal. Desdobra-se em segmentos como: educação fundamental, formação e qualificação profissional e cursos.

d) *Política e Cidadania* – refere-se às discussões do campo político, de forma estrita, com destaque para os Poderes Executivo e Legislativo, bem como sob perspectiva ampliada, quando aborda questões ditas como associadas a cidadania em âmbito municipal. Desdobra-se sobre assuntos como administração e gestão pública, orçamento municipal, acordos políticos, deliberações, ações da sociedade civil, protestos, audiências públicas e debates. Entendemos que o elemento política perpassa todas as demais categorias aqui dispostas. Entretanto, para fins didáticos, optamos por identificar algumas questões tradicionalmente identificadas como pertencentes ao campo político em uma categoria específica.

e) *Saúde* – compreende questões ligadas à saúde pública municipal, campanhas, informações sobre área médica e hospitalar, bem como gestão da área, atuação de planos e concessionárias em ambiência municipal.

f) *Segurança Pública e Violência* – abrange temas ligados a fatos violentos como homicídios e tentativas, agressões, torturas, abusos etc.. Abrange, ainda, discussões sobre a instituição policial e a segurança pública no município. Desdobra-se, assim, em subcategorias como violência urbana, violência policial e violência contra a mulher.

g) *Entretenimento e Lazer* – aborda ações ligados à economia do entretenimento como eventos, shows, comemorações, festas etc.. Envolve eventos ligados a linguagens artísticas como música, teatro, dança, audiovisual. Desdobra-se em subcategorias como festas, shows, festivais, festejos populares, datas comemorativas e grandes eventos.

h) *Fait Divers* – a rigor, podemos englobar as categorias entretenimento e lazer, assim como a utilitários, como *fait divers*. Adotamos, todavia, a distinção pelo fato de a categoria ‘entretenimento e lazer’ receber uma atenção especial pela produção, enquanto a categoria ‘utilitários’, como veremos a seguir, ter um cariz mais operacional. No Bahia Meio-Dia os *fait divers* desdobram-se em notícias sobre celebridades, dicas de saúde e bem-estar, dicas de alimentação e gastronomia, questões climáticas e ambientais, PETs (animais de estimação), trânsito e outros.

i) *Utilitários* – na categoria utilitários elencamos notícias e informes sobre serviços que são ofertados esporadicamente à sociedade como campanhas de vacinação, coletas de alimentos, ações pontuais de fundações e institutos vinculados à iniciativa privada ou ações de instituições de ensino que são ofertadas à sociedade.

j) *Institucional* – abrange notícias institucionais sobre a própria emissora ou suas afiliadas. Contempla informes sobre modificações na programação, atrações, prêmios, iniciativas dos acionistas que reverberam na empresa, sistema de transmissão e similares.

Lembramos que os serviços vinculados a trânsito e previsão do tempo, bem como o quadro agenda cultural⁵⁵, não são incorporados em nossa análise. Além disso, não consideramos para fins de análise quadros esporádicos, veiculados em situações específicas como o *Dançando no carnaval*⁵⁶ e o *Meu grito de independência*⁵⁷.

Observemos, então, os seguintes trechos que compõem escaladas do Bahia Meio-Dia exibidas em meses alternados:

⁵⁵ Quadro fixo que compõe o programa e é veiculado em dias de sexta-feira e sábado.

⁵⁶ Caracterizado pela atuação de professores de dança que ensinavam, durante a transmissão do carnaval 2013, as coreografias das músicas que foram lançadas naquela ocasião ou que eram candidatas a sucessos do verão 2013.

⁵⁷ Exibido durante a semana dos festejos cívicos vinculados ao 7 de Setembro, data em que oficialmente é comemorada a independência do Brasil, em que cidadãos de Salvador dirigiam-se a uma cabine montada pela produção do programa na região central da cidade para deixar seu “grito de independência” que podia ser uma denúncia, insatisfação, crítica, sugestão, mensagem ou mesmo performance.

A1: Um susto daqueles para os moradores de um prédio no bairro da Pituba, em Salvador. Uma funcionária estava fazendo ontem a limpeza do edifício quando encontrou, adivinha o quê? Uma granada!⁵⁸

A2: Exagerou nas refeições e no chocolate durante o feriado?

A1: Então você não pode perder uma receita de suco de uma nutricionista para desintoxicar o organismo.⁵⁹

A1: O estado de saúde de Netinho ainda é grave. E de São Paulo você vai saber as informações mais recentes sobre o tratamento do cantor.⁶⁰

A2: Você já comprou as delícias da ceia junina? Milho e amendoim não podem faltar! O Bahia Meio-Dia vai mostrar como estão os preços e a qualidades desses produtos.⁶¹

A1: E você se lembra do estudante de Feira de Santana que venceu o ‘Se vira nos 30’, do Domingão do Faustão fazendo imitações?

A2: O Bahia Meio-Dia quer saber se você também faz imitações. A gente explica tudo daqui a pouquinho *pra* você saber como pode participar.⁶²

A escalada do telejornal pode ser aproximada à capa de um jornal impresso. Destaca as principais manchetes e notícias, os fatos julgados por aqueles que direcionam a produção como os mais relevantes, aos quais o telespectador deve estar mais atento. Em média, as escaladas do Bahia Meio-Dia apresentam entre 06 (seis) e 07 (sete) manchetes. Destas, notamos que predominam informações sobre *fait divers* (35%). Temas sobre entretenimento e lazer, assim como fatos violentos e ligados a segurança, aparecem na sequência e constituem aproximadamente 20% das manchetes que compõem as escaladas do programa. Em terceiro lugar, aparecem temas como infraestrutura e mobilidade, que significam 13% das manchetes, e, categorizamos como constituintes da editoria Cidade.⁶³ Vale observar que durante a exibição do programa as notícias sobre fatos violentos em outras regiões do estado da Bahia que não Salvador são apresentadas com significativa frequência, o que demonstra a relevância dada a tal componente pelo programa não somente na capital, mas em todo o estado.

Tais verificações são ratificadas quando, excedendo a análise das escaladas, atentamos para os principais temas, assuntos e conteúdos abordados nos boletins, notas e reportagens desenvolvidas pelo telejornal. Para delimitarmos essas categorias utilizamos dois critérios: em princípio, a própria enunciação operacionalizada pelo telejornal que, em muitos casos, evidencia a temática/ editoria como podemos verificar nos trechos seguintes:

⁵⁸ Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

⁵⁹ Veiculação em 1º de abril de 2013.

⁶⁰ Veiculação em 11 de maio de 2013.

⁶¹ Veiculação em 14 de junho de 2013.

⁶² Veiculação em 10 de Julho de 2013.

⁶³ Vide quadros síntese ou detalhado de notícias do Bahia Meio-Dia (jan./ dez. 2013) em apêndices C e D.

A2: A gente fala agora de esporte como instrumento de educação e também de socialização. É um projeto que está mudando a vida de mais de mil e setecentas alunas de escolas municipais.⁶⁴

A1: E agora a gente bate um papo com os nossos convidados musicais, desde o começo do Bahia Meio Dia estão por aqui, Flor Serena. Verlano Gomes, boa tarde, sejam bem-vindos.⁶⁵

A1: O Bahia Meio Dia está de volta, e, a gente fala mais uma vez de saúde.⁶⁶

A1: O Bahia Meio Dia está de volta e com um assunto que diz respeito a sua saúde e a qualidade dos alimentos que você consome. Você sabia que um em cada três alimentos tem resíduos de agrotóxicos?⁶⁷

Em seguida, em casos em que a produção não declara abertamente o tema, buscamos na enunciação os indícios que indicam como a classificação pode ser realizada. Nesses casos, buscamos nos enunciados: o tema central/ chave da notícia; e o tratamento dado a esse assunto. Conta, em tais situações, não somente os índices existentes, mas o conhecimento enciclopédico de que se lança mão durante a análise. Vale, ainda, lembrarmos que o próprio processo de organização e tipificação das notícias operacionalizado pela produção é revelador. Observamos, por exemplo, que em muitos casos discussões anunciadas como de uma esfera (clima, economia, esporte) podem, discursivamente, operar dizeres sobre outras esferas (infraestrutura urbana, *fait divers*, projetos institucionais), a partir dos argumentos elencados. Adiante, atentaremos para situações como estas. Contudo, é pertinente destacar esse tipo de situação, visto que isso demonstra que, nem sempre, o fato de o programa anunciar que discorre sobre um tema implica, necessariamente, em um enunciado compatível.

Importa também atentarmos para a categoria ‘Cultura, entretenimento, lazer’. Esta categoria é presente em quase todas as edições da produção. Entretanto, nem sempre podemos dizer que sua presença está associada a uma notícia propriamente. Em muitos casos, a incidência da categoria engloba o anúncio de uma participação, ao vivo, no estúdio, de um convidado musical ou de um ator ou atriz (primordialmente contratados pela Rede Globo de Televisão) a ser entrevistado. Todavia, quando a produção incorpora os anúncios de tais participações, por exemplo, em suas escaladas, confere a tal participação o lugar de notícia. Isso é corroborado, ainda, quando observamos, durante as passagens de bloco⁶⁸, as retomadas sobre tais participações, que podem indicar, mais uma vez, o destaque dado a tais incursões na constituição do programa.

⁶⁴ Veiculação em 21 de maio de 2013.

⁶⁵ Veiculação em 21 de maio de 2013.

⁶⁶ Veiculação em 14 de setembro de 2013.

⁶⁷ Veiculação em 05 de novembro de 2013.

⁶⁸ Vide glossário.

A2: E aqui no estúdio a música fica por conta da Timbalada.⁶⁹

A2: E no Bahia Meio Dia de hoje, a nossa convidada é a atriz da Rede Globo Alessandra Maestrini, que fazia a Bozena no Toma lá, Dá cá.⁷⁰

A2: E hoje tem forró aqui no Bahia Meio-Dia. É a banda Menina Faceira que está lançando um novo CD e já está em ritmo de São João com vários shows programados para o interior do estado.⁷¹

A2: Aqui no estúdio a gente recebe Luís Caldas, que faz um show daqueles, amanhã, em Salvador, para animar a torcida de Brasil e Japão.⁷²

A2: E daqui a pouco a gente conversa mais com Daniela Mercury, que está com a gente. Mas antes ela vai cantar pra gente Vulcão, uma música antiga, hein! Agora, meio-dia e vinte minutos, a gente volta num instante só.⁷³

A2: E tem o cantor Falcão, do Guig Guetto. Ele que está de volta à banda, depois de três anos. E Falcão vai cantar pra gente agora um grande sucesso da Guig que é o arrastão da Guig. Agora meio-dia e trinta e seis.⁷⁴

Assim, tanto quando a produção informa ao telespectador sobre a presença de convidados musicais, já na escalada do programa, quanto ao retomar tais informações nas passagens de bloco, é atribuído a tais ocorrências lugar proeminente, o que possibilita a leitura de que a produção coloca tais eventos (apresentações ao vivo, no estúdio) como ressaltantes, noticiáveis e merecedores do mesmo destaque e status que as notícias, tornando tais situações fatos noticiáveis. Confere a tais inserções o mesmo caráter de “interesse público” e “interesse de público” que, a princípio, confere aos boletins e notas.

Além disso, a repetição de tais eventos na produção faz-nos defender que não somente tais participações são postas como noticiáveis, mas, são constituintes da produção, de seu *ethos*, haja vista a regularidade com a qual acontecem e o tempo destinado a tais inserções ao longo do programa. A presença de convidados musicais, artistas da Rede Globo e, eventualmente, nomes da cena artística baiana é uma espécie de traço característico do Bahia Meio-Dia, uma peculiaridade que contribui para designar o perfil do programa. Novamente, possibilita a leitura de que tal produção sugere que seu público aprecia tais expressões e considera compatível com o espaço noticioso o uso de elementos de entretenimento.

Os argumentos acessados e utilizados no desenvolvimento de pautas e temas pelo Bahia Meio-Dia, também apontam para seu *ethos*. Discorreremos sobre tais elementos adiante, ao analisarmos de forma mais detida as notícias sobre Salvador, propriamente. A partir dos elementos já analisados, podemos ponderar que o Bahia Meio-Dia, além da celeridade que

⁶⁹ Veiculação em 16 de fevereiro de 2013.

⁷⁰ Veiculação em 22 de março de 2013.

⁷¹ Veiculação em 09 de abril de 2013.

⁷² Veiculação em 14 de junho de 2013.

⁷³ Veiculação em 06 de setembro de 2013.

⁷⁴ Veiculação em 12 de novembro de 2013.

marca programas televisivos, tem como traços constituintes, ainda: a predominância dos *fait divers* – evidenciada pelas abordagens e pela distribuição de temas presentes na produção; a aproximação com a oralidade e um estilo informal – visível no uso de expressões coloquiais, nos vocativos, nos modos de interpelar o interlocutor (telespectador). Tais marcas apontam para o possível propósito de aproximação entre as instâncias de produção e recepção, entre os coenunciadores. Revelam que os enunciados propostos projetam que o telespectador idealizado pela produção utiliza-se regularmente de expressões coloquiais e simples.

Da mesma forma, quando o Bahia Meio-Dia define seus principais temas e assuntos ele se coloca como um produto atendendo a demandas de seu público-alvo. Defende, portanto, que são tais assuntos, temáticas, questões que seu público (segundo o programa) deseja conhecer. Ele estaria satisfazendo tais anseios, respondendo às faltas e incompletudes. Assim, o público-alvo do Bahia Meio Dia é definido como generalista (MAINGUENEAU, 2001, p.50). Um público que fala de tudo, não é especializado, não demonstra conhecimento particularizado em nenhuma área ou campo e, logo, a produção apresenta-se também de forma generalista. Aborda temas variados (música, alimentação, *fitness*, trânsito, festas, clima, economia doméstica etc.), mas dentro de um limite de variabilidade (vide o predomínio das variedades e amenidades); não se aproxima de argumentações especializadas; e não se ocupa de temas polêmicos ou que gerem dissensos.

Tal configuração em que, aparentemente, há um silenciamento do político, já aponta para um posicionamento político, em que determinados assuntos são dados a se discutir e outros têm menos visibilidade. Uma estratégia que é aciona, ainda, por outras produções do mesmo veículo, como o BA TV (telejornal exibido à noite) que, apesar de uma menor incidência de amenidades e curiosidades, também admite uma postura célere, pontual, em que contextualizações sobre fatos ou temas não são comuns.

O *ethos* do Bahia Meio-Dia, suas características identitárias, levam-nos a pensar sobre como delimitar ou classificar tal dispositivo. No capítulo inicial, abordamos a ascensão do infoentretenimento na contemporaneidade. Com base nisso, propomos pensar: o Bahia Meio-Dia pode ser percebido como uma produção telejornalística ou é mais condizente como exemplar de infoentretenimento?

4. O BAHIA MEIO-DIA, AS ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS MOBILIZADAS PARA NARRAR SALVADOR

Neste capítulo, aprofundamos a análise da produção televisiva Bahia Meio-Dia e elencamos as estratégias e operações discursivas operacionalizadas pela produção para dizer Salvador. Para tanto, apresentamos um balanço a partir do qual identificamos os assuntos e temas a partir dos quais Salvador é dita no Bahia Meio-Dia. Em seguida, abordamos algumas das estratégias do programa para noticiar Salvador, partindo da aplicação de dispositivos analíticos como o interdiscurso e a paráfrase.

Verificamos, ainda, como operam os interdiscursos, pré-construídos, movimentos parafrásticos e silenciamentos nas narrativas empreendidas pelo programa. Discutimos como as estratégias discursivas operacionalizadas pelo Bahia Meio-Dia contribuem para o fracionamento do território soteropolitano não somente do ponto de vista geográfico, mas, sobretudo, social e simbólico; e como a operacionalização da noção de baianidade pode ser estratégica tanto para revelar – mostrar traços de uma possível identidade baiana – quanto para silenciar. Com base em tais noções, abordamos as formações discursivas sobre as quais o Bahia Meio-Dia ancora seu *ethos* e orienta suas diretrizes discursivas. Tal caminho nos leva a ponderar sobre possíveis filiações temáticas, o processo de argumentação, adesões e pressupostos identificáveis na produção.

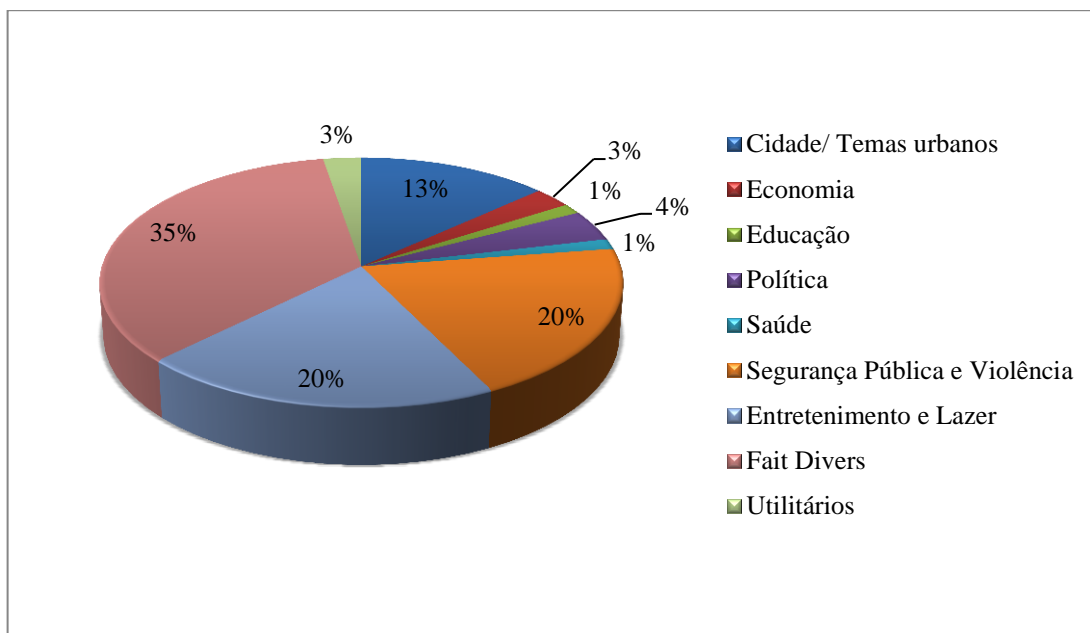
Não intentamos afirmar se tais estratégias e operações geram determinados sentidos, uma vez que não realizamos neste trabalho uma investigação sobre recepção. Operamos com a ideia de sentidos possíveis, identificando estratégias discursivas e prováveis propostas elaboradas pela produção, a partir dos gestos de leitura desenvolvidos durante a pesquisa.

4.1.O QUE DIZ O BAHIA MEIO-DIA SOBRE SALVADOR: TEMAS QUE CONSTITUEM AS PAUTAS DE UM LÍDER DE AUDIÊNCIA

Como já apontamos ao descrever o *ethos* do Bahia Meio-Dia, o programa caracteriza-se próximo a um exemplar das produções de infoentretenimento. Como tal, ele prioriza assuntos e temáticas leves, facilmente assimiláveis, que não provocam rupturas na ordem social. Isso pode ser checado, por exemplo, a partir das escaladas do Bahia Meio-Dia. Ao considerarmos

a análise de uma escalada por mês, entre janeiro e dezembro de 2013, identificamos os temas que têm incidência significativamente maior nesse espaço – que congrega aquelas que são as principais notícias abordadas na edição – o que revela o predomínio de temáticas como os *fait divers*; entretenimento, lazer; e fatos violentos, como mostra o gráfico¹ a seguir:

Gráfico 3 – Principais temas e assuntos presentes nas escaladas do Bahia Meio-Dia em 2013.



Fonte: Acervo pessoal (Gravações do Bahia Meio-Dia entre janeiro e dezembro de 2013).
Elaboração: pela autora.

Ao analisarmos, além das escaladas, as notícias veiculadas pelo programa, podemos traçar um quadro ainda mais detalhado e minucioso. Se considerarmos uma tipologia geral que organiza as notícias em dois grandes blocos (*hard news* e *soft news*), verificamos que 42% das notícias veiculadas em 2013 (216 notícias), que compõem a nossa amostragem, referem-se a temas que caracterizam, em linhas gerais, as *hard news*²; 58% das pautas (300 notícias) a partir das quais a cidade é dita, são constituídas por *soft news*³. Entendemos,

¹ Não incluímos no gráfico a categoria “Institucional”, uma vez que na amostragem composta para fins de análise não houve ocorrência de tal categoria nas escaladas analisadas. As escaladas consideradas para compor tal gráfico constam em anexo A.

² Em apêndice D há um quadro em que constam as 10 categorias editoriais a partir das quais foram classificadas as notícias veiculadas pelo Bahia Meio-Dia (durante o período de janeiro e dezembro de 2013 e conforme o critério definido para construção de amostra para esta análise). Além das categorias, o quadro revela os temas e pautas que integram tais categoriais, ou seja, subcategorias, e o número de notícias veiculadas durante o período analisado em cada uma delas.

³ Em apêndice E constam gráficos sobre as notícias e pautas do Bahia Meio-Dia durante 2013.

entretanto, que a organização entre *hard* e *soft news* não é suficiente para caracterizar o programa, visto que a tipologia em si deixa escapar o tratamento, a abordagem sobre a qual um determinado tema é exposto. Apesar disso, o maior índice de notícias leves em detrimento de abordagens questionadoras, sobre temas ditos duros já é um indício de como se organiza e a quais crenças e pressupostos direcionam o programa.

Entre as *hard news*, as três editorias de maior incidência⁴ são: Cidade e Temas Urbanos (35% ou 76 notícias), segurança pública e violência (30% ou 65 notícias) e política (14% ou 29 notícias). Observamos que entre os assuntos que constituem a editoria cidade e temas urbanos, destacam-se dois grandes eixos: as questões sobre infraestrutura e conservação (como buracos em vias públicas, calçadas e asfaltamento); e sobre mobilidade, trânsito e ordenamento (com foco em congestionamentos, fluxo de veículos em grandes vias, estacionamento e similares). É baixa a incidência de matérias que referem-se, por exemplo, aos usos dos espaços públicos, ao patrimônio material ou imaterial da região ou à forma como os cidadãos de Salvador se relacionam com a localidade. Dos 35% de matérias sobre *Cidade*, 10% (08 notícias) tangenciam tais questões. Os cidadãos surgem quase como uma extensão ou um anexo dessas questões dadas como centrais.

Já a editoria sobre segurança pública e violência centra em abordagens que podemos considerar sensacionalistas. Das 65 notícias classificadas em tal categoria 46 (70% do total) referem-se, especificamente, a fatos como homicídios, tentativas de homicídios, latrocínios, agressões e similares. As abordagens, quase sempre, centram na emoção que tais situações mobilizam e não na configuração societária que viabiliza tais incidências ou em como a instituição policial e o judiciário se comportam diante de tais situações. As outras 19 notícias (30% do total) abordam questões como o sistema de segurança pública propriamente, violência contra vulneráveis, investigações policiais e outros desdobramentos.

Já os temas associados à editoria Política ocupam a terceira posição em veiculação no programa, entre as *hard news*, constituindo 14% das notícias. Vale lembrar que compõem tal categoria as veiculações sobre protestos da sociedade civil e protestos de categorias profissionais, além da administração pública propriamente (secretarias, o executivo municipal, o legislativo). Identificamos, assim que do total de notícias categorizadas como integrantes da categoria política no ano de 2013, 38% (11 notícias) referiram-se a protestos da sociedade civil; 24% (07 notícias) a protestos ligados a categorias e classes de trabalhadores;

⁴ Vide apêndice E.

e 38% (11 notícias) ao poder público municipal, em suas esferas executiva e legislativa. Assim, se quando consideramos o quadro geral (que revela que 14% das veiculações do programa focam o campo político) a incidência de questões ligadas à administração municipal (de forma estrita) é baixa, tal frequência configura-se como ainda menor se excluirmos os índices que revelam iniciativas da sociedade civil e de grupos ligados a categorias profissionais. Isso demonstra o quanto as discussões sobre temas tidos como duros são consideradas inadequadas ou impróprias de acordo com os critérios orientadores do programa.

Tal estratégia, visível também em outras produções da emissora, ganha aspecto um tanto ambíguo. Se por um lado o campo político (de forma estrita) é deliberadamente silenciado (uma vez que faz-se presente majoritariamente como implícito), por outro lado o próprio programa emerge como uma espécie de suporte ou apoio às instituições e órgãos municipais, já que ele passa a assumir funções de denúncia, fiscalização, investigação, monitoramento. Assim, a política aparece de forma escorregadia (nas novidades para o carnaval, nas decisões e acordos sobre o novo *réveillon*, nas parcerias público-privada, nas soluções pontuais para buracos, crateras e semáforos específicos). E o programa, em certa medida, posiciona-se como uma autarquia ou órgão colegiado que dá suporte ao poder público diagnosticando as demandas cidadinas e socializando os feitos e as promessas.

Já os temas e categorias editoriais que integram as *soft news* congregam, como já apontamos, 58% das notícias veiculadas pelo Bahia Meio-Dia. Dentro desse total (58% ou 300 notícias) a incidência das notícias está distribuída da seguinte forma: Entretenimento e Lazer (que o programa trata como sinônimo de cultura) responde por 52% (ou 158) das notícias, os *fait divers* equivalem a 40% (119 notícias), os utilitários representam 6% (18 notícias) e as notícias institucionais (sobre a Rede Globo, Rede Bahia ou suas afiliadas) significam 2% (05 informes).

Na categoria Entretenimento e Lazer (a preponderante no programa) predominam as pautas sobre grandes festas, shows, eventos comemorativos e que contam com a participação das ditas celebridades, gravação de DVDs, eventos calendarizados e similares. Os *fait divers* abarcam notícias sobre comportamento, dicas de alimentação e gastronomia, moda, PETs, clima, notícias sobre as celebridades, acontecimentos inusitados etc..

Os utilitários contemplam informes breves que, como a própria nomenclatura sugere, são postos como dados úteis aos telespectadores como, por exemplo, prazos para realização de cadastros em programas sociais, prazos para revalidação de cartões que conferem o direito

ao uso da meia-passagem em ônibus municipais, serviços ofertados gratuitamente por universidades e instituições de ensino superior, entre outros. Destacamos que tais notícias, predominantemente, são apresentadas como notas, breves e simples. Logo, tem o aspecto de serviço e não de debate sobre impactos de programas sociais ou o papel das universidades ao ofertar tais acessos à sociedade (por isso a classificação como utilitários). Por fim, há as notícias institucionais, em que a emissora refere-se a si mesma, às suas afiliadas ou à Rede Globo (emissora à qual ela é afiliada) para noticiar premiações, novidades na programação, mudanças, investimentos e patrocínios.

Notamos que na constituição do Bahia Meio-Dia, sua leveza, a afeição pelas amenidades, a prevalência de fatos cotidianos são destacáveis. Apesar disso, fatos violentos e questões que tocam de forma aparente os espaços urbanos (buracos e calçamentos, por exemplo) também ganham destaque na produção. Desta forma, o programa transita entre as amenidades e o que gera emoção, mas sem necessariamente operar grandes deslocamentos – menos ainda questionamentos – já que mesmo quando aborda o que seriam (em uma perspectiva menos espetacular) temas de interesse público ele aciona elementos que não necessariamente causam questionamentos à ordem.

São noticiados fatos violentos, porém, não se discute por quais razões tais situações têm atingido patamares elevados. Ao mesmo tempo, nesse tipo de abordagem, atua uma espécie de crítica velada ao governo do estado, que responde pela segurança. A fragmentação, entretanto, que é acionada no tratamento de questões como esta (distanciando tal tema de problemáticas como as desigualdades sociais, educação, emprego e renda, modelos de consumo etc.) dificulta um olhar complexo sobre o assunto, o que inibe o debate. Noticia-se, ainda, a dificuldade para transitar na cidade, entretanto, sem questionar o modelo de transporte público ou a abrangência do sistema viário. Nesse tipo de notícia, aliás, predomina o olhar a partir da perspectiva dos motoristas de carros particulares, alçados a atores principais da cidade, enquanto o pedestre, o usuário de transporte público ou mais recentemente o ciclista ocupam os lugares de coadjuvantes na cena urbana como poderemos verificar em alguns trechos que serão analisados a seguir.

4.1.1. O bairro e a comunidade: quando as distinções territoriais sugerem distinções sociais

Em capítulo anterior traçamos um breve panorama sobre Salvador. Caracterizamos o município, em especial a área urbanizada, discutimos algumas de suas contradições, traços que particularizam a capital baiana, mas também questões que evidenciam que Salvador vive conflitos e tensões recorrentes aos grandes centros. Essas tensões e dualidades podem ser percebidas, como desde o início defendemos, na linguagem, afinal, a linguagem é admitida aqui como uma arena de disputas e o discurso como efeito de sentidos (BAKHTIN, 2006; ORLANDI, 2012). Se entre palavras e coisas não há uma correspondência necessária; e se os sentidos preferenciais (HALL, 2003) constituem-se a partir de práticas de significação que são consolidadas historicamente, nomear e adjetivar constituem possibilidades e mecanismos também de atribuição de sentidos e de valor histórico. No caso de territórios, esses processos podem encontrar alguma justificativa em características topográficas. Mas também – e mesmo sobremaneira – podem se engendrar por questões sociais e simbólicas.

No Bahia Meio-Dia os modos como o programa faz referência a algumas áreas de Salvador e, conseqüentemente, às pessoas que habitam, vivem ou se relacionam com tais áreas é, em grande medida, orientada por tais fatores. Ao narrar localidades, conforme a nomeação que estas recebem são acionados interdiscursos e pré-construídos que orientam os processos de significação dos interlocutores.

A1: Sem dúvida nenhuma. Dormir faz bem! É, sem dúvida, muito bom, principalmente, pra enfrentar as atividades do dia-a-dia, mas os moradores de uma comunidade aqui em Salvador, simplesmente, não conseguem dormir.⁵

A2: Um acidente durante a madrugada deixou parte do bairro de Amaralina sem luz. O motorista deste carro perdeu o controle e derrubou um poste.⁶

O que diferencia o bairro e a comunidade? Que elementos podem servir como marcadores para garantir tal distinção operacionalizada pelo programa? Por que ao narrar algumas localidades a nomeação como bairro e, para outros, a nomeação como comunidade? Que fatores o programas utiliza para trazer comunidade e bairro como possibilidades distintas de espaços no território soteropolitano?

Como já defendemos em capítulo anterior, partimos da noção de língua não como um sistema fechado e autônomo, mas como uma materialidade em que o discurso se apresenta,

⁵ Veiculação em 30 de março de 2013.

⁶ Veiculação em 14 de junho de 2013.

com sua historicidade. Ademais, entendemos o sujeito não de forma plena, una e absolutamente racional, mas sim como aquele que se constitui na enunciação, mas também, a partir das relações que estabelece no e com o mundo. O sujeito não é origem ou fim de um discurso, mas se constitui no entrecruzamento e nos interstícios de múltiplos discursos.

Quando elaboramos um enunciado há nele uma espécie de memória, uma memória discursiva, que mobiliza interdiscursos. Os discursos são sempre dialógicos, uma vez que acionam discursos anteriores “[...] porque quando falamos ou escrevemos, dialogamos com outros discursos, trazendo a fala do outro para o nosso discurso. [...]” (BRANDÃO, 2006, p.05). Já Orlandi (2012) associa a memória discursiva à ideia de interdiscurso:

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível [...]. (ORLANDI, 2012, p.31).

Ao narrar Salvador, o Bahia Meio-Dia aciona uma série de outros discursos sobre a cidade. E, além disso, pressupõe que seus interlocutores, os telespectadores, partilham de tais discursos, assim como de alguns pré-construídos sobre Salvador. Quando o programa distingue entre bairro e comunidade, ao fazer referência a localidades que compõem a capital baiana, encontramos um exemplo da ação dos pré-construídos e da interdiscursividade.

Observamos nas sequências apresentadas que enquanto o bairro é narrado por uma eventualidade (a interrupção do fornecimento de energia elétrica), a comunidade é dita pela ausência de condições mínimas que garantam higiene, saúde e dignidade às pessoas que a habitam. O programa parte de um já-dito que concebe bairros como espaços de certa normalidade, que dispõem de condições mínimas para a vida com dignidade (apesar de suscetíveis a contingências), enquanto a compreensão de comunidade tangencia a precariedade, a falta, a ausência de pré-condições vitais e de direitos.

A1: Um susto daqueles para os moradores de um prédio no bairro da Pituba, em Salvador. Uma funcionária estava fazendo ontem a limpeza do edifício quando encontrou, adivinha o quê? Uma granada! [...].

Repórter: A granada foi encontrada por voltas das três e meia da tarde por uma funcionária que fazia a limpeza, aqui no edifício Varandas do Nascente, no Parque Nossa Senhora da Luz, no bairro da Pituba. A funcionária desconfiou que era uma granada e chamou o síndico.⁷

Repórter: Os moradores daqui, assim como em outras comunidades de Salvador, convivem com medo da leptospirose. Uma doença transmitida pela urina do rato. Nos meses chuvosos o perigo é maior, aumentam as chances de contaminação por causa do contato com a água suja.⁸

⁷ Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

⁸ Veiculação em 29 de maio de 2013.

Observamos nos dois trechos apresentados que bairros e comunidades são ditos, também, por temáticas distintas. Um bairro pode até ser enunciado no programa através de uma situação inusitada ou exótica, como a descoberta de uma granada. Nesse caso, o tratamento dado à questão é mesmo o de fato curioso, extraordinário, vide a estratégia do jogo de adivinha utilizada na cabeça da matéria (“*Uma funcionária estava fazendo ontem a limpeza do edifício quando encontrou, adivinha o quê?*”). Já as “comunidades” surgem como cenários ou palcos para questões menos amenas, como o “medo da leptospirose”.

Retomando a ideia de memória discursiva ou interdiscurso podemos pressupor que o programa acredita que, baseados em experiências anteriores – e também no esquecimento, como veremos adiante – o seu interlocutor, o telespectador – compreende esse tipo de distinção e mesmo utiliza-se delas. Isso evidencia, como afirma ainda Orlandi (2012, p.32) que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua.” O locutor não é inaugural. Proferimos, sim, enunciados novos – já que cada é enunciado é único –, mas os discursos nele contidos encontram fundamentação, origens em outros discursos anteriores, em outras falas que não estão explicitamente reveladas. Assim, o que possibilita a discriminação entre bairro e comunidade, no programa, é a produção partir de pré-construídos, memórias discursivas que associam as comunidades à exclusão, negação de direitos, privação, violência, banalização, e atuação diminuta do poder público. A *comunidade* surge, então, como cenário para questões menos amenas:

Repórter: Carlos era primo do garoto Joel, que levou um tiro quando estava na janela de casa, em 2010, também na comunidade de Olaria. Nove policiais militares respondem pelo crime de homicídio duplamente qualificado. Três anos depois, a família sente a mesma dor.⁹

O que se diz sobre os espaços nomeados como comunidades mais que fatos inusitados, como uma granada na lixeira, são as regularidades duras, excludentes e mordazes como o convívio “com medo da leptospirose” ou a reincidência contínua da violência (“Três anos depois, a família sente a mesma dor”). Assim, está no pré-construído acionado pelo Bahia meio-Dia que ser comunidade é ser um espaço que congrega desordem, dor, doenças, o que não é saudável, o que é prejudicial à sociedade dos bairros e faz um contraponto a estes. A comunidade, portanto, é dita como o lugar da insalubridade social. Os espaços traduzidos como comunidades, surgem como aqueles em que prevalece a ausência de institucionalização, de normas, de direitos, de saúde.

⁹ Veiculação em 14 de junho de 2013.

É possível ainda que a *comunidade*, eventualmente, surja como o *locus* de fraternidade, tradição, valores antigos, solidariedade. Um refúgio um tanto idílico se comparado ao *frenesi* dos centros urbanos. Todavia, essas ocorrências são menos frequentes. Apesar disso, essa dualidade é possível, visto que, como Foucault (2008) defende, nenhuma unidade (discursiva) é realmente una, uma vez que sempre se constrói a partir de um campo complexo de discursos. Um discurso não se configura como uma elaboração homogênea e autônoma, assim, nossos discursos se organizam em um “jogo de remissões” (FOUCAULT, 2008, p.26), de modo que estamos em fluxos permanentes, pré-existentes e que, ao mesmo tempo, serão acionados novamente em um tempo futuro.

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. (FOUCAULT, 2008, p.28).

Esse *já-dito* ou *já-lá* equivale ao pré-construído que, segundo Brandão (2006), “Designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é construído pelo enunciado”. O pré-construído, como um elemento constitutivo da interdiscursividade, deixa ver que o “jogo de remissões” só é possível por ancorar-se em pré-construídos, acionado no ato da enunciação. E se esse jogo de remissões opera a partir de *já-ditos* que repousam em *jamais-ditos*, o que o Bahia Meio-Dia revela (ao silenciar) é a desigualdade admitida como constitutiva das grandes cidades, e, especificamente, de Salvador, ao tomar como pré-construído a existência de áreas que gozam do status de bairro e de outras postas pelo programa como menos merecedoras de tal nomeação.

O caráter constitutivo da desigualdade social (*jamais-dito*) pode ser observado, ainda, nos marcadores temporais. A granada no lixo do bairro (fato pontual) foi encontrada “ontem”. O medo da leptospirose é algo com que as pessoas da comunidade “convivem” sistematicamente, a cada estação chuvosa. Assim como repetidamente as pessoas das comunidades convivem com a dor da perda em decorrência de fatos violentos. Essas demarcações, a princípio territoriais e temporais, evidenciam distinções sociais:

A1: Moradores do Subúrbio Ferroviário reclamam do serviço de travessia marítima entre Plataforma e a Ribeira. Apenas duas lanchas estão em operação. Os passageiros se queixam também da falta de segurança.¹⁰

A1: Quem mora ou precisa passar de carro pela Rua Professor Aristides Novis, no bairro da Federação, em Salvador, reclama, e, cheio de razão.

A2: É que muita gente estaciona os carros em local irregular, atrapalhando o trânsito.¹¹

¹⁰ Veiculação em 16 de setembro de 2013.

Nos trechos citados acima temos a questão da mobilidade como mote. Como pano de fundo, podemos apontar o direito constitucional de ir e vir de qualquer cidadão brasileiro. Apesar da proximidade do tema, os tratamentos dispensados em ambos os casos têm algumas variações. Conforme a origem da reclamação, por exemplo, alguns sujeitos já estão, a princípio, “cheios de razão”, o que confere certa legitimidade ao pleito. Outros, ao contrário, são olhados de longe, objetivamente, são aqueles que “reclamam e se queixam do serviço de travessia ou da falta de segurança”. Nesse caso, a situação ganha certo distanciamento e, implicitamente, carece de verificação para que se saiba se tais sujeitos têm razão.

A mesma questão da mobilidade, do direito de ir e vir, do acesso e da possibilidade de circular em Salvador tem legitimidade variável, conforme o reclamante. Operar essas variações é possível desde que o enunciador parta de um pré-construído que confere direitos distintos a pessoas distintas. Sabemos que as questões ligadas às diferenças, às identidades de grupos e às individualidades têm ascendido e são, contemporaneamente, primazes nos debates sobre identidade e alteridade, por exemplo. Contudo, o direito de ir e vir, a questão da mobilidade, não está – ou em tese não deveria estar – associada a identidades de grupos. Ao contrário, se a cidadania se efetivasse de forma plena, tendo como pressuposto a igualdade de condições entre todos os cidadãos, então, todos deveriam ter asseguradas as mesmas condições para ir e vir. Se o programa consegue demarcar aqueles que se queixam e aqueles que reclamam com razão é porque, ao menos, sugere lugares de fala e legitimidades diversas para sujeitos diversos. Aparentemente, no pré-construído acionado pelo programa vigora a ideia de que lugares de fala (o que pode incluir critérios econômicos, geográficos, renda, escolaridade) constituem diferenciais para o acesso a direitos e mesmo o direito a ter direitos.

Hermílio Santos (2004) defende que a noção de cidadania está associada de forma fundante à participação na vida pública, de modo que seu exercício está atrelado a instituições políticas, econômicas e sociais. Ele lembra, entretanto, que “Os recursos simbólicos atuam como complemento aos recursos políticos, econômicos e sociais disponíveis aos indivíduos para que possam exercer satisfatoriamente sua condição de cidadão.” (H.SANTOS, 2004, p.130). Assim sendo, os programas televisivos, como produções simbólicas, implicam em manifestações que representam a percepção sobre os cidadãos. Quando o Bahia Meio-Dia lança mão de nomeações diversas a alguns espaços da cidade (o que sabemos não é uma exclusividade deste programa, mas é recorrente na produção), é uma forma de operacionalizar também uma distinção social. Dizer que neste ou naquele espaço há situações, sujeitos,

¹¹ Veiculação em 31 de janeiro de 2013.

padrões que divergem e não podem ser nomeados da mesma maneira, nem usufruir dos mesmos direitos.

Quando algumas regiões são tratadas por “bairro” o programa assume como pressuposto que aquela localidade dispõe de certo padrão societário que lhe possibilita tal status. Em alguns casos, lhe possibilita até a adjetivação (nobre) como veremos adiante. E isso seria expansível aos cidadãos daquela localidade. Já quando a nomeação é “comunidade” o programa assume que tal localidade não chega a merecer o status de bairro, mas sim, estaria em uma espécie de estágio primevo (que talvez anteceda seu amadurecimento até chegar ao grau bairro, mas tal possibilidade não tem qualquer garantia).

Vale observarmos ainda que, a princípio, um bairro seria uma região dentro de um município ou uma cidade, com certa unidade e contiguidade física. Pressupõe, portanto, a existência de uma unidade administrativa (o município) e certo grau de urbanização (a cidade). E, se pensarmos na cidade moderna, a existência desses elementos pressupõe um modo de organização societário, com regras, instituições, papéis sociais, formas de controle e regulação etc.. A sociedade, assim, conflui para uma forma de organização coletiva racional, em que prevalecem mecanismos exteriores de controle e em que importa a produtividade.

A comunidade, enquanto isso, pressupõe uma forma de organização, uma coletividade, que se diferencia da societária. Seus principais traços estariam no pertencimento e na integração (o que não significa a integração de todos, da alteridade, do plural). Hermílio Santos (2004, p.131) afirma que a tentativa de distinção entre sociedade e comunidade pode gerar a perspectiva ingênua de que “[...] a comunidade, na luta contra uma sociedade que marginaliza, seria o refúgio seguro e exclusivo para a convivência e a cidadania”. Esse olhar é tido como ingênuo, uma vez que a comunidade também pode atuar para segregar, discriminar aqueles com os quais seus membros não se identificam, não querem interagir, não admitem como semelhantes.

Quando o Bahia Meio-Dia aciona a expressão “comunidade”, observamos que, predominantemente, não é a perspectiva ingênua (que diz aquele lugar como seguro, acolhedor ou familiar) que é incorporada. O termo comunidade, ao contrário, surge para designar as áreas mais precarizadas da cidade, aquelas que convivem, regularmente, com graus ditos elevados de medo, insegurança e insalubridade. Ou seja, a comunidade designa os lugares em que os elementos básicos da sociedade (que serviriam de lastro para a constituição dos bairros, entre eles a própria noção de civilidade baseada na racionalidade cartesiana) não

chegaram. Consequentemente, designa os locais em que a cidadania é pouco efetiva e, por conseguinte, os sujeitos marginalizados. Marginalizados, nesse caso, não necessariamente por estarem nas áreas geograficamente periféricas, mas por estarem à periferia societária; à periferia dos resultados dos ditos progressos sociais, tecnológicos e urbanísticos, à margem dos bens públicos e dos projetos de requalificação urbana e social.

4.1.2. O poder público municipal: dizendo o campo político da Soterópolis

Como já abordamos em capítulo inicial, pensar a autonomia do campo midiático, tendo em vista as relações de poder mantidas entre empresas de comunicação, patrocinadores e instância política, não é uma tarefa simples. O campo político, ao mesmo tempo, não quer afastar-se completamente do campo midiático, já que a visibilidade oportunizada por este último pode, se bem administrada, favorecer os posicionamentos e o jogo de imagens (THOMPSON, 2012). O Bahia Meio-Dia, como destacamos no capítulo dois, é uma produção da Rede Bahia. A emissora, por sua vez, tem a maior parte de suas ações em posse da família Magalhães, politicamente influente na Bahia e que tem hoje um de seus membros, Antonio Carlos Magalhães Neto, à frente da prefeitura de Salvador.

Essas relações, minimamente, podem ser observadas a partir de três perspectivas: as interações entre os campos político e midiático – ambos palcos de forças e pressões internas e em relações com o exterior, a partir das quais se influenciam. Não há, por exemplo, como pensar hoje a política afastada do campo midiático, em uma ambiência de midiatização. Ao mesmo tempo, o próprio campo político passa por uma série de modificações, a fim de atender aos critérios da espetacularização. É possível observarmos tais interações, ainda, sob a ótica legal, visto que, apesar de o direito de utilizar um canal para a transmissão de programação ser originário de uma concessão pública (temporária), alguns usos evidenciam relações de personalidade que, em alguma medida, podem favorecer a gestão de imagens. Por fim, podemos notar tais relações, especificamente, a partir de aproximações entre o campo midiático e o poder público municipal, em especial – mas não somente – o poder executivo. Deter-nos-emos, então, nessa terceira perspectiva.

O *ethos* do Bahia Meio-Dia congrega a despolitização como uma de suas características. Há, por exemplo, baixa incidência de informes sobre as esferas deliberativas dos poderes executivo e legislativo municipal no programa. Ao mesmo tempo, prevalecem os *fait divers*,

as notícias sobre entretenimento e as curiosidades, corroborando o caráter coloquial e ameno do programa. De acordo com Matos (2009), a despolitização do jornalismo é uma tendência crescente no jornalismo da Rede Globo, vide, por exemplo, a monofocalização das fontes, a mistura de notícias boas e ruins ou mesmo os padrões comportamentais dos jornalistas, cada vez mais leves, amistosos, sorridentes (ainda que de forma discreta).

Apesar disso, não é possível que se excluam totalmente determinados assuntos ou temas do mundo televisivo, em especial, do espaço jornalístico. Charaudeau (2012) nos lembra que cada gênero dispõe de certas bases. Partilhamos (produto e interlocutores) o que seria um contrato de comunicação. No caso de um programa que se apresenta como um telejornal, tal qual o Bahia Meio-Dia (ainda que possamos considera-lo muito mais próximo de um exemplar de infoentretenimento, oficialmente, ele se define como uma produção jornalística) é de se esperar, ou seja, está no contrato, que temas como política apareçam. Assim sendo, como apresentar os problemas e conflitos de Salvador sem macular a imagem de alguns grupos políticos? Como equacionar uma espécie de dureza e seriedade, tidas como imanescentes ao campo político – e a leveza exigida pelo *ethos* da produção? Como, em uma ambiência em que o estado de exceção assume o lugar de norma, suavizar as responsabilidades do poder público, ao mesmo tempo em que são ditos visíveis conflitos sociais, políticos e econômicos?

O acompanhamento regular do programa leva-nos a verificar três estratégias acionadas para solucionar tais questões pelo programa: 1) o destaque ou enumeração dos feitos – a partir de comprovação imagética de atitudes e ações e da fiscalização operada pela instância midiática; 2) a promessa; e 3) a terceirização e individualização das responsabilidades.

Evidenciar os feitos, por meio da comprovação imagética de atitudes e da suposta fiscalização operada pela instância midiática, possibilita tanto a validação do veículo e do programa – que apresentam-se como atentos às demandas sociais – quanto a legitimação da atuação do poder público municipal.

A1: Olha só, a gente mostrou semana passada, aqui no Bahia Meio-Dia, as dificuldades enfrentadas por um cadeirante para conseguir se locomover aqui em Salvador. Seu Afonso precisava de ajuda toda vez que tinha que usar esta rampa da Avenida Vasco da Gama, que era muito inclinada, ou então, dar uma volta enorme pelo canteiro central para conseguir atravessar a avenida. Depois que a reportagem foi ao ar nossa equipe voltou ao local e olha só o que a gente encontrou: rampas novinhas em locais onde não havia o equipamento. A outra que ele não conseguia subir, continua lá, do mesmo jeito.¹²

A1: A gente mostrou ontem, aqui no Bahia Meio Dia, uma passarela que foi construída na Avenida Tancredo Neves, aqui em Salvador, mas que nunca havia

¹² Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

sido usada pelos pedestres. Olha ela aí, oh. Ela começou a ser erguida em 2011 para facilitar a vida de quem precisa atravessar esse cruzamento entre as avenidas Magalhães Neto e Tancredo Neves, que é bastante movimentado. O problema é que, apesar de estar aparentemente concluída, a passarela nunca foi liberada para a população. Nós mostramos o caso ontem e hoje, veja só, a passarela foi liberada. De manhã já tinha gente atravessando por ela. Mas observe que pelo menos até hoje de manhã ainda não havia lâmpadas para iluminar o caminho dos pedestres durante a noite.¹³

A2: Um outro problema que já foi resolvido é aquele buraco que a gente mostrou ontem, na Avenida Paralela, lembra? O buraco abriu na pista durante a chuva de domingo, mas ontem ficou ainda maior. Muitos carros não conseguiram desviar a tempo e acabaram furando os pneus. Segundo a TRANSALVADOR, cinquenta e cinco carros foram danificados por causa do buraco. Hoje de manhã nossa equipe voltou ao local e encontrou situação bem melhor. O buraco estava completamente tapado para alívio dos motoristas.¹⁴

Nesses informes, o Bahia Meio-Dia coloca-se como um ente fiscalizador que identifica os problemas do município (a falta de rampas de acesso para cadeirantes, a passarela que não funciona, o buraco em vias movimentadas), propõe uma espécie de constrangimento (momentâneo) ao poder público (a partir da exposição de tais situações) e consegue obter resultados. Observamos que em nenhuma das abordagens o programa informou, minimamente, aos seus interlocutores – os telespectadores – quais órgãos e instâncias municipais têm responsabilidade sobre tais questões. Não informou, também, sobre a existência de planos ou projetos para o enfrentamento de tais questões em longo prazo, dando a entender que os problemas apresentados eram pontuais, foram plenamente resolvidos e, portanto, Salvador não mais sofre com tais enfermidades.

Ao operar desta forma, o programa aciona um pré-construído que favorece a descrença em instituições fiscalizadoras ou mesmo na administração pública. Tapparelli, Cordeiro e Almeida (2008) realizaram pesquisa sobre a percepção da população de Salvador acerca das instituições públicas que atuam em assuntos ligados a justiça criminal e aos direitos do cidadão e identificaram que, para os entrevistados, a mídia é a segunda instituição mais credível e eficiente, perdendo somente para a religião¹⁵. As enunciações elaboradas pelo Bahia Meio-Dia podem reforçar esse tipo de julgamento, uma vez que tanto não destacam quais possibilidades os cidadãos soteropolitanos teriam para legalmente solicitar a regularização de tais situações, quanto apresentam-se como satisfatórias – já que os problemas são, de acordo com o programa, rapidamente resolvidos a partir de sua intervenção.

¹³ Veiculação em 21 de maio de 2013.

¹⁴ Veiculação em 21 de maio de 2013.

¹⁵ Os índices de aprovação, ou seja, que avaliação como eficiente das instituições sobre as quais se perguntou na pesquisa foram: sobre o sistema penitenciário, entre os entrevistados, somente 9,4% consideram-no bom; sobre o judiciário, a aprovação chega a 11,1%. A defensoria pública é avaliada positivamente por 27,9%, enquanto o ministério público obtém 28,5% de aprovação. A mídia tem sua atuação classificada como bom por 60% da população e a religião atinge o maior nível de aprovação: 76,9%.

Para construir esse tipo de enunciação, o programa aciona e realiza processos parafrásticos. Para Orlandi (2012, p.38) “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo [...]”. A polissemia, por outro lado, gera deslocamento, ruptura, de modo que podemos dizer que a paráfrase joga com os fechamentos e estabilizações de sentidos, enquanto a polissemia joga com as mudanças, as rupturas e possibilidades. Em uma ambiência de descrença ante o poder e as instituições públicas, um programa televisivo afirmar que, a partir de suas enunciações, problemas urbanos são resolvidos – e de forma rápida – pode favorecer a estabilização de ideias como as que valorizam a mídia e depreciam as instituições públicas. Pode, ainda, corroborar a percepção de que para que se consiga resolver um problema urbano é mais produtivo acionar a mídia que os órgãos legalmente responsáveis pela manutenção de tais serviços, por exemplo.

Cabe pontuarmos também, e sobretudo, o apoio no intradiscurso (o discurso operando sobre si mesmo, apoiado em pré-construídos) do programa à atual gestão à frente da prefeitura de Salvador. Mas antes de discutirmos esta questão, propriamente, vale retomarmos as ideias de Orlandi (2012) que afirma que o trabalho do analista de discurso é buscar vestígios, pistas nem sempre evidentes na superfície textual:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2012, p.30).

Os gestos de leitura do analista de discurso, portanto, devem exceder as margens do texto, recorrer a seus conhecimentos de mundo. Entretanto, não de forma subjetiva ou espontânea, mas sim ancorada em pressupostos teóricos e analíticos, desde a definição do *corpus* da pesquisa:

Nesse processo de escolha, o analista deve estar consciente de que a construção do *corpus* acontece a partir de suas indagações, suas posições, é, enfim, de sua responsabilidade. Portanto, assumimos aqui a impossibilidade de neutralidade do analista, posto que, enquanto sujeito, também este aciona os “gestos de leitura”. Vale assinalar, entretanto, que a diferença fundamental entre o senso comum e o exercício do pensar acadêmico é que, em seu gesto de leitura, o homem comum é afetado sobretudo pelo dispositivo ideológico, enquanto do analista espera-se um gesto sustentado pelo dispositivo teórico. (ORLANDI, 2000 apud MATOS, 2009, p.126).

Um dos conceitos primazes à AD, como pontuamos em capítulo anterior, é o de condições de produção. Tal noção abarca tanto o contexto imediato em que se dá uma

enunciação – quem fala, o espaço físico, em que circunstâncias – quanto a historicidade que envolve aquele dizer. A gestão municipal que antecedeu o atual alcaide, ACM Neto, esteve sob o comando de João Henrique Carneiro. No segundo semestre de 2011, o então prefeito tinha sua gestão avaliada como negativa por 45% dos soteropolitanos¹⁶. Em setembro de 2012, o índice de reprovação chegava a 67%¹⁷. Boa parte dessa reprovação advinha da sensação de ausência de gestão que a capital baiana vivia, vide, por exemplo, o aumento dos índices de violência, os incompletos projetos de requalificação da orla marítima, o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), a ausência de investimentos em projetos de desenvolvimento social (em âmbito municipal), entre outros. Assim, logo que assumiu a prefeitura, ACM Neto passou a propalar os objetivos de revitalização da autoestima do soteropolitano e da própria cidade. Para tanto, o recém-eleito prefeito propalava ações, atitudes, execução¹⁸.

É partindo de um cenário em que a descrença no executivo municipal mostra-se grande e difusa que o Bahia Meio-Dia pode passar a enunciar realizações pontuais, pela cidade (a rampa inadequada que é substituída por uma mais funcional, na Avenida Vasco da Gama; a passarela interditada que passa a poder ser usada, na Avenida Tancredo Neves; o buraco que é tapado rapidamente após denúncia midiática, na Avenida Paralela) como fatos noticiáveis conquistas da população que, segundo o programa, elegeu alguém com capacidade de realização ou, como gostava de afirmar o antigo prefeito, alguém que torna os projetos exequíveis.

O tamponamento de um buraco, a liberação de uma passarela ou uma nova rampa de acesso a cadeirantes são obras alçadas ao grau de notícias vigorosas e conquistas sociais, em grande parte, em decorrência das atuais condições de produção. Imaginemos, por exemplo, que as vias públicas de Salvador dispusessem de asfalto sem buracos, calçadas e passeios satisfatórios para todos os cidadãos, passarelas bem conservados. Nesses casos, algumas dessas realizações não encontrariam lastro para emergir como realizações significativas, não

¹⁶ Disponível no endereço: <<http://bahia-ja.jusbrasil.com.br/politica/6427536/joao-henrique-continua-como-penultimo-da-fila-em-pesquisa-datafolha>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

¹⁷ Disponível em endereço: <<http://m.ibahia.com/single-mobile/noticia/joao-henrique-e-o-terceiro-pior-prefeito-entre-as-capitais-brasileiras-segundo-ranking-do-ibope/>>. Acesso em 13 jan.2014.

¹⁸ Isso pode ser notado a partir de trechos de entrevista concedida pelo então recém-eleito prefeito, ACM Neto, ao Bahia Meio-Dia. A entrevista foi transmitida, ao vivo, no dia 24 de dezembro de 2012. Na ocasião, ACM Neto realizou declarações como: “[...] Normalmente, nesse período de festa, as pessoas... Desaceleram um pouquinho. Eu, pelo contrário, tô cada vez intensificando ainda mais o trabalho [...]”; “Nós começamos um diálogo com o governador Jacques Wagner. Aliás, diálogo que vem transcorrendo, né... Com muita eficiência [...]”; “Olha Camila, eu acho que a gente vai mostrar, a partir do dia 1º, que Salvador vai ter um governo!”.

chegariam a feitos noticiáveis. Vale ponderarmos que tais realizações, de fato, geram impacto para a cidade. Entretanto, tornarem-se destacáveis é dado como algo pertinente porque dispomos de um cenário e de condições de produção em que a aparente ausência do poder público, a aparente inoperância municipal, é desmesurada, a ponto de o cidadão considerar tais ações (pontuais) pujantes. Ademais, é enquanto destaca esse tipo de realização pontual e cala qualquer discussão sobre se, afinal, esse tipo de iniciativa é o bastante para o município que o programa efetiva seu apoio à atual gestão e tece, implicitamente, a crítica a outros gestores.

O programa realiza outros movimentos parafrásticos a partir dos quais evidencia o que seria, na perspectiva do programa, atribuição do poder municipal ou uma gestão eficiente. Aqui lembramos que o trabalho de análise discursiva intenta não aprisionar os sentidos, mas perceber sentidos possíveis a partir de discursos. Para tanto, recorreremos, constantemente, a processos parafrásticos e polissêmicos.

Nesse caso, quando o Bahia Meio-Dia enumera realizações e obras como grandes feitos da gestão atual, por um movimento parafrástico, fica presente nessas enunciações que boas gestões realizam obras. Não importam quais obras ou suas proporções. Importante é que existam obras. Da mesma forma, é possível observarmos o movimento parafrástico que o programa opera sobre si mesmo, uma vez que retoma temas, assuntos, questões que o próprio programa já enunciou em outras ocasiões.

Como, entretanto, não é possível satisfazer todas as demandas municipais a partir de medidas pontuais – e seria ingênuo acreditarmos que tais medidas são o suficiente para gerar na população o “efeito de real” de que o poder municipal tem agido sistematicamente e enfrentado, de forma ampla, os problemas do município – importa lançar mão de alguma outra estratégia (além da comprovação imagética das atitudes e ações pontuais) para dizer os conflitos mais graves. Assim, emergem as promessas:

F5 (ACM Neto – prefeito de Salvador): Nós estamos, é... já implantando, ah... Em seis escolas da rede municipal, esse ano, o programa aluno em tempo integral, em caráter experimental, é... Ele tendo êxito a ideia é que ainda esse ano a gente possa estender para outras escolas da rede, e, que a gente comece a implantação dos centros de educação integral. (corte). Porque com o tempo a gente vai transformar a educação pública em Salvador.¹⁹

Em tais ocasiões a atuação municipal passa a ser projetada para o futuro, como um dever. Assim, a educação será modificada se um programa específico, momentaneamente “em

¹⁹ Veiculação em 18 de fevereiro de 2013.

caráter experimental”, obtiver os retornos esperados (que não se sabe exatamente quais são, já que a reportagem não informa). Ou ainda, os órgãos públicos farão inspeções para definir, talvez, se a área merece atenção mais detida. Estas promessas, de forma imediata e distinta dos feitos (as realizações pontuais), apontam não para feitos concretos, mas para possibilidades. E, além disso, sinalizam que todo dito remete a um não dito. Orlandi (2012) defende que “o dizer tem relação com o não dizer”. Esse não dito pode ser identificado de diferentes formas: o pressuposto (que deriva da própria instância da linguagem) e o subentendido (ancorado no contexto).

Esse tipo de implícito que se evidencia pelo confronto do enunciado com o contexto de enunciação, postulando-se que as leis do discurso são respeitadas, é denominado **subentendido**. Em geral, opõe-se o subentendido a um outro tipo de implícito, os **pressupostos**, que vêm inscritos *no enunciado*. (MAINGUENEAU, 2001, p.33).

Assim, ao dizer que talvez o programa de educação em tempo integral nas escolas da rede municipal obtenha resultados satisfatórios e seja ampliado a outras instituições, está no não dito proferido pelo poder público e propalado pelo programa que hoje não se tem certeza da qualidade e viabilidade do projeto. E, no subentendido (contextual), a ideia de que a educação municipal é, sabidamente, insatisfatória.

Os ditos e não ditos relacionam-se, também, aos esquecimentos. Orlandi (2012) afirma que há duas formas de esquecimento. O esquecimento enunciativo (número dois) confere a sensação de que aquilo que se diz só pode ser dito daquela forma. O esquecimento enunciativo: “[...], nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, [...] estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa.” (ORLANDI, 2012, p.35). O esquecimento enunciativo, desta forma, é em grande medida responsável pelos movimentos parafrásticos, já que ao dizer desta forma e não daquela, acreditamos que será mais viável, haverá maior probabilidade de chegarmos ao sentido desejado, ou seja, de realizarmos uma comunicação mais transparente. A segunda forma de esquecimento é o esquecimento ideológico (número um). Diferente do esquecimento enunciativo (que é semiconsciente), o ideológico é inconsciente.

[...] resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. (ORLANDI, 2012, p.35).

Os esquecimentos, logo, são constitutivos dos discursos e dos processos comunicativos. Seria impossível, por exemplo, necessariamente, nos remetermos – de forma consciente – à origem de todo discurso em qualquer ato enunciativo. Contudo, entendemos que os sentidos

não são “[...] determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história [...]” (ORLANDI, 2012, p.35), mas semi-determinados, já que se houvesse uma determinação perfeita, irretocável, teríamos somente movimentos parafrásticos e não polissêmicos, ou seja, não haveria a possibilidade de ruptura. Nesse caso, estaria admitido que o sujeito fosse absolutamente passivo, sem individualidade e mesmo sem lastro para propor sentidos.

F3 (Paulo Fontana - Secretário de Infraestrutura): Nós vamos visitar essa é... a área, essa área. E nós vamos convidar, mais uma vez, aquelas pessoas que *tão* morando em área de risco pra que se desloquem, desloquem pro Programa Minha Casa Minha Vida.²⁰

O dito (que será feito um convite para que pessoas que têm suas casas em áreas de risco se desloquem para outros espaços que, fica no subentendido, são mais seguros) leva-nos a um não dito como: Salvador é uma cidade em que há muitas pessoas habitando áreas de risco e o poder público, ao invés de agir de forma preventiva, atua em uma perspectiva reativa. O não dito, nesse caso, revela ainda de forma intradiscursiva a regularidade que tal situação tem, ou seja, não é algo dado como excepcional ou contingente, mas perene. E pode, ainda, trazer à tona o pré-construído que reconhece que as cidades são espaços de estratificação social, identificável, por exemplo, pela distribuição, acesso e uso do solo urbano.

Outrossim, quando o secretário de infraestrutura, por exemplo, afirma que a secretaria convidará os moradores de áreas de risco a se retirarem de tais locais fica subentendido que o poder público desejaria que as pessoas não estivessem ali. Todavia, as pessoas não aceitam o “convite” e insistem em permanecer nas regiões comprometidas. Ou seja, a falta é transferida aos moradores e não à insuficiência ou carência de continuidade das ações municipais ou às condições nas novas moradias (como localização, acesso, qualidade das obras, instalações elétricas e hidráulicas etc.). Além disso, o dito apresenta as ocupações irregulares como uma espécie de consequência originária de ações mal planejadas por parte dos moradores de tais áreas, o que é recorrente nas abordagens sobre situações similares.

Repórter: Com a chuva que cai há uma semana em Salvador, cento e trinta e cinco famílias já foram notificadas pela Defesa Civil pra sair de suas casas. O perigo nas encostas é uma ameaça em mais de quatrocentas áreas consideradas de risco. Um problema que, na maioria das vezes, começa com o corte irregular do terreno. É o caso deste aqui, no bairro de Brotas, apontado pelo engenheiro civil Luís Edmundo.

F1 (engenheiro civil): Aqui em Salvador a gente tem um, uma grande quantidade de área de risco criada pela população que ocupa de forma desordenada, e, fazendo algumas coisas irregulares. Por exemplo, a gente tem aqui atrás um grande exemplo de um corte feito no, pelo talude, que é a região mais crítica, e, que expõe risco à casa superior, de cima, como também a que for colocado, posteriormente, nesse local.

²⁰ Veiculação em 26 de fevereiro de 2013.

Repórter: No alto da encosta fica a casa de seu Jonas. Há dois anos, desde que começaram a escavar o terreno na parte de baixo, o mestre de obras está preocupado.

F2 (mestre de obras): Fiz a contenção, de quatro metros de fundura, fui lá embaixo no solo, cavei, botei sapata de fora a fora, isso foi em 2009. Fiz a contenção, é, uma cortina de concreto até um metro e meio de altura, de um metro meio foi bloco deitado, e, revestido com massa. E em cima corri um vigamento pra cá e pra lá.

Repórter: Seu Jonas agiu corretamente?

F1 (engenheiro civil): Sim, ele já tem experiência, como ele já falou, ele já tem quarenta anos de mestre de obras, já tem um pouco de experiência. Mas seria interessante que ele tivesse também um acompanhamento técnico, de um técnico, um arquiteto pra o dimensionamento. Mas o corte de lá de baixo, se vier a dar um deslizamento, pode atingir a casa dele mesmo com todo o reforço que ele fez.²¹

De fato, a área pode ter sido ocupada irregularmente, sem projeto ou condições mínimas de urbanização etc. Entretanto, a ocupação irregular de áreas da cidade é real e ocasionada, inclusive, pelo crescimento desigual da cidade, bem como pela ausência de políticas habitacionais no município. Podemos observar, ainda, que o problema das áreas de risco é dado como algo que nasce “no corte do terreno” e não na distribuição da terra urbana. Assim, pelo enunciado do programa, que se ancora na legitimidade de um especialista em engenharia civil, quem suscita os problemas de deslizamento, desmoronamentos etc. são as pessoas que precisam morar em tais condições – precárias – e não a ausência de uma política habitacional mínima (mesmo quando, inclusive, não são os moradores os responsáveis pelos cortes pelos taludes). Ou seja, os cidadãos de tais áreas são dados como inconsequentes ou, no mínimo, pouco cuidadosos (ainda que façam contenções, fundações e cortinas de concreto) e não como sujeitos que, diante da ausência da possibilidade de habitar uma casa em uma área minimamente urbanizada, pela qual responda o poder público municipal, se vêm obrigados a usar de criatividade para constituir uma habitação. Questões, portanto, como a especulação na distribuição e uso do solo, renda etc. não são tangenciadas pelo programa, como se morar em áreas de risco fosse meramente uma opção de vida.

Revela-se, ainda, no trecho um exemplo de como opera a relação saber-poder. Vale ponderarmos, rapidamente, que as discussões sobre as relações saber-poder são recorrentes na análise de discurso que chamaremos aqui de pós-estruturalista. Entretanto, acreditamos que as linhas não necessariamente sejam excludentes (francesa, pragmática, pós-estruturalista), uma vez que, em alguns casos, elas podem deslocar seus olhares para elementos que geram complementariedade e mesmo novas possibilidades de estudo. Vale, decerto, perceber os pontos de divergência, mas se um dos desafios da contemporaneidade é o pensamento

²¹ Veiculação em 25 de abril de 2013.

interdisciplinar, então, vale também o exercício de tentar apreender como tais linhas podem, em dados ocasiões, ser articuladas.

É nesse sentido que apesar de as elaborações sobre as relações saber-poder não serem constitutivas da AD francesa, as trazemos, ainda que de forma breve, para esta discussão. Podemos, então, retomar aqui a ideia de que “O discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente.” (BRANDÃO, 2006, p.07). No discurso, logo, o fator legitimidade ganha relevância. No texto acima, materialidade do discurso do Bahia Meio-Dia, fica evidente a relação saber-poder a partir dos lugares de fala ocupados pelas personagens: um engenheiro civil e um mestre de obras.

Foucault (2008) afirma que em algumas ocasiões as origens de determinados discursos são quase indecifráveis ou irreconhecíveis. Em outras, entretanto, é possível identificar algumas origens discursivas com um pouco mais de facilidade. Isso pode ser influenciado pelas condições de produção de um dado momento, pelos paradigmas que orientam uma sociedade, a “tábua do tempo”. No discurso do Bahia Meio-Dia notamos o quanto o discurso científico (do engenheiro civil) é tomado como o legítimo, mais credível, enquanto o discurso técnico de um profissional sem formação em nível superior (do mestre de obras), com “um pouco de experiência” (somente 40 anos), é dado como menor.

Se observarmos, por exemplo, a fala do mestre de obras notamos que ele demonstra ter realizado um planejamento para sua construção, assim como o fato de ele dispor de conhecimento técnico para manipular recursos e materiais para empreender sua construção. Entretanto, esse tipo de conhecimento, considerando o paradigma vigente e as atuais condições de produção (a legitimidade da ciência); e de forma mais específica, considerando a ambiência da especulação imobiliária e dos grandiosos projetos urbanos, não está ancorado no tipo de saber reconhecido como de maior legitimidade. Assim, além de responsabilizar o cidadão pela ocupação irregular, pela ocorrência de autoconstruções, pelos riscos de deslizamentos de terra, seu saber ainda é deslegitimado, o que, simbolicamente, reverbera na disposição de tal sujeito em lugar de fala e em um lugar social tidos como inferiores, o que demonstra a desigualdade nas relações de poder que circundam a questão.

O programa atua, ainda, a partir de operações de apagamentos. De fato, a área pode ter sido ocupada irregularmente, sem planejamento ou projeto urbanístico. Entretanto, a ocupação irregular de áreas da cidade por parte de pessoas, quase sempre, pobres não isenta o poder

público de responsabilidades. Ao contrário, esse tipo de ocupação encontra suas bases em um processo de crescimento desordenado, injusto e desigual da cidade. Salvador não oferece, historicamente, projetos de habitação popular. Consequentemente, para as pessoas que não dispõem de condições econômicas mais confortáveis, restam as ocupações irregulares, em áreas menos valorizadas e, em muitos casos, as autoconstruções. O enunciado proferido, então, traz à tona um discurso que culpabiliza os mais pobres (eles) pelas habitações irregulares, pelos riscos de desabamento e mesmo pela ausência de uma paisagem urbana mais asséptica enquanto ignora, apaga que a ocupação desordenada e irregular foi a saída encontrada pelas famílias jogadas para as áreas menos urbanizadas do município. Uma operação fundamentada no processo de apagamento discursivo. Não há como saber qual a origem exata de tais ideias. Por isso, a desordem urbana passa a ser dita como operada pelas pessoas, de forma naturalizada e não como reflexo das relações sociais e econômicas que constituem a própria história da cidade.

Se considerarmos o histórico de Salvador, é possível inferirmos que essas pessoas moram em tais áreas pela configuração desigual que não disponibiliza a todos o acesso ao solo urbano e, menos ainda, aos “bairros planejados”. Entretanto, o dito apaga os conflitos sociais que marcam a cidade. Configura-se de modo a não dizer que as ocupações desordenadas e irregulares foram a saída encontrada por pessoas, famílias e cidadãos apagadas do planejamento urbano. Assim, mais uma vez, a despolitização é notada, já que o problema da habitação e das áreas de risco é tocado, mas não debatido. E a saída, como anunciamos, é a promessa de que algo virá a ser feito para minorar a gravidade de tal quadro. Algo, novamente, de forma pontual.

Eventualmente, surgem no programa também questões políticas (mas abordadas de forma despolitizada) não associadas a instâncias deliberativas, partidos ou grupos políticos. São temas como preconceitos, ascensão social e econômica, identidades de gênero ou mesmo o acesso ao espaço urbano. Nessas ocasiões, a estratégia recorrentemente acionada pelo Bahia Meio-Dia é a terceirização de responsabilidades, de modo que o programa opera a partir da lógica individualista, transferindo a cada sujeito o encargo por alterações em quadros sociais. Da mesma forma, transfere aos sujeitos a responsabilidade por problemas comuns na capital baiana ou mesmo a fenômenos de origem climática:

A1: [...] Mas a grande preocupação é com o desperdício de água. Só em Salvador e Região Metropolitana, a gente vai dar uma olhada agora, a média de perda é de 30%. Segundo a Embasa, o maior desperdício vem de ligações clandestinas, que são chamados gatos.

A2: É, aqui na capital, por exemplo, a gente vai ver que são as regiões de Sussuarana, Calabetão, Mata Escura e Sete de Abril que registraram o maior número dessas ligações clandestinas. [...]!

A2: Muito desperdício! E diante de tanto desperdício, vale lembrar o nosso comportamento no dia-a-dia, dentro de casa, na rua. Será que você sabe onde a gente mais desperdiça água dentro de casa? Veja aí.

A1: Preste só atenção. Vamos começar pela ordem: desperdício dentro de casa, primeiro lugar: chuveiro. [...].²²

Repórter: Os moradores que sofrem com ruas e casas alagadas quando chove forte são os mais expostos à doença, causada por uma bactéria. Na região do Engenho Velho de Brotas, onde estivemos, a leptospirose já fez vítimas.

F3 (Jailton Ribeiro – pres. da Associação de Moradores): Tivemos dois amigos nos últimos anos que morreram da leptospirose, da doença do rato, a leptospirose. E os moradores ficam, realmente, apreensivos e apavorados com medo que venha acontecer outras vítimas fatais.

Repórter: Agora, muita gente continua jogando lixo na rua aqui, né?

F3 (Jailton Ribeiro – pres. da Associação de Moradores): É, infelizmente. Os moradores aqui também *precisa* 'ser mais educado e evitar botar lixo porque através do lixo que o rato é... Atrai o rato.²³

Nos trechos evidenciados notamos que o Bahia Meio-Dia opera a transferência das responsabilidades dos problemas às pessoas. Assim, a falta de água advém do desperdício ou das ligações clandestinas, suprimindo que há um déficit no sistema de abastecimento de água do município que implica, muitas vezes, na suspensão regular do fornecimento de água em vários bairros da capital²⁴ como, em outros momentos, o próprio programa notícia:

A1: Moradores de uma rua no bairro do Lobato, aqui em Salvador, estão passando maus bocados por causa da falta d'água. As torneiras ficam secas o dia inteiro e quando é de madrugada a água começa a cair, mas praticamente a conta-gotas.

A2: O problema é antigo. Começou no início do ano passado quando começou a ser feito um serviço na rede de esgoto, que foi interrompido durante meses. Concluída a obra a situação foi resolvida, mas nos último cinco meses, voltou a piorar.²⁵

Tais ponderações sobre as enunciações operadas pelo programa não têm o propósito de isentar o cidadão de suas responsabilidades e da adoção de práticas sustentáveis e participativas. Assim, não defende-se que se o cidadão deva ou possa desperdiçar água. Porém, é fundamental lembrar que a questão do acesso à água hoje não é algo que possa ser tratado a partir de perspectivas individuais, mas sim, como uma questão política. Além disso, ao pontuar como bairros com maiores índices de ligações clandestinas bairros tidos como populares, o programa opera uma espécie de criminalização da pobreza, já que enuncia o

²² Veiculação em 22 de março de 2013.

²³ Veiculação em 29 de maio de 2013.

²⁴ Como pode ser verificado em: <<http://cm-salvador.jusbrasil.com.br/politica/104108552/populacao-cobra-fornecimento-regular-de-agua-em-salvador>>. Acesso em 07 jan. 2013.

²⁵ Veiculação em 12 de março de 2013.

pobre como aquele que rouba água e ocasiona a milhões de outras pessoas danos como a seca, outro conflito histórico e também político.

Perspectiva similar vigora, novamente, na abordagem sobre a incidência de casos de leptospirose em Salvador. O programa revela a associação entre o período chuvoso e o aumento dos índices da doença. Entretanto, reconhece como causa para tais implicações não o escasso investimento em saúde pública, a insuficiência da coleta de lixo, a ausência de ações educativas ou de práticas de medicina preventiva, mas o fato de os moradores jogarem lixo nas ruas.

É fato que é necessário e pertinente que as pessoas não acumulem lixo, nem descartem resíduos nas ruas, assim como é cada vez mais esperado que os cidadãos disponham de conhecimento sobre a necessidade de práticas sustentáveis, comprometidas com a proteção ambiental. Todavia, em uma sociedade em que direitos básicos são negados, em que os currículos escolares nem sempre contemplam – de forma efetiva – debates que excedem os conteúdos programáticos tradicionais, como esperar que as pessoas, simplesmente, despertem para tais questões?

Entendemos sim que a cidadania exige não somente atuação do poder público na garantia de direitos, mas também da sociedade. Contudo, é preciso que esse diálogo aconteça de forma simultânea, interativa e não meramente deliberativa. Não é possível esperar que mudanças comportamentais simplesmente brotem. Assim sendo, ao terceirizar a responsabilidade por estes problemas ao sujeito (individualmente) o programa: abranda as responsabilidades do poder público frente a tais questões – como a garantia de serviços básicos como limpeza e conservação urbana, educação, ações preventivas; exige de cidadãos frequentemente marginalizados dos projetos urbanos, do acesso a direitos básicos e de benefícios do progresso a atuação tal qual membros (integrados) da sociedade; e silencia um espaço que poderia ser de debate sobre quais fatores contribuem para a ocorrência de tais comportamentos e o que tais práticas revelam sobre a nossa conjuntura social.

A1: O número de negros no mercado de trabalho aumentou em Salvador e Região Metropolitana, é o que revela a pesquisa de emprego e desemprego, realizada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

A2: Segundo essa pesquisa, o número de negros trabalhando aqui na capital aumentou em comparação com o ano anterior. Mas os salários não acompanharam esse crescimento. [...].

R: [...] Depois de 10 anos trabalhando na indústria, Oseias decidiu buscar novas oportunidades e, acredita numa remuneração melhor através da qualificação.

F3 (montador): Pensando em cursos, em qualificação, pra poder melhorar o rendimento, né. Acredito que eu vou conseguir sim.²⁶

A terceirização de responsabilidades e despolitização de questões políticas que excedem o âmbito do partidarismo está também presente quando são abordadas as relações do mundo do trabalho. A discussão sobre a ocupação dos postos de trabalho, por exemplo, parece desconsiderar o histórico da formação brasileira e suas desigualdades. Assim, ao noticiar o aumento de negros do mercado de trabalho como uma mudança, uma novidade o programa traz implicitamente um traço histórico de discriminação social e econômica associada a questões étnicas. Ou seja, apesar de a grande maioria dos soteropolitanos ser negra é naturalizado que essa maioria não encontra fácil inserção nesse mercado de trabalho. Da mesma forma, admite-se que há uma desvalorização do trabalho dos cidadãos negros considerando que apesar de ocuparem mais postos de trabalhos, as remunerações continuam inferiores, o que se torna ainda mais grave no caso de mulheres negras, ou seja, quando cruzamos os dados de etnia e gênero:

Repórter: O único aspecto em que os negros continuam em desvantagem, segundo essa pesquisa, diz respeito ao salário. Em 2012, os não negros ganhavam, em média, mil setecentos e vinte e seis reais, por mês. Os negros, mil e quarenta e três. O menor nível de rendimento, de acordo com a pesquisa, continua sendo das mulheres negras, cerca de oitocentos e noventa e hum reais, ao final de cada mês.²⁷

Observamos, novamente, a despolitização na abordagem proposta pelo programa, diante de uma questão complexa. Mais que uma questão de vantagem ou desvantagem, o debate sobre a distribuição de postos de trabalho envolve formas de hierarquização social, ascensão social e econômica, acesso a educação e o enfrentamento de barreiras simbólicas. Além disso, a inserção no mercado de trabalho, *per si*, não garante distribuição igualitária entre os postos de trabalho, ou seja, como são distribuídos os cargos, ocupações e funções no ambiente do trabalho? Será que etnia e aparência física surgem como critérios que impactam na hierarquia profissional? E por que mulheres, sobretudo negras, ainda mantêm as menores remunerações? Que tipo de impacto isso gera em um município a população tem índice de 53% de mulheres?²⁸

²⁶ Veiculação em 05 de novembro de 2013

²⁷ Veiculação em 05 de novembro de 2013.

²⁸ Há uma síntese do Censo 2010 (IBGE), organizada por estado, disponível em:< <http://noticias.uol.com.br/censo-2010/homens-e-mulheres/ba>>. Acesso em 07 jan. 2013. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2007) apontam que, até então, 81,9% das mulheres de Salvador já se declaravam pardas ou negras. As informações podem ser acessadas em:< http://www.spm.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=36&Itemid=100>. Acesso em 07 jan.2013.

No dito do programa está o não dito da discriminação que atinge esferas diversas da sociedade, inclusive a esfera do trabalho. Sabemos que há um histórico de segregação étnica no Brasil, assim, quando o jornal toca tal questão, mas não problematiza o que os motiva e que ações, iniciativas ou políticas (ou mesmo quais ações e fatos, segundo a pesquisa, têm gerado certa alteração) têm sido desenvolvidas para enfrentar tal quadro ele acaba por acionar uma memória discursiva em que as desigualdades fundamentadas em questões étnicas aparece como dada naturalmente.

Repórter: [...] Em todos eles foram entrevistadas pessoas com mais de 10 anos. Segundo a pesquisa, entre 2011 e 2012, o número de negros trabalhando aumentou em 86 mil. Já entre os trabalhadores não negros, houve redução de 16 mil postos de trabalho. Os negros tiveram mais ocupações em todas as áreas: no Serviço foram 49 mil negros empregados, enquanto os não negros perderam espaço neste setor, com queda de seis mil postos de trabalho. No Comércio, trabalhadores negros ocupam 13 mil novos empregos e os de outras raças perderam seis mil ocupações. Na Construção Civil foram onze mil novos postos de trabalho, no geral. Deste total, 10 mil foram ocupados por negros e o restante por pessoas de outras raças. Segundo os economistas, a pesquisa revela um mercado de trabalho com mais unidade mesmo ainda tendo que avançar muito. [...].²⁹

É possível observar, ainda, que o programa confronta os dados da pesquisa que aciona de uma forma um tanto opositora. Para dizer a ascensão de negros no mercado de trabalho ele recorre à perda de postos de trabalho por parte de não negros. Não há, por exemplo, discussão sobre se tal mudança, ainda que incipiente, é reflexo de uma disputa histórica, da atuação de entidades da sociedade civil ou de um desdobramento de movimentos identitários.

Do mesmo modo, não se questiona quais postos de trabalho passam a ser ocupados pelos profissionais inseridos no mercado de trabalho. Aumenta o número de negros em postos tidos, conforme os parâmetros vigentes, como secundários? Esses novos profissionais ocupam quais posições nas organizações? Qual a visibilidade desses profissionais? E o que justifica seus menores rendimentos? Diante disso, a notícia acaba sendo fragmentada, já que não contextualiza que fatores contribuem para tal mudança.

Além disso, se as menores remunerações “continuam sendo das mulheres negras”, está no dito, como pressuposto, que mantemos as desigualdades entre homens e mulheres, que não avançamos a ponto de modificar tal fato na capital baiana; e como subentendido (no contexto) está a ideia de que as relações de gênero seguem, em algum nível, impactando os comportamentos no mundo do trabalho apesar dos avanços e das inovações. Podem ser convocados (dos interdiscursos), então, os sentidos de que a mulher deve ocupar um lugar inferior em relação ao homem, de que no âmbito profissional as mulheres não têm as mesmas

²⁹ Veiculação em 05 de novembro de 2013.

chances, que há uma hierarquia, ainda, baseada na etnia e no gênero, entre outros. Por fim, o programa, novamente, aciona a estratégia de terceirização das responsabilidades:

R: [...] Depois de 10 anos trabalhando na indústria, Oseias decidiu buscar novas oportunidades e, acredita numa remuneração melhor através da qualificação.

F3 (montador): Pensando em cursos, em qualificação, pra poder melhorar o rendimento, né. Acredito que eu vou conseguir sim.³⁰

O tratamento destinado à questão da inserção e ascensão no mercado de trabalho, novamente, foca na individualização dos problemas. É um sujeito particular, com um emprego específico que deve buscar uma alternativa individual para obter valorização profissional. Assim, questões como qualidade de trabalho, desemprego, a configuração do mundo do trabalho, o significado social e político que a ascensão profissional tem deixam de ter uma dimensão política e ficam a cargo de atitudes individualizadas, por via do investimento pessoal em qualificação. E é a atitude individual o que assegura, de acordo com o que defende o programa, a melhoria da remuneração, o crescimento profissional, as novas oportunidades. Os problemas de desigualdades nos níveis de renda, de disparidades de oportunidades profissionais e mesmo das baixas remunerações, são dados como originários da falta de qualificação. O preparo assume a posição de justificativa tanto para os inseridos quanto para os excluídos e as heterogeneidades sociais deixam de configurar demandas políticas e passam a ser definidas pela relação entre empenho e desempenho.

Observamos, ainda, que comparando rapidamente as narrativas sobre o campo político deliberativo do município, notamos um silenciamento das gestões anteriores, o que é contraditório em relação à gestão atual. A atual gestão municipal tem o privilégio de dispor de espaço maior no programa que a gestão anterior, por exemplo. Além disso, o programa tende a silenciar – ao abordar problemáticas contemporâneas – seus históricos.

Da mesma forma, há um silenciamento das organizações coletivas, das entidades da sociedade civil local, de modo que é até possível que aconteçam manifestações populares, passeatas, mobilizações, porém, estas ocorrem ancoradas em espontaneísmo e iniciativas pessoalizadas. Sim, sabemos do crescimento deste tipo de movimento na contemporaneidade, bem como do recente fenômeno de mobilizações organizadas de forma mais descentralizada e colaborativa. Todavia, notamos que conforme as abordagens frequentes no programa, tem-se a sensação de que não há entidades, coletivos ou movimentos organizados atuantes em Salvador; e de que as organizações coletivas interferem pouco nas decisões políticas

³⁰ Veiculação em 05 de novembro de 2013

municipais. Assim sendo, diversas entidades da sociedade civil local são silenciadas e invisibilizadas pelo programa, já que suas reivindicações nunca emergem. Se por um lado as novas formas de manifestação favorecem o surgimento de novas vozes e visibilidade de recentes pautas sociais, por outro lado, o programa aproveita-se de tal situação para reforçar práticas de apagamento (o que tem origens anteriores a tal momento). Assim, apaga-se o histórico de movimentos que atuam por questões diretamente ligadas a cidadania, o que também dificulta a possibilidade de atuação coletiva e colaborativa entre essas instâncias.

Diante disso, notamos que as narrativas sobre o campo político deliberativo do município são apresentadas a partir de três estratégias: os feitos, a promessa e a terceirização das responsabilidades. Em todas as possibilidades fica patente o cuidado da produção para evitar confrontos ou embates mais consistentes, que possam vir a ter grandes impactos negativos sobre a imagem da gestão. Já outras questões que apresentam também um forte teor político – como as desigualdades sociais, étnicas e de gênero – são pouco abordadas e, quando o são, isso acontece em consonância com a lógica da despolitização.

Por conseguinte, o programa não propõe debater tais assuntos, provocar rupturas ou deslocamentos na conjuntura local. Há sempre a disposição de equívocos, fatos ou situações que provocam em qualquer cidadão a sensação de indignação, de desaprovação ou discordância. Mas isso não acontece por via do questionamento ou da escuta de vozes diversas que possibilitariam discursos diversos, ou seja, a heterogeneidade discursiva. Assim, a estratégia da terceirização de responsabilidades e individualização surge como compatível com uma ambiência em que questões coletivas cada vez mais perdem força e em que a fragmentação emerge não reafirmando individualidades, mas o individualismo; diminuindo, mas também acirrando distâncias. A estratégia da terceirização, contudo, não emerge somente quando abordado o campo político, de forma estrita. Ela surge também diante de temas que envolvem de forma direta ou indireta a questão da cidadania.

4.1.3. O sentido de ser cidadão no Bahia Meio-Dia

A noção de cidadania é também complexa e mutável. Rezende Filho e Câmara Neto (2001), ao traçarem um histórico sobre tal noção, apontam três temporalidades proeminentes para a compreensão do percurso de tal categoria: a cidadania clássica, a cidadania na Idade

Média e a cidadania a partir da modernidade³¹. Na contemporaneidade a questão da cidadania abarca desde direitos políticos a direitos civis, sociais e humanos. Apesar de tal questão ser poucas vezes identificada de forma direta, ou seja, por meio do vocábulo cidadania, pode ser percebida nas abordagens propostas pelo programa, em tomadas de posição, seleção de pautas e temas a serem debatidos. Igualmente, fica evidenciada a partir de enquadramentos dados a determinados fatos, eventos e situações. Isso porque mais que uma editoria ou uma questão pontual, identificável de forma isolada, essa é uma questão que perpassa outras temáticas presentes no programa e no cotidiano das cidades.

Podemos discutir tal assunto nos diversos trechos já elencados até aqui – de forma associada a questões políticas, habitacionais, sociais, à distribuição de renda, ao acesso à cultura, entre tantas outras. Mas podemos também verificar a ocorrência de tal tema em outras situações. Em algumas delas há associações (nomeações) explícitas do programa à questão da cidadania; em outras percebemos a questão não no dito, mas nos implícitos (sejam eles os subentendidos do contexto ou os pressupostos do enunciado) e nos processos de silenciamento operados pelo programa.

Aqui ponderamos que a noção de silêncio difere da noção de implícito. Enquanto este último associa-se aos ditos, o silêncio busca a relação entre o não-dito, a história e o ideológico, além de estar implicado na reflexão sobre a incompletude da linguagem. De acordo com Orlandi (1997) há duas formas básicas de silêncio: o silêncio fundador e o silenciamento ou política do silêncio.

O silêncio fundador seria o “lugar de recuo necessário” para a significação (ORLANDI, 1997, p.23). Não é um silêncio originário, primeiro, absoluto, mas o que garante o “movimento de sentidos.” (ORLANDI, 1997, p.23), tido como necessário para o próprio processo de significação. Não é o vazio, mas o que permite-nos perceber a linguagem como incompleta e não linear, já que se ela fosse plena, linear e literal não haveriam brechas,

³¹ Rezende Filho e Câmara Neto (2001) apontam que a noção clássica de cidadania, que remete a *polis* grega e a *civitas* romana, associava cidadania e participação política. Como nem todas as pessoas eram consideradas cidadãs, nem todas participavam ativamente das decisões políticas. Assim, a noção de cidadania mais que uma questão de plenos direitos era uma questão de status. Já na Idade Média a cidadania continuaria associada a status. Com a ascensão da burguesia, a formação dos Estados nacionais e o iluminismo, ideais como os de igualdade e liberdade irrompem, apontando para as primeiras diretrizes que configurariam os ideais de uma sociedade mais justa e igualitária. Já entre os séculos XIX e XX a questão da cidadania, além da participação política, passou a associar-se aos desequilíbrios entre classes sociais. E após as duas guerras mundiais a noção passou a contemplar também a questão dos direitos humanos. Hoje, além de direitos políticos, a ideia da cidadania congrega direitos humanos, civis, sociais, educação, saúde, comunicação e informação, aproximando-se, de forma direta, ao convívio em sociedade e à luta permanente por direitos.

espaços, silêncios. É o que evidencia a falta, a incompletude. O silêncio fundador incide sobre os processos de significação.

Já o silenciamento ou política do silêncio pode mostrar-se de duas formas: como silêncio constitutivo ou como silêncio local. O silêncio constitutivo (primeira modalidade do silenciamento ou política do silêncio) indica que para dizer é preciso não-dizer. Uma palavra sempre apaga outras palavras, já que dizer uma coisa implica sempre em não dizer outra. Ele, portanto, está intimamente ligado à ideia de memória discursiva (ou interdiscurso). Já o silêncio local surge por via da censura prévia, da proibição, da interdição intencional e deliberada que limita o discurso em situações específicas. (ORLANDI, 1997; 2012).

Centramos nossa atenção, ao discutir a questão da cidadania no Bahia Meio-Dia, ao silêncio constitutivo, uma das categorias da política do silêncio³². Observemos, então, os seguintes fragmentos:

A1: O Bahia Meio-Dia está de volta, agora para todo o estado. E o assunto é falta de cidadania. É só andar pelas ruas de Salvador para ver que as pichações estão em todos os lugares.

A2: É uma vergonha, né. E vandalismo que fica marcado na parede de prédios, em monumentos e até igrejas.³³

A1: Agora veja só: uma pesquisa feita por um site de relacionamentos com pessoas de vários estados revelou que 76% das mulheres preferem ter chefes homens! Elas acham que eles são mais flexíveis na hora de comandar.

A2: Será? Nós fomos às ruas da capital para checar esse resultado. [...]

Repórter: E olha os homens também não querem chefes mulheres.

F4 (vigilante): Rapaz, eu prefiro chefe homem. Acho que ele entende mais assim o... O jeito de trabalhar do homem. Homem com homem acho que se entende mais. Não é preconceito não, é que eu acho, na minha opinião eu acho assim.³⁴

A1: O Bahia Meio-Dia está de volta, para todo o estado. Hoje é primeiro de abril, dia da mentira e, por isso, fomos às ruas pra saber as mentirinhas que já fazem parte da vida das pessoas.

A2: E veja só: as mulheres mentem mais do que os homens. Eu não acredito não. Acho que é mentira. Mas pelo menos é isso que dizem os especialistas.³⁵

R: O único aspecto em que os negros continuam em desvantagem, segundo essa pesquisa, diz respeito ao salário. Em 2012, os não negros ganhavam, em média, mil setecentos e vinte e seis reais, por mês. Os negros, mil e quarenta e três. O menor

³² Isso porque consideramos o silêncio fundador como constituinte de todo processo de significação. Contudo, como não faremos um trabalho de investigação receptiva, não podemos verificar se os “efeitos esperados” são alcançados. Assim, inferimos sobre “possíveis sentidos” a partir dos discursos acionados. Ademais, pelas leis de nosso regime político, temos assegurada a liberdade de expressão (que a própria grande mídia, como já vimos, sistematicamente defende) focaremos, assim, em uma das modalidades do silêncio apenas.

³³ Veiculação em 03 de maio de 2013.

³⁴ Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

³⁵ Veiculação em 1º de abril de 2013.

nível de rendimento, de acordo com a pesquisa, continua sendo das mulheres negras, cerca de oitocentos e noventa e hum reais, ao final de cada mês.³⁶

Se o silêncio constitutivo nos lembra que dizer e silenciar andam juntos, um dizer implica sempre em um calar, um apagar outra possibilidade: “Aí entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc.” (ORLANDI, 1997, p.31). Quando o Bahia Meio-Dia, coloca-se no lugar de referente que defende a ordem e qualifica o “pichador-vândalo”, a “mulher-mentirosa”, a “mulher-indesejada como chefe” ele também silencia tais pessoas. Quem fala é o programa, quem é falado são os jovens da periferia, as mulheres, as mulheres que também são trabalhadoras.

Se pensarmos que a contemporaneidade é, como defende Fernando Resende (2005) uma época de novas narrativas, vemos que as novas narrativas, novos temas existem no Bahia Meio-Dia, entretanto, operam fundamentadas em velhos argumentos e formações discursivas, afeitas não à multiplicidade de vozes sociais, mas ao silenciamento. Segundo Orlandi (1997, p.55) esse tipo de prática demonstra que “Há pois uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras”.” (ORLANDI, 1997, p.55).

Assim, enquanto se diz que a pichação é um ato de vandalismo que degrada a cidade, não se diz que a mesma pichação pode, por exemplo, revelar em alguém o desejo de fazer-se ouvido. Enquanto se diz que a mulher pode chegar ao mercado de trabalho, mas não é desejável em postos de chefia não se diz que historicamente as mulheres são colocadas à margem dos postos de trabalho mais elevados a partir de critérios morais, sexistas e que não encontram fundamentação em critérios como qualidade de trabalho, competência, habilidades etc.. Os mesmos critérios que historicamente impõem às mulheres remunerações mais baixas que as dos homens, mesmo em um município em que 43,5% dos lares são chefiados por mulheres (PNAD, 2007 apud SPM)³⁷. Enquanto se diz que a mulher até pode empreender, desde que não falhe em suas obrigações como mãe e dona de casa, não se diz que é uma escolha e não uma obrigação da mulher ser mãe ou dona de casa.

Revela-se, assim, em tais silenciamentos um modo discursivo já conhecido, pouco afeito a rupturas. Ficam notáveis as tentativas periódicas de fechamento de sentidos do Bahia Meio-Dia, a partir de argumentos predominantemente estabelecidos, das poucas variações nos

³⁶ Veiculação em 05 de novembro de 2013.

³⁷ Superintendência de Políticas para as Mulheres (SPM)

argumentos e posições das fontes ouvidas e das retomadas recursivas sobre alguns papéis sociais (a exemplo o das mulheres).

Vale lembrar, ainda, os elementos contextuais. Nas matérias supracitadas, por exemplo, sobre mulheres em postos de chefia, as entrevistas participantes eram todas estagiárias. Logo, jovens, ingressando no mundo do trabalho e sem ampla experiência. Possivelmente, não tiveram ainda diversos chefes e chefas. O homem ouvido ocupa o posto de segurança. Uma função profissional historicamente e majoritariamente ocupado por homens, uma vez que relaciona-se, conforme o senso comum, a força, combate a violência, assuntos vistos como inadequados às mulheres (historicamente constituídas como sujeitos frágeis, doces e distante de tais questões). Todavia, esses elementos contextuais não são ponderados ou nem mesmo equilibrados, com a participação de outras vozes.

A1: Hoje, véspera do dia das mães, você vai ver agora a história de duas mulheres que resolveram arregaçar as mangas e montar o próprio negócio. Elas fazem parte de uma categoria que cresce a cada ano, a das empreendedoras.

A2: É isso mesmo. São mulheres que aproveitam o sucesso no mercado para ganhar dinheiro, ajudar no sustento de casa e investir na educação dos filhos.³⁸

A1: O assunto interessa agora, principalmente, as donas de casa. Até pouco tempo o tomate era um vilão aí, por causa do preço. Ainda bem o preço baixou, voltou aí ao normal. Mais será que você sabe escolher o tomate? Sabe armazenar e, principalmente, aproveitar todo o tomate?³⁹

Assim, enquanto o silêncio fundador é o que mobiliza sentidos e a censura interdita, o silêncio constitutivo diminui a formação e propagação de vozes sociais variadas, tentando manter certa estabilidade e dirimindo a heterogeneidade discursiva. O silêncio constitutivo, portanto, tende a associar-se a movimentos parafrásticos, enquanto o silêncio fundador possibilita/ contribui para a polissemia discursiva.

Nas notícias observadas, as lutas históricas por emancipação das mulheres, assim como as disputas simbólicas no espaço da cidade ou mesmo o direito à cidade são silenciados quando determinados grupos são falados de forma descontextualizada ou sem problematizações acerca do significado social de dadas posições ou práticas. É isso o que torna possível a não problematização sobre por quais motivações surge a necessidade de pichar espaços públicos; assim como a naturalidade com que se apresenta o fato de as mulheres terem remunerações inferiores em relação aos homens; ou ainda o fato de as mulheres até poderem empreender no campo do trabalho, desde que cumpram uma espécie de “função social” primeira que inclui a maternidade e a gestão doméstica.

³⁸ Veiculação em 11 de maio de 2013.

³⁹ Veiculação em 13 de agosto de 2013.

Vale, contudo, lembramos que os discursos não são absolutamente controláveis. A vantagem disso é a possibilidade de reversão, de fazer usos novos, de atribuir sentidos distantes dos inicialmente previstos.

Esse é o risco dos sentidos. Não há discurso estanque que os torne de todo “controláveis” nem discurso que garanta uma correspondência estrita aos lugares (posições) em que é produzido. Uma vez posto em circulação, ele pode se deslocar por qualquer ponto dos processos discursivos. (ORLANDI, 1997, p.121).

Assim, apesar de o programa dispor de um modo discursivo mais fechado não podemos afirmar que seu interlocutor (o telespectador) fará uma leitura estanque. Ao invés disso, o interlocutor – com base em suas experiências e conhecimento enciclopédico – pode até questionar o discurso do programa. Mas esta verificação está além dos limites desta pesquisa.

Ademais, Resende (2005) defende que a passagem do século XX para o século XXI não comporta mais conceitos e crenças rígidas. As misturas, trocas e empréstimos culturais, as diásporas, enfim, toda a complexidade contemporânea não permite mais ocuparmos posições estanques, duras, fixas. Ao invés disso, requer o dinamismo, o olhar complexo, a articulação de forças e questões. As conquistas históricas já obtidas, somadas a esta ambiência, levam a uma ampliação da percepção sobre cidadania. A contemporaneidade é, ainda, percebida como esse momento de instabilidade, de surgimento de muitas narrativas, logo, que possibilita (ou possibilitaria) a emergência de novas vozes, novos atores sociais (o que não significa dizer que não haja movimentos ou formas de resistência fundamentalistas que tentem silenciá-las).

Podemos, assim, pensar que a pichação no muro é uma fala de alguém que, por exemplo, não se percebe, não se reconhece nas narrativas cotidianas e cria, então, uma outra forma de fazer-se ouvido? O ato de se opor aos comportamentos tidos como padrões também pode ser visto como uma outra fala, uma outra voz que também não se reconhece no que é a narrativa padrão, da ordem? Isso pode nos levar a pensar que para essas pessoas a cidadania não se efetiva de forma plena, já que elas nem mesmo se reconhecem nas narrativas, logo, é possível, nem usufruam das benesses da cidadania. Entretanto, quando o programa privilegia manter o já-sabido sem dialogar com outras possibilidades vê-se o silenciamento.

Quando nos enunciados propostos pelo programa observamos algumas regularidades como, por exemplo, a mulher naturalizada no lugar de subordinada; a reafirmação do senso comum (mulher gosta de falar demais); as mulheres negras continuam com remunerações inferiores; mulheres até podem trabalhar, mas precisam cumprir os papéis de mãe e dona de casa (este último dado como sua atribuição primeira), entre outras, observamos que há uma

espécie de referência padrão sobre qual seria o comportamento naturalizado e idealizado. Essa referência pode ser sintetizada na noção de ordem.

O discurso do programa reafirma a ordem vigente recursivamente sem contextualizar o que fundamenta esta ordem. O programa, então, assume um caráter ordenador, defende práticas tradicionais, consolidadas, sem problematizar em que medida tais práticas incidem em discriminação, preconceitos ou desigualdades. Sem questionar em que medida tais práticas impactam na efetivação da cidadania em Salvador.

A cidadania pode, ainda, figurar como uma espécie de acessório. Quando disponível utiliza-se; quando não a sua falta é revelada em práticas que prejudicam, sobretudo, espaços físicos (ruas, vias de acesso, muros, monumentos). Em ambos os casos, ela deriva de comportamentos individuais e não de relações sociais. Desta forma, no dito do programa, o exercício da cidadania surge como uma obrigação que as pessoas devem ter para com as coisas, e não para com outras pessoas. É uma obrigação muito mais patrimonialista – do ponto de vista da preservação material – do que social.

Os desequilíbrios que interferem na cidadania local estão, ainda, nas abordagens sobre a própria distribuição e uso do espaço. Retomando a discussão sobre bairros e comunidades, podemos pensar que, a partir das nomeações, acontece, em algum grau, uma estratificação da cidadania. É cada vez mais comum em noticiários locais e em rede o uso do termo ‘comunidade’ quando estes se referem a regiões pauperizadas como favelas, morros e, em casos específicos como o estado do Rio de Janeiro, as chamadas áreas pacificadas. Assim o Bahia Meio-Dia opera uma adaptação do termo e aciona a comunidade, majoritariamente, como expressão peculiar aos bairros mais pobres de Salvador, quase sempre aqueles mais acometidos pela ausência ou insuficiência do poder público.

A1: Sem dúvida nenhuma. Dormir faz bem! É, sem dúvida, muito bom, principalmente, pra enfrentar as atividades do dia-a-dia, mas os moradores de uma comunidade aqui em Salvador, simplesmente, não conseguem dormir.

A2: No Alto do Cabrito, a quantidade de muriçocas incomoda, e, não deixa as pessoas dormirem direito. Os moradores dizem que os insetos são atraídos por um dique que fica em frente ao bairro.⁴⁰

Repórter: Carlos era primo do garoto Joel, que levou um tiro quando estava na janela de casa, em 2010, também na comunidade de Olaria. Nove policiais militares respondem pelo crime de homicídio duplamente qualificado. Três anos depois, a família sente a mesma dor.⁴¹

⁴⁰ Veiculação em 30 de março de 2013.

⁴¹ Veiculação em 14 de junho de 2013.

Nesses casos, a ausência de condições mínimas para a vida com dignidade como, por exemplo, o acesso a direitos como saúde, educação, segurança, equipamentos urbanos, é tanta que habitar a comunidade passa a sugerir uma “sub-cidadania”. A comunidade designa a área aquém dos elementos mínimos que configuram a sociedade; representa uma parcela outra da cidade que não é regida pelas normas da sociedade. E como a noção de cidadania está diretamente associada à vida em sociedade (REZENDE FILHO e CÂMARA NETO, 2001) fazer parte da comunidade é quase um equivalente a ter silenciada a sua condição de cidadão.

Vale observar que eventualmente, a comunidade pode até chegar a bairro. Assim como pode ser um lugar de agregação, de laços sociais fundados em tradições, de proximidade, em que a afetividade, a solidariedade, a comunhão prevalecem. Entretanto, tal ideia além de menos frequente é um tanto ingênua, se pensarmos, por exemplo, nas comunidades muradas, cercadas e socialmente isoladas, em que os *mesmos* reúnem-se e afastam-se da alteridade, mas isso não chega a reverberar em coletividade ou convivência efetiva. Assim sendo, a questão da cidadania, de forma direta, não chega a ser regularmente acionada pela produção, mas podemos perceber em algumas de suas abordagens a pertinência do tema por conta mesmo de sua ausência ou de sua presença nos implícitos.

4.1.4. A ideia de baianidade: um discurso estratégico para identificar e para silenciar

Já soa como senso comum ao falar de Salvador ou de Bahia falar de baianidade. Todavia, a problemática que sustenta tal discussão não pode ser dada como superada, uma vez que contempla a percepção sobre a identidade local (questão contemporânea, complexa e incerta) e também relações de poder, jogos políticos e simbólicos. Nesse caso, considerando a presença midiática em nossos processos de socialização e a força (inclusive política) da Rede Bahia, é pertinente observarmos se e como a ideia de baianidade ganha forma nas narrativas empreendidas pelo Bahia Meio-Dia.

Antes de observarmos os entrecruzamentos entre a ideia de baianidade e o Bahia Meio-Dia vale fazermos algumas considerações iniciais sobre a questão das identidades e essa tal baianidade. Em linhas gerais a noção em questão caracteriza o jeito baiano de ser, o *modus vivendi* tipicamente baiano, a peculiaridade local, seus traços distintivos. A baianidade seria a expressão da identidade baiana.

De acordo com Hall (2006) as identidades na contemporaneidade estão em crise, sendo constantemente deslocadas e fragmentadas, intervindo em relações de gênero, sexualidade, etnias e territorialidades, entre outras. A noção de identidade foi ressignificada em diferentes momentos. Se o sujeito sociológico, por exemplo, tinha a identidade configurada socialmente (na relação com o mundo), o sujeito contemporâneo enfrenta um cenário diverso. Diante do colapso das estruturas sociais, as instituições que fundamentavam as trocas sociais entram em crise e, como consequência, o sujeito contemporâneo deixa de constituir uma identidade estável e fixa. Além disso, o contemporâneo é célere, é instável, é uma época de incertezas que impacta nas identidades configurando-as como:

“celebração móvel”: formada e transformada continuamente [...]. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p.13).

Mudanças como a internacionalização do capital, as diásporas, o acesso a informações sobre grupos distantes etc., operam deslocamentos nas tradições e alteram relacionamentos e práticas cotidianas. Em grande medida, contribuem para novos olhares e práticas, mais plurais, diversificadas, híbridas e menos essencializadas ou autocentradas. Ao mesmo tempo, podem mobilizar os sujeitos em tentativas de reafirmação, proteção, reforço a identidades tradicionais, incorrendo até em conflitos, guerras, subjugação.

Nessa ambiência de tensão, vê-se ainda que o sujeito biológico, nascido do racionalismo e do cientificismo (HALL, 2006) dá lugar a um sujeito histórico, constituído por interações, vivências, experiências, interpretações, o que favorece a percepção das identidades como construções sociais e não elementos naturais: “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (HALL, 2006, p.38). Woodward (2000) defende que as identidades são relacionais, de modo que os sujeitos definem-se em relação a outros sujeitos; reconhecemos quem somos a partir de quem não somos:

[...] a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não-croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença. (WOODWARD, 2000, p.09).

Quando, então, a ideia de baianidade – como a identidade baiana – é acionada, rapidamente, pode-se pensar nessas duas propriedades que ela teria: delimitar, enquadrar, definir o que é (ou seria) ser baiano e, em paralelo a isso, quem é (ou seria) o não baiano. Mas

como é possível tentar definir ou enquadrar uma dita identidade baiana numa ambiência de descentramentos? E quais seriam os usos ou motivadores para investir em tal proposta?

Woodward (2000) defende que as bases dessas discussões e motivações encontram-se nas disputas entre as perspectivas essencialistas e as perspectivas não-essencialistas sobre as identidades. As perspectivas essencialistas sugerem que há formas, conjuntos padrões autênticos e idênticos inerentes aos sujeitos que integram um grupo (exemplo: os baianos, os cariocas, os manauaras, os maranhenses etc.); e estas características seriam pouco mutáveis. Já as perspectivas não-essencialistas focam as diferenças, atentam para o que tem mudado em alguns grupos ao longo do tempo, o que se move; assim como focalizam o fato de que são as fronteiras que marcam e fazem visíveis as diferenças entre grupos (BAUMAN, 2009). Sem a demarcação de fronteiras “todos são”. É com as fronteiras que as diferenças emergem e alguns tornam-se baianos, outros paraenses, outros curitibanos etc.. Afirmer uma dada identidade implica em colocá-la em oposição a outra e, em geral, valoriza-se uma em detrimento de outra, o que gera formas de hierarquização e classificação.

Esta discussão sobre uma possível baianidade essencializada e uma baianidade não-essencializada serve como ponto de partida para pensarmos a pertinência estratégica do recurso à ideia de baianidade e sobre como tal noção emerge no Bahia Meio-Dia. Krones (2007) aponta que a primeira vertente (a baianidade essencializada), mais difundida e consolidada, tende a entender a identidade baiana como uma resultante da mistura de etnias e culturas (brancos europeus, negros africanos e indígenas/ povos originários) a partir da qual teria surgido uma “mentalidade coletiva” que congregaria contribuições das três etnias. Ressalta traços como a cordialidade e a harmonia. Ainda de acordo com o pesquisador, essa é uma vertente:

[...] essencialista, populista, endógena ou espontaneísta. A baianidade seria o resultado da chamada mistura das (famosas três) raças e culturas, [...], que vai se cristalizando, aos poucos, na cidade de Salvador e no Recôncavo, [...], para formar uma nova síntese, sincrética e pacífica, uma Bahia compacta, única, total fraternal, étnica, social e culturalmente homogênea. (KRONES, 2007, p.11).

Tal perspectiva, contudo, esconderia que a ideia de baianidade, vista desta forma, tem um forte apelo econômico e mesmo discriminatório:

O fato primordial para a Bahia como centro de produção cultural e de construção identitária [...] é que as formas culturais “afro” se impuseram na vida cotidiana da cidade e lhe proporcionaram um perfil peculiar, atraente, mercantilizável e exportável. Esta cooptação, instrumentalização e mercantilização de “objetos negros”, esta transformação da negritude, do “afro” em baianidade está, na contemporaneidade, como que harmoniosamente integrada a uma imagem fortemente tipicizada, tradicionalizada, popularizada e massificada, que oblitera,

esconde, camufla e silencia a brutal realidade factual de que a maioria dos produtores desta mesma “afro-baianidade” estão impedidos de participar dos espaços, dos serviços dos direitos sociais e da renda que a cidade oferece àqueles que estão no poder [...]. A aceitação da afro-baianidade como referência imaginária e identitária [...] rende, portanto, muitos dividendos; porém, ainda não foi capaz de negar a evidência escandalosa dos indicadores sociais, que demonstram a exclusão da população negro-mestiça das prerrogativas básicas da cidadania. (KRONES, 2007, p.11-12).

A segunda vertente, de forma diversa, compreende a baianidade como uma construção histórica. De acordo com Vasconcelos (2008) a maioria dos trabalhos contemporâneos admite o juízo da baianidade como uma construção imagético-discursiva. É uma vertente tida como minoritária, que assume uma perspectiva mais interpretativista e, resumidamente, persiste na compreensão de que a Bahia (e a identidade local) não é essencial ou total. Ao contrário, essa identidade baiana é um construto social por meio do qual: cria-se e ilusão de harmonia e consenso; se estabelece uma relação com a alteridade (já que a identidade é construída contrastando com outras identidades); e atua-se “de trás para frente”, visto que interesses atuais são projetados sobre o passado, sobre a memória sedimentando o que seria um modo de ser baiano próprio e dado como natural. (KRONES, 2007).

Seguimos, então, a partir desta última vertente considerando que nos parece que a ideia de baianidade emana não somente de fora para dentro, mas também de dentro para fora, haja vista que, em alguma medida, ela se fundamenta – ainda que de forma deliberada, intencional e planejada – em elementos reais. Além disso, parece-nos que, em alguma medida, a ideia acaba por ser aceita localmente, de modo que mesmo sem clareza sobre quais propósitos orientam tal noção ela se realiza, se materializa no cotidiano, nas relações sociais. Assim, imaginamos que não é possível observá-la de forma unidirecional, mas ao invés disso, é preciso tentar compreender tal ideia em sua recursividade. Sobretudo porque, se a construção de sentidos se dá nas relações, nas interações, o sentido de o que seria a baianidade se dá nos movimentos discursivos e não previamente.

Partindo de tais considerações, lembramos que a ideia de baianidade teve em sua configuração dois grandes momentos: o primeiro contempla a primeira metade do século XX; e o segundo abarca a segunda metade do século XX. Lembramos, ainda, que durante o século XIX, a heterogeneidade étnica e cultural brasileira era vista como fonte de conflitos e fragilidades do país. Nomes como Raymundo Nina Rodrigues, Sylvio Romero e Euclides da Cunha problematizavam a harmonia nacional por considerar que as diversidades, a reunião de alteridades era um empecilho ao desenvolvimento brasileiro. (QUEIROZ, 1987).

É no século XX, sob novos parâmetros científicos, movimentos artísticos e intelectuais, que é lançado um olhar diverso sobre a questão da identidade cultural e nacional no Brasil. (QUEIROZ, 1987). Nomes como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, sob a influência do modernismo, contribuem para fomentar a ideia de que a singularidade, a marca da cultura brasileira está em sua diversidade, em sua mistura. O que nossa cultura teria de próprio seria o hibridismo. E, assim, já no século XX⁴², a heterogeneidade cultural insurge como a especificidade da cultura brasileira, de modo que a diversidade cultural (primeiramente dada como fator que inviabilizava a consolidação de um patrimônio cultural brasileiro e nosso desenvolvimento) passa a ser acionada como nossa maior riqueza e, hoje, como diferencial competitivo⁴³.

O começo do século XX, então, congrega mudanças no Brasil: industrialização incipiente, urbanização, um novo pensamento sobre nossa formação societária. É quando ganha força (e forma) a primeira versão da ideia de baianidade⁴⁴. O poder público local começa a atentar para a possibilidade de acionamento das religiões africanas como atrativo folclórico e, posteriormente, passa a recorrer a tais manifestações a fim de consolidar a ideia de integração e tolerância – étnica, cultural, religiosa – como diferencial e atrativos econômicos. Tais ideias, para Vasconcelos (2008) revelavam, ainda, a preocupação com a imagem institucional da Bahia e as relações políticas nacionais. Era preciso:

[...] forjar uma imagem que a protegesse do ostracismo que se encontrava principalmente entre o fim do século XIX e o início do século XX [...] gerando recursos financeiros para compensar a perda de poder econômico e político para o Sudeste. (VASCONCELOS, 2008, p.02).

Estão postos alguns dos pressupostos do primeiro momento da baianidade que teve como incentivadores nomes como Jorge Amado e Dorival Caymmi. A baianidade associava-

⁴² A partir da década de 1930 o Brasil também passou a ser destino de muitos imigrantes europeus. Assim, conforme Queiroz (1987), constitui também uma estratégia de diferenciação (ante os imigrantes) afirmar a diversidade nacional como grande patrimônio e diferencial brasileiro.

⁴³ A fim de promover a Marca-Brasil, o Ministério do Turismo e a Embratur têm desenvolvido diagnósticos, pesquisas e ações promocionais em âmbito nacional e internacional. Desde 2005 as instâncias desenvolveram o Plano Aquarela, atualizado a cada dois anos, que congrega orientações para o posicionamento da Marca-Brasil. Com base em pesquisas empreendidas, diagnosticou-se a diversidade brasileira e o povo brasileiro como os principais ativos do país e, por isso, tais ideias são acionadas na constituição da mais recente campanha que visa à divulgação e promoção do Brasil no mundo, motivada pela realização de grandes eventos desportivos como a Copa das Confederações FIFA, realizada em 2013, a Copa do Mundo da FIFA (2014) e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos (2016). Somam-se às ideias de “diversidade” e de “povo brasileiro”, atributos como brasilidade, modernidade e interatividade a fim de ressaltar o que constitui o grande diferencial do Brasil: a simpatia e a capacidade de interação do nosso povo. O Plano Aquarela, em que constam o detalhamento de tais informações, pode ser verificado em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Plano_Aquarela_2020.pdf. Acesso em 31 out.2013.

⁴⁴ Nova (2010) observa que há registro do uso da expressão baianidade desde o século XIX, mas a ideia só ganha força no século XX, sobretudo a partir da década de 1930.

se ao bucolismo, a malemolência, a serenidade e a folclorização. (NOVA, 2010; PINHO, 1998; VASCONCELOS, 2008). Sob tal perspectiva, a baianidade conferiria coesão e consenso à Bahia e aos baianos; caracterizaria o que seria próprio desta terra e deste povo.

Já na segunda metade do século XX, principalmente a partir da década de 1970 (com os projetos de modernização industrial e urbanística, o regime militar, a abertura da economia brasileira ao capital estrangeiro), surge a necessidade de reconfigurar a baianidade. Parece haver uma incompatibilidade entre a ideia de uma terra paradisíaca e bucólica (calma, tranquila, folclorizada) e a modernidade (ágil, urbana, industrial). A noção de baianidade passa por uma espécie de adaptação para contemplar elementos ditos como peculiares à Bahia (entendida como Salvador e Recôncavo), mas também prerrogativas da modernidade.

Não necessariamente esse projeto implica em abandono das supostas determinantes genéticas desse suposto jeito baiano de ser. Ao invés disso, propõe uma nova configuração, uma readequação desse comportamento associado, agora, a um segmento prioritário (o turístico), ao qual essa junção torna-se economicamente atrativa, produtora e rentável; além de política e socialmente pertinente. Entre os elementos que contribuem para essa releitura da baianidade destacam-se: a aproximação entre as esferas econômica e cultural, sintetizada na ascensão do setor turístico na região; o crescimento do movimento negro e o processo de “reafricanização” local; e o poderio midiático, com destaque para o lugar ocupado pela Rede Bahia de Televisão, afiliada à Rede Globo, e ligada a um determinado grupo político local.

A década de 1970 teve como uma característica a ascensão de movimentos sociais e de grupos e manifestações artísticas e políticas, inclusive, ligadas à cultura afro-brasileira como, por exemplo, o Ilê Aiyê, criado em 1974. A gradativa apropriação da cultura de matriz afrodescendente torna-se pertinente (para os grupos estabelecidos) do ponto de vista político e econômico.

É nesse contexto que, em 1972, o então governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, cria a Bahiatursa que assume o propósito de “zelar e publicizar a peculiar herança africana na Bahia. A autarquia estatal foi naquele momento o órgão centralizador capaz de agenciar imagens-força da cultura negra para a atividade turística, sobretudo o candomblé e a capoeira.” (ANJOS JÚNIOR, 2007, p.8). Isso reforça a aproximação entre as esferas econômica e cultural, com o intento de beneficiar a promoção do setor turístico na região; e, ao mesmo tempo, para a pujança de uma compreensão de cultura, em especial da cultura de matriz africana, como artigo a venda.

Concomitantemente, a mídia local passa a assumir relevante lugar no processo de fomento a essa estereotipização e mercantilização cultural. Inicialmente, por intermédio da TV Aratu e, a partir de 1985, por meio da TV Bahia – hoje Rede Bahia. O poderio da mídia nessa dinâmica encontra respaldo em sua conotação mercadológica e econômica. Mas, antes disso, é relevante por razão do desempenho desta na reafirmação e atualização de representações e participação na construção das esferas simbólicas que, como já discutimos, é inerente aos processos de sociabilidade hoje. A associação ‘cultura – turismo – identidade – mídia’ mostra-se frutífera tanto do ponto de vista econômico, quanto político.

É inegável que a década de 1970 significou um momento de inovação e ressurgimento político-cultural, que potencializou a afirmação de uma cultura afrodescendente na Bahia, bem como a luta por direitos civis, sociais e culturais. Todavia, não se pode recusar que o poder público local tencionou se apropriar de tais ideias tendo como propósito primário satisfazer demandas hegemônicas. Por tudo isso, a ideia de baianidade – primeiramente associada ao bucolismo, a malemolência e a preguiça – é atualizada e associada também: a festas, magia, mística, sensualidade, sabor, fomentando mais que uma ideia, uma marca. A marca Bahia passa a ter vários slogans: “terra da felicidade”, “terra da alegria”, “terra da festa” etc.. Contempla tanto o projeto econômico moderno – de acordo com o qual era preciso “modernizar” a imagem Bahia e torna-la um produto com um diferencial competitivo de mercado; quanto um projeto político – que prevê o silenciamento da alteridade.

A mercantilização da cultura baiana desdobra-se em uma relação dual e um tanto contraditória. Se por um lado admite-se que houve conquistas civis, sociais e a abertura no campo cultural para manifestações antes demasiadamente suprimidas, por outro, nota-se o fomento intencional a novos estereótipos. As manifestações culturais de matrizes africanas acabam assim, por vezes, sendo reificadas e usadas para afirmar uma dita democracia racial e social, uma dita igualdade de condições ou harmonia, mas isso nem sempre se efetiva de forma plena.

A súmula de tal histórico está no fato da ideia de baianidade: configurar um projeto identitário sintetizado na indústria do turismo; orientado a partir de atributos e valores como: hospitalidade, diversidade, cordialidade, tolerância cultural e religiosa, sincretismo, ritmo e musicalidade, sensualidade; e manifesto a partir de: festas, expressões culturais e religiosas, patrimônio histórico e belezas naturais. É deste modo que a suposta identidade local se

constrói como atrativo turístico, como valor agregado, como ativo; e confere ao território baiano (Salvador e Recôncavo) uma forma de projeção social, econômica e territorial.

É a partir da lógica turística e da economia do entretenimento que o Bahia Meio-Dia diz o *jeito baiano*, trazendo elementos já consolidados como inerentes ao baiano e a Bahia (Salvador e Recôncavo) para reafirmar tais ideias. Para tanto, o programa (re)lembra quais são os cenários admitidos como tipicamente baianos e, nesse quesito, o Pelourinho é líder:

A2: *Vamo falar agora de cultura, de turismo. Salvador é conhecida pelas belezas e pela riqueza do patri, do patrimônio histórico e cultural. São atrações que encantam turistas do mundo todo. E com a Copa das confederações eles devem encher a cidade.*

A1: *E, olha, eles vão encontrar pontos turísticos que estavam fechados e agora foram reabertos. É o caso do, da Igreja da, do Boqueirão. Nossa equipe fez um passeio pela cidade para mostrar pra você o que Salvador tem pra oferecer aos visitantes.*⁴⁵

R (off): *O Centro Histórico é o ponto mais visitado de Salvador. E se é por aqui que os turistas geralmente começam a conhecer a cidade, este também vai ser o primeiro contato com a hospitalidade calorosa do baiano.*⁴⁶

A2: *Em Salvador, foi o Olodum que comandou a festa no Pelourinho.*⁴⁷

R (off): *Numa reforma recente, o Pelourinho recebeu rampas de acesso para cadeirantes. Casarões foram restaurados. Operários dão os últimos retoques. É a arrumação da casa para as visitas que vão conhecer a história da cidade.*

F3 (estudante universitário): *O Pelourinho, por si só, ele conta toda a nossa história. Cada momento que você anda você vê uma, um, um, a história de Salvador contada, diferente de outros bairros que têm um aspecto mais moderno.*⁴⁸

Observamos, rapidamente, que a associação entre cultura e turismo é naturalizada pelo programa. Nesse sentido, cultura é dada como mero instrumento de atração turística, um diferencial competitivo acionado para seduzir pessoas interessadas em conhecer as peculiaridades locais. O programa também nos lembra, constantemente, o que a Bahia pode oferecer àqueles que não resistem aos seus encantos e, quiçá, podem até se converter em baianos: festas, alegria, belezas e gente receptiva:

A1: *E a partir de hoje, aqui no Bahia Meio-Dia, quando o assunto é carnaval, tem Wanda Chase. Boa tarde, Wanda Chase, seja bem-vinda.*⁴⁹

F2 (ACM Neto – prefeito de Salvador): *Só vale alegria, festa folia, paz. É isso que nós queremos no carnaval de Salvador. A prefeitura tá consciente que está preparada pra fazer um grande evento e este vai ser um carnaval inesquecível, eu não tenho dúvida.*⁵⁰

⁴⁵ Veiculação em 06 de junho de 2013.

⁴⁶ Veiculação em 06 de junho de 2013.

⁴⁷ Veiculação em 05 de agosto de 2013.

⁴⁸ Veiculação em 06 de junho de 2013.

⁴⁹ Veiculação em 23 de janeiro de 2013.

⁵⁰ Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

R (off): Sol, mar e quilômetros de praia. Se refrescar nas águas da Bahia foi a escolha de muitos turistas.

F1 (Turista RJ): Isso aqui é maravilhoso. Salvador e Rio de Janeiro são parecidos na beleza, nas belezas naturais... Isso aqui é maravilhoso, *tô* gostando muito.

F2 (vendedora): Vai levar a Bahia também, né? Dizer: poxa, passei, pisei na Bahia, pisei no Pelourinho. Vai ser uma grande emoção!⁵¹

Além de também nos lembrar que a associação entre cultura e turismo, historicamente apoiada e fomentada pela emissora, é uma fonte profícua de receita para o estado. Assim, o programa congrega a todos a cumprirem seus papéis em benefício da economia local:

A1: Fim de semana de sol e calor em Salvador, você sabe como é, né? Praias lotadas e muito trabalho pra quem ganha a vida nas areias.

A2: São ambulantes, barraqueiros, gente que já está comemorando a chegada do verão! [...]

Repórter: Três milhões de turistas devem passar pela Bahia neste verão. Gente a fim de diversão, agito. Pra eles é hora de relaxar e pra quem trabalha no setor de lazer e turismo é tempo de bons negócios.⁵²

F4 (guia turística): Aqui ele encontra tudo, né. História, cultura, gastronomia, compras, música. O Pelourinho tem uma diversidade de coisas que oferece ao turista e que encanta.⁵³

Reafirma, ainda, o imaginário sobre o que é ser baiano, qual o comportamento dado como inerente aos baianos. Para isso, lembra-nos que os baianos são alegres, felizes, afeitos a pessoalidades e sem muita formalidade:

F3 (Sérgio Melo – superintendente de energia da Coelba): [...] Eu solicito a todas as pessoas que estão nos ouvindo agora que brinquem o carnaval com alegria, com tranquilidade [...].⁵⁴

R (off): O Centro Histórico é o ponto mais visitado de Salvador. E se é por aqui que os turistas geralmente começam a conhecer a cidade, este também vai ser o primeiro contato com a hospitalidade calorosa do baiano.⁵⁵

F5(motorista): A gente sente fazendo parte, como se fosse uma família. Não, não é mais aquele... Aquela história de tratar passageiro como passageiro e motorista como motorista. Eu, particularmente, todos os meus passageiros eu trato como se fosse uma família.⁵⁶

E mesmo de forma implícita, nas entrelinhas, deixa no dito que nem toda Salvador é beleza. A baianidade reconhece que há uma cidade apta a ganhar visibilidade dentro de uma cidade cheia de áreas invisibilizadas:

R: São Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil. Quatrocentos e sessenta e quatro anos de história. Mas será que baianos e turistas conseguem reconhecer os

⁵¹ Veiculação em 06 de junho de 2013.

⁵² Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

⁵³ Veiculação em 06 de junho de 2013.

⁵⁴ Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

⁵⁵ Veiculação em 06 de junho de 2013.

⁵⁶ Veiculação em 07 de dezembro de 2013

pontos históricos da cidade que viraram cartões-postais? Nós fomos às ruas para conferir.⁵⁷

Importa observarmos, também, ainda que de forma ligeira, a presença de elementos imagéticos. Por ser o Bahia Meio-Dia uma produção televisiva texto verbal, áudio e imagem se processam de forma conjunta. No caso do tratamento da baianidade isso se torna mais contundente. A semiose sobre a baianidade é proposta e ancorada em imagens já consolidadas. Para dizer a suposta identidade, são necessárias baianas paramentadas de forma considerada típica, mulheres negras sorridentes, homens negros fortes usando trancinhas, dançando capoeira ou tocando berimbau, mar azul com sol brilhante, igrejas suntuosas e fita do Bonfim, acarajé apetitoso e, claro, o Centro Histórico.

Na contemporaneidade, entretanto, a cultura baiana é facilmente associada, ainda, à economia do entretenimento. Desta forma, ganham destaque na produção também os grandes eventos, shows fechados, festivais e produções que mobilizam uma das mais marcantes expressões da ideia de cultura baiana: a música.

A1: E tem ainda as opções para se divertir nesse fim de semana como o mega show de forró, amanhã, em Salvador, que reúne grandes nomes como Aviões do Forró.⁵⁸

A2: Aqui no estúdio a gente recebe Luis Caldas, que faz um show daqueles, amanhã, em Salvador, para animar a torcida de Brasil e Japão.⁵⁹

A2: E você confere também como foi o show do cantor Tiaguinho, uma das atrações do Samba do reino, que levou uma multidão ao Parque de Exposições, em Salvador.⁶⁰

O tratamento dado pelo Bahia Meio-Dia à cultura baiana – seja em associação prioritária com o turismo ou com a indústria do entretenimento – caracteriza-se por ser restritivo e instrumental. A cultura surge como sinônimo de atrativo, como recurso econômico ou como mero lazer. Manifestações e espaços históricos, por vezes, são destituídos de suas memórias para assumir a configuração de espaço turisticamente atrativo.

Como consequência, a cultura tanto perde seu caráter polissêmico quanto afasta-se da ideia inicialmente discutida nesta pesquisa no primeiro capítulo, já que para Geertz (2008) a noção de cultura não pode ser percebida como uma espécie de conjunto de comportamento, hábitos, costumes. Ao invés disso, ele propõe uma noção semiótica, de modo que a cultura seria a instância que organiza as experiências humanas por intermédio de símbolos e processos simbólicos. (GEERTZ, 2008). A noção de cultura (baiana) no Bahia Meio-Dia,

⁵⁷ Veiculação em 30 de março de 2013.

⁵⁸ Veiculação em 22 de março de 2013.

⁵⁹ Veiculação em 14 de junho de 2013.

⁶⁰ Veiculação em 21 de novembro de 2013.

entretanto, é a de cultura como recurso turístico e ativo econômico, que chega a atuar, meramente, como sinônimo daquilo que oferta diversão e prazer.

Notamos que a ideia de cultura associada à baianidade, propalada pelo Bahia Meio-Dia, encontra respaldo em uma vertente essencialista e espontaneista. Haveria, sob tal ótica, um conjunto de elementos baianos, natos, constitutivos e essenciais. A baianidade seria quase uma questão genética ou espiritual. Ao mesmo tempo, seria algo único, ímpar, originário da mistura harmoniosa e *sui generis* das três etnias que constituem o Brasil (a priori).

Ao lançarmos mão de alguns dispositivos analíticos da AD é possível questionarmos essa configuração do suposto *jeito baiano*. Retomando, por exemplo, as ideias de Foucault (2008), Brandão (2006) e Orlandi (2012) admitimos que não é possível datar as origens de alguns discursos. Da mesma forma, todo discurso carrega uma memória, dialoga com outros discursos para se constituir. O discurso da baianidade é, em certa medida, datado, logo, não tão espontâneo. Igualmente, se nossa peculiaridade é a mistura, a hibridação, não há como pensar o traço baiano como essa pureza típica, única, singular, já que somos híbridos e, assim sendo, as manifestações culturais baianas são permeadas por memórias plurais.

Ao mesmo tempo, a ideia de singularidade idílica da baianidade colocaria tal identidade como uma matriz primeira, originária, fundante. Porém, na efetivação dos discursos da baianidade, opera-se a partir de uma série de pré-construídos sobre o que é/seria ser baiano: sorridente, alegre, festivo, bucólico, leve, tranquilo, amistoso, sensual, afeito a personalidades, cheio de gingado, sedutor(a). Toda baiana é/seria sensual, boa de rebolado, dançante e faceira. Todo baiano é/seria capoeiristas, tocador de berimbau. Todos são/seriam admiradores de vatapá, caruru, mugunzá, umbu... Capazes de jurar por Deus e pelo Senhor do Bonfim!⁶¹

A primeira versão da baianidade (primeira metade do século XX) não contempla, assim, os interdiscursos e a memória. A noção seria, então, originária; mas capaz de designar pré-construídos que perduram ainda hoje. Já em seu segundo momento (segunda metade do século XX) a ideia passaria a contemplar os interdiscursos, a memória. Mais do que isso, a baianidade teria como diferencial seu caráter polifônico. Aliás, seria um processo parafrástico ancorado na polifonia cultural baiana (com etnias, credos, matizes, sons, saberes diversos reunidos).

⁶¹ Referência à letra 'No Tabuleiro Da Baiana', de Dorival Caymmi.

Como percebemos a baianidade como uma construção discursiva (o que não significa dizer que tal construção não encontra qualquer respaldo no real), entendemos que a heterogeneidade é constitutiva desse discurso. E que para além de gerar diferenciação, sentimento de coesão, uma marca para a Bahia, atuar como recurso ou atrativo turístico ou subsidiar a economia local a baianidade – seja em sua fase inicial, na segunda ou na contemporaneidade – opera, ainda, processos de silenciamentos. Organiza-se, reafirma e ao mesmo tempo refuta formações discursivas (FD) que, em última instância, reúnem (a partir de memórias, ditos, não-ditos, movimentos paráfrásticos e polissêmicos) possíveis sentidos para Salvador, seja em sua porção visível (de belas praias e sorrisos fartos) ou em sua porção invisibilizada (nem sempre tão bela ou sorridente).

4.2. FORMAÇÕES DISCURSIVAS: EM QUAIS VALORES, CRENÇAS E PRESSUPOSTOS A SALVADOR DO BAHIA MEIO-DIA ESTÁ FUNDAMENTADA?

Uma das noções mais escorregadias nos trabalhos de orientação discursiva é a de formação discursiva (FD). Pêcheux (apud MATOS, 2009) defende que a formação discursiva possibilita que os discursos não surjam do vazio, conferindo a eles alguma referência. Assim, “Na origem de cada processo discursivo está uma determinada formação discursiva que lhe permite a existência sobre certas condições.” (MATOS, 2009, p.207).

Foucault (2008) defende que uma formação discursiva delimita enunciados, conceitos, escolhas temáticas. Confere certa regularidade à abordagem de assuntos, temas, pautas que podem ou não ser tratadas em uma sociedade, em um período. Organiza uma espécie de conjunto de possibilidades temáticas, argumentativas e de correlações.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...]. (FOUCAULT, 2008, p.43).

É, pois, a partir das temáticas, assuntos, escolhas, modos de enunciação, objetos, regularidade, formas de abordagem e tratamento dados a tais elementos que buscamos identificar qual (ou quais) formação discursiva fundamenta os processos discursivos do Bahia Meio-Dia. Ainda de acordo com Foucault (2008) as formações discursivas estão submetidas

às regras de formação que associam-se a três pilares: 1) as superfícies de emergência; 2) as instâncias de delimitação e; 3) as grades de especificação.

As *superfícies de emergência* referem-se à configuração societária em vigor, ou seja, ao momento social, político, científico em que um dado tipo de discurso sobre uma questão emerge. Refere-se aos paradigmas que orientam o espaço social (assim, podemos aproximar esta percepção às condições de produção). Já as *instâncias de delimitação* dizem respeito ao campo que é habilitado para proferir determinado discurso (exemplo: o campo médico, o campo midiático, o campo militar etc.). Nesse caso, podemos retomar a ideia de que o campo midiático, por seu caráter exotérico (não limitado a um corpo institucional específico) (RODRIGUES, 2012) é uma instância mais aberta e fluída. E, por fim, há as *grades de especificação*, espécies de modelos a partir dos quais hierarquizamos, classificamos e tipificamos fenômenos, comportamentos, eventos, temas dentro de um campo (exemplo: temas que compõem as *hard news* e a *soft news*).

Partindo da compreensão de que o Bahia Meio-Dia constitui um exemplar de infoentretenimento (com base na identificação do *ethos* do programa), podemos dizer que a emergência do infoentretenimento no campo jornalístico só é possível por conta de uma ambiência, uma superfície de emergência, em que há a valorização das amenidades, das pessoalidades, do desejo de visibilidade, da sociedade de consumo e hipermoderna (KELLNER, 2001; LIPOVETSKY, 2007). O campo midiático, enquanto uma instância de delimitação, possui formas próprias de apresentar essa ambiência, a partir de práticas em que exhibe-se a fama, a popularidade, a ascensão social rápida como sinônimos de sucesso, bom desempenho, felicidade e realização. Essa perspectiva segue uma espécie de hierarquia, as grades de especificação, em que amenidades, pessoalidades, curiosidades, a vida privada, temas, em geral, ditos interessantes tornam-se mais atrativos que assuntos considerados “duros” como política (por contemplar as dimensões social e histórica), conflitos sociais, os deslocamentos dos paradigmas modernos etc..

As formações discursivas, então, associam-se tanto aos processos de construção de enunciados (visto que modelam a forma como algo pode vir a ser dito ou não); quanto aos processos que relacionam continuidade e rupturas entre enunciados (uma vez que orientam ou direcionam sobre argumentos e dizeres possíveis, inteligíveis e compreensíveis ou não em um dado momento). Além disso, é possível ainda que formações discursivas variadas se encontrem em alguns enunciados, sendo que os limites entre uma FD e outra não são

facilmente identificáveis. Ao contrário, podem mesmo se confundir. Essa noção, portanto, associa-se tanto a estabilização, quanto a rupturas de discursos (de acordo com alterações nas superfícies de emergência, por exemplo). Por isso Orlandi (2011; 2012) afirma que as formações discursivas não são estabilizadas, mas regiões de confronto de sentidos, estão em constante reconfiguração. Diferentes temporalidades, logo, sugerem atualizações das formações discursivas.

Seguindo por perspectiva similar Brandão (2006) defende que a ideia de formação discursiva exige um duplo movimento que recorre tanto à paráfrase quando aos pré-construídos. Ao recorrer a movimentos parafrásticos, as formações discursivas retomam e reformulam, constantemente, enunciados sobre um objeto, na tentativa de delimitação de fronteiras o que favorece a partilha de significados. Por isso, também, o recurso aos pré-construídos, a fim de tentar manter ou conservar o “já-dito”, algo que favoreça o reconhecimento de um possível sentido matricial, ou seja, um possível gesto de significação socialmente reconhecido ou legitimado que determina o que pode ser dito, por quem, a partir de qual lugar de fala.

A ideia de formação discursiva é o que nos permite acreditar e defender que apesar de temas, assuntos e questões variados constituírem o Bahia Meio-Dia, há uma espécie de matriz, uma orientação geral, pressupostos (oriundos, por exemplo, da ambiência social, do dispositivo televisivo, do grupo gestor da emissora, das parcerias que financiam as produções, dos princípios que regem a audiência, entre outros), a partir dos quais o programa se orienta para elaborar suas estratégias e operações discursivas e dizer Salvador. Assim, partimos, para a identificação das formações discursivas que fundamentam os discursos do Bahia Meio-Dia, dos implícitos, dos pré-construídos, dos ditos e dos não-ditos identificáveis no programa. Importa notar que:

[...] para analisar o modo como funciona discursivamente, uma dada instituição deve-se ultrapassar o universo estrito de onde produz o seu dizer e estabelecer um diálogo entre este dizer e o campo de produção discursiva de outras instituições sociais, o que implica compreender o mundo social, as formações discursivas aí existentes, o que garante a existência dos campos específicos, bem como as diferenças e semelhanças entre as formações discursivas correspondentes. (MATOS, 2009, p.208).

Novamente, as condições de produção (a cultura midiática, o veículo, os anunciantes, a gestão municipal, o momento social, os parceiros empresarias) são inseparáveis de tal processo. Não é possível, discursivamente, ignorarmos que tal produção está imbricada em relações de poder, nem analisarmos o programa sem considerar a ambiência em que este é

produzido. Como já discutimos, o Bahia Meio-Dia caracteriza-se pela leveza, presença de amenidades e *fait divers*, marcas que apontam para a despolitização da produção e seu caráter de infoentretenimento.

A1: Vamos ver também o ritmo que invadiu as academias de Salvador e está ajudando muita gente a perder peso.⁶²

A2: E hoje tem forró aqui no Bahia Meio-Dia. É a banda Menina faceira que está lançando um novo CD e já está em ritmo de São João com vários shows programados para o interior do estado.⁶³

A1: Um fim de semana de muita música!⁶⁴

Como apesar da predominância de temas amenos e leves o programa não pode – pelo contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2012) – apresentar-se como um noticiário constituindo-se somente de amenidades, o Bahia Meio também apresenta conflitos, problemas urbanos e temas dados como mais sérios.

A1: Moradores do Subúrbio Ferroviário reclamam do serviço de travessia marítima entre Plataforma e a Ribeira. Apenas duas lanchas estão em operação. Os passageiros se queixam também da falta de segurança.⁶⁵

A2: As nossas equipes acompanharam os transtornos causados pelo temporal em vários pontos da cidade.⁶⁶

A2: Uma cidade com poucos ônibus. Quem precisou usar o transporte coletivo ontem, em Salvador, reclamou da longa espera.⁶⁷

Ao intercalar *fait divers* e problemas de infraestrutura, segurança, mobilidade o programa opera uma simplificação e fragmentação do real. Entre uma notícia e outra não há tempo (ou silêncio fundador) para a reflexão sobre o dito. Ademais, propõe-se o trânsito entre esferas de dimensões variadas em um ritmo acelerado, o que dificulta a fixação do interlocutor em uma dada questão a ponto de interrogá-la. Somamos a isso a questão do tratamento dispensado a algumas temáticas, já que o fato de dizer não significa dizer de forma contextualizada. Contudo, tais marcas não são exclusividade do Bahia Meio-Dia, já que caracterizam a TV comercial. A própria equivalência de temas (a capacidade de imitação de alguém pode ganhar a mesma atenção que uma declaração de um secretário de estado, por exemplo) acontece também em outros dispositivos.

Ocorre que, conforme Rocha (2005), Salvador reúne uma cidade visível e uma cidade invisível (que preferimos dizer que é invisibilizada, uma vez que ela nos é dada como invisível com base em critérios definidos por sujeitos específicos que, em condições

⁶² Veiculação em 22 de março de 2013.

⁶³ Veiculação em 09 de abril de 2013.

⁶⁴ Veiculação em 05 de agosto de 2013.

⁶⁵ Veiculação em 16 de setembro de 2013.

⁶⁶ Veiculação em 10 de outubro de 2013.

⁶⁷ Veiculação em 09 de dezembro de 2013.

determinadas, dispõem de qualidades ditas pertinentes para tornar seus discursos equivalentes a discursos de verdade). É nesta ambiência que aquilo o que ganha ou não visibilidade (e sobretudo como) no espaço midiático torna-se ainda mais importante. Assim sendo, podemos pensar que a visibilidade e a invisibilidade que constituem cidades de uma cidade sugerem, também, pessoas visíveis e invisibilizadas. Os invisibilizados, eventualmente, ganham visibilidade, mas com a finalidade primeira de reafirmar a insalubridade associada a eles a partir do destaque de elementos como crimes, mortes, tráfico de drogas, privações, desordem. Deste modo, os invisibilizados seguem, prioritariamente, apartados dos espaços que discutem os rumos e o futuro da cidade. A presença desses sujeitos emerge, quase sempre, como questão a ser tratada. O invisibilizado não surge como alguém que pode propor alternativas, mas como aquele sobre quem os especialistas deliberam:

R (passagem): Nós estamos na Segunda Travessa Alvorada, no bairro de Pirajá. Fomos chamados aqui pela população para mostrar a situação dessa rua, que não tem esgotamento sanitário, não é urbanizada. A gente consegue perceber que aqui, olha, o esgoto corre a céu aberto. *Pa* passar por aqui, só assim: se equilibrando sobre as pedras. [...] ⁶⁸

F1 (prefeito de Salvador): Nós estamos muito atentos é, às situações de deslizamento de terra, de desabamento de imóveis, de alagamentos, pontos de alagamentos na cidade. (corte). A Secretaria de promoção social também está mobilizada pra dar assistência às famílias que são vítimas da chuva, é... Com cobertor, com colchão, com alimentação e com auxílio moradia naqueles casos em que as famílias sejam obrigadas a sair dos seus imóveis. ⁶⁹

Enunciam-se os problemas urbanos, as insuficiências, nossas tensões, mas isso não chega a gerar discussão sobre tais situações. Ao contrário, o programa sugere a simplificação de tais questões.

R: Carlos era primo do garoto Joel, que levou um tiro quando estava na janela de casa, em 2010, também na comunidade de Olaria. Nove policiais militares respondem pelo crime de homicídio duplamente qualificado. Três anos depois, a família sente a mesma dor. ⁷⁰

R: Aqui, no Alto do Cabrito, o bairro todo se arma na guerra contra as muriçocas.

F1(Diego dos Santos – servente): A gente tá na luta aqui, né. O repelente não tá dando mais jeito. Nós temos que molhar, fazer qualquer coisa aqui, criança pequena aqui debaixo. *Oh praí, oh! Oh* o tanto da muriçoca que sai! ⁷¹

Quando o homicídio de um jovem, cujos principais suspeitos do crime são policiais, é dado como um caso isolado, não se problematiza por quais razões somente em 2011 houve 777 homicídios (registrados) de jovens, a maioria jovens negros e pobres, em Salvador

⁶⁸ Veiculação em 03 de maio de 2013.

⁶⁹ Veiculação em 10 de outubro de 2013.

⁷⁰ Veiculação em 14 de junho de 2013.

⁷¹ Veiculação em 30 de março de 2013.

(MAPA DA VIOLÊNCIA, 2013)⁷² e, com frequência, envolvendo a polícia. Também não é proposta qualquer reflexão sobre por quais ensejos o poder público não mantém de forma sistemática e regular a limpeza de diques e córregos (apesar de propagar campanhas de combate à dengue e conclamar a todos a não deixar água parada eliminando, assim, os criatórios do *aedes aegypti*). Também não se discute como uma cidade que se pretende hipermoderna com empreendimentos imobiliários de alto luxo pode dispor de tantos esgotos a céu aberto ou de nenhum projeto efetivo e contínuo de habitação de interesse social.

Surgem, de fato, enunciados sobre tais situações, mas que descontextualizados, abordados de forma fragmentada, dissociados do histórico da cidade acabam por constituir dizeres que silenciam. Silenciam a possibilidade de debate, a probabilidade da emergência de outras vozes – que narrem tais situações de uma perspectiva diferente da já consolidada – e, ainda, a possibilidade de diálogo entre as alteridades. Contudo, Matos (2009, p.208) nos lembra que é possível que grupos excluídos falem, verbalizem seus enunciados, mas isso não implica, necessariamente, em constituir seus discursos: “[...] não são raras as reproduções das falas de excluídos, ou seja, os excluídos frequentemente são convocados a falar – a questão é como falam, isto é, em que medida falam para reforçar o que é dito por um outro [...]”.

(MATOS, 2009, p.208).

Pelo acompanhamento do Bahia Meio-Dia notamos que quando as pessoas que compõem a cidade invisibilizada falam, suas falas, frequentemente, reafirmam os dizeres dos especialistas (jornalistas, secretários, prefeitura) ou da cidade visível. O falar, nesse caso, não constitui um discurso próprio, mas uma partilha, com base em pré-construídos, que mantém alguns padrões e legitimam alguns espaços e falantes em detrimento de outros. Ainda assim, não são eliminadas possíveis tensões entre tais atores, porém, a força do discurso de verdade (que é o discurso de poder), quase sempre, mostra-se mais intensa:

F1(estudante): Porque eles são mais maleáveis, assim, na hora de falar, até na hora de dar uma bronca mesmo é diferente. O homem é mais maleável do que a mulher.⁷³

R: Agora, muita gente continua jogando lixo na rua aqui, né?

F3 (pres. da Associação de Moradores): É, infelizmente. Os moradores aqui também *precisa* ser mais *educado* e evitar botar lixo porque através do lixo que o rato é... Atrai o rato.⁷⁴

São as relações de poder se efetivando nos processos discursivos. Sabemos que hoje são crescentes iniciativas e projetos que tentam operar uma mudança nessa composição, mas

⁷² Disponível em: < http://mapadaviolencia.org.br/mapa2013_jovens.php>. Acesso em 06 mar. 2013

⁷³ Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

⁷⁴ Veiculação em 29 de maio de 2013.

notamos que esse tipo de iniciativa ainda é pouco frequente na TV comercial aberta, sendo mais efetiva quando do uso de mídias alternativas e novas mídias. Ocorre que tal situação (considerando o poderio da TV comercial aberta) favorece tanto o efeito de real (BOURDIEU, 1997), já que são atores sociais legitimados que conduzem a produção e narram os fatos; quanto reafirma, por esses gestos parafrásticos, a tentativa de silenciar vozes que destoem do que se espera, ou seja, silencia a alteridade.

Assim a cidade invisibilizada é dita (e eventualmente diz) para ser silenciada. E através da repetição desses dizeres (sobre as posições sociais, os papéis, a responsabilidade individual na manutenção da cidade, a responsabilidade individual sobre a saúde etc.) opera-se uma espécie de consolidação da identidade do outro. Outro, nesse caso, que habita o mesmo território administrativo, mas que frequentemente é narrado como alteridade por partilhar de comportamentos, disposições, interesses e condições de vida distintos. O programa, nesse sentido, contribui para uma espécie de codificação da diferença (SAID, 2011), mas não com o propósito de aproximar grupos diversos, mas sim de demarcá-los, estereotipa-los e separa-los, atribuindo, por exemplo, como próprio de determinados bairros e grupos sociais elementos como a criminalidade, a violência, a beleza, a propensão às festividades etc.. Apaga, entretanto, que essas situações não são naturais, atributos inerentes ao sujeito, mas são produzidas historicamente a partir de relações de força e hierarquizações simbólicas.

Como, ao mesmo tempo, não é possível que o poder seja detido em sua totalidade por uma única instância, mesmo diante de problemas, conflitos, desajustes e privações existe alguma resistência. Said (2011) defende que nas relações de força não há hegemonia total, não há ausência de resistência. Não há, de modo estanque, dominantes e dominados.

A2: Uma das manifestações foi na Avenida Luis Eduardo Magalhães e aconteceu depois de um acidente, o segundo no mesmo local em menos de uma semana.⁷⁵

R: Os moradores já fizeram três manifestações pedindo solução para o dique.

F5 (aposentado): Queremos reivindicar *pá* limpar, a limpeza do dique.⁷⁶

A2: Durante as manifestações de ontem, os moradores fecharam a Avenida Manoel Dias da Silva, uma das mais movimentadas da capital.⁷⁷

A2: Revoltados, os moradores fizeram um protesto, no início da noite, na Avenida São Rafael. O grupo colocou fogo em um ônibus que passava pelo local.⁷⁸

O que ocorre é que há sim, alguém que perde e alguém que ganha, mas sempre mediante alguma resistência. No caso de Salvador, de forma recorrente, perdem os pobres,

⁷⁵ Veiculação em 16 de setembro de 2013.

⁷⁶ Veiculação em 30 de março de 2013.

⁷⁷ Veiculação em 14 de junho de 2013.

⁷⁸ Veiculação em 25 de abril de 2013.

moradores de bairros pobres, as mulheres, os jovens negros. Mas para que a resistência também não seja tão acirrada ou mesmo a fim de impedir uma implosão social, é preciso que exista uma esfera, dimensão ou mecanismo que funcione como uma espécie de válvula de escape, que possibilite alguma satisfação ou gozo. É nesse momento que os elementos mistura, tolerância, sincretismo, harmonia, esperança, fé e alegria emanam constituindo uma espécie de ponto de equilíbrio entre a cidade invisibilizada e a cidade visível.

R (off): Depois da festa de reis, os católicos baianos começam a preparação dos festejos ao Senhor do Bonfim. Moisés agora prepara o altar do santo. Tudo branco, seguindo a tradição. Assim como o presépio, o altar também fica virado pra rua. Tradição e fé ao alcance de todo mundo.

F4 (Restaurador): É uma festa dele, iniciada agora que é, o Cristo salvador da Bahia, o Senhor do Bonfim, e a gente fica muito feliz de tá homenageando ele.⁷⁹

F1 (orientador social): A música muito boa, uma energia boa, um astral bacana, é uma energia... É a Bahia de verdade.

F5 (comerciante): Maravilhoso. Sensacional! Só Carlinhos Brown mesmo pra animar a galera desse jeito. Bahia, sempre Bahia. Salve 2013.⁸⁰

As festas, a alegria, a religiosidade, a mistura (étnica e religiosa) surgem como elos, elementos que de algum modo operam uma ponte entre essas cidades, que aproximam-nas, superando barreiras. São meios de integração, que sintetizam a cidade e extrapolam fronteiras cotidianamente reafirmadas. Surgem, ainda, como ações que possibilitam ao poder público operacionalizar enunciados sobre a valorização e a autoestima local, por meio dos quais reafirma-se ainda o que, sob a ótica essencialista, compõe a personalidade do baiano: uma capacidade nata para a alegria e a felicidade, independente de desigualdades, injustiças ou conflitos urbanos. Uma capacidade impar para ser feliz.

A1: A missa de Páscoa, celebrada ontem, na Catedral Basílica de Salvador, emocionou muitos fieis. Do lado de fora o som do berimbau. Dentro da igreja, hinos católicos.⁸¹

F4 (turista francês): É a primeira noite aqui. É muito magnífico.⁸²

F2 (ACM Neto – prefeito de Salvador): Só vale alegria, festa, folia, paz. É isso que nós queremos no carnaval de Salvador A prefeitura tá consciente que está preparada pra fazer um grande evento e este vai ser um carnaval inesquecível, eu não tenho dúvida.⁸³

Não se pode negar, então, que, em alguma medida, há uma espécie de gosto, satisfação ou regozijo pelo que se é. Mesmo com todos os incontáveis conflitos, está presente a festa, a alegria, o *jeitinho* que faz absolver os problemas. E são estes os elementos que, ainda que

⁷⁹ Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

⁸⁰ Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

⁸¹ Veiculação em 1º de abril de 2013.

⁸² Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

⁸³ Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

parcialmente, geram alguma visibilidade e mesmo satisfação para os invisibilizados; e servem como subsídio ao poder público para que este afirme uma interação e preocupação com toda a cidade, sem distinções:

F1 (Guilherme Bellintani secretário municipal de turismo e cultura): Felizmente a nossa é... atuação foi é, muito rápida em relação a isso. A polícia militar atuou muito bem [...].⁸⁴

F1 (prefeito): Bom, o réveillon vai acontecer ali naquela área do Mercado Modelo, na Praça Cairu, com o palco voltado pra Avenida Contorno. Vai ser uma grande festa! A gente quer fazer o maior réveillon da história de Salvador. [...] vão ser quatro dias de festa, várias bandas. Bandas de axé, de forró, de sertanejo, MPB, rock, vai ter banda pra todo gosto, vai ser uma festa maravilhosa, uma queima de fogos parecida com a que acontece no Rio de Janeiro, lá em Copacabana. Então, a gente tá organizando pra ser um réveillon, assim... Que vai marcar a história de Salvador.⁸⁵

Esses mesmos elementos operam, tal qual já sinalizado, como ponte entre a cidade invisibilizada e a cidade visível; e são alguns dos principais atributos que dizem a cidade visível. A Salvador visível é “[...] cidade-vitrine, da cidade-espetáculo [...]” (ROCHA, 2005, p.06). Ela retoma as bases da ideia de baianidade, da ideia de mistura harmoniosa entre etnias, credos e cores, constituindo-se em uma cidade de diversidades e belezas singulares. É a Salvador de praias, águas mornas, sobre a qual, em muitos casos, quem fala são os especialistas, os trabalhadores vinculados ao segmento turístico ou os turistas.

R (off): Sol, mar e quilômetros de praia. Se refrescar nas águas da Bahia foi a escolha de muitos turistas.

F1 (Turista RJ): Isso aqui é maravilhoso. Salvador e Rio de Janeiro são *parecidos* na beleza, nas belezas naturais... Isso aqui é maravilhoso, *tô* gostando muito.

[...]

Reportér: E o queijinho também *tá* fazendo o maior sucesso. Quantos já vendeu hoje?

F3 (Ambulante): Mais ou menos uns 150 reais.⁸⁶

R: São Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil. Quatrocentos e sessenta e quatro anos de história. Mas será que baianos e turistas conseguem reconhecer os pontos históricos da cidade que viraram cartões-postais? Nós fomos às ruas para conferir.⁸⁷

Quando o programa ancora-se em uma perspectiva idílica para dizer a cidade visível, espetacular, expõe seu caráter conservador, ordeiro e pouco afeito a mudança. Tenta operar uma espécie de sincronização e um trânsito entre uma temporalidade essencialista e tradicional e uma temporalidade hipermoderna.

⁸⁴ Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

⁸⁵ Veiculação em 27 de novembro de 2013.

⁸⁶ Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

⁸⁷ Veiculação em 30 de março de 2013.

A2: O primeiro presépio foi montado por São Francisco de Assis, em 1223. E hoje a gente vai conhecer famílias, aqui de Salvador, que mantêm viva essa tradição, um gesto que para elas simboliza amor e união.⁸⁸

R: Além da música, o Cortejo exhibe moda. No palco uma roupa para homenagear Xangô, o orixá do ferro, da justiça, tema do bloco para este carnaval. O Cortejo é teatro também, representado na figura de Veko, há sete anos no bloco.⁸⁹

Os problemas urbanos são dados como situações pontuais ou problemas inerentes a qualquer grande cidade. Apontam para um sentido de cidade em expansão, em crescimento e que, como tal, não pode fugir do preço a pagar pelo desenvolvimento. Consequentemente, Salvador passa a se configurar como *locus* que reúne passado e presente, como uma terra de tradições, mas que também reúne os característicos problemas das grandes cidades contemporâneas. Assim, os problemas urbanos deixam de demandar atuação efetiva e contínua do poder público. Nesse caso, segundo o programa, qual a saída? A saída está: na ação individual; na atitude de cada um; na vontade própria e independente; na busca autônoma por oportunidades e felicidade. Compete, assim, a cada indivíduo fazer a sua parte.

A2: Cuidados, Ricardo, que, na maioria das vezes, **dependem apenas de pequenas mudanças de hábito** (grifo nosso). Por exemplo, diminuir o consumo de água, economizar energia, separar o lixo, respeitar os horários do caminhão de coleta, são coisas simples que cada um pode fazer a sua parte, né?⁹⁰

R: Depois de 10 anos trabalhando na indústria, Oseias decidiu buscar novas oportunidades e, acredita numa **remuneração melhor através da qualificação** (grifo nosso).⁹¹

F2 (Lavínia Melo – microempresária): Meu filho mais velho já, já é um empreendedor também. Ah... Tá na faculdade, mas já é um empreendedor. O meu filho mais jovem também... **Tem garra, coragem, força, sabe, é um desbravador** (grifo nosso). Então, foi muito bom isso [...].⁹²

Essas evidências levam-nos a pensar que a grande estratégia discursiva operada pelo Bahia Meio-Dia é o silenciamento, o que o programa faz pela despolitização das demandas municipais, pela fragmentação da cidade e de suas questões, pela quase isenção de responsabilidades concedida ao poder público e pela expansão das responsabilidades atribuídas aos cidadãos. E, para tanto, o programa mobiliza, prioritariamente, a formação discursiva da baianidade e a formação discursiva da cidade em expansão/modernização.

O Bahia Meio-Dia opera no já sabido, retoma constantemente os pré-construídos – seja sobre os problemas urbanos ou sobre a ideia de identidade cultural baiana –, não propõe rupturas nem qualquer movimento discursivo brusco. A significação de Salvador é (proposta)

⁸⁸ Veiculação em 29 de novembro de 2013.

⁸⁹ Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

⁹⁰ Veiculação em 18 de julho de 2013.

⁹¹ Veiculação em 05 de novembro de 2013.

⁹² Veiculação em 11 de maio de 2013.

pelos interdiscursos da baianidade (alegria, festa, misturas, etnias) e pelos interdiscursos dos grandes centros urbanos (violência, trânsito, planejamento urbano, infraestrutura, mobilidade). Em ambos os casos, não falas que não propõem alterações, rasgos ou mudanças, mas que conservam, que são ordeiras e ordenadas por critérios de hierarquia social que mantêm as disparidades.

Os problemas e conflitos sociais existem, mas não são historicizados ou contextualizados. Assim, são despolitizados e sobram apenas fatos ocasionais, simplificados, narrados como incidentais, inusitados ou incomuns e, por isso, interessantes, mas não merecedores de desdobramentos ou interlocuções políticas. Diz-se para silenciar, já que não há espaço para problematizar tais fatos. As resoluções ficam por conta de terceirizações individuais ou por conta de promessas quanto, autotelicamente, projeta-se que um dia algo será feito. Ao mesmo tempo, são recorrentes os movimentos parafrástico sobre Salvador que acionam os supostos elementos essencialistas (da fé, da alegria, da ginga, da hospitalidade).

Os problemas da cidade, logo, não têm raízes, vínculos ou causas políticas (históricas e sociais). São originários da irresponsabilidade de quem não estaciona em local adequado; ou de quem descarta resíduos inadvertidamente nas ruas; ou ainda são originários de jovens arruaceiros, vândalos, desordeiros; ou por jovens pobres que não respeitam as regras e o direito do outro. São de responsabilidade de quem consome comida no espetinho durante o carnaval; não tem paciência para esperar o transporte coletivo; usa ligação irregular de água (mesmo quando no bairro falta água quase todos os dias da semana). São de responsabilidade de quem não ajuda o poder público (o que para o programa equivaleria ao sujeito assumir o lugar de fiscalizador e não de participante).

A2: É que muita gente estaciona os carros em local irregular, atrapalhando o trânsito.⁹³

F1 (artista plástico): Foi sim, jogado por pessoas irresponsáveis. Porque agora *tá* melhorando e tenho fé em Deus que a partir de agora, com essa reportagem linda e maravilhosa, vai melhorar mais ainda. E a Bahia toda tem que tomar como exemplo.⁹⁴

R: Por que se fala tanto em não jogar lixo nas encostas? É que o lixo, além de poluir o meio ambiente, aumenta o peso no terreno e a infiltração de água no solo. Com isso o risco de deslizamento de terra é muito maior.⁹⁵

Eventualmente, surgem vozes que destoam das diretrizes do programa. Contudo, estas são rapidamente contidas, a fim de limitar problematizações fortuitas que poderiam emergir a

⁹³ Veiculação em 31 de janeiro de 2013.

⁹⁴ Veiculação em 18 de julho de 2013.

⁹⁵ Veiculação em 25 de abril de 2013.

partir de tais perspectivas, o que reforça a ideia de que o programa não está predisposto a debater os conflitos urbanos, assim como fortifica a operação que diminui as responsabilidades do poder público municipal e transfere-as aos cidadãos, individualmente:

F2 (engenheiro ambiental): Olha, eu achei um belíssimo exemplo que *Seu Ivo* dá de cidadania. Eu não chamaria de árvore sustentável, mas um belíssimo exemplo de cidadania que ele nos dá aponta *pra* uma discussão sobre sustentabilidade. Sustentabilidade seria não se gerar tanto resíduo, se gerar tanto lixo. Mas o recado que a gente tem que ouvir, tanto moradores da cidade quanto as autoridades, que: se ele teve tanto trabalho pra colocar esse material aí dentro é porque gente irresponsável largou de qualquer forma na rua e a prefeitura não soube recolher de forma adequada. *Esse* é uma questão de cidadania básica. *Seu Ivo tá* dizendo aqui: senhores, nós temos que ser cidadãos. Quando a gente *aprende* a ser cidadão vamos poder começar a pensar em sustentabilidade.

[...]

F2 (engenheiro ambiental): Olha, é o que a gente tem que fazer. É o que todo mundo tem que se esforçar pra fazer. *Cê* falou agora na construção civil. Hoje em dia se você pega e passa na rua, identifica qualquer obra de construção civil, *cê* vai ver o enorme desrespeito que a indústria da construção civil provoca perante a cidade! As ruas, os passeios tomados por obra, caminhões betoneiras fazendo barulhos infernais, concreto sendo derramado na rua, material sendo jogado fora. Eu não tenho dúvida que se *Seu Ivo* fosse aproveitar o material que o pessoal descarta na rua durante a obra ele precisaria de uma floresta pra pendurar.

[...]

R: O senhor agora, *vamo* aproveitar, *Seu Ivo*, antes da gente encerrar, *pro* senhor deixar um recado, fica aqui, né, o recado *pras* pessoas: *vamo* pensar bem no que a gente joga no lixo, *vamo* pensar bem no que a gente consome também.

F1 (artista plástico): É eu primeiro quero agradecer a eles porque eles *tão* fazendo um bom trabalho. Quero agradecer também por não jogar mais na rua.

R: Fica essa mensagem, né *seu Ivo*?

F1 (artista plástico): É, a mensagem...

R: Tá bom, a gente vai ter que encerrar. Muito obrigada. E é isso aí, fica uma mensagem bem interessante, bastante curioso aqui também. Camila.⁹⁶

Seguindo esta trilha, não importa de quem é a responsabilidade sobre os carros abandonados em vias públicas; nem de quem é a responsabilidade pela coleta de lixo (que nem é seletiva, em uma época em que tanto se fala em sustentabilidade). Nem de quem é a responsabilidade por decidir quantos ônibus circulam na cidade durante os finais de semana, nem importa também quem delibera sobre o sistema de transporte público. Em alguns casos, aliás, a responsabilidade pode até ser de eventos climáticos.

R: E de quem é a responsabilidade por retirar esses carros das ruas de Salvador? [...]. Olha só, nós procuramos saber, procuramos o Detran e, em nota, a assessoria de comunicação informou que o Detran não tem a responsabilidade de retirar esses carros. [...]. E o Detran informou que a responsabilidade por retirar esses veículos é da TRANSALVADOR. Nós também procuramos a TRANSALVADOR que, em nota, informou que só cabe à TRANSALVADOR retirar os veículos que estão desrespeitando o código de trânsito. [...]. Mas nas outras situações aí a responsabilidade, segundo a TRANSALVADOR, é da Limpurb. Já a Limpurb

⁹⁶ Veiculação em 18 de julho de 2013.

informou que só cabe a ela retirar as carcaças e, que toda a responsabilidade *pra* retirar os carros abandonados das ruas é da TRANSALVADOR.⁹⁷

A2: Independente de quem é a responsabilidade *pra* isso, o que acontece é que a população precisa de uma solução.⁹⁸

A1: Pontos de ônibus lotados, trânsito parado e trechos de ruas e avenidas alagados. Foram alguns dos problemas causados pela chuva, pelas fortes chuvas que atingem Salvador, desde ontem.⁹⁹

Constrói-se uma proposta de gestão de cidade sem qualquer indício de participação, de diálogo, de democracia ou envolvimento social. Uma gestão em que as responsabilidades são individuais, pessoais, mas é possível ter um representante para validar promessas e projetos. Os conflitos urbanos (criminalidade, violência, homicídios, tráfico de drogas, violência contra mulheres, discriminação étnica, intolerância, desemprego), quando emergem, são dados como causadores de problemas para a cidade-vitrine e seus habitantes, ao invés de serem olhados como consequências ou desdobramento de uma configuração societária historicamente desigual e injusta. Desigualdade, esta, que constitui um tema intocável para o programa. O jamais-dito que se esconde sob todos os ditos.

Irrompe, nessa ambiência, um projeto de modernização, mas que, se bem olharmos, não implica em rupturas. As grandes mudanças que hoje são propostas a Salvador contemplam, prioritariamente: empreendimentos imobiliários de alto padrão; empreendimentos comerciais que congregam consumo e lazer e destinam-se a grupos sociais que dispõem de alto poder aquisitivo; multiplicação de vias focadas no fluxo de veículos particulares; e ações de revitalização e requalificação de áreas estratégicas para o segmento turístico. São praticamente inexistentes propostas que primem por desenvolvimento social, constituição de áreas de lazer e integração, escolas, bibliotecas, cinemas em bairros afastados das áreas que são “cartões-postais”; ou projetos de revitalização dos parques públicos ou investimentos municipais em equipamentos culturais localizados fora das áreas turísticas ou das áreas que congregam os grupos sociais de maior poder aquisitivo.

Salvador, portanto, continua a ser administrada com base em um modelo desenvolvimentista que se mantém segregador. A promessa de progresso, como acontece, continua a gerar desigualdades, violências, desequilíbrios. Parafraseando as palavras de Milton Santos (2000), ao invés de se pensar e propor uma inserção em uma outra possibilidade de cidade (uma globalização possível) mantemos o paradigma perverso, em que

⁹⁷ Veiculação em 26 de fevereiro de 2013.

⁹⁸ Veiculação em 09 de dezembro de 2013.

⁹⁹ Veiculação em 10 de outubro de 2013.

não pesa contemplar questões como melhores condições de vida, desenvolvimento ou justiça social.

Vale ponderar que mesmo quando o Bahia Meio-Dia diz a cidade invisibilizada (problemas, conflitos, crimes, homicídios etc.), demarca como insalubres bairros pobres, ou como insolúveis problemas que são históricos, estes são apresentados como atributos inerentes a determinados grupos. Assim, o programa articula seus discursos com os projetos de hipermodernização da cidade, em que a prioridade é a privatização da sociedade. Ou ainda, articula-se com discursos de instituições como a polícia e outros ligados à coerção referendando ou legitimando falas que criminalizam a pobreza.

Deste modo, a cidade invisibilizada, pelos conflitos que lhes são atribuídos como inerentes, acaba por servir como espécie de justificativa para o projeto atual de segregação. É a política do medo que reforça a fortificação da cidade e silencia as causas históricas dos movimentos que constituem o medo. A política do medo, por exemplo, é bastante saudável para a segurança privada; para o esquecimento dos espaços públicos (ótimo para a construção civil); e a criminalização da pobreza, excelente para silenciar os desajustes sociais. Isso evidencia que os discursos “jornalísticos” não se organizam de forma isolada, mas articulam-se com discursos de outros campos e, recursivamente, alimenta-os e são alimentados por eles ao propor narrativas da cidade.

Diante disso, quem decide sobre a capital baiana? Os especialistas (gestores, administradores, empresários). E os cidadãos, o que fazem? Acompanham, reclamam, se queixam, mas também se divertem. E por qual via é possível conter os conflitos (não resolvê-los), além da admissão das responsabilidades individuais? Pela ordem e fiscalização. Pelo ordenando da cidade, dos lugares, das pessoas que, inclusive, deve ser operado pelo próprio cidadão.

F2 (José Antônio Rodrigues – secretário municipal de saúde): Eu acho que nós temos que intensificar a mobilização, além da fiscalização, nessa questão do... do espetinho.[...]. Perfeito. Eu acho que uma ação, uma ação da nossa vigilância, da própria repressão, no sentido de impedir a venda de espetinhos, mas se a população se conscientizar disso eu acho que essa é a principal fiscalização que nós temos pra fazer nesse momento.¹⁰⁰

A2: Onze carros e duas motos foram rebocados para o pátio da TRANSALVADOR neste fim de semana, durante a operação para ordenar o estacionamento na orla da Barra. Outros 74 veículos foram autuados.¹⁰¹

¹⁰⁰ Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

¹⁰¹ Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

Nos discursos do Bahia Meio-Dia, então, percebe-se um caráter ordeiro, uma vez que são mantidos valores e argumentos que validam disposições e papéis consolidados. Em um momento em que tanto se discute mudanças, quedas de fronteiras, a paráfrase (nos fechamentos e nas retomadas) é recorrente para propor um sentido (sob ótica centralizadora) para Salvador. Assim, ele repete, continuamente, dicas, pessoalidades, curiosidades, festividades e a urbanidade. Utiliza-se, para marcar a FD da baianidade, de significantes como: festa, alegria, praia, carnaval, diversão, mistura, música, tudo o que faz desta, discursivamente, a terra da alegria. E para marcar a FD da cidade em expansão/ modernização são acionados significantes como: trânsito, mobilidade, infraestrutura, empreendedorismo.

R (off): Sol, mar e quilômetros de praia. Se refrescar nas águas da Bahia foi a escolha de muitos turistas.¹⁰²

A1: No Bahia Meio-Dia desta sexta-feira, 14 de junho, véspera do início da Copa das Confederações, vamos falar dos últimos preparativos para esta festa do futebol!¹⁰³

A1: Quem passou ontem pelo Terminal da Praça da Sé, aqui em Salvador, se surpreendeu com uma festa de confraternização na rua, no ponto de ônibus.¹⁰⁴

R (passagem): O futebol pode até ser o principal motivo da visita dos torcedores que veem pra Salvador acompanhar os jogos da copa das confederações. Mas uma vez aqui na cidade ninguém quer que eles resistam à música e aos encantos dessa terra.¹⁰⁵

A1: E por falar em trânsito, veja só, a partir de hoje está completamente proibido o estacionamento de carros no lado direito da Avenida Estados Unidos, no Comércio, [...]. A determinação, segundo a TRANSALVADOR, é para melhorar o trânsito no Comércio.¹⁰⁶

A2: O segredo de um bom negócio! O Bahia Meio-Dia começa hoje uma série de reportagens com exemplos de empreendedorismo.¹⁰⁷

O jeito baiano, o gosto pelas festas, entretanto, não deixa de ser atualizado. Assim, emerge também uma festividade modernizada, em espaço fechados, com formas de acesso programadas, grandes efeitos e outros equipamentos. São os ensaios, as gravações de CDs e DVDs e outros espetáculos. O programa maneja problemas e belezas, alegrias e conflitos, expansão e pobreza. E isso é possível porque, como Foucault (2008) afirma, uma formação discursiva – como um sistema de atração e dispersão – também possibilita contradições. É isso o que torna possível, em uma terra narrada como aquela afeita a festividades, alegria, entretenimento, diversão e predomínio das pessoalidades termos enunciados sobre crimes, conflitos urbanos, problemas de infraestrutura, de mobilidade, de acesso a direitos básicos.

¹⁰² Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

¹⁰³ Veiculação em 14 de junho de 2013.

¹⁰⁴ Veiculação em 07 de dezembro de 2013

¹⁰⁵ Veiculação em 06 de junho de 2013.

¹⁰⁶ Veiculação em 18 de fevereiro de 2013.

¹⁰⁷ Veiculação em 21 de novembro de 2013.

As formações discursivas não precisam atuar isoladamente, nem são em si mesmas unificadas. E se as formações discursivas são interligadas admitimos que, conforme os discursos do Bahia Meio-Dia, o programa parece propor aos seus interlocutores um sentido de Salvador fundamentado na valorização da ordem e da continuidade; nas tradições; no gosto pelas amenidades e afetividades; na predominância do individualismo e de comportamentos cordatos, que evitam embates, conflitos e rupturas. Um sentido em que o fazer político é apresentado como contrário a tudo isso e, portanto, disposto como aborrecedor.

A FD da cidade em expansão/modernização aponta que problemas são inevitáveis se quisermos crescer, o que despolitiza a cidade e seus conflitos. A FD da dita cultura baiana, enquanto isso, é acionada para evidenciar que mesmo com os problemas contemporâneos Salvador continua sendo a terra da alegria. Bonita, de gente alegre, que sabe sorrir e festejar mesmo diante de dramas. Os pré-construídos da baianidade essencialista surgem, assim, como mecanismos de silenciamento, afinal, diante de tanta exuberância por que se ocupar de questões políticas? Salvador, nos discursos do Bahia Meio-Dia, tem uma vocação natural para a felicidade. E essa terra feliz, bela, de gente agradável não pode deixar morrer sua suposta *essência* diante dos problemas urbanos. Afinal, qual cidade grande não os tem? Assim, propõe-se que mantenhamos a ideia de diferenciação pela capacidade de sorrir e festejar porque, no Bahia Meio-Dia, baiano que é baiano, do bom, não é de briga, nem de crime; não é triste, nem frio. Não gera problema, só sorriso.

Nesse jogo ambíguo e conflitivo o Bahia Meio-Dia transita entre a cidade visível e a cidade invisibilizada, e, assume o discurso e o lugar de fala da cidade-vitrine. Não propõe cortes ou problematizações sobre a cidade e suas contradições. Diz para silenciar nossos conflitos. Investe em uma identidade em que as misturas são bem-vindas, desde que possam ser convertidas em atrativo turístico. Demarca territórios, pessoas, grupos. Prescreve receitas de comportamentos e ações aceitáveis. Abomina os inaceitáveis. Gradativamente ele despolitiza e silencia, gerando um efeito de real harmonioso. Desta forma, mais que narrar a identidade baiana, a ideia de *cultura baiana* é acionada para despolitizar e silenciar o contraditório em Salvador, eliminando elementos, componentes e fatores sociais e históricos. Em uma cidade tão desigual, a desigualdade é simplificada, a ponto de esfacelar-se, desfazer-se em doses homeopáticas até não mais ser dita. Mesmo quando se diz nos interdiscursos, ela adornece no jamais-dito, na forma estridente de um profundo silêncio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à etapa final desta pesquisa com a clareza de que não esgotamos as possíveis discussões sobre comunicação, os discursos sobre Salvador, as questões locais e identidade. Seja pelo fato de uma pesquisa poder sempre ser revista e apontar para questões ainda em aberto, ou porque a própria complexidade das cidades exige que olhemos para estas sempre com disposição para novas descobertas e questões. Ou ainda porque o próprio campo da análise de discurso, com as mudanças e deslocamentos da contemporaneidade, também acaba por exigir atualizações, assim como os campos da comunicação e da cultura, searas que instigam-nos sempre.

Entendemos, ainda, que a análise aqui empreendida pode desdobrar-se em outras diversas e densas questões. O próprio hibridismo das cidades, ou especificamente neste caso de Salvador, sua pluralidade, seus antagonismos, suas produções simbólicas e constantes modificações provocam novas interrogações.

Em nossa investigação sobre os discursos que narram Salvador e que mecanismos e estratégias são acionados pelo Bahia Meio-Dia para operacionalizar tais narrativas, deparamo-nos com assuntos como as mudanças físicas da cidade, seu planejamento urbanístico, criminalidade e violência, as novas formas artísticas, a economia do entretenimento local. Encontramos, ainda, as relações sociais, as relações de gênero, as formas de nomeação que constroem a cidade. Topamos com as relações econômicas, de classe, a diversidade étnica, as manifestações simbólicas – e a apropriação destas para fins econômicos, praticamente dissociados de uma política cultural. E podemos também trazer à tona os lugares do poder, a fala do poder, as disputas veladas, entre outros tópicos.

Em suma, há muito ainda o que investigar, indagar ou buscar sobre Salvador, em especial, ao articularmos a cidade aos dispositivos midiáticos, visto que as aproximações entre comunicação e as cidades são, como já apontamos, históricas, em resposta e decorrência da necessidade de ampliar formas de comunicação entre grupos sociais maiores e aglomerados de pessoas de origens diversas. Além disso, por ser a mídia e o jornalismo legitimados historicamente, importa atentarmos frequentemente para os discursos propalados em tais instâncias, já que estes reverberam socialmente e, por vezes, parecem incontestáveis.

O uso de recursos como imagens, sons, gravações e testemunho constituem, ainda, provas, de modo que questionar tais evidências torna-se mais complexo. Entretanto, é válido

questionar quais disposições orientam tais posicionamentos e enquadramentos; quais valores ou propósitos estão presentes em tais discursos; Será que outras disposições constituiriam ou acionariam outros discursos? E mais: será que quem é interpelado por tais disposições sabe das escolhas que ancoram tais posicionamentos?

Neste estudo retomamos a aproximação entre comunicação e cidade, a partir de investigação sobre os discursos sobre Salvador, capital baiana, em um telejornal tido como referência na região. Nossa proposta buscou identificar e compreender quais estratégias e operações o Bahia Meio-Dia utiliza para dizer Salvador, com sua pluralidade e suas controvérsias, narrando as cidades de uma cidade.

Tendo tal propósito como orientador, nos debruçamos, a princípio, sobre a ambiência contemporânea e o lugar da cultura midiática nas relações humanas e sociais hoje. Notamos que os meios de comunicação constituem e integram tais relações, orientando e propondo estilos de vida, comportamentos, formas de ascensão e sucesso, bem como leituras sobre o mundo. Notamos, ainda, que na era midiaticizada e espetacular, em que o desejo de sucesso, felicidade plena e permanente, adequação e aceitação e em que todos estão acessíveis a todo tempo, entreter, divertir, apresentar modelos de vida fabulosos têm sido as proposições prioritárias da grande mídia.

A pertinência, então, de ocuparmo-nos com as relações entre cidade e a mídia está no fato de a sociabilidade e as mediações hoje, em medidas variadas, transitarem pelas mídias. Nessa conjuntura midiática, os sentidos sobre a cidade, os olhares que lançamos sobre pessoas, manifestações, espaços, expressões são constituídos, ao menos em parte, pelo que aprendemos – e por como aprendemos – pelas mediações e recriações propostas pelos meios de comunicação. A partir dos meios de comunicação, novos sentidos podem ser propostos para as cidades, assim como sentidos estabilizados podem continuar a ser reafirmados e, por isso, nem sempre o que tais meios favorecem são os deslocamentos ou a constituição de novas formações discursivas.

Pesa ainda o fato de que há um apelo crescente à humanização dos fatos. Mas a forma como esta humanização vem sendo conduzida regularmente incide sobre a transformação de tragédias e dramas pessoais em espetáculos midiáticos. Assim, no caso do Bahia Meio-Dia, por exemplo, cresce a informalidade, o uso de vocabulário simples, a inserção dos gostos e personalidades dos apresentadores como estratégias de identificação e aproximação. Essas aproximações possibilitam tratamentos pessoalizados a questões que seriam sociais e não

somente pessoais. Ao mesmo tempo, esse tipo de tratamento aciona uma espécie de partilha de valores e posições, já que a produção se coloca como espaço que compreende, entende, se sensibiliza com os casos de Maria, João e outros sujeitos de Salvador que sofrem, mas que também se resignam ou regozijam em outros momentos. Humanizamos situações dolorosas e festivas e tudo se transforma em espetáculo.

Nesse cenário midiático e espetacular, tivemos como propósito orientador identificar de que modo o Bahia Meio-Dia mobiliza estratégias e mecanismos discursivos para dizer Salvador, com suas contradições. Debruçamo-nos sobre a identificação de assuntos e temáticas que irrompem como noticiáveis na e sobre a cidade no programa. Além disso, articulamos as prerrogativas e características da cultura midiática com as diretrizes que uma produção televisiva oferta na abordagem de questões sobre a vida da cidade, bem como as articulações entre o espaço midiático (televisivo) e a configuração de narrativas identitárias vinculadas à capital baiana. Aproximamos, ainda, os campos da teoria social da mídia e o campo da análise de discurso, com base em que compusemos nossos dispositivos teórico e analítico e desenvolvemos a análise da produção televisiva tomada como dispositivo, o programa Bahia Meio-Dia. Buscamos, também, identificar quais as principais formações discursivas que ancoram os modos de dizer Salvador no programa, considerando as temáticas destacadas, as formas como estas tornam-se noticiáveis, a argumentação constituída pelo programa, percebidas por intermédio das enunciações.

Seguindo essa trilha, identificamos, como já antecipamos, que o programa opera a partir da lógica do espetáculo midiático. Ganham destaque questões leves, curiosas, inusitadas, que podem chamar a atenção, têm caráter singular, mas que não cheguem a problematizar questões densas – como nossa ordem social desigual, nossa configuração política ou mesmo a discussão ampla e democrática sobre que projeto de cidade pretende-se. Dispondo de tal lógica como guia, importa não se indispor e mesmo não se mobilizar, já que o espetáculo não requer desdobramentos e reflexões, mas ações pontuais, superficiais e rápidas.

Ademais, notamos que o Bahia Meio-Dia utiliza-se de algumas operações recorrentes para dizer Salvador e propor sentidos para a região como, por exemplo, a seleção de pautas, a terceirização de responsabilidades, a desresponsabilização do poder público, a naturalização das fontes de conflitos, as personalidades, a reafirmação de uma identidade local essencializada e o silenciamento. Sobre a seleção e definição de pautas vimos que este é o primeiro mecanismo discursivo utilizado pelo programa. Os temas, a preferência pelas amenidades,

pelos *fait divers* e interesses humanos, em detrimento de questões tidas como complexas, revela uma produção que pretende mostrar uma cidade leve, feliz, cheia de amenidades.

Desta forma, propõe-se um município em que o predomínio da felicidade suplanta os problemas e conflitos, que nem chegam a merecer ser discutidos de forma atenta, fazem jus, quando muito, a abordagens pontuais. Igualmente, a predominância de temas rápidos, fluidos, que não exigem tanta atenção, já que dados como pílulas informativas administradas em segundos está na própria configuração do programa, com enunciados curtos, dinâmicos e notícias breves. O agendamento sistemático de eventos, shows e pautas musicais apontam também para a exploração de uma fórmula atrativa, em que mesmo os conflitos e tensões podem ser suavizados com ginga e alegria que também remetem ao ideal do que seria o jeito baiano, dado como naturalmente alegre e festivo.

A terceirização de responsabilidades sobre a cidade também emerge regularmente no programa. Assim, compete a cada indivíduo atentar para a cidade, não sob uma ótica participativa (atento às discussões, intervindo em espaços deliberativos, sendo consultado sobre projetos e questões de impacto sobre a cidade), mas sob uma ótica ordeira. Deste modo, cidadania é associada não a formas de participação e envolvimento com a dinâmica da cidade, mas com o cumprimento de obrigações pontuais (como não estacionar em local proibido ou não jogar lixo na rua ou não pichar o muro da igreja). Nesse sentido, cabe a cada um, ainda, individualmente, a inserção no mundo do trabalho, a educação, a qualificação profissional, a ascensão social, de modo que, implicitamente, pelos discursos do programa, a cidade confere a todos oportunidades iguais, bastando a vontade individual para burlar alguns empecilhos (já que os conflitos sociais não aparecem desta forma, mas como derivações de ações irresponsáveis ou negligentes da parte de sujeitos específicos).

Nesta mesma linha de raciocínio, a produção lança mão de outro mecanismo para narrar a cidade: a naturalização e o apelo à particularização. Quando problemas como alagamentos, semáforos quebrados, ausência de sinalização, deslizamentos de terra, desmoronamentos de casas em áreas populares, entre outros, aparecem eles, predominantemente, são dados como decorrentes de causas naturais como as chuvas, o vento ou a incapacidade do solo de absorver a quantidade de água. Assim sendo, praticamente, apaga-se a existência de um poder público que deveria ao administrar a cidade prepará-la para o enfrentamento de situações desse tipo, qualificando sua infraestrutura e evitando tais consequências. De fato, sabemos que situações extremas e calamidades podem acontecer. Contudo, não é de ocorrências de tal monta que

falamos, mas de eventos cotidianos, como uma chuva, para os quais um município do porte de Salvador, em ideal, estaria preparado.

Quando a individualização dos conflitos torna-se central tanto o êxito quanto o fracasso pertencem unicamente ao sujeito. É este quem deve atuar; é quem deve se qualificar, criar as próprias oportunidades, empreender. É também quem deve se defender, se proteger e se afastar dos perigos (inclusive das pessoas e frações de cidade taxadas como perigosas). Assim, tornam-se justificáveis alternativas como o enclausuramento em seus bairros, condomínios e guetos voluntários, tal qual se torna conveniente o enclausuramento daqueles outros ditos como indesejáveis ou improdutivos em seus bairros, espaços e sítios específicos.

Abordagens similares orientam, também, o tratamento de problemas como a violência urbana, mas nesses casos, adiciona-se à naturalização a particularização. Conseqüentemente, a violência, a criminalidade, a insegurança não são dados como problemas sociais, mas problemas de áreas específicas, de grupos, localidades e, quase sempre, delimitados a partir de parâmetros como nível de renda, escolaridade, etnia e CEP residencial. Não é a cidade que sofre com ausência de projetos voltados para desenvolvimento social ou políticas de enfrentamento à violência insuficientes, mas alguns bairros que não se adequam às regras de convívio social e geram situações de violência. A violência simbólica, aliás, é silenciada, como se não existisse e não causasse socialmente nenhum mal. Nos discursos do Bahia Meio-Dia, portanto, não existem causas históricas para nossos conflitos, esses decorrem de sujeitos específicos, designados como os marginais, criminosos ou *envolvidos*, e apontados como inerentes a algumas localidades, sem debates que relacionem a violência, o crime, o tráfico com as dimensões política, econômica, educacional do município (menos ainda do país).

Quando estas questões – violência, conflitos sociais, desigualdade de renda, educação etc. – são tratadas como eventos pontuais, situações específicas isso descaracteriza o que tais fatos teriam de político, de social, de histórico. Assim, o problema da falta de atendimento médico, da escassa falta de infraestrutura em uma localidade determinada, da falta de segurança, da pobreza são postos como problemas individuais e não sociais. São assuntos que precisam ser resolvidas por aqueles indivíduos especificamente envolvidos: uma pessoa, um morador. Não são problemas que mereçam ou exijam a mobilização e atuação da sociedade.

Nessa perspectiva, excluídos, pobres, desempregados aparecem como causadores da problemática social soteropolitana. Não é a desigualdade que gera pobreza e conseqüentemente pessoas em tais situações passam a enfrentar tais problemas. As práticas

hierarquizadas, discriminatórias, desiguais e cerceadoras não são ditas como problemas a serem enfrentados. Ao invés disso, o programa, quando aciona tais questões, as coloca como geradoras de conflitos sociais – a violência, o assédio, o crime, o tráfico – e não como desdobramento de uma configuração desigual. De fato, tais situações constituem-se em problemas, mas não têm origem neles mesmos. Ao contrário, decorrem do grande desequilíbrio social que marca a cidade. Assim, motivações e efeitos são revertidos e as pessoas passam a ocupar, individualmente, o lugar de responsáveis, motivos e motivadores dos dramas sociais. E, mais uma vez, o Bahia Meio-Dia opera o silenciamento que transforma efeito em causa e silencia as motivações iniciais.

Torna-se, também, uma responsabilidade individual buscar educação, saúde, moradia, qualificação profissional etc. Defende-se que se o sujeito for capaz de prover os próprios recursos, com força de vontade e garra, ele obterá sucesso. Um sucesso manifesto em um trabalho, ainda que de baixa remuneração ou em condições extenuantes. Ou ainda um sucesso que não possibilita romper com um ciclo de desigualdade, já que tal sujeito continuará ocupando cargos e postos de trabalho historicamente mal remunerados e desvalorizados, mas uma possibilidade de afirmar que cada um pode e deve fazer o seu, por si mesmo.

Operações como estas favorecem, também, outra possibilidade acionada pelo programa que consiste na desresponsabilização do poder público ante as fragilidades da região. As dificuldades que Salvador enfrenta (sobretudo em sua área urbanizada, já que as regiões mais afastadas que constituem o município nem mesmo aparecem no programa) são inerentes às grandes cidades ou ocasionados por pessoas que não agem de forma cidadã: param em locais proibidos, deixam carcaças de carros nas ruas, ocupam encostas desordenadamente, não contratam arquitetos e engenheiros para projetar seus imóveis autoconstruídos etc..

De fato, o indivíduo tem (ou deveria ter) responsabilidade por seus atos. Mas não se pode confundir as obrigações individuais com obrigações institucionais, exigindo que o cidadão assuma o lugar do poder público e desenvolva ações compatíveis com as instâncias legalmente responsáveis por tais questões. Quando problemas sociais (infraestrutura urbana, atendimento em postos de saúde, esgotamento sanitário) emergem como de responsabilidade individual e não política o que se presta, efetivamente, é um desserviço ou um serviço de desinformação, já que o cidadão passa a ser responsabilizado pelos problemas e sequer tem como cobrar a garantia de direitos básicos (além de pouco dispor de informações sobre como intervir nas deliberações municipais). Logo, partindo dos mecanismos discursivos que o

Bahia Meio-Dia aciona, não há o que ou como discutir politicamente a cidade. Isso porque os problemas que Salvador enfrenta acabam por ser despolitizados, e, o poder público é praticamente isentado de suas responsabilidades, não tem, de acordo com o programa, responsabilidade sobre a garantia de direitos sociais, enquanto o sujeito passa a ser acionado como único responsável pelo sucesso ou fracasso seu e da localidade.

Apesar desses conflitos, Salvador continua sendo propalada como terra de felicidade, alegria, festas e harmonia. Assim, aciona-se também a reafirmação da dita baianidade como a identidade local, como uma suposta disposição natural à alegria, à festa e à felicidade, que faz com que superemos tudo isso. Mesmo porque, nossa disposição nata à felicidade é o que nos une (já que geográfica, étnica, social e economicamente temos grandes desequilíbrios); é o que nos motiva (já que são os festejos, cortejos e encontros que mais congregam em espaços públicos a população); e ainda hoje é o que nos diferencia (visto que somos hábeis empreendedores no segmento de entretenimento e singularmente felizes no Brasil).

Nossos elos são reforçados pela fé, pelo carnaval, pelas festas, pelas tradições que, apesar das mudanças, não morrem. As festas são momentos em que classes, etnias, bairros se aproximam, superando as desigualdades e provando que somos todos baianos, seja nas pistas ou nos camarotes. O programa não propõe leituras que contestem os reducionismos essencialistas. Caminhamos, modificamos nossa configuração, mas pelas bases dos discursos do Bahia Meio-Dia, parece haver a intenção de afirmar que há uma essência em ser desta terra que não se perde; e que até pode ser atualizada, mas nunca torna-se outra.

Diante de tais operações, notamos que a principal estratégia discursiva acionada pelo programa acaba por ser a de silenciamento. Diz-se, regularmente, nossas mazelas, mortes, crimes, medo, violência, insegurança. Mas esses ditos são minorados diante de festas, música ao vivo, opções constantes de entretenimento e lazer, curiosidades, dicas de saúde e beleza. Ao mesmo tempo, a forma como esses dizeres vêm à tona não incorporam a ambiência social e política em que tais acontecimentos se dão, seus contextos históricos. Assim, o programa diz, mas não problematiza; narra, mas não contextualiza, de modo que tudo ganha um ar pontual, isolado, estanque, que emerge e submerge em si mesmo.

As desigualdades étnicas, por exemplo, não são acionadas para que se pense por que negros e negras têm, ainda hoje, menos oportunidade no mundo do trabalho. Nem se aciona como é pensada e efetivada a educação regular hoje, em uma ambiência em que o mundo oferta uma série de possibilidades aparentemente “convidativas” aos jovens que sonham em

participar da fábula do consumo, mas não têm expectativas quanto a um futuro “promissor”. Não se discute por que crimes passionais crescem, sobretudo contra mulheres, em uma cidade em que o jornal sai às ruas para perguntar se é bom ou preferível ser chefiado por mulheres e não, por exemplo, por que ainda hoje se tem resistência à presença de mulheres em postos de comando. Dizer para não problematizar parece responder às mais variadas questões com superficialidade, o que contribui para a naturalização de discursos por vezes excludentes que suavizam as chances de que outras construções discursivas, que questionem essa configuração, ganhem força.

A estratégia de silenciamento é o que possibilita ao Bahia Meio-Dia dizer tantos conflitos, mas não questiona-los. Diz-se o inevitável, os casos chocantes, os casos que quase não têm como não insurgir, numa tentativa de aproximação com o real, de manter a referencialidade. Mas não se busca a compreensão sobre o significado social de tais acontecimentos. Desta forma, não há como mudar ou questionar a ocorrência, recorrência e continuidade de tais situações. Os problemas que emergem ganham sempre um ar fraturado, não sendo tratados como expressões decorrentes de relações complexas e entrelaçadas com outros conflitos que não aparecem naquela superfície textual, mas se encontram também ali.

Sabemos que é próprio dos processos discursivos os apagamentos e esquecimentos. Contudo, não é próprio de tais processos a descontextualização. Quando a produção descontextualiza as motivações para uma dada situação, por exemplo, a ocupação irregular de áreas de risco (habitadas, predominantemente e historicamente, por falta de opções menos deletérias, diante da ausência de políticas habitacionais, da segregação geográfica oportunizada pela valorização de algumas áreas em detrimento de outras, da especulação imobiliária, de práticas de planejamento urbano que historicamente discriminam os pobres, entre outras); ou os índices de criminalidade de algumas regiões (que abruptamente emergem no programa vinculados à pobreza e não às desigualdades sociais que condicionam alguns sujeito à negação de direitos), entre outros, tais abordagens explanam pouco. Numa sociedade como a brasileira, em especial, a soteropolitana, a TV ainda é um meio destacável e primaz de informação. A obtenção de informações descontextualizadas favorecem interpretações rasas, centradas em efeitos superficiais e pouco ocupadas dessa tal cidadania.

Diante de tais estratégias e operações discursivas, se os problemas são pontuais, pessoalizados e as soluções individuais, não há ensejo para nos mobilizarmos, não há causas para questionar o poder público, não há razões para problematizar os parâmetros que orientam

nossa configuração societária ou motivos para indagar sobre atribuições de papéis sociais orientados por critérios de classe, gênero, etnia. Constrói-se a ideia de que tudo correria muito bem não fosse o sujeito irresponsável que estaciona na calçada materializando sua “falta de cidadania”.

Quando consideramos, contudo, o quadro de desigualdades de Salvador notamos que há muita gente exercendo sua “falta de cidadania”. Nesse caso, se consideramos que o homem é sujeito social e se constitui em relações, então, podemos pensar que o problema da “falta de cidadania” em Salvador não é meramente individual, mas uma questão social. Questão essa que torna-se tão patente nas práticas cotidianas individualizadas, talvez, pelo fato da cidade mostrar-se, cotidianamente (em sua gestão, seus projetos, sua forma de organização, suas disposições, seus investimentos e oportunidades) pouco afeita a essa tal cidadania. Talvez a “falta de cidadania”, seja tão presente por, historicamente, ser negada a muitos de seus supostos cidadãos as condições mínimas para que estes compreendam o que seria a tal cidadania, aí sim, exercendo-a e suplantando o predomínio de sua falta.

Parece-nos, desta forma, equivocado requerer a supressão da falta (de cidadania) na ausência de condições mínimas que favoreçam a presença e o exercício (da cidadania) de forma efetiva e não escamoteada pelo direito do cidadão consumidor. Essa é uma problemática que requer pensarmos a cidade não sob a ótica individualizada e pessoalizada, nem como espaço natural, essencializado, mas sob uma perspectiva política, histórica e cultural em que indaguemos sobre como nossas relações com e neste espaço têm se dado e que caminhos podem ser trilhados para repensar atuações insuficientes. Talvez até possamos e devamos agregar aí as individualidades, mas não a partir de perspectiva individualista e sim sob a lógica das revoluções moleculares que exigem ações pequenas, localizadas, mas não descontextualizadas ou dissociadas da complexidade social.

Isso dista significativamente das construções discursivas que o Bahia Meio-Dia maneja e propõe para dizer Salvador. Ao demarcar as frações de cidade (aptas para viver, aptas para a privação e o crime, aptas para o turismo), bem como ao naturalizar essas composições desiguais (em que alguns sujeitos são os reclamantes, os despossuídos e os que são narrados, enquanto outros são os que pensam sobre a cidade, projetam seu futuro e dizem as soluções por aqueles que não são legitimados para fazê-lo) o programa parece primar pela manutenção da ordem que vigora e não propor seu questionamento.

Somamos a isso o fato de que elementos históricos, sociais e econômicos, nas construções discursivas do Bahia Meio-Dia, como já apontamos, não parecem bem-vindos para abordar os conflitos de Salvador. A história que constitui a cidade – sua ocupação, distribuição de terra, construção social e étnica, sua economia, os vínculos entre economia e cultura – são apagados discursivamente fazendo com que a atual situação do município, praticamente brote dissociada de circunstâncias históricas ou anteriores.

Ademais, notamos que a produção utiliza-se basicamente de duas formações discursivas: uma vinculada, ainda hoje, à ideia de uma identidade territorial essencializada, a partir da qual emanam falas sobre a alegria, a capacidade para festejar, receber bem a quem vem de fora e ser feliz. É a formação discursiva que ancora a ideia de baianidade como marca distintiva e peculiaridade local; e que aporta ainda o território como um lugar de tradições, ainda que em vias de modernização.

A segunda formação discursiva refere-se à modernidade urbana, à cidade em expansão, e visa a demonstrar que estamos crescendo, com novas possibilidades, empreendimentos, formas de viver, oportunidades e uma economia do entretenimento forte. Isso até gera alguns transtornos (problemas como congestionamentos, crimes, desorganização, insuficiência na infraestrutura urbana), mas parece ser o preço a pagar, já que não paramos no tempo. Assim, são articuladas duas temporalidades: o tempo das tradições (ritualística, coletivizada, gregária) e o tempo da hipermodernização contemporânea (individual, lúdica e fragmentada).

Em seus discursos, o Bahia Meio-Dia transita entre o passado e o presente, o tradicional e o contemporâneo, mas ainda predominam valores estabilizadores e consolidados. A ideia de que somos naturalmente felizes, festivos, alegres e carnavalescos, por exemplo, é quase incontestada pelo que diz o programa. O que mudou foi a forma de festejar, que agora pode ser em espaços fechados, com arrocha, sertanejo universitário e pagode além de *axé music*; que não precisa mais de datas ligadas a festejos religiosos como Lavagem do Bonfim ou Iemanjá, mas pode congrega enxaguadas e enxugadas após as lavagens.

O desejo de conservação parece ser reafirmado assiduamente pelo programa, ainda que isso signifique não tocar em bases que organizam uma ordem sabidamente desigual. As crises, as instabilidades e as incertezas não são postas como indícios de possibilidades ou de insuficiência da configuração que hoje temos, apontamentos para uma nova configuração de cidade. Ao invés disso, eventuais questionamentos emergem como indesejáveis, inadequados

e a mudança parece previamente qualificada como intolerável. A conservação da ordem é posta como ideal e como única possibilidade.

Considerando os discursos do Bahia Meio-Dia e, retomando aqui alguns princípios que constituem a ideia de cidade (vida política e administração pública, mercado e coletividade), estes aparentam certo desequilíbrio em Salvador, o que parece contribuir para a fragmentação da cidade. Todavia, indagações sobre essa possível fragmentação, novamente, não são contempladas pelo programa, já que não se mostram compatíveis com os imperativos espetaculares. Para problematizar seria necessário admitir a situação atual como indesejada, inquietante ou merecedora de reflexão.

Notamos que no Bahia meio-Dia há temas que dizem os bairros pobres (crimes, mortes, tráfico, doenças, insalubridade, risco) e temas que dizem os bairros economicamente favorecidos (belezas naturais, cultura, independência financeira, empreendedorismo). Há demarcado o lugar da mulher soteropolitana (preferencialmente em casa, mas podendo trabalhar, desde que não descuide da casa e dos filhos. Aconselha-se, ainda, que ela não ocupe postos de comando e que saiba preparar receitas saborosas, mas de forma econômica). Há, também, uma demarcação evidente sobre quem sofre com problemas básicos e denuncia tais insatisfações (gente comum, gente simples, moradores das comunidades); e quem está apto a resolvê-los (os especialistas, os órgãos municipais).

A pluralidade e mesmo as controvérsias que caracterizam Salvador possibilitam que a capital baiana seja dita a partir de perspectivas até antagônicas no Bahia Meio-Dia. Esses antagonismos são apresentados conforme princípios do veículo e da linha editorial do programa. Assim, o que sobressai, o que ganha visibilidade varia segundo as disposições e afinidades do programa, do veículo, do meio e mesmo do público que se filia a tais propostas.

Diante disso, o que buscamos neste estudo não foram leis gerais sobre o telejornalismo ou as narrativas sobre os centros urbanos nos telejornais, mas sim uma leitura sobre as estratégias e operações discursivas que dizem Salvador, especificamente, em um programa: o Bahia Meio-Dia. Uma leitura que não é a única possível. Atentamos, assim, para as particularidades de uma produção televisiva, na tentativa de propor uma leitura sobre a complexidade desta produção e não de todas as produções similares.

Assim sendo, chegamos às considerações reconhecendo os limites que este trabalho, por ser um estudo de uma produção específica, em um período particular, carrega. Não propomos uma generalização ou construção teórica ampla, mas sim, um ensaio, uma descrição, uma

análise particular a partir de um recorte possível, mas não único. Logo, não estendemos seus resultados a todas as produções similares (considerando aqui como critério para afirmar tal similaridade o dispositivo, o veículo ou o meio). Ao invés disso, enxergamos nesta busca (pontual) um caráter interpretativo e, por isso mesmo, passível de outras leituras e releituras.

O que fizemos foi um exame da produção Bahia Meio-Dia e, como tal, este não se propõe a ser a verdade atemporal sobre a produção. É, contudo, um gesto de leitura não intuitivo ou baseado em paixões e personalidades, mas sim fundamentado em dispositivos teórico, metodológico e analítico consistentes os quais se não garantem total objetividade à análise é porque é inerente às ciências sociais e humanas a impossibilidade de precisão já que assim como viver, o homem não é preciso. Uma análise, então, que toma por base a cultura (conceitualmente), uma cultura (específica) ou culturas (de forma aproximativa) não pode ser precisa, generalizante, nem mesmo rígida. Diante disso, pensamos que o silenciamento político, tão recorrente na produção, evidencia que, talvez, a presença da ausência seja o vestígio ou indício mais salutar de nossas relações de poder; e os constantes movimentos de despolitização, acionados por estratégias e operações diversas, marcam o quão político ser aparentemente despolitizado pode ser.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas*. In: *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/umuarama/arquivos/File/educ_esp/fil_dialetica_esclarec.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- AIUB, Giovanni Forgiarini. Um breve histórico sobre os estudos da linguagem: (in)definições do objeto a partir de leituras de Saussure. **Inventário** (UFBA), Salvador, v. 7, p.15-30, 2009. Disponível em <<http://www.inventario.ufba.br/07/UmBreveHistoricoSobreOsEstudosDaLinguagem.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013
- ALMEIDA, Gilberto W. Estado, televisão e construção de identidade na Bahia. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 23, 2000, Manaus. **Portcom**. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=47192>>. Acesso em: 09 out. 2013.
- ALMEIDA, Valéria Paz de. **Nas redes dos telejornais: o tecido discursivo e a formação de memória social**. 2006. 404f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23082007-121224/pt-br.php>>. Acesso em: 27 jun. 2013.
- ANCÂNTARA, Paulo Henrique; COUTINHO, Simone; RUBIM, Antonio Albino Canelas. Salvador nos anos 50 e 60: encontros e desencontros com a cultura. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, v. 3, n. 01, 1990. Disponível em:<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3104/2218>>. Acesso em 29 jan. 2014.
- ANJOS JÚNIOR, Edwaldo Sérgio dos. Reflexões sobre cultura e turismo à luz da antropologia: o caso da Bahia. In: III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3, 2007, Salvador. **Anais eletrônicos do III Enecult**. Salvador, UFBA, 2007. Disponível em:<<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/EdwaldoSergiodosAnjosJunior.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2012.
- ARAÚJO, James Amorim. Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre. **GEOUSP: Espaço e Tempo** (USP), São Paulo, n. 31, 2012, p.133-142. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/viewArticle/576>>. Acesso em 23 jul. 2013.
- ARAÚJO, Margareth Xavier. Mídia e identidade: legitimação de conceitos por programas televisivos. In: GUERRA, Josenildo Luiz; MARINHO, Mônica Benfica. (Org.). **Circunavegação: temas em comunicação contemporânea**. Salvador: UFBA; Facom, 1997. p. 143-157.
- ARAÚJO, Ubiratan Castro de. As cidades e suas contradições. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Orgs.). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: Edufba, 2010. p.33-38. Disponível em: <<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/176/1392494461158941900.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2013.

- ARNT, Ricardo. A desordem do mundo e a ordem do jornal. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p.170-178.
- BAHIA. **Bahia Turismo**. Disponível em <<http://bahia.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2012
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARCELLOS e MARAMMELLA. O significado dos condomínios fechados no processo de segregação espacial nas metrópoles. **Textos para Discussão** (Fundação de Economia e Estatística – FEE), Rio Grande do Sul, n. 19, nov.2007. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/tds/019.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Trad.: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 07-154.
- BEVERLEY, John. **Subalternidad y Representación: debates en teoría cultural**. Madrid: Iberoamericana, 2004.
- BIASIN, Olívia. Olhares estrangeiros: impressões dos viajantes acerca da Bahia no transcurso dos oitocentos. In: MOURA, Milton. (Org.). **A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.18-55.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BOARATTI, André. **Um estudo sobre o conceito de espaço público em Hannah Arendt**. Universidade Federal de Goiás, 2007. Disponível em: <http://www.ucg.br/ucg/ser/ArquivosUpload/1/file/Artigos/pdf/estudo_sobre_conceito.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.02-73.
- _____, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad.: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. N. Analisando o discurso. In: CASTILHO, Ataliba T. de. (Org.). **Portal da Língua Portuguesa**. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006
- BRAGA, Roberto; CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. Cidade: espaço da cidadania. **REDBCM**, Pernambuco, 2011. Disponível em <<http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidade%20espa%C3%A7o%20da%20cidadania%20braga11.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2013.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Turismo. *Plano Aquarela 2020: Marketing turístico internacional do Brasil*. Brasília, DF, 2009. 117p.

- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/painel>>. Acesso em: 17 ago. 2012.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp; Editora 34, 2000. p. 211 – 340.
- CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião Pública**, Campinas, v.08, n.01, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/op/v8n1/14873.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2013.
- CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de.; PEREIRA, Gilberto Corso. As “Cidades” de Salvador. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de.; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: Edufba, 2008. p.81-107.
- CARVALHO, Inaiá; BARRETO, Vanda. Segregação residencial, condição social e raça em Salvador. In: **Cadernos Metrôpole**, n. 18, 2007. p.251-273.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad.: Angela S. M. Côrrea. 2. ed.– São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COUTO, Edilece Souza. “A Bahia não se desnacionaliza”: modernidade, civilidade e permanência dos costumes na Salvador republicana . In: MOURA, Milton. (Org.). **A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.56-85.
- COSTA, Cibele Cristina Barbosa. A TV, o Outro e o Mesmo: figuras da alteridade e traços identitários no Jornal Hoje da Rede. Globo. 2010. 134f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10587/1/dissert_Cibele%20Costa.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2013.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: ESPAÇO, CIDADANIA, MULHER E MORTE NO BRASIL**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.05-68.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Brasil: eBooksLibris, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2010. p.11-72; 185-360.
- EAGLETON, Tery. **A ideia de cultura**. Trad.: Sandra C. Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.9-50.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008. Coleção Debates.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAUSTO NETO, Antonio. Mídiação, prática social – prática de sentido. In: 15º Encontro Anual da Compós, 15, 2006, Bauru: SP. **Anais do 15º Encontro Anual da Compós**. UNESP, 2006. Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2013.
- _____, Antonio. Transformações nos discursos jornalísticos – a atorização do acontecimento. In.: MOUILLAUD, Maurice.; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal:**

da forma ao sentido. Trad.: Sérgio Grossi Porto. 3.ed. rev .ampl.- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 259-288.

- FERNANDES, Ana. Cidade contemporânea e cultura: termos de um impasse? In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Orgs.). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: Edufba, 2010. p.23-28. Disponível em: <<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/176/1392494461158941900.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2013.
- FERREIRA, Giovandro Marcus. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. -8ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 99-116.
- _____, Giovandro Marcus. Pistas sobre instrumentos analíticos acerca da cobertura midiática do acontecimento-crise. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; SAMPAIO, Adriano de Oliveira (Org.). **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.43-55.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____, Michel. **Arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p.03-48; 285-315.
- _____, Michel. **A Ordem do Discurso**. 21.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O campo do poder como espaço de mediação entre política e mídia. In.: GUERRA, Josenildo Luiz; MARINHO, Mônica Benfica. (Org.). **Circunavegação: temas em comunicação contemporânea**. Salvador: UFBA, Facom, 1997. p. 176-197.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008. p.03-65.
- GOMES, Antonio Marcos Tosoli. O desafio da análise de discurso: os dispositivos analíticos na construção de estudos qualitativos. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, out./dez. 2006. Disponível em < <http://www.facenf.uerj.br/v14n4/v14n4a20.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2013.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: como se forma el presente**. Barcelona: Paidós Comunicação,1991. p. 11-74.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.
- _____, Stuart. Significação, representação, ideologias: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: HALL, Stuart.; SOVIK, Liv. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 160-198.
- _____, Stuart. Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação: um entrevista com Stuart Hall. In: HALL, Stuart.; SOVIK, Liv. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 353-386.

- _____, Stuart. Codificação/ decodificação. In: HALL, Stuart.; SOVIK, Liv. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387-404.
- _____, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. *Retratos da Leitura no Brasil*, 2012. Disponível em <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2834>>. Acesso em: 06 de abril de 2013.
- KEHL, Maria Rita, Imaginar e Pensar. In.: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p.60-72.
- _____, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Maria Rita Kehl: artigos e ensaios**. 2003. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivacao.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- _____, Douglas. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**. Ano 6, v.6, n.11, p. 4-16, abr.2003. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/3901>>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- KLEIN, Otávio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Estudos em Comunicação**, Passo Fundo, RS, n.1, p.215-231, abr.2007. Disponível em:< <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf>>. Acesso 14 set. 2013.
- KRONES, Joachim Michael. Turismo e Baianidade: a construção da marca “Bahia”. In: III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3, 2007, Salvador. **Anais eletrônicos do III Enecult**. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoachimMichaelKrones.pdf>>. Acesso em: 13 de setembro de 2012.
- LAHORGUE, Mário Leal. Cidade: obra e produto. **Geosul: Revista do Departamento de Geociências – CFH/ UFSC**, Florianópolis, v.17, n. 33, p.45-60, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13786>>. Acesso em: 23 jul. 2013.
- LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **Geosp: Espaço e tempo**, São Paulo, n. 24, p.109-123, 2008. Disponível em:<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp24/Artigo_Sandra.pdf> Acesso em: 23 jul. 2013.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Trad.: Armando B. Ara. Barueri, SP: Manole, 2007.
- LUBISCO, Nídia Maria Lienert.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 5.ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- MAGNAVITA, Pasqualino **Triste Bahia, oh quão dessemelhante**. In: Revista Muito. Salvador: A Tarde, 2009. Disponível em: <<http://jeitobaiano.atarde.uol.com.br/?tag=pasqualino-magnavita>>. Acesso em: 07 jul. 2013.
- MAIA, Aline Silva Correa. O telejornalismo no Brasil na atualidade: em busca do telespectador. In: XVI Congresso das Ciências da Comunicação na Região Sudeste., 16, 2011, São Paulo. **Anais do XVI Intercom**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0839-1.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad.: Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARIMÓN, Montserrat Moreno; VILARRASA, Genoveva Sastre. Los modelos organizadores del pensamiento. In: MARIMÓN, Montserrat Moreno; VILARRASA, Genoveva Sastre. **Cómo construimos universos: amor, cooperación y conflicto**. Barcelona: Gedisa, 2010. p.55-86.
- MARQUES, Welisson. Metodologia de pesquisa em análise do discurso face aos novos suportes midiáticos. **Domínio de Lingu@gem - Revista Eletrônica de Linguística**. v.05, n.01, jan./jun. 2011. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/12277/8054>>. Acesso em: 08 ago. 2012.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novas visibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência. **Matrizes**, São Paulo, v.1, n.1, out. 2007. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/32/49>>. Acesso em: 13 dez. 2013.
- MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 27-38.
- MATOS, Rita de Cássia Aragão. **O Paroxismo do sonho: um estudo sobre a exclusão social no Jornal Nacional**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- _____, Rita de Cássia Aragão. Cenografias da Televisão na Bahia. In: VII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 7, 2011, Salvador. **Anais eletrônicos do VII Enecult**. Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=998>. Acesso em: 06 abr. 2013.
- MAZIÈRE, Francine. **Análise do discurso: história e práticas**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MEDEIROS, Ana Lúcia. A fabricação de celebridades na televisão: uma aproximação da categoria jornalista-celebridade. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. – Intercom. 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais Eletrônicos do 33º Intercom**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2502-1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2012.

- MONAL, Isabel. Gramsci, a sociedade civil e os grupos subalternos. In: COUTINHO, Carlos Nelson e TEIXEIRA, Andréa de Paula (Orgs.). **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.189-200.
- MOTTA, LUIZ GONZAGA. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Trad.: Sérgio Grossi Porto. 3.ed. rev .ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 697 – 713.
- MOUILLAUD, Maurice.; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Trad.: Sérgio Grossi Porto. 3.ed. rev .ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p.11-65.
- MOURA, Milton. **Abertura**. In: MOURA, Milton. (Org.). **A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.09-17.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, Marcel. (Org.). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p.56-87.
- NEPOMUCENO, Eric. A construção da notícia (1). In: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p.205-212.
- NUNES, Adérico Sedas. Introdução ao estudo das ideologias. 1961. Disponível: < <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224081973E4dVB2ea3Bp00YB7.pdf>> . Acesso em 12 set. 2013.
- NOVA, Luiz Henrique Sá da. Baianidade contemporânea: traços históricos, limitações atuais. In: VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 6., 2010, Salvador. **Anais Eletrônicos do VI Enecult**. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em:< <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24928.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2013.
- ORGANIZAÇÕES GLOBO. **Princípios Editoriais das Organizações Globo**. 2001. Disponível em:< <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>>. Acesso em: 05 mai. 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____, Eni P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./ jun. 2002. Disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1598>>. Acesso em: 24 set. 2013.
- _____, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORTIZ, Renato. O popular e o nacional. In: _____, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.149-181.
- PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. **As marcas na pele, as marcas no texto - sentidos de tempo, juventude e saúde na publicidade de cosméticos em revistas femininas durante a década de 90**. 2004. 312f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/palacios-annamaria-marcas-na-pele.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- PEDRÃO, Fernando. A urbanização voraz em Salvador. **Revista VeraCidade**. Ano 4, n.5, Out. 2009. Disponível em: <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf/artigo1.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2013.
- PEREIRA, Ariane; GRANDE, Luciana. Há lugar para o cidadão no telejornalismo local? Análise do jornalismo praticada pela TV Guairacá, em Guarapuava, Paraná. **Anais - III Conferência Sul-Americana / VIII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/redemc/2012/artigos/21.pdf>> . Acesso em: 23 novembro 2013.
- PINHO, Osmundo S. de Araujo. A Bahia no Fundamental: notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Brasil, v.13, n.36, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000100007>>. Acesso em 20 jan.2013.
- PORTELA JÚNIOR, Aristeu. Para compreender a sociedade espetacularizada: revisitando o pensamento de Guy Debord. **Revista Anagrama**. Ano 2, n. 3. mar/mai 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Portela_Debord.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. In: Simpósio sobre identidade nacional., nov. 1987, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, 1, jan./jun., 1989. Disponível em <http://www.capeiravadiacao.org/attachments/411_Identidade%20Cultural%20e%20Identidade%20Nacional%20no%20Brasil%20-%20Maria%20Isaura%20Pereira%20de%20Queiroz.pdf>. Acesso em: 30 nov. de 2013.
- RESENDE, Fernando. A comunicação social e o espaço público contemporâneo. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n10_resende.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- REZENDE FILHO, Cyro de B.; CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. A evolução do conceito de cidadania. **Revista Ciências Humanas**, São Paulo, v.7, n.02, 2001. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aevolucao-N2-2001.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2014.
- RIBEIRO, Renato Janine. **A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROCHA, Luiz Carlos. Salvador, espaço de reprodução da “globalização perversa”: plataforma no centro do debate da cidade (in)visível. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v.4, n.1, p.51-64, jan/jun. 2005. Disponível em <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/6/04.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela G. S. Cultura da mídia, Cultura do Consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **Logos: Comunicação e Universidade**. Ano 16, jan./jun. 2009. p.48-59. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/361>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In.: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**.

- Trad. Sérgio Grossi Porto. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p.227-242.
- ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. Telejornais: um exercício de leitura crítica e cidadania. In: **Comunicarte**, v.1., n.1, PUC - Campinas, 1982. p.71-88.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas.; AZEVEDO, Fernando Antonio. Mídia e política no Brasil: estudos e perspectivas. 1998. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-albino-midia-politica-brasil.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2012.
- _____, Antônio Albino Canelas. Cultura, política e mídia na Bahia contemporânea. **Revista Comunicação & Política**, v.10, n.1, fev. 2003. p.93-155.
- _____, Antônio Albino Canelas. ACM: poder, mídia e política. **Revista Comunicação & Política**. v. 8, n.2, 1994, p.107-149.
- _____, Antônio. Baianidade, mídia, cultura e política. **Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, UFBA, 2004, Salvador. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/projetos%20de%20pesquisa/projeto%20de%20pesquisa%20-%20baianidade%20-%20cultura,%20m%20c%20e%20pol%20-%20cnpq_.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2012.
- SÁ BARRETO, Virgínia. Culturas televisivas e sociabilidades: configurações, pactos e sentidos de comunidades periféricas na TV. **Culturas Midiáticas**, Paraíba, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm/article/view/11693>>. Acesso em: 23 nov. 2012.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Trad.; Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SANTOS, Hermílio. Cidadania interativa, comunidade e sociedade: uma análise com prelúdio e três atos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.1, n.23, p.128-139, abr.2004. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3258/2518>>. Acesso em: 13 jan. 2014.
- SANTOS, Jacileda. Evolução, Decadência e Requalificação do Centro Comercial e Financeiro da Cidade do Salvador – BA. **Revista VeraCidade**, Salvador, ano 2, n. 2, jul.2007. Disponível em <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v2/images/veracidade/pdf/artigo%20evolucao.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2012.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.
- _____, Milton. **Manual da Geografia Urbana**. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- _____, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SANTOS, Moisés dos. Cultura hegemônica: inação midiática nos meios de comunicação de massa . **Revista Culturas Midiáticas**. V. 5, n. 1, 2012. Disponível

- em:<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm/article/view/12787>>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p.7-41; 79-116.
- SERPA, Angelo. Os espaços públicos da Salvador contemporânea. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: Edufba, 2008. p.173-188.
- _____, Angelo. A cidade como fenômeno cultural: apontamentos para uma abordagem geográfica. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Orgs.). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: Edufba, 2010. p.29-32. Disponível em: <<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/176/1392494461158941900.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2013.
- _____, Angelo. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto, 2011a.
- _____, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011b.
- SILVA, Edna de Mello. As imagens do telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 8, 2011, Guarapuava – PR. **8º Encontro Nacional de História da Mídia**. Guarapuava – PR, 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Janine/Downloads/As%20imagens%20do%20telejornal%20Imagens%20do%20Dia%20a%20influencia%20do%20cinejornalismo%20e%20do%20radio%20na%20primeira%20fase%20do%20telejornalismo%20brasileiro.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2013.
- SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido; pequeno inventário. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v.2, n.2, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2145>>. Acesso em 28 dez. 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. Linhagem e identidade social na nobreza medieval portuguesa (séculos XIII – XIV). **Hispania: Revista Española de Historia**, n.227, v. 67, set./dez., 2007. p. 881-898.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media e Jornalismo. Universidade Fernando Pessoa Portugal: 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- SOUZA, Eloisio Moulin de.; SOUZA-RICARDO, Pablo Alexandre Gobira de. O Discurso Nosso de Cada Dia: a Análise do Discurso e o Pós-estruturalismo. In: XXXII Encontro da ANPAD, 32, 2008. Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos do 32º EnANPAD**. Disponível em: <http://www.fucape.br/_public/producao_cientifica/2/Eloisio%20moulin%20-%20o%20discurso%20nosso.pdf>. Acesso em: 23 out. 2013.
- TAPPARELLI, Gino; CORDEIRO, Tânia; ALMEIDA, Andrija O. Instituições e normas: a cultura da ambiguidade. In: TAPPARELLI, Gino; NORONHA, Ceci Vilar (Orgs.). **Vidas em risco: quando a violência e o crime ameaçam o mundo público e o privado**. Salvador: Editora Arcádia, 2008. p.19-44.

- THOMPSON John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Trad.: Wagner de Oliveira Brandão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- TV ARATU. **Institucional**: histórico. Disponível: <<http://aratuonline.com.br/historico.html>>. Acesso em: 13 set. 2013.
- VASCONCELOS, Claudia Pereira. Ser-tão baiano: a baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana. In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 4., 2008, Salvador. **Anais eletrônicos do IV Enecult**. Salvador, UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14139.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Trad.: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.11-94.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 07-72.

GLOSSÁRIO

Âncora: O apresentador do telejornal.

Ao vivo: Transmissão em tempo real de um fato, acontecimento.

Arte: Ilustração visual computadorizada, usada como recurso para ilustrar ou facilitar a compreensão do telespectador.

Áudio: O som na matéria, reportagem ou transmissão.

Bloco: As partes em que se divide um telejornal.

Boletim: Resumo do fato noticiado, gravado pelo próprio repórter no local do fato.

Break: intervalo comercial.

Cabeça da matéria ou cabeça do VT: Equivale ao *lead* da matéria. É o texto lido pelos apresentadores (âncoras) que antecede a entrada do VT.

Chamada: Texto ou *insert* que geralmente destaca os destaques da edição de um programa e é veiculado dentro da programação da emissora.

Deadline: Termo que indica o prazo final para um procedimento, sobretudo, o fechamento das matérias.

Edição: Processo de montagem de uma matéria.

Entrevista: Diálogo entre o(s) repórter(es) e o personagem fonte da informação.

E-readers: leitor de livros digital.

Escalada: São as manchetes ou destaques do telejornal. A escalada é apresentada no início de cada edição e costuma ser percebida, em telejornalismo, como o equivalente à primeira página de um jornal impresso.

Espelho: Documento que prevê como será o jornal, a ordem das matérias, notas, blocos, chamadas e o tempo estimado para cada uma dessas entradas, bem como o encerramento do telejornal.

Fan page: página direcionada para marcas ou empresas, dentro do Facebook.

Lead: Resumo que inicia a matéria (no caso do telejornal, a cabeça da matéria) concentrando as principais informações sobre o acontecimento. No caso do texto impresso, o *lead*, em geral,

reúne informações como: o que/ quem (sobre o que ou quem se fala), quando (demarcação temporal do acontecimento), onde (espaço em que acontece o evento), como (de que modo se deu) e por que (motivações, justificativas ou causas). No caso do telejornalismo, o lead é mais fluido e nem sempre apresentado na cabeça da matéria.

Link: Termo técnico que indica entrada ao vivo do repórter.

Matéria: O mesmo que reportagem. É o que é publicado no veículo de comunicação.

Merchandising: técnica de marketing para apresentação de produtos, serviços ou marcas em pontos de vendas.

Mobile: termo utiliza em geral para designar tecnologias e plataformas móveis, que possibilitam a conexão em rede mesmo em trânsito.

Nota coberta: Nota cuja cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens.

Nota pé: Nota ao vivo, lida ao final da matéria, com informações complementares.

Nota pelada: Notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem apoio de imagem de ilustração.

Off ou texto em off: É a narração da notícia. Texto lido pelo repórter, locutor ou apresentador e coberto com imagens.

Passagem de bloco: imagens ou textos que encerram um bloco do telejornal e anunciam as reportagens que serão apresentadas no bloco seguinte.

Passagem: É o momento em que, na gravação da matéria, o repórter aparece para destacar um aspecto da matéria. Equivale a uma espécie de assinatura.

Plano: Angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano, primeiríssimo plano.

Post: mensagem publicada em uma página da internet.

Sonora: É a fala do entrevistado na matéria.

Tablet: dispositivo pessoal que pode ser usado para acesso a internet, visualização e fotos, vídeos, leitura de arquivos etc. Os tablets têm formato de prancheta e são portáteis.

Talk show: gênero televisivo que contempla a participação e convidados, entrevistas, músicas, mediados por um apresentador. Tradicionalmente os talk shows não contemplam provas ou jogos, que caracterizam o gênero *game show*.

Teaser: Pequena chamada gravada pelo repórter com a manchete da notícia. Entra durante a escalada do jornal.

Trending topics: refere-se a lista de assuntos e frases de maior popularidade e citação, na rede social Twitter. Os trending topics são organizados em tempo real.

Vinheta: É o que marca a abertura ou intervalo do telejornal.

VT: Pode referir-se à matéria já editada ou a equipamento eletrônico (videoteipe) que grava áudio e vídeo.

Webjornalismo: ciberjornalismo ou jornalismo online. É o jornalismo praticado no internet, a partir de sites, blogs, microblogs e similares.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Relação de Parques de Salvador

PARQUE	LOCALIZAÇÃO	TIPOLOGIA DA LOCALIZAÇÃO
Parque do Abaeté	Itapuã	Médio-superior
Parque de Pituaçu	Pituaçu	Médio-superior
Parque São Bartolomeu	Pirajá	Popular
Parque da Cidade	Itaigara	Superior
Dique do Tororó	Tororó	Médio
Parque Costa Azul	Costa Azul	Médio-superior
Jardim dos Namorados	Pituba	Superior
Parque Zoobotânico	Ondina	Superior
Parque de Exposições	Av. Paralela	Médio-superior
Parque Atlântico	Boca do Rio	Popular

SERPA, Angelo. Os espaços públicos da Salvador contemporânea. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: Edufba, 2008. p.173-188.

Elaboração: pela autora.

APÊNDICE B – Cronograma de Acompanhamento do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013)

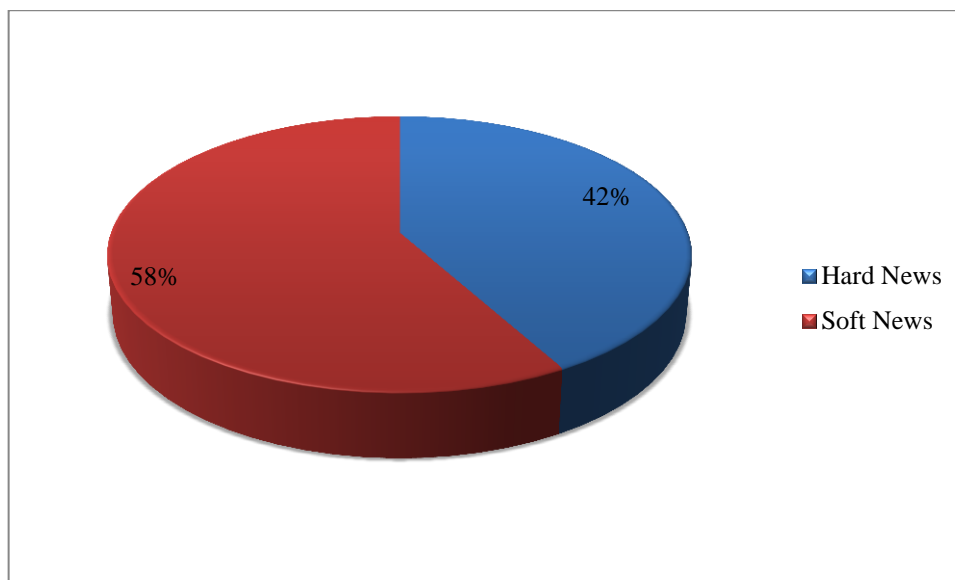
MÊS	SEMANA/ DATA					TOTAL MENSAL
	SEM. I	SEM. II	SEM. III	SEM. IV	SEM. V	
JANEIRO	7	15	23	31	-	04
FEVEREIRO	8	16	18	26	-	04
MARÇO	6	14	22	30	-	04
ABRIL	1	9	17	25	-	04
MAIO	3	11	13	21	29	05
JUNHO	6	14	22	24	-	04
JULHO	2	10	18	26	-	04
AGOSTO	3	5	13	21	29	05
SETEMBRO	6	14	16	24	-	04
OUTUBRO	2	10	18	26	28	05
NOVEMBRO	5	13	21	29	-	04
DEZEMBRO	7	9	17	25	-	04
TOTAL DE VEICULAÇÕES CONSIDERADAS						51

APÊNDICE C – Quadro síntese de temas e pautas do Bahia Meio-Dia (jan./ dez. 2013)

TIPOLOGIA GERAL	EDITORIAS / CATEGORIAS	TOTAL
Hard News	1. CIDADE	76
	2. ECONOMIA	24
	3. EDUCAÇÃO	05
	4. POLÍTICA	29
	5. SAÚDE	17
	6. SEGURANÇA PÚBLICA E VIOLÊNCIA	65
Soft News	7. ENTRETENIMENTO E LAZER (CULTURA)	158
	8. FAIT DIVERS	119
	9. UTILITÁRIOS	18
	10. INSTITUCIONAL (Rede Bahia, Rede Globo)	5
TOTAL		516

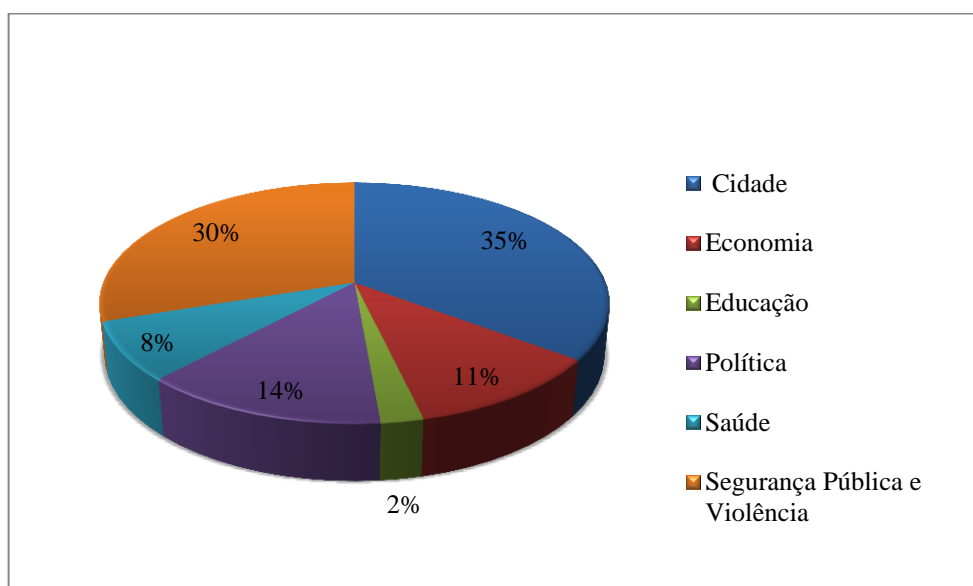
APÊNDICE E – Gráficos sobre as notícias e temas/ pautas no Bahia Meio-Dia
(jan./ dez. 2013)

Gráfico 4 – Tipologia geral de temas e assuntos que constituem pautas no Bahia Meio-Dia
(jan./dez. 2013)



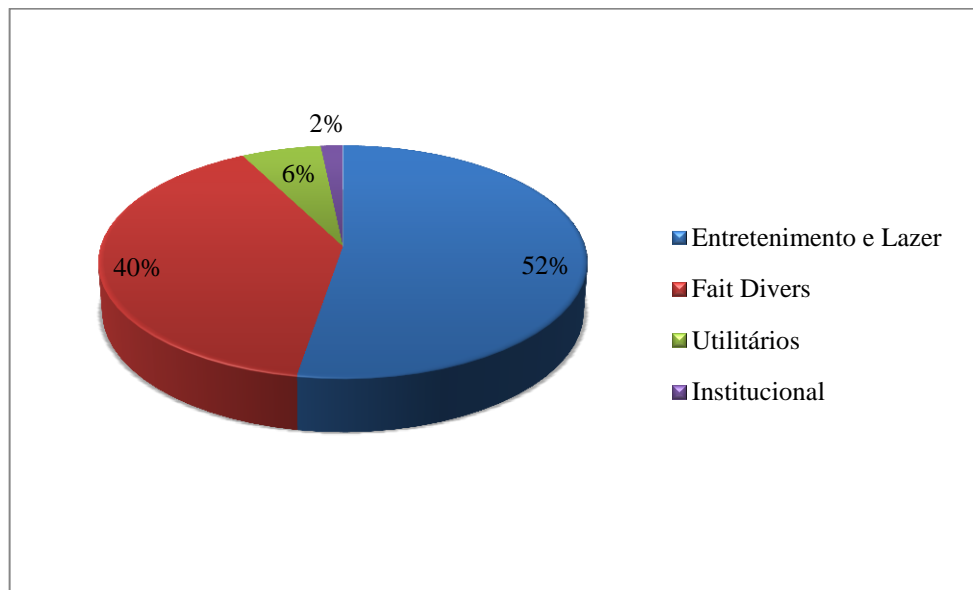
Fonte: Acervo pessoal (Gravações do Bahia Meio-Dia – jan./dez.2013).
Elaboração: pela autora.

Gráfico 5 – Tipologia das *hard news* do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013)



Fonte: Acervo pessoal (Gravações do Bahia Meio-Dia – jan./dez.2013).
Elaboração: pela autora.

Gráfico 6 – Tipologia das soft news do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013)



Fonte: Acervo pessoal (Gravações do Bahia Meio-Dia – jan./dez.2013).
Elaboração: pela autora.

ANEXOS

ANEXO A – Amostragem de escaladas¹ do Bahia Meio-Dia (jan./dez. 2013)

JANEIRO – escalada do dia 23 de janeiro de 2013 – quarta-feira – 3ª semana do mês

A1: Flagrante. Câmera do circuito interno de um ônibus de transporte alternativo registra o momento em que bandidos assaltam um coletivo levando dinheiro e celulares dos passageiros.

A2: Um homem se irrita com agente da TRANSALVADOR porque foi notificado e esvazia os pneus da viatura. Ele ainda teria agredido o funcionário. Na delegacia ele disse que estava estressado.

A1: A chuva no interior do estado. Em várias cidades ruas alagadas, móveis perdidos e até vacinas que estavam em um posto foram perdidas.

A2: Está preso o motorista do ônibus que jogou o veículo contra um médico, na Estrada do Coco, esmagando ele contra o carro. Ele confirmou que não houve discussão. O médico continua internado em estado grave.

A1: Dois PMs ficaram feridos em um acidente hoje cedo, na Avenida Paralela, em Salvador. Eles caíram numa ribanceira de mais de 30 metros.

A2: No Bahia Meio-Dia desta quarta-feira, 23 de janeiro, dia do nosso quadro *Desaparecidos*, você vai ver também tudo que rolou na noite de terça-feira, em Salvador.

A1: Em um dos ensaios teve mistura de pagode com samba reggae. O Olodum recebeu Marcio Vitor no Pelourinho.

(Insert com imagens e sons dos cantores durante os ensaios na noite anterior).

FEVEREIRO – escalada do dia 16 de fevereiro de 2013 – sábado – 2ª semana do mês

A1: Polícia apreende meia tonelada de maconha na BR 324.

A2: Pelo menos cinco pessoas foram presas com a droga, entre elas um adolescente.

A1: Foi enterrada em Feira de Santana a adolescente que foi agredida e queimada pelo namorado.

A2: Cerca de 20 passageiros de um ônibus intermunicipal foram saqueados na BR 116.

A1: Corpo de jovem de Vitória da Conquista, que estava desaparecidos desde a última quarta-feira, foi encontrado em uma cachoeira na Chapada Diamantina.

A2: Moradores de uma avenida, na Cidade Baixa, em Salvador, reclamam da construção de uma mureta em cima do meio fio.

A1: O responsável pela obra é o dono de uma pizzaria que admite não ter autorização da prefeitura.

A2: A semana santa está chegando e muita gente aproveita para antecipar a compra de peixe para fugir dos aumentos comuns para quem deixa para comprar de última hora.

A1: Ao vivo, a gente conversa com uma nutricionista sobre a melhor maneira de conservar e descongelar o peixe em casa sem perder o sabor ou estragar.

A2: E aqui no estúdio a música fica por conta da Timbalada.

(Insert com imagens da Timbalada)

¹ As escaladas aqui transcritas, como amostragem, referem-se sempre às semanas 2 e 3 de cada mês, alternadamente.

MARÇO – escalada do dia 22 de março de 2013 – sexta -feira – 3ª semana do mês

A1: No Dia Mundial de Preservação da Água um alerta:

A2: Na Bahia, a seca e o desperdício dificultam o acesso à água e causam sofrimento a milhares de pessoas.

A1: E para lembrar da importância da água para a vida, alunos de uma escola municipal, do bairro de Itapuã, fizeram uma caminhada e deram um abraço simbólico na Lagoa do Abaeté.

A2: Uma oportunidade para comprar a casa própria com facilidades.

A1: É o Feirão do Funcionário Público que está oferecendo 500 imóveis neste fim de semana, em Salvador, para quem trabalha para os governos municipal, estadual e federal.

A2: E um aviso importante para motoristas:

(Insert VT: Muitos buracos e alagamento. A Rua Nilo Peçanha vai ser interditada a partir de meia-noite. Veja como vai ficar o trânsito aqui na região).

A1: Vamos ver também o ritmo que invadiu as academias de Salvador e está ajudando muita gente a perder peso.

A2: A gente bateu um papo com os atores Fábio Porchat e Bruno Mazzeo que estão nos cinemas a partir de hoje com o filme *Vai que dá certo*.

A1: E tem ainda as opções para se divertir nesse fim de semana como o mega show de forró, amanhã, em Salvador, que reúne grandes nomes como Aviões do Forró.

(Insert com imagens de show da referida banda).

A2: E no Bahia Meio-Dia de hoje, a nossa convidada é a atriz da Rede Globo, Alessandra Maestrini, que fazia a Bozena no *Toma lá, Dá cá*.

A1: A gente conversa com Alessandra que está mostrando um outro lado da carreira, o de cantora de jazz, que pode ser visto no show que ela está fazendo nesse fim de semana, aqui na capital.

(Insert com imagens da atriz e cantora).

ABRIL – escalada do dia 09 de abril de 2013 – terça -feira – 2ª semana do mês

A1: Empresas baianas são investigadas em operação do Ministério Público para combater desvio de dinheiro e superfaturamento em contratos de shows com prefeituras do Rio Grande do Norte.

A2: Na Bahia estão sendo cumpridos cinco mandados de busca e apreensão.

A1: A operação acontece em outros 11 estados.

A2: Motoristas reclamam das mudanças no trânsito do Dique do Tororó.

(Insert VT: R: Olha o perigo agora aí, oh! Motociclista fez uma contramão e quase ele ia de frente com o trator que está trabalhando nas obras da arena. Esse é um dos problemas pela falta de sinalização adequada e, também, pela imprudência de quem transita nesse trecho da nova arena Fonte Nova.).

A1: Manhã sem aulas nas escolas da rede estadual.

(Insert VT: R: Menos de uma semana após o início das aulas na rede estadual, alunos no pátio, fora da sala, e professores em assembleia.

A2: Recapturado o homem que forjou o assassinato de mulher que ficou conhecida em todo o país como mulher *catchup*.

A1: Você vai ver também como foi o lançamento, em Salvador, do livro que conta a história de solidariedade do Grupo de Apoio à Criança com Câncer.

A2: E hoje tem forró aqui no Bahia Meio-Dia. É a banda Menina faceira que está lançando um novo CD e já está em ritmo de São João com vários shows programados para o interior do estado.

MAIO – escalada do dia 13 de maio de 2013 – sábado – 3ª semana do mês

A1: Bioterrorismo. Há suspeita de que uma praga que surgiu no oeste baiano, e que está destruindo as plantações de algodão e soja, tenha sido trazida para o estado. O caso está sendo investigado pela Polícia Federal e pela Agência Brasileira de Inteligência.

A2: A empresa onde dezenas de pessoas passaram mal semana passada, depois de respirar um produto químico, voltou a funcionar hoje. Ainda não se sabe o que causou a intoxicação dos funcionários.

A1: O motorista de um carro perdeu o controle e bateu contra uma árvore em Salvador. O acidente teria acontecido depois de um homem ter jogado uma pedra no para-brisa do veículo.

A2: Um ônibus que levava uma banda de forró bateu no fundo de uma carreta e tombou no oeste do estado.

A1: A TRANSALVADOR vai ter que cancelar cerca de 1 600 multas porque a placa de velocidade no local estava errada.

A2: No Bahia Meio-Dia desta segunda-feira, 13 de maio, vamos falar também sobre o estado de saúde do cantor Netinho. Médicos dizem que o problema do cantor pode ter sido causado pelo uso de anabolizantes.

A1: Ao vivo, vamos conversar com um especialista que vai alertar os pais sobre como notar se os filhos estão usando medicamentos para ganhar músculos.

A2: Tem ainda um caso curioso do sul do estado: é um cachorro que gosta de lamber pedras. Você vai saber por que isso acontece.

A1: E você vai conhecer um garoto de 12 anos que faz o maior sucesso imitando motor de uma mobilete.

A2: Tudo isso e muito mais você só tem aqui no Bahia Meio-Dia.

A1: Está no ar o telejornal líder de audiência na hora do almoço.

JUNHO – escalada do dia 14 de junho de 2013 – sexta -feira – 2ª semana do mês

A1: O dia seguinte aos protestos no Nordeste de Amaralina pelo assassinato de um jovem de 22 anos. Ele vai ser enterrado esta tarde. Nossa equipe voltou ao bairro nessa sexta-feira para ver como está a situação.

A2: A quinta-feira foi tensa no local. Moradores acusam a PM de matar o rapaz que era funcionário de um hotel, filho de capoeirista e primo do menino Joel, que também morreu durante uma operação policial.

(Insert VT: F: O menino ia pra praia! Eles já pega e atira 'nos menino' sem necessidade! Pergunte se ele achou droga, se ele achou arma, se ele achou alguma coisa na mão de meu filho!)

A1: Você vai ver o que o secretário de segurança pública fala sobre este crime. Os policiais já foram afastados.

A2: Um acidente durante a madrugada deixou parte do bairro de Amaralina sem luz. O motorista deste carro perdeu o controle e derrubou um poste.

A1: Hoje é o dia mundial de doação de sangue. Você vai saber quem pode doar e como fazer para ajudar pessoas que estão precisando.

A2: Você já comprou as delícias da ceia junina? Milho e amendoim não podem faltar. O Bahia Meio-Dia vai mostrar como estão os preços e a qualidade desses produtos.

A1: No Bahia Meio-Dia desta sexta-feira, 14 de junho, véspera do início da Copa das Confederações, vamos falar dos últimos preparativos para esta festa do futebol!

A2: Aqui no estúdio a gente recebe Luis Caldas, que faz um show daqueles, amanhã, em Salvador, para animar a torcida de Brasil e Japão.

(Imagens de Luis Caldas, ao vivo, cantando no estúdio).

JULHO – escalada do dia 10 de julho de 2013 – quarta -feira – 3ª semana do mês

A1: Homem morre e outros dois ficam feridos em tentativa de assalto no sudoeste do estado.

A2: Segundo testemunhas, um dos suspeitos estava vestido de mulher.

A1: Apreendido adolescente que matou a irmã de cinco anos por engano, em Feira de Santana.

A2: Vamos falar de economia doméstica. Nossa repórter foi a dois supermercados para conferir como economizar na hora de comprar quatro alimentos que não podem faltar na mesa dos baianos.

A1: Tem também a história emocionante de uma aposentada que passou mais de 40 anos a procura da irmã até descobrir, no quadro *Desaparecidos*, que ela está viva!

A2: Uma mora em Salvador e, a outra em Feira de Santana. E a gente preparou uma surpresa para elas.

A1: E você se lembra do estudante de Feira de Santana que venceu o *Se vira nos 30*, do *Domingão do Faustão* fazendo imitações?

A2: O Bahia Meio-Dia quer saber se você também faz imitações. A gente explica tudo daqui a pouquinho pra você saber como pode participar.

A1: E você vai saber também como preparar uma pizza com sabor nordestino.

AGOSTO – escalada do dia 05 de agosto de 2013 – segunda -feira – 2ª semana do mês

(Imagens aéreas da arena de Recife)

A1: Um fim de semana de muita música!

A2: Mais de 35 mil pessoas foram assistir a gravação do DVD da cantora Claudia Leite, em Recife,

(Insert VT: Imagens do show e áudio de Claudia Leite cantando).

A1: A nova arena recebeu ainda os shows de Saulo e da cantora Anita.

(Insert VT: Imagens dos shows de Saulo e Anita).

A2: E contou também com a presença de um outro convidado especial. O porteiro que compôs uma das músicas que faz parte do novo show de Claudinha.

A1: Você vai ver ainda como foi a emoção de Nilton ao ouvir uma multidão dançar e cantar a música dele.

(Insert VT: Imagens do show ao som da música composta pelo porteiro Nilton).

A2: Em Salvador, foi o Olodum que comandou a festa no Pelourinho.

A1: No Bahia Meio-Dia desta segunda-feira, dia cinco de agosto, você vai ver ainda a história do homem que morreu neste fim de semana, em Itabuna, mas que já tinha atestado de óbito desde o ano passado.

A2: E vai ver ainda como foi o primeiro dia do trânsito interditado na Estrada da Rainha.

(Insert VT: F: Perdido por que a sinalização ali não 'tá' adequada).

A1: É a partir de agora no Bahia Meio-Dia.

A2: O telejornal líder de audiência na hora do almoço.

SETEMBRO – escalada do dia 16 de setembro de 2013 – segunda -feira – 3ª semana do mês

A1: Paralisação dos funcionários terceirizados de empresas de limpeza e administração completa uma semana e prejudica milhares de alunos de escolas da rede estadual, na capital e no interior.

A2: Representantes dos funcionários das empresas e do governo se reuniram no fim da manhã, no Ministério Público do Trabalho, em Salvador, para discutir a situação.

A1: Dois protestos pela manhã, em Salvador e Região Metropolitana, deixaram o trânsito ainda mais complicado.

A2: Uma das manifestações foi na Avenida Luis Eduardo Magalhães e aconteceu depois de um acidente, o segundo no mesmo local em menos de uma semana.

A1: Moradores do Subúrbio Ferroviário reclamam do serviço de travessia marítima entre Plataforma e a Ribeira. Apenas duas lanchas estão em operação. Os passageiros se queixam também da falta de segurança.

A2: 200 quilos de carne clandestinas são apreendidos em Jaguaquara, no sudoeste do estado.

A1: No dia do caminhoneiro o Bahia Meio-Dia mostra que cada vez mais os profissionais estão buscando investir em qualificação e em novos caminhões.

A2: E você vai conhecer um garoto de 12 anos, do oeste do estado, que descobriu uma profissão brincando na internet. Ele cria sites e aplicativos e já tem o primeiro cliente.

(Insert VT: F: Pretendo fazer faculdade de Engenharia de software, é, fazer programas.).

OUTUBRO – escalada do dia 10 de outubro de 2013 – quinta -feira – 2ª semana do mês

A1: Pontos de ônibus lotados.

Insert VT: Imagens de pontos de ônibus de Salvador.

A2: Ruas e avenidas alagadas.

Insert VT: Imagens de alagamentos em vias públicas de Salvador.

A1: Trânsito ainda mais complicado.

Insert VT: Imagens de vias de Salvador congestionadas, com carros parados e céu bastante nublado, em que se percebe a lente da câmera molhada, indicando a chuva forte.

A2: Uma carreta engolida pelo asfalto que cedeu na Cidade Baixa.

Insert VT: Imagens de carreta presa em cratera, no bairro do Uruguai, em Salvador.

A1: Essas foram algumas das cenas da manhã de chuva forte que castiga Salvador desde ontem.

A2: As nossas equipes acompanharam os transtornos causados pelo temporal em vários pontos da cidade.

Insert VT: R1 (passagem): Na Cidade Baixa o trânsito ficou completamente parado. Nós estamos na Avenida Frederico Pontes, na altura da ladeira da Água Brusca. Olha a situação por aqui.

Insert VT: R2(passagem): Aqui na orla de Salvador a chuva deixou o mar revolto. Os ventos chegam a 20 quilômetros por hora. Diversas sinaleiras não estão funcionando e a população também reclama da demora dos ônibus chegarem aos pontos.

A1: Você sabia que existe um serviço da Defensoria Pública que ajuda a resolver conflitos familiares? Adriana Oliveira.

Insert VT: R (passagem): Divórcio, pensão alimentícia, guarda dos filhos. Se as partes estão dispostas a conversar você pode resolver o problema em uma semana.

A2: E tem mais dicas de redação pra quem está se preparando para fazer o Enem. Como evitar palavras rimadas no seu texto?

A1: Você vai ver também a emoção de um reencontro de duas irmãs gêmeas, que começou aqui, no Bahia Meio-Dia!

A2: Elas não se viam há 40 anos, mesmo vivendo em bairros próximos, separadas por apenas sete quilômetros.

A1: Esse é o seu Bahia Meio-Dia. O jornal que é líder de audiência na hora do almoço.

NOVEMBRO – escalada do dia 21 de novembro de 2013 – quinta-feira – 3ª semana do mês

Começa com imagens do incêndio no monumento a Cleriston Andrade.

A1: Um patrimônio destruído pelo fogo.

A2: Polícia suspeita que moradores de rua tenham provocado o incêndio que atingiu o monumento a Cleriston Andrade, em Salvador.

A1: Imagens de câmeras de segurança, de empresas próximas ao monumento, podem ajudar a identificar os responsáveis pelo incêndio.

A2: A greve dos petroleiros.

A1: Funcionários da Petrobras fizeram passeata, no bairro do Itagara. Os petroleiros também fizeram um protesto na BA 523, em São Francisco do Conde.

A2: O segredo de um bom negócio! O Bahia Meio-Dia começa hoje uma série de reportagens com exemplos de empreendedorismo.

A1: Você vai conhecer a história de uma família de Itabuna, no sul do estado, que investiu em uma fábrica.

(Insert com trecho do boletim).

A2: Hoje é o dia dos comerciários.

A1: Domingo de festa e luta contra o preconceito. Foi a Parada Gay de Feira de Santana.

(Insert com trecho do boletim).

A2: E teve festa também em Salvador para comemorar os seis anos da orquestra Neojibá.

A1: Na apresentação, clássicos da música que encantaram crianças e adultos.

A2: E você confere também como foi o show do cantor Tiaguinho, uma das atrações do *Samba do reino*, que levou uma multidão ao Parque de Exposições, em Salvador.

(Insert com trecho do boletim).

DEZEMBRO – escalada do dia 09 de dezembro de 2013 – segunda-feira – 2ª semana do mês

(Insert VT: Começa com imagens da tragédia em Lajedinho. O áudio é de violino, intercalado com testemunhos tristes de pessoas que vivenciaram a situação).

A1: 11 mortos, seis desaparecidos e mais de 200 famílias desabrigadas.

A2: A forte chuva que atingiu a cidade de Lajedinho, na região da Chapada Diamantina, já é considerada a maior tragédia do ano na Bahia.

Passagem VT sonora de repórter: O deslizamento causou estragos em toda a cidade. É impressionante a imagem aqui de cima.

A1: O prefeito da cidade decretou situação de calamidade. Doações estão sendo arrecadadas para ajudar as vítimas do temporal.

A2: Hoje no Bahia Meio-Dia você vai saber por que a chuva causou a enxurrada na cidade, e, como você também pode ajudar as pessoas que perderam tudo na tragédia.

A1: E você vai ver também: vereador é assassinado no interior do estado. Um garoto de 11 anos, que estava no carro, também foi morto a tiros.

A2: Uma cidade com poucos ônibus. Quem precisou usar o transporte coletivo ontem, em Salvador, reclamou da longa espera.

Insert VT: F: Sofremos a semana toda com a falta, com a péssima qualidade de transporte. E ainda no domingo, na hora do lazer, ainda tem essa dificuldade. Aí fica difícil!

A1: E oportunidade de trabalho no Bahia Meio-Dia. O nosso quadro de empregos está hoje no bairro de Cosme de Farias.

A2: E ainda: a emoção do Auto de Natal apresentado por crianças e adolescentes no Bairro da Paz.

(Insert VT: imagens do auto de natal).

ANEXO B - *Corpus* da análise: notícias transcritas

JANEIRO DE 2013

(N01) – Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O novenário da festa do Bonfim começa na próxima quinta-feira, dia 10. A lavagem está marcada para o dia 17.</p> <p>A2: Ontem, os católicos celebraram o Dia de Reis, em homenagem aos Reis Magos. Hora de finalizar os festejos do natal, desmontar o presépio, a árvore e, pedir força renovada para 2013.</p>
VT	<p>F1: O ano já começa pra mim com <i>muitas benção</i>. Início de ano, é dia de aniversário, dia de Reis.</p> <p>R (off): Maria, que nasceu no dia de Reis, foi comemorar o aniversário na Lapinha e encontrou a igreja lotada. Muitos fiéis acompanharam a missa solene que encerrou as festividades em homenagem aos três reis magos, que foram os primeiros a visitar o menino Jesus, logo depois do seu nascimento.</p> <p>F2 (autônoma): É importante pra gente <i>revivenciar</i> esse momento em que a gente também seja visitantes sempre do, na... Casa do Senhor Jesus.</p> <p>R (off): Para os católicos, o seis de janeiro encerra as festas pelo nascimento de Cristo.</p> <p>F3 (Pároco): Assim como os reis magos que viram em Jesus essa luz, essa esperança, a humanidade também é convidada a ver a mesma coisa, <i>né?</i></p>
Passagem	<p>R: Para muitos cristãos, como Moisés, o dia de Reis também é dia de desmontar o presépio. Um gesto repetido todo ano, com muita fé e devoção.</p>
VT	<p>F4 (Restaurador): Minha mãe já fazia o presépio todos os anos e... Disse que quando ela se fosse ela preferia que eu continuasse fazendo a devoção, não é.</p> <p>R (off): Depois da festa de reis, os católicos baianos começam a preparação dos festejos ao Senhor do Bonfim. Moisés agora prepara o altar do santo. Tudo branco, seguindo a tradição. Assim como o presépio, o altar também fica virado <i>pra</i> rua. Tradição e fé ao alcance de todo mundo.</p> <p>F4 (Restaurador): É uma festa dele, iniciada agora que é, o Cristo salvador da Bahia, o Senhor do Bonfim, e a gente fica muito feliz de tá homenageando ele.</p>

(N02) – Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Terminaram ontem os festejos em homenagem ao Bom Jesus dos Navegantes. A igreja da Boa Viagem, onde foi celebrada a missa de encerramento dos festejos, ficou lotada.</p>
VT	<p>R (off): A missa começou com a tradicional procissão de entrada. A Irmandade do Bom Jesus dos Navegantes, representantes dos moradores do bairro da Boa Viagem e líderes da igreja, conduziram símbolos da igreja católica. A igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem ficou lotada. Centenas de fiéis participaram da cerimônia de encerramento dos festejos em homenagem ao Bom Jesus dos Navegantes. Esta é uma das festas mais importantes do calendário religioso da Bahia.</p> <p>F1 (aposentada): Todo ano eu <i>tô</i> aqui.</p> <p>R: Quê que a senhora tem a agradecer este ano?</p> <p>F1 (aposentada): Vida, saúde, tudo de bom.</p> <p>R (off): O padre, Adílson Santana, lembrou aos fiéis os compromissos de todo cristão.</p> <p>F2 (padre): Saber escutar mais, ser mais compreensivo, saber ceder, muitas vezes é necessário. E aí vamos construir a paz.</p>

(N03) – Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Um susto daqueles para os moradores de um prédio no bairro da Pituba, em Salvador. Uma funcionária estava fazendo ontem a limpeza do edifício quando encontrou, adivinha o quê? Uma granada!</p> <p>A2: Felizmente, tudo terminou bem. A polícia foi chamada e o explosivo foi detonado com segurança.</p>
Passagem/ VT	<p>Repórter: A granada foi encontrada por voltas das três e meia da tarde por uma funcionária que fazia a limpeza, aqui no edifício Varandas do Nascente, no Parque Nossa Senhora da Luz, no bairro da Pituba. A funcionária desconfiou que era uma granada e chamou o síndico.</p>
VT	<p>F1 (Síndico do prédio): Ela me chamou em torno de três e meia da tarde. Ela tinha encontrado uma coisa que parecia uma granada dentro do... Dentro do lixo. Aí em cheguei, inadvertidamente, manuseei né... Trouxe pra cá pra fora, tirou do saco de lixo aqui e botei aqui. Olhei o que “tava” escrito, parecia... Eu não conheço, não sou militar, não tenho esse conhecimento e pedi ajuda dum, dum morador nosso que é aposentado, ele confirmou que era. A gente tirou daqui, botou ali e chamou a polícia.</p> <p>Repórter: A polícia militar interditou a Rua das Angélicas, onde fica o prédio. Ninguém entrava nem saía do edifício. Os moradores de casas e prédios vizinhos ficaram de longe observando o trabalho dos homens da polícia militar.</p> <p>F2 (Professora): Eu tô chegando agora e “tô” sabendo que encontraram um artefato, não sei se um explosivo, o que que era, e o esquadrão antibombas “tá” impedindo a gente de chegar em casa.</p> <p>Repórter: Foram momentos de tensão. A COE, Companhia de Operações Especiais da polícia militar, foi chamada e levou horas estudando, cuidadosamente, a granada para tomar alguma providência.</p> <p>Repórter: A primeira informação é que essa granada é de uso militar, confere?</p> <p>F3 (Polícia Militar): Isso, de uso militar, confere. Mas havia um pouco de carga.</p> <p>Repórter: A polícia esperou mais de uma hora pelo dono deste carro, que estava estacionado na rua. Segundo informações do coronel, havia risco do veículo ser danificado. Mas, por fim, a granada foi colocada no meio do Parque Nossa Senhora da Luz e detonada. A explosão foi ouvida de longe.</p> <p>Repórter: O síndico disse que não sabe como a granada veio parar no prédio.</p> <p>F1 (Síndico do prédio): A gente imagina que foi alguém que pegou esse objeto na rua, era um objeto velho, que foi pego na rua, e que a pessoa achou interessante e levou pra casa. Levou aquele aparelho pra casa não imaginando o dano que podia causar a alguém. Depois descartou inadvertidamente, por sorte a gente conseguiu, sem dano a ninguém, né, acionar a polícia, a polícia veio o pessoal de, de bombas também veio, e desarmou.</p>
Comentários:	<p>A1: Que sorte, hein!</p>

(N04) – Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Fim de semana de sol e calor em Salvador, você sabe como é, né? Praias lotadas e muito trabalho pra quem ganha a vida nas areias.</p> <p>A2: São ambulantes, barraqueiros, gente que já está comemorando a chegada do verão!</p>
VT	<p>R (off): Sol, mar e quilômetros de praia. Se refrescar nas águas da Bahia foi a escolha de muitos turistas.</p> <p>F1 (Turista RJ): Isso aqui é maravilhoso. Salvador e Rio de Janeiro são parecidos na beleza, nas belezas naturais... Isso aqui é maravilhoso, “tô” gostando muito.</p>
Passagem / VT	<p>Repórter: Três milhões de turistas devem passar pela Bahia neste verão. Gente a fim de diversão, agito. Pra eles é hora de relaxar e pra quem trabalha no setor de lazer e turismo é tempo de bons negócios.</p>
VT	<p>R (off): Com tanta gente debaixo do sol, os chapéus de Wendson estão vendendo muito.</p>

	<p>F2 (Ambulante): Fora do verão é um dois, e agora a “metra” é de 30, 40 chapéu por dia. Repórter: E o queijinho também tá fazendo o maior sucesso. Quantos já vendeu hoje? F3 (Ambulante): Mais ou menos uns 150 reais. Repórter: Tá bom? F3 (Ambulante): Melhor do que trabalhar “prozoto”, né? (<i>risos</i>). Repórter: Esta barraca de praia investiu no conforto e no bom atendimento pra atrair a clientela. A combinação bebida gelada, sombra e quitutes da terra <i>estão</i> dando resultado. F4 (Turista – SE): Tranquilidade, paz e esse som, essa harmonia que tem aqui. F5 (Dono da barraca): Nós “tamo” sempre pensando em colocar novas atrações, ou seja, uma boa... Massoterapia, um bom DJ, uma lojinha. Repórter: Segundo os meteorologistas, este deve ser o verão mais quente dos últimos 15 anos. E o comércio da areia está pronto pra refrescar os turistas: cerveja, picolé, água de coco. Este turista italiano adorou o passeio. F6 (Turista Itália): É maravilhoso, gosto muito. Repórter: Vai voltar pra salvador? F6 (Turista Itália): Com certeza absoluta.</p>
--	--

(N05) – Veiculação em 07 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Xande, “vamo” ver agora a estreia de um novo artista? Xande: Vamo lá A2: Pois é... É que Ivete Sangalo recebeu um convidado especial no show que ela fez sábado, em Praia do Forte. A1: Pois é, no palco ninguém mais, ninguém menos que Marcelo, o filho dela, que tem só três aninhos. O garotinho, simplesmente, roubou a cena: cantou, conversou com o público e não queria deixar o palco de jeito nenhum!</p>
VT	<p>R (off): Sentado, ao lado da mãe, Marcelo tomou o microfone e cantou um dos maiores sucessos de Ivete: “Acelera aí” <i>(Imagens do menino cantando)</i> R (off): Depois se despediu do público. Mas na hora de deixar o palco, quem disse que ele queria? O pai, Daniel, conversou, tentou convencer e nada! O jeito foi carregar no colo mesmo contra a vontade do menino, esperneando. No final, Ivete contou um desejo do filho: Áudio de Ivete Sangalo (durante o show): Ele passou o dia inteiro dizendo: mãe, eu vou pro show? Eu disse: rapa, você vai pro show. Aí ele falou assim: mãe, eu quero fazer tudo que “cê” faz: televisão, rádio... Ou seja, tudo aquilo... foi por água abaixo.</p>

(N06) – Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Nota coberta	<p>A1: Olha só, a gente mostrou semana passada, aqui no Bahia Meio-Dia, as dificuldades enfrentadas por um cadeirante para conseguir se locomover aqui em Salvador. “Seu” Afonso precisava de ajuda toda vez que tinha que usar esta rampa da Avenida Vasco da Gama, que era muito inclinada, ou então, dar uma volta enorme pelo canteiro central para conseguir atravessar a avenida. Depois que a reportagem foi ao ar nossa equipe voltou ao local e olha só o que a gente encontrou: rampas novinhas em locais onde não havia o equipamento. A outra que ele não conseguia subir, continua lá, do mesmo jeito.</p>

(N07) – Veiculação em 15 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Agora veja só: uma pesquisa feita por um site de relacionamentos com pessoas de vários estados revelou que 76% das mulheres preferem ter chefes homens! Elas acham que eles são mais flexíveis na hora de comandar. A2: Será? Nós fomos às ruas da capital para checar esse resultado.</p>
VT	<p>Repórter: E não é que as baianas também preferem chefes homens! Olha só as respostas:</p>

	<p>F1(estudante): Realmente, acho que ter chefe homem é melhor.</p> <p>Repórter: Por que que é melhor?</p> <p>F1(estudante): Porque eles são mais maleáveis, assim, na hora de falar, até na hora de dar uma bronca mesmo é diferente. O homem é mais maleável do que a mulher.</p> <p>Repórter: Acha que chefe mulher com funcionária mulher tem um pouco de competição aí, por fora?</p> <p>F1(estudante): Eu acho que sim.</p> <p>Repórter: Você já teve alguma chefe mulher?</p> <p>F1(estudante): Tenho. Tenho e é... agora mesmo minha chefe é uma mulher.</p> <p>Repórter: E como...</p> <p>F1(estudante): Ela é bem rigorosa. É bastante rigorosa, ela gosta de tudo certinho. Ela, ela não admite que se atrase, ela gosta que cumpra horário, ela é bem rigorosa em tudo mesmo.</p> <p>Repórter: Chefe homem é mais tranquilo?</p> <p>F1(estudante): Chefe homem é mais tranquilo.</p> <p>F2 (estudante): Acho que homem é mais relativo... Tem mais aquela coisa de... aturar. Mulher não. Mulher é mais estourada.</p> <p>F3 (estudante): A rivalidade de uma mulher... É, eu acho que ela sempre quer ir, quer ser mais do que a outra. Então, tem essa, esse problema.</p> <p>Repórter: E olha os homens também não querem chefes mulheres.</p> <p>F4 (vigilante): Rapaz, eu prefiro chefe homem. Acho que ele entende mais assim o... o jeito de trabalhar do homem. Homem com homem acho que se entende mais. Não é preconceito não, é que eu acho, na minha opinião eu acho assim.</p> <p>Repórter: Você acha que chefe mulher é mais compreensiva, nesse ponto você acha que é melhor?</p> <p>F5 (segurança): Olhe... eu... não tenho lá essa... eh... Não concordo com isso aí não. Tem certas mulheres também que “pega” mais no pé do que certos homens.</p> <p>Repórter: Decidimos, então, ouvir uma típica chefe, que há mais de 10 anos lidera grupos de pessoas e hoje comanda mais de duzentas. Além de ocupar o cargo de vice-reitora na UNEB, a Universidade do Estado da Bahia. Ela acha que a preferência das mulheres pelo chefe homem tem origem lá no passado.</p> <p>F6 (vice-reitora): Acredito que historicamente o lugar de mulher não é de chefia, tá. A gente tem buscado o campo de trabalho, com muito estudo, e, a cada dia que passa, a mulher tem chegado em cargos, né para gerenciar pessoas. Então, eu acho que isso vem muito dentro do subconsciente coletivo mesmo, né. Essa ideia de que o homem é quem tem que chefiar, desde o patriarca, o pai era quem mandava na casa, hoje a gente sabe que as mulheres, elas também gerenciam suas famílias, tá. Então, eu acho que isso é bem... do ponto de vista histórico, né. E a gente precisa descaracterizar isso.</p>
--	---

(N08) – Veiculação em 23 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Muita gente acompanha o Bahia Meio-Dia almoçando. Mas será que você percebeu que muitas das coisas que estão aí, na sua mesa, no seu prato, estão mais caras?</p> <p>A2: É, tudo, quase tudo que o baiano gosta, está sim com preço mais alto. A mistura feijão, arroz e farinha também subiu de preço. Mas como economizar? Nós acompanhamos uma nutricionista na Feira de São Joaquim. Veja as dicas para gastar menos sem prejudicar a sua saúde.</p>
VT	<p>Repórter: Pra bater o prato da rabada Antônio não dispensa o pirão.</p> <p>F1 (armador): Tem que ter o pirão. O pirão é essencial pra... O prato ficar bem saboroso (risos).</p> <p>Repórter: Mas está faltando farinha. Neste box, na Feira das Sete Portas, por semana, são 40 sacos de farinha a menos. O quilo está em média dois reais mais caro.</p> <p>F2(servidor público): Comprava “quatro quilo”, agora só posso comprar um e meio.</p> <p>Repórter: Muito caro?</p> <p>F2 (servidor público): Tá, muito cara. Tá ouro farinha agora.</p> <p>F3 (nutricionista): Adriana, a, aqui nessa parte da feira nós temos restaurantes que servem preparações que necessitam da farinha como acompanhamento, por exemplo, mocotó, feijoada, sarapatel. São pratos que o baiano come com farinha, tá. Aqui, por exemplo, nós temos esse rapaz que tá comendo uma feijoada, com farinha.</p>

	<p>Repórter: Me diz uma coisa: tem como substituir a farinha?</p> <p>F4 (economista): Não. A feijoada sem a farinha não é a mesma coisa.</p> <p>F3 (nutricionista): A farinha é um carboidrato. Você pode utilizar a inhame, aipim, batata, tudo isso é carboidrato que pode substituir a farinha. Agora, do ponto de vista é... Culinário, principalmente pra um baiano, é impossível substituir a farinha. Então, o que é que... Qual é a minha dica? É fazer render essa farinha pra poder amenizar o preço alto. Então, seria substi... é... misturar essa farinha com farinha de rosca que, você pode pegar pão velho, torrar, triturar e misturar à farinha de mandioca.</p> <p>Repórter: O feijão mulatinho passou de seis e cinquenta para oito reais o quilo.</p> <p>F3 (nutricionista): Substituir o feijão pelo feijão branco, que tá mais barato e o feijão preto que, apesar de não ser do nosso habitual, mas é muito saboroso e tem o mesmo valor nutricional.</p> <p>Repórter: Olha só, tem fruta também mais cara. É o caso do maracujá. Da semana passada pra cá sofreu um aumento de um real e cinquenta centavos. E aí, qual a alternativa pra gente continuar tomando sucos saborosos?</p> <p>F3 (nutricionista): Frutas da estação. A melancia é riquíssima em licopeno, que é uma substância bioativa que... protege contra câncer. O abacaxi é delicioso, o suco de abacaxi ele tem uma ação também antioxidante, ele é diurético. Temos também o suco de manga, a manga é uma fruta da estação que tá com o preço bom.</p> <p>Repórter: O quilo da cebola passou de um e setenta para dois reais e sessenta centavos. O tomate está saindo por três reais e oitenta centavos o quilo, em média um real e trinta centavos mais caro.</p> <p>F5 (não identificado): Coloco menos tomate, boto extrato e aí dá pra levar, né...</p> <p>F3 (nutricionista): Do ponto de vista nutricional o tomate é riquíssimo em licopeno, que é uma substância anticancerígena. Então, esse licopeno também a gente encontra em outros alimentos como a goiaba, como a melancia. Agora, do ponto de vista da culinária, esses alimentos que tem licopeno, que eu citei, não vão substituir o tomate, evidente. Então, o grande lance no momento, a dica é: mude um pouco as receitas, utilize receitas, saladas que não coloque tomate... E vamos esperar o tomate melhorar de preço.</p>
Comentário	A1: E isso aí, o dono de casa, a dona de casa tem que ficar esperta.

(N09) – Veiculação em 23 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Vai ser transferida para casa, ainda hoje, a adolescente Maria Sthephani, de 14 anos, que tem paralisia cerebral. A garota aguardava a remoção do hospital para receber o tratamento através de um serviço domiciliar a quase 80 dias! A justiça já tinha determinado a transferência, mas mesmo com duas liminares o plano de saúde não autorizava a remoção.</p> <p>A2: Depois da denúncia feita em nossos telejornais e da ação que previa a prisão dois diretores do plano de saúde, a Unimed Salvador finalmente decidiu autorizar a remoção de Maria Sthephani para casa. Bastante aliviado o pai da adolescente conversou com a nossa equipe.</p>
VT/ Sonora	<p>R: Maria Estefani está pronta para a transferência, a remoção dela aqui do hospital particular para casa, no bairro de Pau da Lima, foi sair a qualquer momento. O Ivo é o pai, está aqui com a gente, ela tá feliz?</p> <p>F1 (pai da menina): Tá muito feliz, tá muito contente, tá dando risada e, e, né... Que ela vai pra casa, vai pro leito da família dela, vai ficar com o irmãozinho dela, com a família toda na casa dela, entendeu, e... a gente também tá muito feliz e contente pela luta. Foi grande, mas nós vencemos. Então, eu tô aí pra... qualquer outra luta, até quando Deus quiser. E, gente, corram atrás. Você pagou qualquer coisa, vocês vão atrás, tem o Ministério Público que ajuda, todas as formas. Vá, lute, não fiquem parados porque tem, é... eu tenho certeza que tem gente <i>passano</i> pela mesma situação. Lute. É um direito nosso.</p>
Comentários	A1: Lutar sempre pelos nossos direitos.

(N10) – Veiculação em 23 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: O assunto agora é carnaval (<i>entra vinheta específica de carnaval que indica que faltam 07 dias para a festa</i>).</p> <p>A1: E a partir de hoje, aqui no Bahia Meio-Dia, quando o assunto é carnaval, tem Wanda Chase. Boa tarde, Wanda Chase, seja bem-vinda.</p> <p>R: Boa tarde!</p> <p>A2: Bem-vinda!</p> <p>R: Boa tarde, Camila, Boa tarde Sodake, boa tarde, Daniela!</p> <p>A1: Ela que traz as novidades pra gente.</p> <p>R: Pois é, menino, e aí, deixa eu te contar: você sabe que, as pessoas comentando muito, né, vai chegando o carnaval, ah, Ivete tá grávida, tá grávida, tá grávida.</p> <p>A1: Tá ou não tá?</p> <p>A2: É o comentário da cidade.</p> <p>R: Nada melhor do que perguntar, né, pra esclarecer, né. (<i>Risos</i>) Ah, tá de barriginha e tal, será que tá, hein?</p> <p>A1: Vamo ver?</p> <p>R: Bora vê aí.</p> <p>A2: Estamos curiosos.</p>
VT	<p>R1: Você tá grávida?</p> <p>Ivete: <i>Num tô</i> mulher, oh, olha, minha gente, eu adoraria estar grávida, saiu, eu vi uma foto essa semana...</p> <p>Comentarista: com a barriga...</p> <p>Ivete: Aquilo é uma sacanagem, gente. Eu tô achando que foi botado de <i>fotoshop</i> ah (<i>exclamação – risos</i>) porque eu tô tão malhada! Não, olhe, deixe eu contar uma coisa pra vocês, é assim: eu não tô grávida, mas eu tenho barriga viu, gente.</p> <p>C: Você também é humana, né.</p> <p>Ivete: Não (<i>risos</i>) super, super humana. É assim, eu sou mulher fazem... bem feita, gostosa, bonita, mas eu tenho barriga. Tenho fãas minhas que tem barriginha, que tem “num sei o que” e elas perguntam, eu digo; não gente, é barriginha mesmo, eu tenho barriginha.</p> <p>C: Mas “cê” tá treinando, né, pra ficar grávida?</p> <p>Ivete: Pois é, eu tô doida pra ficar grávida. O menino já tá... por mim eu já tava grávida porque o homem tá aí: “minha mãe cadê o menino, cadê o negócio...” e eu tô aí organizando...</p>
	<p>R: Marrom insistiu, né</p> <p>A1: Acabou a polêmica.</p> <p>R: Marrom, Marrom foi (<i>risos</i>).</p> <p>A2: Mas não tem barriginha nenhuma não.</p> <p>A1: E se tiver a gente não liga não...</p> <p>R: É, deixa pra lá, ela quer é filho mais... vai povoando aí. Agora, sabe de uma coisa, Margareth, ontem eu estive com ela, o tema dela para o carnaval...</p> <p>A1: O tema do carnaval...</p> <p>R: É Caribe, calibre amor. Eu fui saber como é que vai ser isso do movimento afro-pop. Vamos lá, Margareth?</p>
	<p>R: A Margareth Menezes não é muita dada a temas no carnaval, não. Mas ano passado foi um ano muito especial pra ela. Ela foi até o Caribe e se inspirou numa música de Jorge Portugal e Roberto Mendes chamada Caribe, calibre, amor e é esse o tema do carnaval da Maga, agora.</p> <p>Margareth: Puxa, fiquei... encantada principalmente com Cuba. (<i>corte</i>).</p> <p>R: E o figurino, Margareth, como é que vai ser?</p> <p>Margareth: O figurino vai ser uma mistura de baiana e de, de né, aquelas coisas de Caribe, de baiana, né, babado, essas coisinhas (<i>risos</i>) que compõem, né.</p> <p>R: Você convidou quem pra fazer esse carnaval?</p> <p>Margareth: Olha, esse carnaval tem Sara Jane (<i>corte</i>), convidamos também Tetê Espíndola, também tem a Mariene de Castro, tem a banda Creme de Papaya, é uma do Rio de Janeiro, uma banda de axé do Rio, que eu encontrei lá. (<i>corte</i>). Filhos de Jorge, então, tá florido, né.</p> <p>R: Na terça-feira o afro-pop sai sem cordas, e, aqui, olha, com o compositor e cantor, Alexandre Leão.</p>

	<p>F2: É, muito feliz em poder participar, né, do carnaval, e... tendo a honra de participar do afropop. (<i>trecho de cantora cantando</i>) Volta para o estúdio e a conversa sobre carnaval segue, com Daniela Mercury e um histórico sobre sua carreira.</p>
--	--

(N11) – Veiculação em 31 de janeiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Quem mora ou precisa passar de carro pela Rua Professor Aristides Novis, no bairro da Federação, em Salvador, reclama, e, cheio de razão. A2: É que muita gente estaciona os carros em local irregular, atrapalhando o trânsito.</p>
VT	<p>R: Repare que o local permitido para o estacionamento dos carros é em apenas um lado da rua, mas do outro lado não faltam carros estacionados. E onde? Nas calçadas. Este outro parou bem em frente à entrada da UFBA, atrapalhando a visão de quem entra ou sai da universidade. Agora, olhe só onde esses carros estão estacionados: no meio da rua. É isso mesmo, os motoristas aproveitaram que há um canteiro na rua e estacionaram os veículos ao redor dele. E como se não bastasse fizeram uma fila no meio da rua. Resultado: os carros que trafegam pela rua não podem mais passar nos dois sentidos. É preciso parar, dar passagem para quem vem no sentido contrário para só depois seguir viagem.</p>
Comentários	<p>A1: Falta de cidadania.</p>

FEVEREIRO DE 2013

(N12) – Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Ontem foi a abertura oficial do carnaval de Salvador. Para delírio dos fãs chicleteiros o trio elétrico do Chiclete com Banana saiu sem corda. A2: Milhares de pessoas seguiram o Chicletão na pipoca. Além disso, a folia começou com um alerta contra a violência.</p>
VT	<p>Repórter: Banda de sopro, percussão e um gigantesco alerta para proteger as mulheres, contra qualquer tipo de violência, também no carnaval. F1 (Mônica Kalile – sup. De políticas para mulheres): Desde 2007, logo após a implantação da Lei Maria da Penha, que foi promulgada em 2006, o Instituto A Mulherada, que é uma entidade do Pelourinho, de defesa aos direitos das mulheres, começou a ir às ruas com o tema: tocar pode, bater não. Uma simbologia com a relação do tambor e a mulher. Repórter: O bloco ‘A Mulherada’ fez a primeira apresentação na passarela do Campo Grande. Vieram 300 pessoas, divididas em alas das baianas, dança e percussão. <i>Imagens das alas e som da banda tocando percussão.</i> Repórter: No camarote oficial da prefeitura, o prefeito ACM Neto e o governador Jacques Wagner, entregaram as chaves da cidade ao Rei Momo. F2 (ACM Neto – prefeito de Salvador): Só vale alegria, festa folia, paz. É isso que nós queremos no carnaval de Salvador. A prefeitura tá consciente que está preparada pra fazer um grande evento e este vai ser um carnaval inesquecível, eu não tenho dúvida. Repórter: Depois da abertura oficial, o prefeito, ACM Neto, o rei momo, o agente comunitário Leandro França, de 30 anos e a rainha do carnaval foram recebidos no trio do Chiclete com Banana. Na hora da foto Bel não quis a coroa do rei momo, mas mostrou que também é majestade, arrastando o folião pipoca na avenida.</p>
Passagem/ VT	<p>Repórter: O Chiclete com Banana na avenida, sem cordas, tem sido o grande marco da abertura do carnaval de Salvador nos últimos anos. Até a quarta-feira de cinzas mais de um milhão e 700 mil pessoas, todos os dias, formam esta multidão, que vem em busca de alegria no carnaval.</p>

VT	F3 (turista): É perfeito! Só Bel pra me trazer nessa pipoca. Começar com Chiclete e terminar com Chiclete, é perfeito.
----	---

(N13) – Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: Olha, dois apagões pegaram os foliões de surpresa, no circuito Barra - Ondina, ontem à noite. O primeiro por volta das oito da noite atingiu a região da rua Sabino Silva e da avenida Oceânica, em Ondina. Durou cerca de 30 minutos.</p> <p>A1: Já passava das onze da noite quando um segundo apagão atingiu o trecho do Hospital Espanhol ao Farol da Barra. A única iluminação vinha dos trios.</p>
VT	<p>R: O apagão durou cerca de 40 minutos e atingiu parte do bairro da Barra. A área próxima ao Farol ficou sem energia elétrica. Prédios, camarotes e postes públicos sem iluminação. De acordo com a companhia de eletricidade da Bahia, a falta de energia foi provocada por uma serpentina jogada para o alto por um dos foliões. A serpentina teria atingido a fiação elétrica. Apenas os holofotes dos trios, que possuem geradores, ficaram iluminando o público que continuou em clima de carnaval.</p> <p>F1 (agente de saúde): No escurinho é bom também, né?</p> <p>R: No carnaval pode?</p> <p>F1: No carnaval pode.</p> <p>F2: Não mete medo por que a segurança tá excelente.</p> <p>R: A iluminação foi retomada por volta da meia-noite.</p>
Nota pé	<p>A2: A gente conversou com o superintendente da Coelba e, segundo ele, a serpentina metálica causa um curto-circuito na rede. Ele fez ainda um alerta para a população para evitar acidentes.</p>
VT	<p>F3 (Sérgio Melo – superintendente de energia da Coelba): Esse desligamento foi causado por um curto-circuito e... é, durante a inspeção que foi feita por nossas equipes de manutenção o pessoal encontrou uma serpentina metalizada que “tava” enroscada na rede elétrica. Ela tá aqui. E esse tipo de... de produto, pelo fato de ser metalizado, ele provoca um curto-circuito na rede e aí, os equipamentos de proteção eles atuam, eles desligam a rede, justamente pra preservar a rede e evitar acidentes, tanto com a rede elétrica quanto com pessoas que estejam nas proximidades. Justamente em função disso a gente tem feito campanhas, nos dias que antecedem o carnaval, pra que as pessoas não usem esse tipo de produto. Eu solicito a todas as pessoas que estão nos ouvindo agora que brinquem o carnaval com alegria, com tranquilidade, mas não joguem nenhum tipo de material na rede elétrica. Todos os anos nossas equipes encontram é... não só as serpentinas, conforme eu falei, mas a gente encontra roupa, é... outros materiais jogados na rede elétrica. E todo tipo de material lançado na rede elétrica ele pode provocar um curto-circuito e, também, pode provocar um acidente tanto na pessoa que arremessou o material quanto nas pessoas que estão nas proximidades.</p>
Nota pé	<p>A1: Mais cedo eu conversei por telefone com o doutor Edenildo Andrade, ele que é coordenador do laboratório de energia, da Universidade Federal da Bahia, ele disse também que outro motivo que pode causar um apagão aí durante o carnaval é porque é uma demanda muito maior por energia, né. Tem os camarotes, a iluminação pública...</p> <p>A2: Isso.</p> <p>A1: [...] pública, que acaba sendo muito maior. E nesse período todos os apartamentos, todas as casas da região.</p> <p>A2: Luz acessa.</p> <p>A1: [...] tá todo mundo com a luz acessa. Em relação a serpentina ele disse que é certo: muita serpentina junta, aquela serpentina metálica, se cair na rede elétrica com certeza vai causar um curto-circuito e gerar, aí, um apagão.</p> <p>A2: E olha só, a gente vai ver aí agora, numa foto, exemplo de serpentinas metalizadas. Essa aí. Esse tipo de material em contato com a rede elétrica já causou outros acidentes. Em 2011, 15 pessoas morreram eletrocutadas e mais de 50 ficaram feridas depois que as serpentinas metalizadas provocaram um curto-circuito durante a passagem de um trio elétrico na cidade</p>

	de Bandeira do Sul, em Minas Gerais. Os foliões levaram uma descarga de quase 8 mil volts. E por causa desse acidente, a venda de serpentina metalizada está proibida em Minas Gerais, Rio de Janeiro e também em Pernambuco.
--	---

(N14) – Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: E depois da folia tem, claro, o retorno pra casa. Olha, mesmo com toda a campanha da Lei Seca ainda teve gente que arriscou dirigir depois de beber. O resultado foram veículos apreendidos e motoristas multados nas blitz já na primeira noite do carnaval.</p> <p>A1: Quem foi sem carro reclamou da demora dos ônibus e da dificuldade de encontrar taxi. Quem não teve paciência enfrentou os transportes clandestinos.</p>
VT	<p>Repórter (off): Cansados e sentados no chão da estação da Lapa, muitos foliões ainda precisaram de paciência para voltar pra casa.</p> <p>Repórter: “Tá” esperando ônibus há quanto tempo?</p> <p>F1: Tem 1 hora.</p> <p>Repórter: 1 hora! Indo “pra” onde?</p> <p>F1: Pirajá.</p> <p>Repórter: Por volta das duas da manhã os ônibus não estavam saindo cheios, mas mesmo assim houve confusão. Observe este homem, de camisa laranja dentro do ônibus. Ele tenta viajar sem pagar a passagem, mas é abordado por pessoas vestidas de preto, contratadas pela empresa de ônibus São Cristóvão. Depois de uma discussão, começa a briga. <i>(Imagens da briga. No áudio, gritaria, mas não é possível compreender as palavras que são ditas, já que há muita gente falando ao mesmo tempo, de forma alterada, e o som é captado a partir de fora do ônibus).</i></p> <p>Repórter (off): Mesmo com a presença de policiais, o tumulto continua. E só para quando o ônibus vai embora, sem que ninguém seja preso. Quem tentou voltar pra casa de taxi também enfrentou muita dificuldade na saída do Campo Grande.</p> <p>Repórter: Você tentou algum antes?</p> <p>F2: Uma loucura, tá ruim.</p> <p>Repórter: Esperou durante quanto tempo?</p> <p>F2: Uma meia hora.</p> <p>Repórter (off): Este grupo achava que ia voltar de taxi.</p> <p>Repórter: Negociou já o preço antes?</p> <p>F3: Já, antes, lá em cima.</p> <p>Repórter: Oh, mas venha cá, não tem o taxímetro?</p> <p>F3: Tem mas já... Tem o local já... fixo já, então eles... já falam o preço fixo.</p> <p>Repórter: Teve que negociar?</p> <p>F3: Isso, exatamente.</p> <p>F4: É meu vizinho, vou fazer um precinho camarada... pra lá, pra lá.</p> <p>Repórter: Mas preste atenção: o veículo no qual eles embarcam é particular. O transporte clandestino também foi feito por vans.</p> <p>F5: Eu ia de taxi, mas aqui encontrei um amigo meu e é três reais. Vantagem.</p>
Passagem	<p>Repórter: Voltar para casa com o carro próprio também foi alternativa de muitos foliões. Quem não bebeu e depois dirigiu, teve uma volta tranquila. Mas muitos motoristas, que fizeram uso do álcool e depois pegaram no volante, vão ter uma dor de cabeça a mais, daquela provocada pela ressaca. Tudo isto por causa deste aparelhinho aqui: o bafômetro.</p>
VT	<p>Repórter (off): Nesta blitz da lei Seca, da Avenida Bonocô, agentes da TRANSALVADOR flagraram muitos motoristas com sinais de embriaguez. O condutor desta caminhonete se recusou a fazer o teste do bafômetro, mas confessou que bebeu.</p> <p>Repórter: O senhor bebeu?</p> <p>F6: Bebi sim.</p> <p>Repórter: Aí, e o senhor vai se recusar a fazer o teste, então?</p> <p>F6: Vou.</p> <p>Repórter (off): Pela recusa em fazer o teste ele foi multado em mil novecentos e trinta reais. Teve a carteira de habilitação apreendida, o carro removido e ele foi parar na delegacia. Esta</p>

	<p>moto também foi apreendida. O motociclista aparentava ter bebido, e estava sem a habilitação. Poucos minutos depois, mais um flagrante. O motorista deste carro, de cor prata, não quis sobrar o bafômetro e foi multado. Mas, finalmente, encontramos um bom exemplo. O Flávio, técnico de áudio, aceitou fazer o teste e mostrou como deve ser o comportamento de um condutor responsável.</p> <p>F7: Tinha outras opções, tinha a banda da van, a van da banda, que leva a gente pra casa e tudo mais, mas como eu vim trabalhar não ia beber, vim com meu carro.</p> <p>Repórter: Deu bom exemplo!</p> <p>F7: (risos) Brigado.</p>
--	--

(N15) – Veiculação em 08 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Uma mulher caiu de um trio elétrico, ontem à noite, no circuito Barra-Ondina. E duas pessoas foram feridas por espetinhos. O balanço da primeira noite da festa do carnaval de Salvador foi apresentado agora há pouco.</p> <p>A2: O apagão no bairro da Barra, em Ondina, também foi discutido na coletiva.</p>
VT	<p>Repórter: A falta de energia às sete da noite, no circuito Dodô, durou 17 minutos. E às 11 horas foram 25 minutos na escuridão em parte da avenida. Informações passadas pela Coelba para a prefeitura.</p> <p>F1 (Guilherme Bellintani secretário municipal de turismo e cultura): Felizmente a nossa é... atuação foi é, muito rápida em relação a isso. A polícia militar atuou muito bem. A gente não teve registro de ocorrência decorrente desse, dessa situação do apagão, mas, de certa forma, é um alerta pra gente e... a gente vai, é tomar medidas sobretudo pra proibir a, a comercialização das serpentinas, nessa modalidade, a partir do ano que vem, desse ano já, na cidade do Salvador.</p> <p>Repórter (off): Mesmo com o apagão o folião continuou brincando, e, o movimento nos doze postos de saúde nos circuitos diminuiu 10 e meio por cento em relação ao carnaval passado. <i>(gráfico com informações sobre Ocorrências/ Postos de Saúde)</i></p> <p>Foram 427 atendimentos, a maioria casos de agressão física; 65 foliões que beberam demais precisaram de cuidados médicos; 41 pessoas sofreram ferimentos de modo acidental; e 37 procuraram os postos com tontura.</p>
Passagem	<p>Repórter: Uma mulher de 35 anos, que não teve o nome revelado pela secretaria municipal de saúde, caiu de um trio elétrico ontem à noite, no circuito Barra-Ondina. Ela teve traumatismo em várias partes do corpo, está internada no Hospital Geral do Estado, mas, segundo a equipe médica, não corre risco de morte.</p>
VT	<p>Repórter (off): 43 foliões tiveram que fazer cirurgia. 90% homens, e dois casos graves com perfurações na região do rosto e pescoço. Os agressores usaram espetinhos para ferir as vítimas. Os casos ocorreram no circuito do centro da cidade.</p> <p>F2 (José Antônio Rodrigues – secretário municipal de saúde): Eu acho que nós temos que intensificar a mobilização, além da fiscalização, nessa questão do... do espetinho... <i>(corte)</i></p> <p>Repórter: É importante pra que o folião fique alerta e acabe não consumindo produtos que venham no espetinho?</p> <p>F2 (José Antônio Rodrigues – secretário municipal de saúde): Perfeito. Eu acho que uma ação, uma ação da nossa vigilância, da própria repressão, no sentido de impedir a venda de espetinhos, mas se a população se conscientizar disso eu acho que essa é a principal fiscalização que nós temos pra fazer nesse momento.</p>
Comentários	<p>A2: As duas pessoas que foram feridas ontem à noite por espetinhos não correm risco de morrer.</p>

(N16) – Veiculação em 18 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Mais de 135 mil alunos da rede municipal de ensino, aqui em Salvador, voltaram hoje às salas de aula. E esse ano tem uma novidade, hein: cinco escolas aí, das 426 do município, vão funcionar em período integral. E aí vem a preocupação com a refeição: o que é que esses</p>

	<p>alunos vão comer no dia inteiro pra garantir aí uma boa aula.</p> <p>A2: Já vamos saber logo sobre essa novidade e sobre, justamente no horário de almoço, né, o quê que os alunos vão comer neste primeiro dia de aula em tempo integral. A repórter Ana Valéria está numa escola no bairro de Santa Cruz, boa tarde pra você Ana.</p>
VT	<p>Repórter: Olá, boa tarde a vocês aí no estúdio, boa tarde a você que tá aí em casa. E a gente tá aqui, clima de festa aqui na escola. Primeiro dia de aula! Dia de reencontro, de contar as fofocas do carnaval! E a galera aqui prontinha, já sentada na mesa, pegando aquele rango. E a gente chegou na hora H, hein gente? Cheguei em boa hora! Olha só: um feijãozinho, bife, salada, <i>pirê</i> de batata, arroz, tá beleza aí, hein! Tá gostoso?</p> <p>F1 (estudante): Tá!</p> <p>Repórter: Tá com cara de que tá bom mesmo!</p> <p>F1 (estudante): Tá muito bom.</p> <p>Repórter: E você tá gostando da comida?</p> <p>F2 (estudante): Tô, tá muito bom (risos)!</p> <p>Repórter: Aí oh, aqui a nutricionista, Luci, qual é a preocupação, Luci, numa hora como essa, né, que agora as crianças vão ficar na escola até mais tarde, qual é a preocupação na hora de escolher o cardápio?</p> <p>F3 (nutricionista): Tentar variar o máximo a alimentação, né. Colocar todos os alimentos que atingem o grupo recomendado pela pirâmide alimentar, como hoje, nós temos o quê: salada cozida, feijão, arroz e purê de batata.</p> <p>Repórter: Você pensa, assim, uma alimentação mais leve, já que eles vão ter outras atividades de tarde, né? É importante que eles “tejam” bem dispostos!</p> <p>F3 (nutricionista): Na verdade todas as refeições são leves. E agora, com esse programa de escola no período integral eles... recebem o quê? O lanche da manhã, o almoço, o lanche da tarde e a janta antes de sair. Então, não tem essa necessidade de... ser uma alimentação muito pesada.</p> <p>Repórter: Ok, “vamo” conversar aqui com a professora Lurdinha, que tá aqui toda serelepe, pra lá e pra cá, tentando organizar a hora do rango, né professora?</p> <p>F4 (professora): É, primeiro dia né, estão todos ansiosos, com o cardápio novo também!</p> <p>Repórter: Agora, agora que eles vão ficar o dia inteiro na escola, quais são as atividades, o que é que eles têm à disposição deles pra que eles pra que a escola fique atraente?</p> <p>F4 (professora): Bom, além dos conteúdos que já são, fazem parte da grade curricular, eles têm: capoeira, eles têm <i>futsal</i>, eles têm artes plásticas, que eles terão aula de artes plásticas, canto coral, informática. E eu “tava” conversando com eles agora, e eles vão poder fazer grupos de dança, vai ser maravilhoso esse momento!</p> <p>Repórter: Ok, então, galera, tudo mundo pronto, depois do almoço aí, pra cair nas atividades? Todo mundo animado com o início do ano?</p> <p>F5 (estudante): Muito animado!</p> <p>Repórter: Então, tá! Olha só, o cheirinho viu, Sodake, viu vocês aí no estúdio, tá uma delícia por aqui, viu! Parece que a comida tá legal!</p>

(N17) – Veiculação em 18 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: Olha, e a repórter Giorgina Mainarde acompanhou o primeiro dia de aula dos alunos na rede municipal. Como a gente viu aí, a grande novidade é o período em tempo integral.</p> <p>A1: Tanto os pais como os filhos estavam ansiosos e, claro, cheios de expectativas. Algumas escolas receberam os alunos com festa.</p>
VT	<p>Repórter: A maioria dos 135 mil alunos da rede municipal compareceu ao primeiro dia de aula. Muitos vieram acompanhados dos pais.</p> <p>F1 (mãe de um estudante): A expectativa é grande, né? O aprendizado, essa escola, eu estudei aqui e, agora, ele vai estudar aqui esse ano, né. É, vamos ver o que é que vai acontecer.</p> <p>Repórter: E você, o que é que você pretende encontrar aqui na escola?</p> <p>F2 (estudante – 10 anos): Professores, amigos, essas coisas.</p> <p>Repórter (off): A partir deste ano, cinco, das 426 escolas municipais, vão ter turmas funcionando em regime integral, com aulas durante todo o dia.</p> <p>Repórter: O que é que “cê” tá achando dessa história de ficar o dia inteiro na escola?</p>

	<p>F3 (estudante – 13 anos): Boa.</p> <p>Repórter: Por quê?</p> <p>F3 (estudante – 13 anos): Porque dá pra “mim” estudar mais, pegar mais no livro, aí fico, antes “deu” ficar em casa, na rua, eu fico estudando.</p> <p>Repórter (off): Na Escola Municipal Teodoro Sampaio, no bairro Santa Cruz, os alunos foram recebidos com música, apresentações de hip hop e fanfarras.</p> <p>F4 (diretora): Os alunos já vão, recebem essa energia de tranquilidade e já iniciam o seu, o seu dia, a sua... a sua rotina de aula nessa perspectiva, né?</p> <p>Repórter (off): Alunos de seis escolas que estão em reforma foram transferidos para outras unidades. Na Escola Municipal de Fazenda Coutos, no subúrbio de Salvador, os alunos também foram recebidos com festa. E com a presença do prefeito ACM Neto, durante uma aula inaugural na quadra da escola. O prefeito falou sobre a novidade deste ano. Nas unidades que não vão funcionar em regime integral os alunos vão ter trinta minutos a mais de aula por dia.</p> <p>F5 (ACM Neto – prefeito de Salvador): Nós estamos, é... já implantando, ah... Em seis escolas da rede municipal, esse ano, o programa aluno em tempo integral, em caráter experimental, é... Ele tendo êxito a ideia é que ainda esse ano a gente possa estender para outras escolas da rede, e, que a gente comece a implantação dos centros de educação integral. (<i>corte</i>). Porque com o tempo a gente vai transformar a educação pública em Salvador.</p>
--	--

(N18) – Veiculação em 18 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Nota coberta	E por falar em trânsito, veja só, a partir de hoje está completamente proibido o estacionamento de carros no lado direito da avenida Estados Unidos, no Comércio, aqui em Salvador. Além disso, também é proibida a formação de filas duplas do lado esquerdo. A determinação, segundo a TRANSALVADOR, é para melhorar o trânsito no Comércio. No mês passado a mesma intervenção foi feita na avenida Miguel Calmon e, segundo a TRANSALVADOR, a avenida da França vai ser a próxima a sofrer as mudanças. O motorista que descumprir a medida vai ter o carro guinchado e também vai ter que pagar uma multa de oitenta e cinco reais e doze centavos.

(N19) – Veiculação em 26 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: As nossas equipes de reportagem estiveram nas ruas de Salvador para fazer uma contagem diferente. São os carros abandonados que existem nas ruas e bairros da capital baiana.</p> <p>A2: E olha, são muitos! Muitos carros abandonados, enferrujando, alguns depenados, queimados e até virando criatórios de mosquito da dengue. Uma situação que tem incomodado muito quem mora na cidade.</p>
VT	<p>Repórter: O trânsito no Vale das Muriçocas, que liga a Federação a Vasco da Gama, é movimentado. Há muitos pontos comerciais, mas só é permitido estacionar em um dos lados as via. São poucas vagas. Pra complicar ainda mais, em muitos trechos da rua, as vagas são ocupadas por carros abandonados. Aqui, numa área de 50 metros, contamos seis veículos. Do que sobrou do fusca, só o lixo é novo. A maioria virou sucata. A área tem muitas oficinas mecânicas, mas ninguém sabe informar como os veículos foram parar no local. Como se não bastasse a ocupação de vagas, algumas sucatas já estão sendo até empilhadas. No final da rua, encontramos mais dois carros abandonados.</p> <p>F1 (eletricista de automóvel): É um absurdo, né. Complicado, sem dúvida alguma, só traz <i>pobremas</i> futuros pra gente. A redução de espaço, vaga, a gente tem que andar né... pela pista porque o espaço aí fica ocupado com “os carro”. “Os carro” na pista traz muito, né, no caso, mosquito da dengue.</p> <p>F2 (técnico em manutenção): Chega um carro velho, outro, vai encostando aí, vai <i>deixano</i>, vai <i>criano</i> lixo, e, aí a gente fica até sem espaço “pá” andar, caminhar, estacionar.</p> <p>Repórter: Na rua Vital Rego, no Barbalho, outro carro abandonado. Mais um na rua Martagão Gesteira, na avenida Centenário. Com este, na Barra, perto da delegacia, chega a 11</p>

	<p>o número de veículos deixados nas ruas. E só temos pouco mais de uma hora circulando pelas ruas da cidade. Seguimos para o Imbuí. Aqui, carros com retrovisores quebrados e pneus baixos. Chegando em Mussurunga I, mais uma sucata e um veículo incendiado. Um problema também no bairro de São Marcos. Este carro, com um <i>freezer</i> no fundo, acumula sujeira, enquanto este outro, com placa de Dias D'Ávila, acumula água, prato cheio para o mosquito da dengue. No bairro da Vila Laura, encontramos este outro carro com placa de fora, de Feira de Santana. Na mesma rua, este outro veículo tem tanto tempo abandonado que está cercado pelo mato. Perto dali mais dois carros largados no local faz tempo: a antiga caminhonete também está com os pneus baixos, virando sucata.</p> <p>F3 (funcionária pública): É um absurdo! Porque algum tempo... “né” d’agora não, há algum tempo esses carros ficam parados. (<i>corte</i>). Eu não sei de quem é, realmente, a responsabilidade que... alguém tem que ter.</p> <p>Repórter (ao vivo): Olá, boa tarde. Nós estamos ao vivo, no bairro do Garcia, mais exatamente na rua Padre Domingos de Brito, uma rua muito movimentada, que liga a região da Garibaldi ao bairro do Garcia. Aqui, por exemplo, só é permitido estacionar deste lado da via, do lado direito de quem sobre para o Garcia. E são poucas vagas. E muitas dessas vagas, como acontece na região do Vale da Muriçoca, são ocupadas, olha só, com carros abandonados, como é o caso deste veículo branco aqui, a gente vê que ele já “tá” há tanto tempo que é... grande quantidade de lixo está acumulada embaixo, aqui. E também a água fica empossada nessa região. Não é só esse veículo que tem características claras que ele “tá” aqui há bastante tempo: como a sujeira, pneu baixo, ele está depenado. Aqui, se a gente tentar limpar um pouco o vidro, que “tá” difícil, a gente vê que por dentro ele já não tem mais bancos, foi completamente depenado. Um pouco mais à frente, a gente já tem um outro veículo, aquele veículo ali escuro ali à frente, que... olha só: pneus baixos, sujeira, já está sem várias peças, a chaparia, também, dando sinais de que está aqui, nesse local, ocupando uma vaga, há bastante tempo. E de quem é a responsabilidade por retirar esses carros das ruas de Salvador? Esses carros que foram abandonados. Olha só, nós procuramos saber, procuramos o Detran e, em nota, a assessoria de comunicação informou que o Detran não tem a responsabilidade de retirar esses carros. O que acontece é que no ano passado, durante uma campanha realizada nos meses de junho e julho, o Detran retirou das ruas da capital 58 veículos. Esses veículos foram levados para o pátio da instituição e lá permaneceram por 30 dias, os donos foram notificados, e aqueles que não retiraram os veículos os carros foram a leilão. E o Detran informou que a responsabilidade por retirar esses veículos é da TRANSALVADOR. Nós também procuramos a TRANSALVADOR que, em nota, informou que só cabe à TRANSALVADOR retirar os veículos que estão desrespeitando o código de trânsito. O que é que isso significa? Cometendo alguma infração. Um veículo, por exemplo, que esteja ocupando uma calçada, e isso atrapalhe a passagem dos pedestres. Ou então, um veículo que esteja atrapalhando o trânsito ou estacionado em local proibido. Nessas situações, aí sim, a TRANSALVADOR diz que atua. Mas nas outras situações aí a responsabilidade, segundo a TRANSALVADOR, é da Limpurb. Já a Limpurb informou que só cabe a ela retirar as carcaças e, que toda a responsabilidade “pra” retirar os carros abandonados das ruas é da TRANSALVADOR. Sodake.</p>
Comentários	<p>A1: Pois é, Adriana. Vai ficar esse empurra-empurra até que se resolva essa situação que atrapalha, e muito, a nossa cidade. <i>Brigada Adriana.</i></p>

(N20) – Veiculação em 26 de fevereiro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O período de chuvas está começando e, olha, isso é uma preocupação daquelas pra quem vive nas mais de 600 áreas de risco de Salvador.</p> <p>A2: Pensando nisso, a prefeitura definiu um conjunto de ações para evitar alagamentos, desabamentos e também deslizamentos de terra na encostas da cidade.</p>
VT	<p>Repórter: O céu está com poucas nuvens. Mas no bairro do Santo Antônio tem morador preocupado com a chuva.</p> <p>F1 (vendedor): É um momento crítico, é o momento de chuva. Vários moradores têm medo de a terra descer, acabar atingindo mais, como <i>cê</i> sabe que aconteceu, <i>várias casa caiu, várias pessoa desobrigada.</i></p> <p>Repórter (off): Em novembro de 2011, seis casas foram atingidas e uma foi destruída por um</p>

	<p>deslizamento de terra no local conhecido como Chácara Santo Antônio, onde vivem 150 famílias. Nenhum morador ficou ferido, mas a imagem era de destruição.</p> <p>Repórter: Hoje, a mesma área está desse jeito aqui. Algumas casas nem foram reconstruídas. E quem continua morando aqui na Chácara do Santo Antônio sofre com o medo e com a preocupação que as encostas deslizem mais uma vez.</p> <p>Repórter (off): Em Salvador o período chuvoso geralmente começa no mês de março. E aqui no bairro essa época costuma ser de muita preocupação prejuízo.</p> <p>F2 (dona de casa): Eu, minha casa rachou toda. O pé de árvore caiu em cima do banheiro, destruiu o banheiro todo, tá lá até hoje. É prejuízo e ninguém dorme. Criança nenhuma, uns morador que sai pra... pras casa de “outas”, de <i>outas família</i> fora daqui.</p> <p>Repórter: O secretário de infraestrutura, habitação e defesa de Salvador, Paulo Fontana, divulgou as ações da Operação Chuva. As áreas de risco da capital foram mapeadas. A maioria está na região do subúrbio. Ficou definido que a operação terá três focos: combater os alagamentos nos 119 pontos críticos da cidade; evitar o deslizamento em 600 encostas consideradas áreas de risco; e proteger os moradores de casas com risco de desabamento. Segundo a prefeitura existem 600 mil casas construídas de forma irregular em Salvador. Uma das ações (drenagem e limpeza de canais) já está sendo realizada em alguns pontos da cidade, funcionários da prefeitura limpam o canal do Vale do Canela.</p> <p>F3 (Paulo Fontana - secretário de infraestrutura): Com a ação urgente que a gente tá a partir de agora com a limpeza de canais é o lonamento de algumas encostas... A Codesal levantou 266, toda, seis, nós já estamos agregando mais algumas outras de alto e muito alto risco.</p> <p>Repórter: Segundo o secretário algumas ações vão acontecer no bairro do Santo Antônio.</p> <p>F3 (Paulo Fontana - secretário de infraestrutura): Nós vamos visitar essa é... a área, essa área. E nós vamos convidar, mais uma vez, aquelas pessoas que tão morando em área de risco pra que se desloquem, desloquem pro Programa Minha Casa Minha Vida.</p> <p>F4 (vigilante): Estamos esperando que eles façam o melhor. Que eles venham fazer logo essa limpeza pra não “houver” outro deslizamento.</p>
--	--

MARÇO DE 2013

(N21) – Veiculação em 22 de março de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Olha só, a gente fala agora de um problema, aqui em Salvador, na Rua Nilo Peçanha, que liga a Calçada ao Largo do Tanque. Vai ficar interditada durante um mês, hein! O motivo? É uma obra que deve resolver um problema que há muito tempo incomoda e atrapalha a vida de moradores, comerciantes e quem passa por lá.</p> <p>A2: São buracos, alagamentos e muita gente estressada. O local é tão complicado que motos e bicicletas precisam dividir o passeio com pedestres.</p>
VT	<p>R (off): São 200 metros de problemas. Assim é a Rua Nilo Peçanha, uma das principais ligações entre o bairro da Calçada e o Largo do Tanque. A via alagada esconde muitos buracos, mas pelo sacode-sacode dos carros é fácil perceber que eles são grandes e numerosos. Os motoristas são obrigados a reduzir a velocidade deixando sempre o trânsito complicado na região. Difícil manter a paciência diante de um problema antigo. Os carros pequenos e as motos chegam a dividir o passeio pra tentar escapar da buaqueira. Na pista, um perigoso balé de manobras arriscadas. Esta Kombi ficou no meio do caminho.</p> <p>F1: Quando eu passo aqui o carro bateu, quebrou, “tá tendendo”? Aí, todo dia é isso.</p> <p>F2 (motorista): As pessoas precisam ir trabalhar. Tem o pessoal tem, vai, vai... horário pra ir pro médico, pra ir pra escola, entendeu? Compromisso com, com, com vários espécie... Pra passar num lugar desse, um transtorno terrível desse aqui. É um absurdo!</p> <p>R (off): O alagamento deixa mau cheiro. É o esgoto que vem das casas no alto, na Liberdade, e encontra o canal entupido. Aí, vira esse mar de problemas.</p> <p>F3 (motorista): Todos os dias essa água aqui. A gente não “guenta” mais fazendo serviço no carro, né... Suspensão, pneus, entendeu? Ontem mesmo teve um carro aí que soltou até o para-choque ontem aí... É tá muito difícil aí, “pá” gente... passar.</p>

	<p>R (off): O alagamento da via também chega a muitas casas levando risco a saúde.</p> <p>F4 (autônomo): Doença aqui tem de tudo. Rato, barata, todo tipo de doença aqui. Sempre a gente tá no médico.</p> <p>R (off): Problemas que mostramos nos nossos telejornais várias vezes. No começo do mês, vimos a dificuldade de motoristas e pedestres que passam pelo local. E, para amenizar o problema, um morador tapava os buracos com areia e entulhos. Pra resolver essa situação a prefeitura começa, neste sábado, uma obra no local.</p> <p>R: A Rua Nilo Peçanha vai ser interditada a partir da meia-noite. Veja como vai ficar o trânsito aqui na região: <i>(insert com gráfico criado para simular como ficarão as vias de acesso à região durante o período de interdição. A repórter segue em off)</i></p> <p>R(off): A interdição começa no entroncamento da Rua Nilo Peçanha com a Arthur Calambri. Daí o motorista segue pelas ruas Fernandes Vieira e Regis Pacheco, passa pelo viaduto dos motoristas e chega ao Largo do Tanque. Durante trinta dias, o acesso a Nilo Peçanha fica restrito a moradores e comerciantes. É a primeira etapa da obra de limpeza do canal da Suburbana.</p> <p>F5 (Antonio Carlos Batista – superintendente Sucop): Nós “tamo” limpando a Suburbana, limpando a, o Canal da Nilo Peçanha e, esse trecho crítico aqui, que são 200 metros, nós “vamo” cortar a rua, fazer uma drenagem, uma caixa de brita e colocar uma capa de asfalto nova. Esse trecho específico aqui da Nilo Peçanha que nós “vamo” fazer em trinta dias. O restante da obra dura oito meses! Toda a limpeza do canal da Suburbana e, e o canal da Nilo Peçanha.</p> <p>F6: Vamos ver né, depois que a obra “tiver” pronta, terminada se vai realmente... é, é surtir efeito.</p>
Comentários	<p>A2: Tomara que melhore mesmo. É um sofrimento!</p> <p>A1: É uma complicação aquilo ali.</p> <p>A2: Verdade.</p>

(N22) – Veiculação em 30 de março de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: Quem deixou para revalidar o Salvador card no último dia enfrentou filas nos postos, no SETPS: Sindicato das Empresas de Transportes.</p> <p>A1: A partir de segunda o estudante que não tiver com o cartão regularizado terá que pagar a passagem inteira.</p>
VT	<p>R: Apesar da chuva, muita gente foi ao posto do Salvador card, na Avenida Antonio Carlos Magalhães, pra fazer a revalidação. É que termina amanhã a validade do cartão de 2012. E a partir de segunda-feira só vai poder colocar crédito quem estiver com o Salvador card em dia. Dona Rosana tem quatro filhos beneficiados pela meia-passagem, no valor de um real e quarenta centavos.</p> <p>R: Ajuda bastante?</p> <p>F1 (empregada doméstica): Ajuda bastante, com certeza.</p> <p>R: Do ensino fundamental até a universidade, o Salvador card beneficia trezentos mil estudantes. Dona Ivanete foi revalidar o cartão do filho Max, de nove anos.</p> <p>F2 (dona de casa): Como hoje é mais cômodo a gente “vim”, né, pra não ter muita pressa, e aí eu “vim” hoje, pra poder organizar esse coisa do transporte, né. (corte). É importante, né. Que nem todo dia a gente tem dinheiro pra pagar completa.</p> <p>R: Os postos do Salvador card na Avenida ACM e na Lapa funcionam hoje até às três da tarde. Pra fazer a revalidação é obrigatória: a apresentação do cartão; da carteira de identidade ou de outro documento oficial com foto; e o comprovante de matrícula da escola ou da universidade. A taxa de revalidação é de cinco reais e sessenta centavos, o equivalente a duas passagens inteiras. O Salvador card pode ser revalidado durante todo o ano, desde que o usuário apresente a documentação exigida. Mas Railana preferiu cumprir a obrigação já no final de semana, pra não correr o risco de ficar alguns dias sem a meia-passagem.</p> <p>F3 (Railana Cardoso – estudante): Eu tenho faculdade o dia inteiro. Às vezes eu saio de manhã e só chego à noite e tem que ir de uma universidade pra outra. Como a passagem inteira é mais cara, meia você coloca é, fica o mês inteiro, o tempo que durar e... paga metade.</p>

(N23) – Veiculação em 30 de março de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Silvana, qual é uma das coisas boas dessa vida?</p> <p>A2: Olha Sodake, nada como uma boa noite de sono!</p> <p>A1: Sem dúvida nenhuma. Dormir faz bem! É, sem dúvida, muito bom, principalmente, pra enfrentar as atividades do dia a dia, mas os moradores de uma comunidade aqui em Salvador, simplesmente, não conseguem dormir.</p> <p>A2: No Alto do Cabrito, a quantidade de muriçocas incomoda, e, não deixa as pessoas dormirem direito. Os moradores dizem que os insetos são atraídos por um dique que fica em frente ao bairro.</p>
VT	<p>R: Aqui, no Alto do Cabrito, o bairro todo se arma na guerra contra as muriçocas.</p> <p>F1(servente): A gente tá na luta aqui, né. O repelente não tá dando mais jeito. Nós temos que molhar, fazer qualquer coisa aqui, criança pequena aqui debaixo. Oh “prai”, oh! Oh o tanto da muriçoca que sai!</p> <p>R: Alice só tem dois aninhos, mas conhece de perto o incomodo que esses minúsculos bichinhos provocam. Olha só a mãozinha dela.</p> <p>Menina: muiçoca (balbucia).</p> <p>R: Dona Rita tem um pequeno comércio e todos os dias precisa espantar os insetos, que se escondem nas vasilhas. Em casa, também é um sufoco.</p> <p>F2 (comerciante): Nós não dormimos de noite. Uma agonia terrível! A partir de quatro horas, cinco horas mesmo, aí fora, as vezes, assim, eu tenho um barzinho, que eu, que eu, negócio, fico vendendo, as pessoas nem “guenta” ficar tomando cerveja aí porque é se batendo “nas perna”. Vção embora, por causa “das muriçoca”.</p> <p>R: A velha raquete também serve como arma.</p> <p>F3 (betoneiro): Arma contra muriçoca mesmo. Se não tiver arma ela leva a gente. Tá ruim, viu. Tá brabo.</p> <p>R: É sempre assim?</p> <p>F3 (betoneiro): Sempre assim. Direto.</p> <p>R: Qual é a pior hora aqui?</p> <p>F3 (betoneiro): Na base de cinco e meia, seis horas, o bicho pega.</p> <p>R: Virgínia, mostra as marcas na parede. Ela conta o sofrimento que passa com as filhas.</p> <p>F4 (auxiliar administrativo): À noite eu tenho que escolher: ou eu durmo ou minhas filhas dormem. E aí eu opto por elas dormirem e fico é... matando as muriçocas, como “cês” já viram mesmo, “tão” tudo é... Marcado de sangue ali das muriçocas e, quando chega seis e meia, sete horas, é o horário que as meninas vão tentar dormir porque é o horário que elas (<i>se referindo às muriçocas</i>) se acalmam.</p>
Passagem	<p>R: Os moradores aqui do Alto do Cabrito acreditam que a causa do problema seja aquele Dique ali, que passa a maior parte do ano assim: coberto pela vegetação. Por baixo: água parada.</p>
VT	<p>R: Os moradores já fizeram três manifestações pedindo solução para o dique.</p> <p>F5 (aposentado): Queremos reivindicar <i>pá</i> limpar, a limpeza do dique.</p> <p>F2 (comerciante): A providência é só limpar o dique. <i>Limpano</i> o dique, <i>limpano</i> aí <i>as verada</i>, tudo, acaba as muriçoca.</p>
Comentários	<p>A2: Nossa produção tentou entrar em contato com a Conder, mas ninguém foi localizado para confirmar a informação de que a limpeza do dique vai ser feita na semana que vem.</p>

(N24) – Veiculação em 30 de março de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: E na semana em que se comemora o aniversário de Salvador, nossa equipe foi às ruas para conferir o que mudou aqui na cidade com o passar do tempo.</p> <p>A1: E muita coisa mudou, afinal, são quatrocentos e sessenta e quatro anos. Alguns pontos estão tão diferentes que mal dá pra reconhecer. Ricardo Ishmael e Alberto Luciano mostraram fotos antigas da cidade pra ver se os moradores conseguem identificar os locais. Teve gente que passou longe! Veja só!</p>

VT/ Passagem	<p>R: São Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil. Quatrocentos e sessenta e quatro anos de história. Mas será que baianos e turistas conseguem reconhecer os pontos históricos da cidade que viraram cartões-postais? Nós fomos às ruas para conferir.</p>
VT	<p>R: Conhece esse local aqui na foto? F1(aposentada): Eu acho que aqui é a Catedral Basílica. R: Olha direito. F1(aposentada): Mercado Modelo, não... R: Mais uma tentativa. F1(aposentada): A Igreja do São Francisco, a Igreja do Carmo. R: Aqui atrás, oh. F1(aposentada): Piedade (risos). R: Tá reconhecendo aqui a cúpula aqui da igreja? F1(aposentada): É... a igreja da Piedade, exatamente. R: E então, conseguiram reconhecer? F2 (músico): Não, não consegui. R: Nenhum detalhe familiar? F2 (músico): Nenhum detalhe... R: Você arrisca um palpite? F3 (estudante): Tá me lembrando um pouco aqui. R: A praça da Piedade? F3 (estudante): Sim. R: Muito bem, você acertou. Uma das fotos é aqui. Reconheceu por que detalhe, exatamente? F3 (estudante): Aquele detalhe ali, oh. R: A cúpula da igreja. F3 (estudante): Exatamente. R: Mudou tanto assim Salvador? F2 (músico): Rapaz, totalmente. Totalmente modificada. F4 (historiador): O termo Piedade ela, vem da igreja, foi fundada aqui bem, logo no início do processo de, de colonização do Brasil, mas ela está associada também ao processo de constituição da primeira força da cidade, né. Os prisioneiros vinham de lá da Praça da Sé, da Praça Municipal, onde existia a cadeia pública, e aí eles vinham caminhando até essa praça quando eram enforcados. O termo ‘piedade’ vem exatamente desse processo. F5: É esse local aqui que nós estamos mesmo. F6: É, a praça F5: É a praça. R: Será que é aqui? F7: Eu acho que não porque tá faltando a igreja, não? F5: A igreja tá lá. F6: É, aqui tá aqui. F5: É aqui mesmo, é aqui mesmo. R: Muito bem! Essa é a Praça da Sé, uma das praças mais antigas de Salvador, um cartão postal. O senhor conseguiu reconhecer por causa de que detalhe da foto? F5: Por causa da igreja. F6: Da torre. F5: É, a torre da igreja lá. Olhei a igreja e achei parecido. F4 (historiador): A primeira, primeira sede da igreja, por assim dizer, foi instalada aqui nessa praça. Inclusive, todo esse ambiente aqui que nós estamos era a... esse bispado. Um grande centro da igreja católica, do catolicismo, aqui no Brasil. Que foi derrubado, infelizmente, tanto é que nós temos ali o monumento da Cruz Caída, que representa exatamente esse prédio que foi derrubado e que, infelizmente, só deixaram as ruínas, né. F5: Feliz aniversário a cidade de Salvador e uma feliz páscoa pra todos os baianos aqui da cidade.</p>
Comentários	<p>A2: Que bacana! E mudou muita coisa, hein, Sodake? A1: Mudou, tem que ficar atento pra reconhecer a cidade.</p>

ABRIL DE 2013

(N25) – Veiculação em 1ª de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A2: Começou a valer ontem a meia-passagem na tarifa dos ônibus, aqui em Salvador. A mudança vale para todas as pessoas, mas só aos domingos. No primeiro dia do desconto o movimento foi fraco por causa do feriadão.
VT	R: A novidade chegou num domingo diferente. Por causa do feriadão de Páscoa, o movimento na cidade foi bem menor que o de costume. No Centro, os pontos de ônibus estiveram vazios. Na Cidade Baixa não foi diferente: pouca gente à espera de transporte. Cátia nem sabia da redução no preço da passagem! F1(funcionária pública): Não, não sabia disso não. Legal, gostei da ideia. Gostei sim.
Passagem/ VT	R: Aos domingos e feriados mil trezentos e cinco ônibus rodam em Salvador para atender a cerca de seiscentos e cinquenta mil passageiros. A partir de agora, “tá” valendo a meia passagem de um e quarenta pra toda a cidade, aos domingos. Mas só pra quem paga em dinheiro.
VT	R (off): No ponto do Barbalho, Marinalva já estava com os dois reais e oitenta centavos separados pra pagar a passagem só de ida. R: “Cê” já “tava” separado os dois e oitenta? F2(recepcionista): Com certeza. R: E agora só metade? F2(recepcionista): Só metade. R: Já vai dá pra pagar ida e volta com esse dinheiro? F2(recepcionista): (risos) Com certeza. R: Dona Maria já sabe o que vai fazer com o dinheirinho que vai economizar. F3 (aposentada): De uma dá pra pagar duas, beleza. R: Dá até pra curtir mais o domingo? F3 (aposentada): Dá pra curtir mais, tomar uma cervejinha. Já sobra pra tomar uma cervejinha, né? Que ninguém é de ferro, né?

(N26) – Veiculação em 1ª de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: A missa de Páscoa, celebrada ontem, na Catedral Basílica de Salvador, emocionou muitos fieis. Do lado de fora o som do berimbau. Dentro da igreja, hinos católicos. A2: Vários turistas que visitavam o Centro Histórico fizeram questão de participar da celebração. Foi um domingo marcado pela fé.
VT	R: A ginga que nasceu nas senzalas anima o domingo no coração do Centro Histórico. <i>(IMAGENS DE RODA DE CAPOEIRA E CANTO DOS CAPOEIRISTAS ENTOANDO TRECHO DE ‘SÃO SALVADOR’, COMPOSIÇÃO DE DORIVAL CAYMMI).</i> R: Um cenário que marca na história toda a força da fé católica nos primeiros anos da Salvador colonial. Um encantamento aos olhos do turista. F1 (turista de Santa Catarina): A primeira coisa que me chamou atenção: o número de igrejas. R: A fé católica presente com muita força aqui na cidade? F1 (turista de Santa Catarina): Muita força, me chamou atenção. (corte). Foi uma sensação incrível quando, quando eu entrei nessa igreja aqui. Uma sensação muito forte, até me arrepiei (risos). F2 (turista de Santa Catarina): Como católica eu acho muito lindo. Eu acho bem forte mesmo. Provoca o resgate da... Da nossa fé e provoca na gente uma admiração muito grande pela Bahia.
Passagem	R: A ressurreição, o nascimento de Jesus pra vida eterna é o maior festejo cristão. Há mais de 400 anos a missa mais importante da liturgia católica é celebrada aqui, na Catedral Basílica

	de Salvador. Para a igreja, a Páscoa é um convite à reflexão, a trazer <i>pra</i> vida alegria e esperança.
VT	<p>R: Dom Murilo Krieger, arcebispo de Salvador, abençoou os fieis na chegada a catedral para a cerimonia. E reforçou o convite para que os católicos vivam o verdadeiro sentido da Páscoa.</p> <p>F3 (arcebispo de Salvador e primaz do Brasil): No meio de tantos problemas que enfrentamos, dificuldades, cruces há uma certeza: Cristo nos acompanha, está ao nosso lado fortalecendo a nossa luta e dizendo que vale a pena trabalhar, dedicar-se ao outro porque... Ele é o vencedor da morte. A última palavra, portanto, não é da tristeza, não é a morte. É a da alegria, da vida que renasce com Cristo. Todos somos chamados a começar a dizer: olha, vale a pena, vamos trabalhar e arrastar nossos irmãos no otimismo que é bem fundamentado porque Cristo ressuscitou.</p> <p>R: A procissão de entrada, formada por padres e membros de congregações religiosas, trouxe o Círio Pascal, essa grande vela que esteve acesa durante todas as celebrações da Semana Santa. E que simboliza a vitória da vida sobre a morte. O evangelho do domingo de Páscoa lembrou o dia da ressurreição. (<i>Imagens e áudio da missa</i>).</p> <p>R: Na homilia, Dom Murilo falou do mistério da fé e da ressurreição como a maior verdade da fé católica. (<i>Imagens e áudio da missa</i>).</p> <p>R: Para os fieis, um dia de muita emoção.</p> <p>F4(aposentado): Hoje é dia da ressurreição de Cristo, <i>né?</i> Pra gente hoje é um... Eu considero como um dos <i>maiores dia, né</i>, dia que Cristo tornou a ressuscitar.</p> <p>R: Como é que fica o coração, o espírito do católico nesse dia?</p> <p>F5(aposentado): Fica batendo mais forte, com mais confiança, <i>né</i>, com mais fé.</p>

(N27) – Veiculação em 1ª de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O Bahia Meio-Dia está de volta, para todo o estado. Hoje é primeiro de abril, dia da mentira e, por isso, fomos às ruas pra saber as mentirinhas que já fazem parte da vida das pessoas.</p> <p>A2: E veja só: as mulheres mentem mais do que os homens. Eu não acredito não. Acho que é mentira. Mas pelo menos é isso que dizem os especialistas.</p>
VT	<p>R (off): Nas ruas, o primeiro de abril começou com historinhas sobre mentiras.</p> <p>F1: Ah, algumas mentiras relacionadas a atraso, chegar atrasada em casa e ... É, fazer... Dar aquela mentirinha.</p> <p>R (off): E conversando com as pessoas ficou claro que depende da forma como a mentira é contada pra que todos acreditem.</p> <p>R: Não vão ser cobrados ingressos em todos os jogos da Arena Fonte Nova até o fim deste ano.</p> <p>F2: Eu acho uma boa iniciativa porque tem muita gente que não tem condições de pagar o ingresso.</p> <p>R: O governo anunciou o fim do Bolsa Família a partir do mês que vem.</p> <p>F3: Vai deixar muitas famílias necessitada.</p> <p>F2: Ah, primeiro de abril. Pensa que eu não sabia disso (<i>risos</i>)</p> <p>R (off): Claro, tem coisa que não adianta a gente insistir:</p> <p>R: A partir do mês que vem o metrô de Salvador vai ser de graça pra todo mundo. Não vai mais pagar.</p> <p>F4: Isso aí é impossível.</p>
Passagem	<p>R: O dia da mentira foi criado a partir do calendário gregoriano. É que Dom Gregório criou o dia primeiro de janeiro como sendo o primeiro dia do ano. Muita gente não aceitou e continuou festejando o primeiro dia do ano como sendo o dia primeiro de abril. E essas pessoas passaram a ser tratadas como tolas. Por isso mesmo, o primeiro de abril acabou se espalhando no mundo como o dia da mentira, pois, valeu o que quis Dom Gregório. Aqui no Brasil, a história conta que no começo do século dezoito espalharam, em Minas Gerais, que</p>

	Dom Pedro havia morrido, mas não era verdade. Era apenas uma brincadeira. E o primeiro de abril, então, passou a ser festejado.
VT	<p>R: E quem mente mais: o homem ou a mulher? Este neurologista diz que é a mulher.</p> <p>F5 (neurologista): Você sabe que o cérebro da mulher ele é um cérebro que tem mais conexões e a mulher tem uma atividade mais de fala. Ou seja, pra você guardar uma, uma mentira, é uma coisa difícil. O cérebro nasceu pra ser verdadeiro.</p> <p>R: Quando a gente levou essa informação de que a mulher mente mais que o homem, veja a reação nas ruas.</p> <p>F6: É mentira. Ele não estudou direito. Tem que estudar direito. (<i>risos</i>)</p> <p>F1: Desconheço esse dado. (<i>risos</i>). Eu acho que as mulheres mentem menos.</p> <p>R(off): E pra provar que uma história mentirosa pode ser encarada como verdadeira dependendo da forma como é contada, veja o que eu aprontei com o neurologista Antônio Andrade:</p> <p>R: Como é que o senhor vê essa descoberta agora feita pelo cientista argentino Francisco Almagro dizendo que a, a cirurgia pode ser feita, como ele fez lá, em um argentino, é... Retirando a parte do cérebro que mente.</p> <p>F (neurologista): É importante, mas é uma situação que ainda eu acho que não é assim que a cirurgia que vai resolver. A gente vai ter técnicas mais simples, é, com mais elaboração, porque isso que vai tá sendo demonstrado através dos exames de imagem dinâmica.</p> <p>R: Ainda bem que essa notícia é mentirosa porque Francisco é o papa e Almagro é a cidade do time para o qual ele torce.</p> <p>F (neurologista): (<i>gargalhadas</i>). Então, na verdade, o que é que tem (<i>risos</i>).</p> <p>R: Eu menti para o neurocirurgião e ele acreditou!</p> <p>F (neurologista): (<i>risos</i>)</p>
Comentários	<p>A1: Então, <i>vamo</i> dizer que é mentira que as mulheres mentem mais.</p> <p>A2: Não, vamos dizer que é mentira mesmo. São os homens que mentem. Tá vendo, Genildo mentiu bem ali, <i>pro</i> médico.</p> <p>A1: Vamos continuar a discussão (<i>risos</i>)</p> <p>A2: Isso aí.</p>

(N28) – Veiculação em 09 de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Boa tarde.</p> <p>A2: Olá, uma boa tarde pra você.</p> <p>A1: O Bahia Meio-Dia começa com um assunto que mexe com o bolso de todos nós consumidores. O preço de produtos em supermercados e feiras. Principalmente a farinha, o feijão e os legumes.</p> <p>A2: Mas quem vai às compras sabe: as frutas também estão com os preços lá nas alturas. Uma boa opção é escolher as frutas da estação como a laranja, a melancia e a manga. Hoje vamos mostrar os benefícios dessas frutas que são ricas em vitaminas C e B.</p>
Passagem	<p>R: Quando a gente chega aqui neste setor de um supermercado, o setor das frutas, a ... são muitas. E hoje a gente veio até aqui pra descobrir qual é o melhor jeito de aproveitar tudo que esse setor oferece gastando menos. O segredo? Aproveitar as frutas da estação.</p>
VT	<p>R: Quem explica pra gente é a nutricionista Marcia Magalhães. Primeira dica: observe bem. Quando a produção da fruta é grande o preço é mais barato, e, elas estão mais bonitas e saborosas. Agora, por exemplo, é tempo de manga, laranja e melancia. Desta última seu Manoel quer distância.</p> <p>F1 (carpinteiro): Não gosto. Eu não sei, é, pra mim é só água. Não sinto assim, não acho que tem muito sabor.</p> <p>R: Mas conversando com a nutricionista ele descobriu os benefícios desta fruta.</p> <p>F2 (Nutricionista): Essa cor vermelha que tá aqui é por causa de um pigmento chamado licopeno, que ajuda a reduzir o risco de câncer de próstata. Você como homem não dá pra reavaliar essa melancia aí não e botar no cardápio?</p> <p>F1 (carpinteiro): Com certeza, vou mudar.</p>

	<p>R(off): A segunda dica da nutricionista é sobre o jeito de consumir as frutas. F2 (Nutricionista): Apesar de todos os benefícios, das vitaminas, minerais, água e fibra que tem nesses alimentos, no caso as frutas, a gente deve consumir com moderação. As frutas também são fontes de açúcar, de carboidratos quem, em excesso, podem subir muito a glicemia e também fazer engordar.</p> <p>R(off): Pra levar pra casa frutas com vários nutrientes é bom deixar o carrinho colorido. (entra arte – gráfico – com off da repórter).</p> <p>R (off): As frutas de cor amarela, como laranja e manga, têm vitamina C e betacaroteno que, ajuda na formação da vitamina A. As vermelhas, como a melancia e a goiaba, têm vitamina B e licopeno que, ajuda na prevenção do câncer de mama e de próstata. As roxas, como a ameixa e a uva, têm zinco e magnésio, e, são fontes de fibras.</p> <p>F2 (Nutricionista): A substância que dá essa coloração arroxeada chama de antocianidinas, vários estudos têm mostrado que elas ajudam a proteger os vasos sanguíneos que são tão importantes pra o sangue poder circular por todo o corpo levando nutrientes pra todas as células.</p> <p>R (off): A mãe de Roberto, que tem dez anos e quase não come frutas, aprendeu uma receita. Um suco de frutas cheio de nutrientes!</p> <p>F3 (10 anos): Só gosto de coisa azeda.</p> <p>F2 (Nutricionista): Perfeito, olha que dica bacana eu vou lhe dá: se você pegar o limão, que ele gosta de fruta cítrica, bater com uma maçã, no liquidificador, e uma folhinha de couve, e tentar dar pra ele no suco, você tá dando uma grande quantidade de ferro e de vitamina A pra pele, pro sangue que, é extremamente importante nessa fase de crescimento da criança.</p> <p>R (off): E não é que Roberto topou experimentar!</p> <p>F3 (10 anos): Eu concordo, só que não gostei da parte do couve.</p> <p>R: Se tirar o couve dá?</p> <p>F3 (10 anos): Dá.</p> <p>R: Vai experimentar fruta?</p> <p>F3 (10 anos): Sim.</p> <p>R: Pronto! Ganhamos, então.</p> <p>F4 (mãe do garoto de 10 anos): Tá confirmado, hein! (risos)</p>
--	--

(N29) – Veiculação em 17 de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Boa tarde.</p> <p>A2: Olá, boa tarde pra você.</p> <p>A1: Nas últimas semanas o que a gente mais ouviu falar foi sobre o preço do tomate que, chegou a seis reais, o quilo, aqui em Salvador. Agora, a vilã da história é a cebola. Por causa da seca e da baixa produção o preço do produto disparou.</p> <p>A2: O quilo está, em média, cinco reais. O problema é que a cebola é a base pra temperar a comida, né? Isso sem falar que ela é rica em vitamina C, faz bem ao coração, circulação e, também, à pressão arterial.</p> <p>A1: Então, como fazer pra continuar deixando a comida nutritiva e bem temperada sem gastar tanto? O Bahia Meio-Dia foi atrás dessas dicas. Veja só.</p>
VT	<p><i>Não transcrevi o VT. Quero somente a cabeça da matéria para expor a recorrência da temática, mas com uma – na íntegra – basta para a análise.</i></p> <p><i>Trecho:</i></p> <p>R (passagem): Como esse é um alimento que a maioria das donas de casa não dispensa na cozinha, nós convidamos uma nutricionista, Flora Caribé, pra dar dicas de quais são os alimentos que a gente pode misturar à cebola pra manter esse tempero na nossa cozinha, Flora?</p>

(N30) – Veiculação em 17 de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: <i>Vamo</i> falar de trânsito agora. Será que você já pensou em passar quarenta minutos em um engarrafamento no próprio bairro onde mora? Essa é a realidade dos moradores e também motoristas que passam pelo bairro de Santa Cruz, aqui na capital. Os moradores dizem que o</p>

	<p>problema é que os motoristas de ônibus param em qualquer lugar e, desse jeito, acabam travando o trânsito.</p> <p>A1: Já os rodoviários dizem que o fim de linha de ônibus é pequeno. E a situação complica ainda mais porque os donos de carros estacionam os veículos em fila dupla. Veja a situação em nossa reportagem.</p>
VT	<p>R (off): Quem está de carro pequeno reclama.</p> <p>F1 (mecânico): Uma verdadeira bagunça. Esses ônibus aí é um verdadeiro inferno!</p> <p>R (off): Quem dirige os ônibus também fica irritado.</p> <p>F2 (motorista): Precário! Pouco espaço pra nós trabalharmos.</p> <p>R (off): O fim de linha do bairro de Santa Cruz fica na Rua Onze de Novembro. Uma rua estreita onde também funciona o comércio do bairro. Duas empresas de ônibus circulam por aqui. São sete linhas e cerca de trinta coletivos. O problema é que falta espaço pra tantos veículos.</p> <p>F3 (despachante): Caminhões, entregando mercadorias o dia todo, congestionando o trânsito. Os ônibus têm que estacionar no meio da rua porque não tem lugar pra estacionar.</p>
Passagem/ VT	<p>R: Olha só esta situação: a gente tá vendo aqui um ônibus sem motorista, parado, no meio da via. De lá pra cá, nesse sentido, ninguém passa. No sentido contrário, o trânsito também tá lento. Tem um ônibus parado aqui, outros lá na frente e o resultado é esse: engarrafamento nos dois sentidos e motoristas muito irritados.</p>
VT	<p>F4 (administrador): Já passei quarenta minutos aqui, esperando, e, e nada. É ônibus, os ônibus fecham a via e a gente se vira pela outra aqui pra poder passar.</p> <p>R (off): Na última segunda-feira, rodoviários fizeram uma manifestação na entrada do bairro. Motoristas e cobradores das linhas que circulam em Santa Cruz interromperam o trabalho pra protestar porque alguns colegas tinham sido multados por parar em fila dupla. Segundo os motoristas, às vezes este é o único jeito de estacionar o ônibus no fim de linha.</p> <p>F5 (motorista): Tem que parar de fila dupla porque não tem espaço. Esse carro mesmo parado aqui, oh, oh a <i>praca</i> ali dizendo que é proibido parar. E ele para ali do lado. Então, não tem condição de a gente parar. Pra gente parar o carro tem que parar de fila dupla, não tem jeito!</p> <p>R (off): Os passageiros também reclamam. Muitos desistem de esperar no engarrafamento e terminam o caminho a pé.</p> <p>F6 (pedreiro): O trânsito aqui, todos os dias, congestiona e não tem solução para nós aqui.</p>
Nota pé	<p>A2: Que situação, hein! Olha, em nota, a TRANSALVADOR reconhece que o espaço para o fim de linha realmente é pequeno. Ainda segundo o superintendente, Fabrizzio Muller, ao longo dos anos aumentou o número de ônibus e também de moradores da rua que não têm onde estacionar os carros, mas que a TRANSALVADOR está estudando um projeto de reordenamento do trânsito lá no bairro.</p>

(N31) – Veiculação em 25 de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O dia, mais uma vez, amanheceu com chuva, em Salvador. Segundo a Codesal, em uma semana choveu cento e setenta milímetros, a metade do previsto para todo o mês de abril, que é de trezentos e vinte milímetros.</p> <p>A2: E, segundo a meteorologia, vai continuar chovendo. A notícia preocupa, principalmente, quem vive perto de áreas consideradas de risco como as que ficam perto de encostas. Só hoje de manhã, até às onze horas, foram registradas cinquenta e sete solicitações na Codesal. Entre elas, dezesseis ameaças de deslizamento de terra.</p>
VT	<p>R (off): Com a chuva que cai há uma semana em Salvador, cento e trinta e cinco famílias já foram notificadas pela Defesa Civil pra sair de suas casas. O perigo nas encostas é uma ameaça em mais de quatrocentas áreas consideradas de risco. Um problema que, na maioria das vezes, começa com o corte irregular do terreno. É o caso deste aqui, no bairro de Brotas, apontado pelo engenheiro civil Luís Edmundo.</p> <p>F1 (engenheiro civil): Aqui em Salvador a gente tem um, uma grande quantidade de área de</p>

	<p>risco criada pela população que ocupa de forma desordenada, e, fazendo algumas coisas irregulares. Por exemplo, a gente tem aqui atrás um grande exemplo de um corte feito no, pelo talude, que é a região mais crítica, e, que expõe risco à casa superior, de cima, como também à que for colocado, posteriormente, nesse local.</p> <p>R (off): No alto da encosta fica a casa de seu Jonas. Há dois anos, desde que começaram a escavar o terreno na parte de baixo, o mestre de obras está preocupado.</p> <p>F2 (mestre de obras): Fiz a contenção, de quatro metros de fundura, fui lá embaixo no solo, cavei, botei sapata de fora a fora, isso foi em 2009. Fiz a contenção, é, uma cortina de concreto até um metro e meio de altura, de um metro meio foi bloco deitado, e, revestido com massa. E em cima corri um vigamento pra cá e pra lá.</p> <p>R: Seu Jonas agiu corretamente?</p> <p>F1 (engenheiro civil): Sim, ele já tem experiência, como ele já falou, ele já tem quarenta anos de mestre de obras, já tem um pouco de experiência. Mas seria interessante que ele tivesse também um acompanhamento técnico, de um técnico, um arquiteto pra o dimensionamento. Mas o corte de lá de baixo, se vier a dar um deslizamento, pode atingir a casa dele mesmo com todo o reforço que ele fez.</p> <p>R (off): Quem mora em área de encosta deve ficar atento a alguns sinais de que a terra pode descer.</p> <p>F1 (engenheiro civil): Trincas que vão aparecer nas paredes. Principalmente nos cantos da porta e janela. Posteriormente, você pode observar alguns postes, postes inclinados, árvores inclinadas também são condições que mostra risco. Também trincas no terreno, também um indicativo.</p>
Passagem	<p>R: Por que que se fala tanto em não jogar lixo nas encostas? É que o lixo, além de poluir o meio ambiente, aumenta o peso no terreno e a infiltração de água no solo. Com isso o risco de deslizamento de terra é muito maior. Dá só uma olhada, aqui, neste terreno, na Vasco da Gama. Garrafa pet, olha só, como ela está presa. Eu não consigo nem tirar. Ainda tem: plástico e, a gente vê outros materiais aqui.</p>
VT	<p>R (off): Segundo a Defesa Civil, o desmatamento também agrava o problema. Se o terreno tem árvores, menos da metade da água da chuva chega ao solo. À medida que ela vai descendo diminui a resistência do solo e, aí, a terra pode deslizar.</p> <p>F1 (engenheiro civil): Aquela chuva constante, caindo no terreno, cria um transtorno muito maior e um risco muito maior pras encostas que as chuvas fortes. Imaginamos que esse vasilhame aqui seja o solo. Então, se vier uma chuva muito forte, eu vou jogar aqui, a água cai, e, pouca água entra no vasilhame. Mas se a chuva for fraca eu consigo preencher o vasilhame com toda aquela água, ou seja, tem pouco alagamento na cidade, consequentemente, muita infiltração de água no terreno.</p> <p>R (off): Para evitar o deslizamento de terra, uma das medidas é a colocação de lonas. Mais de vinte mil metros quadrados de plástico preto foram colocados em cento e oitenta encostas de Salvador. Para conseguir a lona é preciso solicitar à Defesa Civil pelo 199, que um engenheiro vai até o local. Mas na hora de cobrir a encosta muita atenção.</p> <p>F1 (engenheiro civil): Para verificar o que acontece, no período de chuva, a gente tem o exemplo aqui de uma parte de solo, retirada desse local. No momento que a gente vai humedecer vocês vão ver que ele vai perder toda a resistência e vai desmanchando. Essa perda de resistência do material leva, então, o deslizamento de terra nas encostas.</p>

(N32) – Veiculação em 25 de abril de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: E por falar em música, olha só a figura que a nossa equipe encontrou no bairro da Liberdade, aqui em Salvador. É um gari que chama atenção por onde passa.</p> <p>A2: É que além de varrer as ruas, recolher o lixo ele também é cantor! Isso mesmo, enquanto trabalha Jorge encanta os moradores com a voz. E um detalhe, hein: ele só canta em inglês.</p>
VT	<p>R (off): Varrendo, recolhendo o lixo, mas sempre cantando. Esse é o dia-a-dia do gari José Jorge de Jesus. Flagramos ele trabalhando na Travessa São Salvador, no bairro da Liberdade, aqui na capital. Bem-humorado, ele solta a voz em alto e bom som enquanto trabalha. Mas sempre em inglês. <i>(imagens de Jorge cantando e trabalhando)</i></p>

	<p>R (off):Veja que os moradores saem de casa para ouvir o gari cantando. E não faltam elogios!</p> <p>Pessoa que passa pela rua: Você anima nossos pensamentos.</p> <p>Jorge: Brigado!</p> <p>R (off): Mas uma das músicas que ele mais gosta de cantar é I will never as love you now again , trilha do casal Téo e Morena na novela Salve Jorge. (<i>Jorge canta</i>)</p> <p>R (off):O inglês até que merecia umas aulinhas, mas até que ele canta direitinho, hein? (<i>imagens de Jorge cantando e trabalhando. Na sequência, cenas da novela Salve Jorge com o casal Téo e Morena</i>).</p>
Comentários	A1: É isso aí, Jorge. Parabéns pela animação! <i>risos</i>

MAIO DE 2013

(N33) – Veiculação em 03 de maio de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O Bahia Meio-Dia está de volta, agora para todo o estado. E o assunto é falta de cidadania. É só andar pelas ruas de Salvador para ver que as pichações estão em todos os lugares.</p> <p>A2: É uma vergonha, né. E vandalismo que fica marcado na parede de prédios, em monumentos e até igrejas.</p>
VT	<p>R (off): Riscos feitos com spray mancham as paredes da sede do PROCON, no Centro de Salvador. Mais pichações sujam os muros deste centro de saúde, na Avenida Centenário. O dano é maior na mais movimentada estação de transbordo da capital. Na Lapa, um aviso nos corredores: a Gerência de Equipamentos Urbanos informa que a estação está sendo recuperada e pede que o local não seja pichado. Pedido ignorado. A ação dos pichadores está em todos os lugares: lixeira, placa de sinalização, escada rolante. Nada escapa! A ousadia é tanta que grupos assinam as pichações e trocam mensagens. Arte, protesto ou vandalismo?</p> <p>F1 (estudante): Alguns grupos dizem que é arte, outros dizem que é protesto, mas para mim é vandalismo, pois, eles acabam destruindo o, o patrimônio que é nosso mesmo.</p> <p>R (off): Na igreja da Conceição da Lapa, no bairro de Nazaré, o funcionário, pelo menos uma vez por semana, passa tinta sobre as pichações. Mas ainda assim dá pra perceber as manchas espalhadas por todo o muro do convento. Um prédio histórico na luta pela independência da Bahia e onde ficam os restos mortais da religiosa Joana Angélica.</p> <p>F2 (pároco de São Pedro): É verdade que nos anos passados a gente convivia já com o problema, mas em número muito pequeno. Hoje não. Se tornou um problema crônico e quase que todas as semanas que nós temos que repintar aqui a frente da igreja. (<i>corte</i>). Há o prejuízo material, um prejuízo histórico, não é. É porque, você vê, a gente não pode zelar como nós deveríamos zelar.</p> <p>R (off): Inaugurado há poucas semanas este viaduto, ao lado da Arena Fonte Nova, já está pichado. Na Avenida Bonocô a estação do metrô, que nem foi aberta ao público, também está tomada pelas pichações. No Brasil, pichar é considerado vandalismo, um crime ambiental, com pena de três meses a um ano de detenção e multa. Para os baianos, um problema que começa com a falta de educação.</p> <p>F3 (comerciária): Ninguém gosta, né. É horrível, a cidade fica suja, fica... é vandalismo mesmo.</p> <p>F4 (técnico em mecânica): Uma falta de educação né, da, da população, de alguns. E também... punição. Tem que punir essas pessoas com, com um pouco mais de rigor.</p> <p>F5 (fotografo): Ninguém gosta. Isso aí é um patrimônio público, a gente tem de preservar. O pessoal aproveita das situações pra ficar pichado, <i>enfeando</i> a cidade. Fazendo, mostrando pra o turista que nos visita que nós somos mal educados. Na verdade não somos isso.</p>
Comentários	<p>A2: Destruindo o que é da gente mesmo, né.</p> <p>A1: E fica muito feia a cidade.</p>

(N34) – Veiculação em 03 de maio de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Os moradores da Segunda Travessa Alvorada, no bairro de Pirajá, aqui em Salvador, reclamam de um problema que estão enfrentando há quase dois anos!</p> <p>A2: Uma obra de urbanização e esgotamento sanitário começou a ser feita na região, mas parou. Além do esgoto a céu aberto, eles têm que conviver, também, com os entulhos da obra inacabada.</p>
VT (Repórter Cidadão)	<p>R (passagem): Nós estamos na Segunda Travessa Alvorada, no bairro de Pirajá. Fomos chamados aqui pela população para mostrar a situação dessa rua, que não tem esgotamento sanitário, não é urbanizada. A gente consegue perceber que aqui, olha, o esgoto corre a céu aberto. <i>Pa</i> passar por aqui, só assim: se equilibrando sobre as pedras. Conversar aqui com esses moradores, eles já vivem essa situação aqui... Vocês chegaram até ter esperança de que essa situação fosse resolvida, isso há dois anos, né. Explica pra gente?</p> <p>F1(técnico de segurança): Nós sabemos que existe um projeto por parte da... do governo do estado... é, pela Conder, eles ajeitaram a maioria das transversais das ruas, mas, porém, aonde é mais necessário eles paralisaram as obras e não dá nenhuma explicação a nós, moradores. <i>(imagens de esgoto a céu aberto, lixo, água correndo).</i></p> <p>R (passagem): <i>Cês</i> podem ver que essa escada foi recentemente reformada. Uma obra realizada em 2011. A gente também tem imagens da parte de cima lá da rua, <i>tá</i> tudo concretado, muito bonito. O que os moradores não entendem é por que a obra parou exatamente neste ponto. A partir daqui, olha, é barro puro. E a dona Flora, que mora exatamente aqui em frente, gostaria muito que essa obra continuasse, né dona Flora?</p> <p>F2 (dona de casa): Com certeza!</p> <p>R: Dona Flora, eu <i>tô</i> vendo aqui que esse barro, barro vermelho que a gente tem aqui em Salvador, aqui quando chove escorrega bastante, não é?</p> <p>F2 (dona de casa): Hum, ai, ai...</p> <p>R: Já caiu alguém aqui?</p> <p>F2 (dona de casa): Já, já. Com certeza. Essa semana mesmo o vizinho caiu. A valença é que ele bateu o bumbum, não bateu as costas, né, na escada.</p> <p>R: Bom, como <i>cê</i> pode perceber, o esgoto corre a céu aberto por praticamente toda a rua. Olha o garotinho andando ali, muito próximo a esse esgoto. Mostra aqui o outro lado também, onde a gente <i>tá</i> em pé aqui. Essa, essa, esse local aqui gente, a gente só <i>tá</i> conseguindo ficar aqui porque os próprios moradores jogaram aqui o entulho, porque senão o esgoto toma conta de toda essa área?</p> <p>F3 (dona de casa): Aqui não tinha passagem <i>pa</i> passar. Meu marido que jogou uns entulho, mais os <i>vizinho</i>, <i>pa</i> poder ter uma passagem, acesso, da gente passar.</p> <p>R: Agora eu vou subir aqui nesta pilha de entulho. Neste local existia uma casa. Ela foi desapropriada e foi demolida, não foi isso?</p> <p>F4 (aposentado): Com certeza. Ela foi demolida pelo pessoal da Conder e colocou os moradores, a moradora daqui e a moradora da casa vizinha pra morar de aluguel. E, não voltaram nem pra tirar nem concluir a obra. A gente de vez em quando encontra com alguns, alguns é... é, funcionário e diz que <i>tão</i> resolvendo, que vai fazer, que é isso, que é aquilo. Já tem dois anos a gente nessa, e, a rua lá em cima tudo bonitinho, a rua vizinha lá também <i>tá</i>, a do meio também <i>tá</i> e a gente aqui, nessa situação.</p>
Comentários	<p>A2: Nossa produção entrou em contato com a Conder para saber por que as obras pararam e quando serão retomadas, mas até agora não houve resposta.</p>

(N35) – Veiculação em 11 de maio de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Hoje, véspera do dia das mães, você vai ver agora a história de duas mulheres que resolveram arregaçar as mangas e montar o próprio negócio. Elas fazem parte de uma categoria que cresce a cada ano, a das empreendedoras.</p> <p>A2: É isso mesmo. São mulheres que aproveitam o sucesso no mercado para ganhar dinheiro, ajudar no sustento de casa e investir na educação dos filhos.</p>
VT	<i>Vinheta comemorativa do dia das mães servindo como paratexto</i>

	<p>R (off): O primeiro carrinho de coco foi emprestado pela cunhada. Isso foi há cinco anos, quando Lucineide passou a acumular as tarefas de casa, os cuidados com os dois filhos e ajudar o marido a pagar as contas. No centro da cidade, virou Lu da água de coco, e, foi aprendendo com a experiência.</p> <p>F1 (ambulante): Durante o período de sol a gente trabalha mais, vai guardando um pouquinho. No inverno a gente já pega menos coco, já trabalha “menas” mercadoria, mas também não passa... Necessidade, né.</p> <p>R (off): A participação feminina no mundo dos negócios só faz crescer. Aumentou (entram estatísticas sobre as imagens, mas não como arte. Somente como nota) de vinte e sete vírgula oito por cento para vinte e nove vírgula nove por cento, entre os anos de 2001 e 2011. É o que revela o levantamento feito pelo SEBRAE em parceria com o DIEESE. Para Lu com coragem e persistência os resultados aparecem.</p> <p>F1 (ambulante): Meus filhos, até a oitava série, estudavam no colégio do governo. E aí, a renda melhorou um pouco, meu mais velho já terminou, tá fazendo pré-vestibular. E a minha caçula tá no colégio particular, no segundo ano. Conquistamos, pelo menos, um cantinho na ilha pra descansar fim de semana, conquistamos, tem uma casinha que, graças a Deus, não mete vergonha em ninguém chegar, apesar da gente ser camelô, viver na rua e muita gente não dá valor, mas... Sabendo trabalhar a gente conquista muitas coisas.</p> <p>R(off): Entre as empreendedoras individuais, a maioria é chefe de família e busca no próprio negócio a renda pra cuidar dos filhos. Elas estão trabalhando, principalmente, no comércio e serviços. Moda e beleza são as áreas mais procuradas.</p>
Passagem	<p>R: Aumentou também o número de mulheres que são empregadoras. O salto foi de vinte para trinta e três por cento. Aqui, neste brechó, Lavínia tem duas funcionárias.</p>
VT	<p>R (off): Insatisfeita em coordenar uma equipe de vendas de uma grande empresa, Lavínia decidiu que era hora de investir num antigo sonho. Foi um ano de planejamento até abrir o brechó.</p> <p>F2 (microempresária): Eu fui, pesquisei, vi, vi que o mercado de Salvador tinha possibilidade pra isso. Contratei um consultor, um economista que pode me ajudar. Eu fiz o plano comercial junto com ele. E foi o grande divisor de águas na minha vida. Foi que me impulsionou.</p> <p>R (off): Estudos revelam que as mulheres empreendedoras são mais cautelosas. Planejam melhor e procuram compreender mais o mercado onde atuam. São negócios menores, com uma gestão menos agressiva. O empreendedorismo feminino tem dado mais certo do que o dos homens.</p> <p>F3 (analista de atendimento do Sebrae): Ela estuda qual a necessidade, o que que o público dela realmente quer, e, ela busca essa informação de forma técnica. Aprimora o, o serviço ou produto dela e faz com que chegue da, se aproxime, né, gere uma expectativa além pro cliente dela, que é bem diferente com relação à gestão do homem.</p> <p>R (off): Lu do coco e Lavínia, mulheres que investiram nos seus sonhos sem abrir mão da maternidade.</p> <p>F2 (microempresária): Eu tenho que dividir isso. Empresária, mãe e empreendedora e pessoa.</p> <p>F1 (ambulante): Quando a gente bota o pé na estrada que a gente vê que dá pra ir, a gente começa “andano” e quando a gente vê a gente já tá correndo. Vai embora.</p> <p>F2 (microempresária): Meu filho mais velho já, já é um empreendedor também. Ah... Tá na faculdade, mas já é um empreendedor. O meu filho mais jovem também... Tem garra, coragem, força, sabe, é um desbravador. Então, foi muito bom isso.</p>

(N36) – Veiculação em 13 de maio de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: Um domingo de muita chuva aqui em Salvador. Em vários bairros da cidade, muitas ruas alagadas. Na Ribeira, na Cidade Baixa, as ruas pareciam bem rios.</p> <p>A1: A chuva também prejudicou os ambulantes que contavam com o dia das mães pra faturar um dinheirinho a mais.</p>
VT	<p>R (off): Sandálias na mão pra enfrentar a água suja. Ihada, a moradora só assim conseguiu</p>

	<p>sair de casa, na Avenida Porto dos Mestros, na Ribeira. Nesta área, as duas pistas ficaram debaixo d'água. Pela situação em que ficou a rua Barão de Cotegipe, na Calçada, dá para imaginar o tamanho do transtorno se o comércio estivesse aberto. Pior ainda seria no trecho em frente à estação da Calçada, que foi completamente alagado.</p> <p>R: Como é que você faz pra atravessar um, um lago desse aí? Tem que ir devagar?</p> <p>F1 (mestre de obras): Muito devagar porque não sabe onde tá os buracos, entendeu, a gente pode cair dentro, ficar atolado. É <i>complicado</i> [sic].</p> <p>R(off): Mais uma vez a região da Baixa do Fiscal deu trabalho aos motoristas. Carros e ônibus enfrentaram vários pontos de alagamento.</p> <p>F2: <i>Pa</i> passar aí tem que botar o carro na primeira porque se botar na segunda ou na terceira o carro para dentro d'água e pra pegar de novo, dá trabalho! (<i>corte</i>). Lá no cantinho ali tem um buraco ali. A pessoa que, que vem e que não sabe ele fica ali.</p> <p>R (off): O domingo chuvoso também mudou a rotina dos bairros mais afastados.</p>
VT/ Passagem	<p>R: A chuva deixou ainda mais complicado o trânsito aqui na rótula da Feirinha, em Cajazeiras 10, onde normalmente a circulação de veículos já é tumultuada. Os motoristas ficaram horas presos no congestionamento. E não foi só isso: o mal tempo também trouxe prejuízo pra quem esperava lucrar com o dia das mães.</p>
VT	<p>R: Já passava do meio-dia e dona Isa ainda não tinha conseguido vender nem metade dos bouquets.</p> <p>F3 (vendedora): A chuva atrapalha, né. Com certeza, teríamos vendido muito mais.</p> <p>R: O domingo também não vai deixar saudade para os feirantes. Encontramos dona Jutacira de braços cruzados. Ela já tinha recolhido as mesas e cadeiras onde serve feijoada.</p> <p>F4 (vendedora): Desde quatro horas da manhã que eu tô aqui e a chuva não deixou ninguém trabalhar.</p> <p>R: Quantas feijoadas a senhora vendeu?</p> <p>F4 (vendedora): Umas seis, sete.</p>

(N37) – Veiculação em 21 de maio de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Nota coberta	<p>A1: A gente mostrou ontem, aqui no Bahia Meio Dia, uma passarela que foi construída na Avenida Tancredo Neves, aqui em Salvador, mas que nunca havia sido usada pelos pedestres. Olha ela aí, oh. Ela começou a ser erguida em 2011 para facilitar a vida de quem precisa atravessar esse cruzamento entre as avenidas Magalhães Neto e Tancredo Neves, que é bastante movimentado. O problema é que, apesar de estar aparentemente concluída, a passarela nunca foi liberada para a população. Nós mostramos o caso ontem e hoje, veja só, a passarela foi liberada. De manhã já tinha gente atravessando por ela. Mas observe que pelo menos até hoje de manhã ainda não havia lâmpadas para iluminar o caminho dos pedestres durante a noite.</p>

(N38) – Veiculação em 21 de maio de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Nota coberta	<p>A2: Um outro problema que já foi resolvido é aquele buraco que a gente mostrou ontem, na Avenida Paralela, lembra? O buraco abriu na pista durante a chuva de domingo, mas ontem ficou ainda maior. Muitos carros não conseguiram desviar a tempo e acabaram furando os pneus. Segundo a TRANSALVADOR, cinquenta e cinco carros foram danificados por causa do buraco. Hoje de manhã nossa equipe voltou ao local e encontrou situação bem melhor. O buraco estava completamente tapado para alívio dos motoristas.</p>

(N39) – Veiculada em 29 de maio de 2013

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: E olha, por falar em chuva, a gente sabe que essa é uma época em que aumentam problemas como esse, que a gente acabou de ver aí na reportagem, mas também é maior a preocupação com algumas doenças. Uma delas é a leptospirose que é transmitida através das fezes e urina dos ratos.</p>

	<p>A2: Muitas ruas, casas, como vimos aí, ficam alagadas. E a gente acaba molhando os pés nessa água suja, o que aumenta as chances de contaminação. Segundo o Centro de Controle de Zoonoses de Salvador, só esse ano foram confirmados, na capital, quinze casos da doença.</p>
VT	<p>R (off): Ana Maria mora no Engenho Velho de Brotas e é dona também do terreno ao lado da casa dela. O local tem acúmulo de lixo, restos de material de construção. E tem atraído um visitante perigoso.</p>
VT/ Sonoras	<p>R: Vocês veem muitos ratos aqui? F1 (dona de casa): Bastante. Principalmente à tarde, a partir de cinco horas da tarde. Sai do esgoto e vem <i>praqui pro</i> terreno. R: Os ratos são grandes? F1 (dona de casa): <i>Bastantes</i> [sic] grandes. R: E ela não é a única por aqui a se queixar da quantidade de ratos. F2 (dona de casa): Sinto cheiro de urina de rato e fezes de rato também. O fedor é demais. É forte mesmo. R: Na sua porta? F2 (dona de casa): É, na minha porta.</p>
Passagem/ VT	<p>R: Os moradores daqui, assim como em outras comunidades de Salvador, convivem com medo da leptospirose. Uma doença transmitida pela urina do rato. Nos meses chuvosos o perigo é maior, aumentam as chances de contaminação por causa do contato com a água suja.</p>
VT/ Sonora	<p>R: Os moradores que sofrem com ruas e casas alagadas quando chove forte são os mais expostos à doença, causada por uma bactéria. Na região do Engenho Velho de Brotas, onde estivemos, a leptospirose já fez vítimas. F3 (pres. da Associação de Moradores): Tivemos dois amigos nos últimos anos que morreram da leptospirose, da doença do rato, a leptospirose. E os moradores ficam, realmente, apreensivos e apavorados com medo que venha acontecer outras vítimas fatais. R: Agora, muita gente continua jogando lixo na rua aqui, né? F3 (pres. da Associação de Moradores): É, infelizmente. Os moradores aqui também precisa ser mais educado e evitar botar lixo por que através do lixo que o rato é... Atrai o rato. (<i>Gráfico</i>) R(off): É importante ficar atento aos principais sintomas: febre alta repentina, dor de cabeça, dor muscular, dor abdominal, cansaço, calafrios, náuseas, vômito e diarreia. Este infectologista chama atenção ainda para outro sintoma que pode ajudar a identificar os casos graves de leptospirose. F4 (médico infectologista): A partir do momento em que um paciente com essa sintomatologia fica com o olho amarelo, que a gente chama de icterícia, né, que é a parte branca do olho ficar amarelada, até amarronzada, né, isso é um sinal de gravidade. Isso indica que o paciente está tendo leptospirose grave e tem alto risco de óbito. E neste momento, então, ele deve procurar assistência de saúde o mais breve possível. E aqui em Salvador o hospital público de melhor referência que, que mais tem é, é, é especialistas no tratamento da leptospirose grave é o Hospital Couto Maia.</p>

JUNHO DE 2013

(N40) – Veiculação em 06 de junho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: “<i>Vamo</i>” falar agora de cultura, de turismo. Salvador é conhecida pelas belezas e pela riqueza do patri, do patrimônio histórico e cultural. São atrações que encantam turistas do mundo todo. E com a Copa das confederações eles devem encher a cidade. A1: E, olha, eles vão encontrar pontos turísticos que estavam fechados e agora foram reabertos. É o caso do, da Igreja da, do Boqueirão. Nossa equipe fez um passeio pela cidade para mostrar pra você o que Salvador tem pra oferecer aos visitantes.</p>

VT	<p><i>Vinheta da copa das confederações e imagem área do Dique do Tororó</i></p> <p>R (off): Em junho, Salvador vai receber milhares de apaixonados por futebol. Pra estes turistas, o estádio vai ser o cartão postal da cidade. Até eles descobrirem que Salvador tem muito mais!</p>
Passagem	<p>R (passagem): O futebol pode até ser o principal motivo da visita dos torcedores que veem pra Salvador acompanhar os jogos da copa das confederações. Mas uma vez aqui na cidade ninguém quer que eles resistam à música e aos encantos dessa terra.</p>
VT	<p><i>(Imagem de roda de capoeira. As filmagens são realizadas no pelourinho)</i></p> <p>R (off): O mestre de capoeira garante: os dois esportes têm tudo a ver.</p> <p>F1 (mestre de capoeira): Tudo com pé, tudo chuta, tudo, tudo música, tudo golpeia. (risos)</p> <p>R: Tem tudo a ver?</p> <p>F1 (mestre de capoeira): Tem tudo a ver.</p> <p>R (off): O Centro Histórico é o ponto mais visitado de Salvador. E se é por aqui que os turistas geralmente começam a conhecer a cidade, este também vai ser o primeiro contato com a hospitalidade calorosa do baiano.</p> <p>F2 (vendedora): O pelourinho vai tá o verdadeiro carnaval, né?</p> <p>R: E no coração?</p> <p>F2 (vendedora): Vai levar a Bahia também, né? Dizer: poxa, passei, pisei na Bahia, pisei no Pelourinho. Vai ser uma grande emoção.</p> <p><i>(Imagens de baiana típica e do Pelourinho)</i></p> <p>R (off): Numa reforma recente, o Pelourinho recebeu rampas de acesso para cadeirantes. Casarões foram restaurados. Operários dão os últimos retoques. É a arrumação da casa para as visitas que vão conhecer a história da cidade.</p> <p>F3 (estudante universitário): O Pelourinho, por si só, ele conta toda a nossa história. Cada momento que você anda você vê uma, um, um, a história de Salvador contada, diferente de outros bairros que têm um aspecto mais moderno.</p> <p>R (off): Cristina trabalha há vinte e oito anos como guia de turismo em Salvador. Seu local preferido: o Centro Histórico.</p> <p>F4 (guia turística): Aqui ele encontra tudo, né. História, cultura, gastronomia, compras, música. O Pelourinho tem uma diversidade de coisas que oferece ao turista e que encanta.</p> <p><i>(Imagens da igreja do Boqueirão)</i></p> <p>R (off): Cristina nos levou “prum” passeio. Primeiro fomos à igreja do Boqueirão, que fica no bairro do Carmo, perto do Pelourinho. Um desses tesouros históricos que deixam qualquer turista impressionado. A igreja ficou quase dez anos fechada. Depois da restauração, a construção do século dezoito que marca uma fase importante da história de Salvador, pode ser visitada de graça.</p> <p>F4 (guia turística): É uma riqueza de detalhes! Toda trabalhada em talha dourada, que é a madeira recoberta com ouro. O, o teto dela, assim, que é em perspectiva barroca, dando a impressão que a igreja não tem fim, né, de que ela segue, você pode subir “pro” céu. É, toda, você tem o teto todo trabalhado e você tem o chão dela também todo trabalhado, todo mosaico. Então, pra onde você olha você tem um movimento acontecendo.</p> <p><i>(Imagens do Elevador Lacerda, da Praça Municipal e do Palácio Rio Branco)</i></p> <p>R (off): Da igreja do Boqueirão para o Palácio Rio Branco, construído em 1549, para ser a sede do governo brasileiro. Até o ano de 1900 os governadores da Bahia moravam e trabalhavam aqui. Os móveis, os detalhes no teto, a estrutura da casa, tudo é grandioso. E a vista da varanda deixou a turista argentina impressionada.</p> <p>F5 (Turista argentina): ¿Que puedo decirte? Que me encanta. ¡Los brasileiros me encantan!</p> <p>R (off): Importante também é garantir informações de qualidade e conforto para os turistas.</p> <p>R: A cidade tá pronta pra receber esse turista que vem visitar?</p> <p>F6 (secretário estadual de turismo): Olha, pronta, pronta ela nunca vai estar, mas vai estar se aprontando cada dia melhor. (corte) Todos sabem que oitenta por cento das decisões de viagem são tomadas por observações, pelo boca-a-boca que hoje é um boca-a-boca via internet. Então é muito importante que a gente cause uma boa impressão, que recebamos bem.</p> <p>R: Causar uma boa impressão é tudo o que os comerciantes querem. A expectativa para os quinze dias de Copa das Confederações é de faturamento igual ao da alta estação.</p> <p>F7 (sem legenda): Nós “tamos” confiantes nisso, esperançosos nisso.</p> <p>F8 (vendedor): Com certeza, vai ter um número, número de turistas que vai chegar pra</p>

	<p>Salvador vai dar uma resposta muito agradável pra gente que trabalha com turismo.</p> <p>R: Com uma escalação dessas, Salvador quer fazer da visita dos torcedores um show de bola.</p> <p>F9 (turista/ES): Tem muito mais pra ver. Tem muito artesanato, tem muita cultura, tem muita história. Então, vale a pena não focar só no futebol, também focar na história.</p> <p><i>Imagens de homem (F8) tocando berimbau. A imagem é substituída por uma roda de capoeira e, posteriormente, pelo mar. Finaliza com duas baianas típicas de acarajé gesticulando o popular “venha”. O som do berimbau permanece ao fundo. Ouve-se o off: Esse é o som da Bahia!</i></p>
--	---

(N41) – Veiculação em 14 de junho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O Bahia Meio-Dia de hoje começa falando da morte do jovem Carlos Alberto Júnior, de 22 anos. Carlos foi assassinado ontem, durante uma ação de policiais militares no bairro de Nordeste de Amaralina, aqui em Salvador. Segundo os moradores, o jovem teria sido assassinado depois de reagir à abordagem policial.</p> <p>A2: O clima ficou tenso no bairro. Familiares e amigos de Carlos Alberto fizeram vários protestos durante todo o dia de ontem. O repórter Genildo Lawinsky voltou hoje à rua e conta como está o clima no local e, também, o que diz o secretário de Segurança Pública sobre a morte do jovem.</p>
Passagem	<p>R: Aqui na Rua Aurelino Silva, Nordeste de Amaralina, bem perto onde aconteceu a morte do rapaz de 21 anos, e também a manifestação dos moradores por causa dessa morte ontem, a sexta-feira amanheceu tranquila. Os moradores estão indo e voltando livremente para o trabalho. Também os carros estão passando aqui na rua sem nenhum tipo de problema. O clima parece normalizado.</p>
VT	<p>R: Agora há pouco o secretário de segurança pública, Maurício Teles Barbosa, em entrevista coletiva, disse que já mandou apurar tudo o que aconteceu. E para colaborar com essas investigações, todos os policiais militares envolvidos na ação de ontem já foram afastados do trabalho.</p> <p>F1 (Secretário de Segurança Pública): O afastamento dos policiais é até pra garantir a isenção dessa investigação, né. O comandante geral vai receber a família, e uma parte dos moradores do Nordeste de Amaralina, pra que eles possam expor tudo aquilo que eles testemunharam e que eles têm a dizer. Já foi determinado à polícia militar a abertura de uma investigação, no âmbito da própria PM. E a polícia civil, também, já instaurou um inquérito, através do DHPP², e se apurarmos que de fato houve, né, alguma ilegalidade na condução dessa diligência as medidas serão adotadas sem sombra de dúvidas.</p>

(N42) – Veiculação em 14 de junho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: Durante as manifestações de ontem, os moradores fecharam a Avenida Manoel Dias da Silva, uma das mais movimentadas da capital. À noite eles queimaram entulho e pedaços de madeira no meio da rua Visconde de Ithaboray, que dá acesso ao bairro do Rio Vermelho. A polícia foi para o local e o trânsito ficou lento na região.</p> <p>A1: Mais cedo, familiares e vizinhos revoltados contaram como foi a ação dos policiais militares. Carlos Alberto era primo do garoto Joel, que foi morto na mesma rua, também durante uma ação de policiais militares, em 2010. O jovem não tinha passagem pela polícia e trabalhava em um hotel daqui de Salvador.</p>
VT	<p>R: Pouco antes das 11 horas da manhã, os moradores começaram a ouvir tiros e gritaria.</p> <p>F1 (moradora do Nordeste de Amaralina): Eu achei que era bomba. Ai... Quando eu vi que era muito tiro eu peguei, me joguei no chão: “<i>mainha, se joga no chão!</i>”. Mainha pegou minha filha de um ano e dois meses, se jogou no chão.</p>
Passagem	<p>R: Na hora da confusão seis pessoas estavam nesta casa aqui, inclusive, esse bebê de um mês</p>

² Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa – DHPP.

	<p>de vida. Os moradores aqui da casa dizem que a polícia tentou entrar, aqui dentro, dizendo que algum bandido poderia estar escondido na casa.</p> <p>F2: Eu falo: que cara entrou aqui, moço, minha porta fechada? E quem <i>tava</i> no sofá, dormindo, foi meu filho! Como meu menino não saiu pra fora <i>eles pego</i> e bateu <i>den</i> de casa.</p> <p>R: Os moradores da rua acusam policiais militares da morte de Carlos Alberto Conceição Júnior, de 22 anos.</p> <p>F3: Ele começou atirar no momento em que ele mandou correr. Quando ele correu, ele atirou. Ele pulou aqui, ele veio e matou ele aqui.</p> <p>R: Segundo a família, Carlos Alberto estava de folga. Esperava um amigo perto de casa pra sair.</p> <p>F4 (pai da vítima): O menino ia pra praia! Ele já pega e atira <i>nos menino</i> sem necessidade! Pergunte se ele achou droga? Se ele achou arma? Se ele achou alguma coisa na mão de meu filho?</p> <p>R: Carlos era casado, e, deixa um filho de três anos.</p> <p>F5 (esposa da vítima): Oh, Jesus, como é que eu vou criar meu filho sem ele? Oh, meu Deus...</p> <p>R: Carlos era primo do garoto Joel, que levou um tiro quando estava na janela de casa, em 2010, também na comunidade de Olaria. Nove policiais militares respondem pelo crime de homicídio duplamente qualificado. Três anos depois, a família sente a mesma dor.</p> <p>F6 (tio da vítima e pai do garoto Joel): Um menino direito, um menino que treinou capoeira, <i>tá</i> entendendo? Pai, certo. E mata, tira a vida do menino.</p> <p>R: Os moradores encontraram esse alicate de pressão que, segundo eles, teria sido usado por policiais para entrar nas casas. Capsulas de balas também foram encontradas no local onde Carlos Alberto foi morto. Inconformados com o assassinato no Nordeste de Amaralina, os moradores apedrejaram um ônibus, tentaram impedir a entrada da polícia no bairro e, fecharam a Avenida Manoel Dias da Silva.</p>
Nota pé	A2: Carlos Alberto vai ser enterrado hoje à tarde, no cemitério Campo Santo, no bairro da Federação, aqui em Salvador. O horário ainda não foi definido pela família.

(N43) – Veiculação em 24 de junho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: No último sábado, muita gente lotou as ruas de Salvador para protestar. A maioria fez uma caminhada pacífica na capital, mas atos de vandalismo de um pequeno grupo que estava infiltrado chocaram os soteropolitanos.</p> <p>A2: Eles destruíram pontos de ônibus, arrombaram bancos, depredaram carros públicos e particulares, além de explodir bombas em vários trechos da cidade. Dezenas de pessoas foram presas, entre elas adolescentes e mulheres.</p>
VT	<p>R: O domingo amanheceu com sinais de destruição em vários pontos da cidade. Placas de sinalização, lixeiras, grades de proteção quebrados. Pontos de ônibus depredados e população chocada com o vandalismo.</p> <p>F1: Acaba prejudicando a nós mesmos.</p> <p>R: Os equipamentos públicos foram destruídos pelos vândalos que se infiltraram nas manifestações realizadas nas ruas de Salvador, no último sábado. As manifestações foram pacíficas, na maior parte do tempo. Mas em três regiões houve conflitos. No Vale dos Barris, centro de Salvador, a manifestação seguia pacífica até que um pequeno grupo depredou este ponto de ônibus, quebrou e ateou fogo em um toldo. Depois, soltou rojões no meio da rua. A polícia reagiu com bombas de efeito moral. Ao longo do caminho, vândalos arrancaram as grades de proteção do estacionamento São Raimundo, apedrejaram a portaria e depredaram carros que estavam parados no local.</p>
Passagem	R: Muitos objetos, olha só, foram arremessados do alto, aqui, do viaduto que tem cerca de oito metros de altura. Pra vocês terem uma ideia do vandalismo, olha só os objetos que foram arremessados: este tronco, pedras também, muitas pedras aqui, como esta, e, também, olha só aqui deste outro lado, este fone de um orelhão que também foi depredado na rua.
VT	R: O Uéllisson aqui é dono de um dos veículos atingidos, aqui, durante essa ação de

	<p>vandalismo. Muito prejuízo?</p> <p>F2 (empresário): Sim, sim. Esse carro é um carro que o seguro é um pouco alto... E, assim... é... A bandidagem, na verdade, envolvida no meio da manifestação, né.</p> <p>F3 (motorista): Passaram por aqui os vândalos e depredaram vários carros aqui. Tinha que ser uma coisa mais respeitosa, né. Respeitar mais o direito dos outros.</p> <p>R: Um outro grupo entrou em confronto com a polícia perto da rodoviária. Os policiais usaram bombas de gás lacrimogêneo para dispersar os manifestantes. Mas um pequeno grupo seguiu fazendo vandalismo pelo caminho. Uma viatura da PM chegou a ser atingida por pedras. Três arruaceiros que estavam no meio dos manifestantes, nos Barris, foram presos durante uma abordagem policial. A., de 21 anos, B³., de 22 e, ainda um adolescente. Com eles a polícia encontrou cinco coquetéis <i>molotov</i>, explosivos e máscaras de gás.</p> <p>F4 (delegada): Será lavrado o auto de prisão em flagrante por incitar e participar, com adolescente, de ato delituoso. No caso, é... Esse material explosivo que eles traziam consigo.</p> <p>R: Outras 25 pessoas, inclusive mulheres, foram levadas para a primeira delegacia dos Barris, acusadas de envolvimento nos atos de vandalismo. Com eles também foram encontrados explosivos, badogues⁴ e máscaras de gás.</p> <p>F5 (subcomandante da operação Gêmeos): Esses manifestantes foram detidos, nas imediações do Iguatemi, após ter sido dispersados a, a turma que <i>tava</i> lá, encontrada. E estavam depredando tanto o patrimônio público quanto o privado.</p> <p>R: Ainda no sábado, uma terceira área atingida pelos vândalos foi a Avenida Paralela. Um grupo de manifestantes interrompeu o trânsito nos dois sentidos, na altura do Imbuí, por mais de duas horas e meia. Provocaram um longo engarrafamento. Antes de sair do local, vândalos arrancaram as grades de proteção deste canteiro de obras e derrubaram esta enorme placa de uma obra pública.</p> <p>R: Na manhã de domingo, os sinais de destruição estavam por todos os lados. Nesta área, sete dos 13 abrigos públicos para passageiros foram destruídos. Os vândalos também quebraram uma das placas de vidro da fachada deste shopping. Neste outro centro comercial, apedrejaram as vidraças de cinco lojas. Nesta agência bancária, a porta principal foi destruída. E nesta outra agência, os estragos foram ainda maiores: as portas internas e os vidros, inclusive das janelas mais altas, foram quebrados.</p>
Passagem	<p>R: Veja só, esta área da agência, que tem uma fachada com mais de três metros de altura, e é feita de vidro, foi totalmente destruída. Uma parte aqui dos vidros ainda está de pé, mas totalmente estilhaçada e prestes a cair também. E, veja só, como eles conseguiram destruir também toda essa parte da fachada, arremessando aquele bloco de concreto aqui na parte interna.</p>
VT	<p>R: Estas imagens, feitas através de celular, mostram o momento da ação dos vândalos. Funcionários da prefeitura passaram a manhã de domingo consertando as sinaleiras da região, que também foram depredadas.</p> <p>F6(operadora de telemarketing): Nós devemos sim reivindicar pelos nossos direitos, pelas nossas condições físicas, financeiras, nossas questões é... Da sociedade. Lutar pelos nossos, nossos requisitos, nossos objetivos de vida, mas tudo com paz, segurança, é... Educação.</p> <p>F7: Proteste, mas não deprede.</p>
Comentários	<p>A1: Além dos que nós mostramos, outros dois homens foram presos, na Avenida Sete de Setembro, quando tentavam arrombar uma loja de calçados. Segundo a Ordem dos Advogados do Brasil, na Bahia, 24 homens e seis mulheres foram presos durante os protestos de sábado. Todos eles foram ouvidos e liberados para responder ao inquérito em liberdade.</p>

³ Optamos por não informar os nomes dos detidos.

⁴ Bodoques.

JULHO

(N44) – Veiculação em 10 de julho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Olá, muito boa tarde. O Bahia meio-Dia começa mostrando a situação que motoristas e moradores estão enfrentando na Avenida Artêmio Valente, aqui em Salvador.</p> <p>A2: É que a avenida, Camila, que liga o estádio do Barradão até a Paralela está cheia de buracos. E os motoristas reclamam do congestionamento formado, todos os dias, por causa da situação da pista. O nosso <i>Repórter Cidadão</i> foi até o local e mostra o problema.</p>
Vinheta do quadro Repórter Cidadão	
Passagem	<p>R: Não é nem a primeira nem a segunda vez que a gente vem aqui, à Avenida Artêmio Valente. Artêmio Valente que fica, inclusive, bem em frente ao estádio Barradão, do Esporte Clube Vitória. Asfalto bonitinho por aqui, carros trafegando. Tem muito trânsito, por sinal. O problema todo não é aqui não. Você vai ver o que é que se passa, ainda, nessa avenida.</p>
VT	<p>R: Descendo pela Artêmio Valente o motorista encontra asfalto de boa qualidade, trânsito, às vezes, um pouco complicado e, já pertinho da Paralela, olha o buraco!</p>
Passagem	<p>R: O jeito que a gente teve foi parar pra ver esse buraco aqui. Olha o tamanho dele! Por ser bem na curva fica estreita a passagem <i>pros</i> carros. Dois carros pequenos. Agora, vem um caminhão grande, pra passagem dos dois. O caminhão parou porque não dá pra passar dois carros. Isso aqui é o começo, com certeza, de uma grande buraqueira. O asfalto começa a quebrar assim, oh, e começa a ficar solto em vários trechos. E aqui está o final da Avenida Artêmio Valente. Ela segue em frente pra pegar a Avenida Paralela. Esse trecho é um problemão para os motoristas!</p> <p>R: E esse buraqueira?</p> <p>F1 (moto taxi): Tá horrível.</p> <p>R: Tá ruim a coisa?</p> <p>F1(moto taxi): Tá.</p> <p>R: Estraga a moto, tem risco de cair?</p> <p>F1(moto taxi): De cair? Buraqueira dessa aí!</p> <p>R: E veja o movimento disso aqui. E estamos num horário que não é de pico não. Mas o movimento é sempre grande de carros, que saem lá da Artêmio Valente, ônibus, que desviam da Paralela pra vir aqui, por que tem um ponto bem aí adiante, então, eles veem pela parte interna. E tem que passar bem devagarinho.</p> <p>F2 (cobrador de ônibus): Hoje tá até melhor que não tá chovendo. Quando chove... congestionamento chega lá embaixo.</p>
Nota pé	<p>A1: Em nota a Superintendência de Conservação e Obras Públicas disse que a Avenida Artêmio Valente passou por um recapeamento asfáltico antes da Copa das Confederações, já que a Avenida fazia parte do roteiro das seleções que foram treinar no estádio do Barradão. Apesar do tratamento emergencial, a Sucop disse que vai fazer uma nova inspeção no local pra avaliar os problemas mostrados na nossa reportagem.</p>

(N45) – Veiculação em 18 de julho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: É sempre melhor mesmo, viu! E a sustentabilidade, como nós vimos aí na reportagem, é um tema cada vez, Camila, mais presente em nosso dia-a-dia. Afinal, não dá pra falar de qualidade de vida sem preservação da natureza, sem os cuidados com o meio ambiente, né.</p> <p>A2: Cuidados, Ricardo, que, na maioria das vezes, dependem apenas de pequenas mudanças de hábito. Por exemplo, diminuir o consumo de água, economizar energia, separar o lixo, respeitar os horários do caminhão de coleta, são coisas simples que cada um pode fazer a sua parte, né?</p> <p>A1: Por falar em coisas simples, em reaproveitamento, um bom exemplo vem do bairro de Naranjinha, aqui em Salvador. O artista plástico Ivo da Bahia teve uma ideia simples, mas brilhante: usar objetos que iriam para o lixo como decoração. O resultado é esse aqui, vejam</p>

	<p>só, em nosso monitor: árvore sustentável. E quem está lá é a nossa colega, Renata Menezes. Olá, Renata, boa tarde.</p>
VT	<p>R: Oi, Ricardo, boa tarde! Boa tarde, Camila. E boa tarde pra você que acompanha o Bahia Meio-Dia. Pois é, eu vim conferir de perto essa árvore sustentável. É muito interessante e muito curioso, porque tem de tudo ali. Tem boneca, tem cadeira, tem computador, tem disco, tem máquina fotográfica. Olha, a gente passaria a tarde inteira aqui só falando desses itens que tem aqui, pendurados embaixo dessa árvore, que é uma mangueira. Uma mangueira sustentável, arte aqui do Seu Ivo da Bahia que é artista plástico e há 10 anos, né seu Ivo, tá nessa aí, nessa batalha. E tudo que tem ali o senhor encontrou nas ruas aqui do bairro de Narandiba?</p> <p>F1 (artista plástico): Foi sim, jogado por pessoas irresponsáveis. Porque agora tá melhorando e tenho fé em Deus que a partir de agora, com essa reportagem linda e maravilhosa, vai melhorar mais ainda. E a Bahia toda tem que tomar como exemplo.</p> <p>R: Explica pra gente, qual foi a intenção do senhor quando o senhor criou aqui, há 10 anos, essa obra de arte? É pra chamar a atenção das pessoas? Porque tudo aquilo ali <i>tava</i> jogado fora e não <i>tava</i> nem no lixo, né!</p> <p>F1(artista plástico): É realmente o pessoal nem na lixeira joga. Joga no meio da rua! É cachorro, gato morto, tudo isso. Mas hoje, graças a Deus, nossa rua <i>tá</i> de parabéns.</p> <p>R: Mudou a relação das pessoas com o que elas jogam fora? Mudou o jeito de tratar esses resíduos?</p> <p>F1(artista plástico): Mudou e muito! Então, eu só tenho a agradecer a eles.</p> <p>R: Maravilha, tá orgulhoso, tá feliz?</p> <p>F1(artista plástico): Muito feliz!</p> <p>R: Maravilha. Vou pedir <i>pro</i> senhor continuar aqui com a gente enquanto eu converso aqui com o nosso segundo convidado que é o Asher Kiperstok, que é engenheiro ambiental, um peruano que vive aqui em Salvador há muito tempo. Veio aqui também conferir... O quê que o senhor achou dessa novidade aqui, que não é novidade <i>pro</i> pessoal do bairro, mas pra gente é bem curioso?</p> <p>F2: Olha, eu achei um belíssimo exemplo que Seu Ivo dá de cidadania. Eu não chamaria de árvore sustentável, mas um belíssimo exemplo de cidadania que ele nos dá aponta pra uma discussão sobre sustentabilidade. Sustentabilidade seria não se gerar tanto resíduo, se gerar tanto lixo. Mas o recado que a gente tem que ouvir, tanto moradores da cidade quanto as autoridades, que se ele teve tanto trabalho pra colocar esse material aí dentro é porque gente irresponsável largou de qualquer forma na rua e a prefeitura não soube recolher de forma adequada. <i>Esse</i> é uma questão de cidadania básica. Seu Ivo <i>tá</i> dizendo aqui: senhores, nós temos que ser cidadãos. Quando a gente <i>aprende</i> a ser cidadão vamos poder começar a pensar em sustentabilidade.</p> <p>R: A gente fala muito de sustentabilidade, acompanhamos aí uma reportagem sobre obras, né, construção civil com sustentabilidade, mas o quê que dá pra fazer pensando nesse conceito, né? Pensando nisso, na sustentabilidade, no dia-a-dia? A gente <i>tá</i> aqui <i>num</i> bairro popular, tem muita gente aqui, donas de casa, criança voltando pra casa depois da escola, dá pra colocar isso no dia-a-dia, na rotina das pessoas?</p> <p>F2: Olha, é o que a gente tem que fazer. É o que todo mundo tem que se esforçar pra fazer. <i>Cê</i> falou agora na construção civil. Hoje em dia se você pega e passa na rua, identifica qualquer obra de construção civil, <i>cê</i> vai ver o enorme desrespeito que a indústria da construção civil provoca perante a cidade. As ruas, os passeios tomados por obra, caminhões betoneiras fazendo barulhos infernais, concreto sendo derramado na rua, material sendo jogado fora. Eu não tenho dúvida que se Seu Ivo fosse aproveitar o material que o pessoal descarta na rua durante a obra ele precisaria de uma floresta pra pendurar.</p> <p>R: O senhor agora, <i>vamo</i> aproveitar, seu Ivo, antes da gente encerrar, <i>pro</i> senhor deixar um recado, fica aqui, né, o recado pras pessoas: <i>vamo</i> pensar bem no que a gente joga no lixo, <i>vamo</i> pensar bem no que a gente consome também.</p> <p>F1(artista plástico): É eu primeiro quero agradecer a eles porque eles <i>tão</i> fazendo um bom trabalho. Quero agradecer também por não jogar mais na rua.</p> <p>R: Fica essa mensagem, né seu Ivo?</p> <p>F1(artista plástico): É, a mensagem...</p> <p>R: Tá bom, a gente vai ter que encerrar. Muito obrigada. E é isso aí, fica uma mensagem bem interessante, bastante curioso aqui também. Camila.</p>

Comentários	A2: Verdade. Brigada, Renata. Todo mundo deveria seguir esse exemplo. A1: É verdade.
-------------	---

(N46) – Veiculação em 26 de julho de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: E uma opor..., boa opção, mas pra família toda é visitar a Feirinha da Agricultura, que tá montada na, na Praça Municipal, a gente vai voltar a conversar ao vivo com a repórter Renata Menezes que já mostrou pra gente aí artesanato, mas tem comida típica também. <i>Cê</i> já conseguiu provar alguma coisa, Renata?</p> <p>R: Ai Camila, ainda não. (risos). <i>Tô</i> trabalhando ainda não consegui, mas depois do trabalho vou experimentar muita coisa! Nesse horário! Eu que sou do interior, todo mundo que gosta de comida do interior, imagina? Tanta comida gostosa! Vou mostrar pra vocês. A gente tá aqui nessa parte, que foi reservada pra os alimentos, vindos todos do interior nessa feira de produtos do interior. Todos feitos por mulheres, doceiras, olha só: essa aqui é a... a... o box da Associação do Movimento de Mulheres Camponesas lá de Caetitê, da região sudoeste do estado. Elas fizeram aqui, trouxeram muita coisa gostosa. Tem balinha e tem geleia, também.</p> <p>R: Tudo bem? Boa tarde. Vocês que fazem?</p> <p>F1: Isso, a gente faz na Associação lá de Caetitê. A gente tem o trabalho lá com frutas é... Naturais, e sem agrotóxicos. Essa... A maioria das frutas a gente retira da caatinga, que é a... Típica do mato mesmo. A gente faz compotas, doces, tudo com gostinho e cheirinho da vovó, sabe? Dá vontade de comer de colher mesmo.</p> <p>R: Eu sei, eu <i>tô</i> olhando aqui! E faz sucesso, né?</p> <p>F1: Muito sucesso. Aqui tudo produto natural e... A maioria das pessoas hoje sempre procura isso, é... Produtos naturais, né? E essas balinhas aqui que é o nego bom que faz, é... O maracujá da caatinga. Ele é tipo o brigadeiro, só que da fruta, do cerrado. Esse aqui é o maior sucesso. Hoje a gente, praticamente, zerou o estoque.</p> <p>R: Esse custa cinco reais. Água na bica, é ou não é, muita gente? Vou mostrar mais coisas pra vocês aqui, oh. Aqui nessa outra, nesse outro box tem mel, tem cachaça de Abaíra. Tem muita coisa aqui e, eu conversei com muitas pessoas, muitas mulheres que <i>tão</i> participando da Feira e todo mundo é unanime, todo mundo concorda quando eu pergunto se tem chora, se dá pra fazer pechincha. Todas elas dizem que dá. Quem vier pra cá hoje, ou sábado, ou domingo, tem conversa, tem choro. Dá pra levar muita coisa gostosa pra casa. É um bom programa <i>pro</i> final de semana. Eu vou ficar mais um pouquinho por aqui, acho que agora eu vou experimentar umas coisas, tá, Sodake? (risos)</p>
VT	<p>A1: Tá certo, Renata. Só pra matar a gente de inveja. A2: é verdade. A1: Mas tudo bem!</p>

AGOSTO

(N47) – Veiculação em 05 de agosto de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: No ano passado, na Bahia, foram registrados mais de 66 mil casos de agressão contra mulheres. Só neste domingo a delegacia da mulher, aqui em Salvador, registrou 105 queixas de agressão.</p> <p>A2: Na semana passada um tipo de crime passionai chamou atenção porque a agressão partiu de uma mulher contra outra. Uma dona de casa teve o rosto queimado com ácido por uma mulher, vejam só, por ciúme do marido.</p>
VT	<p>R (off): Para a família de Simone Nogueira, o crime foi provocado por um motivo banal: ciúmes.</p> <p>F1 (cunhado da vítima): Não existe o ciúme fazer isso. Porque quando a pessoa <i>tá</i> com ciúme de alguém, que acha que aquela pessoa não merece o amor daquela, abandone, separe.</p> <p>R (off): Simone foi ferida na última quarta-feira, com este tipo de ácido, usado para</p>

	desentupir vasos sanitários. O ácido foi jogado por Jurineide Oliveira dos Santos, de 39 anos, que em depoimento na delegacia assumiu o crime. Ela disse que jogou o produto no rosto da dona de casa por ciúmes. Jurineide, que está respondendo ao processo em liberdade, suspeitava que o namorado dela, um motorista de ônibus, estivesse interessado em Simone. F1(cunhado da vítima): Minha cunhada, no momento, era amiga, pegava carona pra economizar o transporte. Então, no momento, até meu conhecimento, ela só era amiga dele. (<i>corde</i>). Ela chegou muito queimada com ácido que... Foi uma crueldade que a mulher fez com ela. Covardia que não se faz com ser humano nenhum o que ela fez. Uma pessoa que não tem coração.
Passagem	R: Simone continua internada aqui no Hospital do Subúrbio, na Cidade Baixa, na UTI ⁵ cirúrgica, em estado grave. Assim que melhorar e tiver condições de ser transferida, ela vai ser levada para o Hospital Geral do Estado, unidade de referência no tratamento de queimados.
VT	R (off): Só neste domingo foram registradas, na delegacia especializada no atendimento a mulher, em Brotas, mas de 25 queixas contra agressores. Esta mulher, que prefere não mostrar o rosto, em menos de um ano prestou queixa quatro vezes contra o pai da filha, que tem um ano e seis meses. As agressões teriam sido provocadas por ciúmes. R: Ele te agride de que forma? F2 (uma vítima de agressão): Além de fisicamente, verbalmente. <i>Me xinga</i> de vários nomes, diz que vai me bater. Já chegou a bater várias e várias vezes onde, das quatro queixas, duas têm guia de corpo delito, que eu fiz os exames. É... Nessas guias, nesses exames tiraram fotos dos hematomas que foram graves. As pessoas pensam que são donas das outras, e são donas das atitudes e dos passos que as pessoas dá. Era o caso dele: tinha ciúmes de pessoas quando me ligavam, pessoas que falavam comigo nas ruas. E da, sempre motiva... As violências sempre foram motivadas com relação a isso: ciúme idiota.
Comentários	A2: Um absurdo, né.

(N48) – Veiculação em 13 de agosto de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: O assunto interessa agora, principalmente, as donas de casa. Até pouco tempo o tomate era um vilão aí, por causa do preço. Ainda bem o preço baixou, voltou aí ao normal. Mais será que você sabe escolher o tomate? Sabe armazenar e, principalmente, aproveitar todo o tomate? A2: Olha, quem vai dar essas dicas, quem vai ensinar pra gente, é a repórter Adriana Oliveira, ela que está na Ceasa ⁶ do Ogunjá, está acompanhada de um <i>chef</i> de cozinha que vai dar todas essas dicas, né Adriana? Muito boa tarde pra você. A1: Boa tarde.
VT	R: Boa tarde, Camila, Sodake. Olá a todos. Nós estamos aqui, com o <i>chef</i> Joselito Santos, mas antes de conversar com ele, olha só: esse aqui é o tomate rasteiro, conhecido também como tomate italiano. E tem aquele outro que é mais graúdo, que é o tomate salada, porque ele é muito utilizado pra salada. Vocês lembram que o quilo do tomate chegou a seis reais? Pois é, agora o quilo está saindo em torno de um real e 99 centavos. Agora, qual tomate é o ideal pra preparar o molho? F1 (chef): O tomate rasteiro ele é mais suculento. O tomate pra salada seria o tomate salada, como o nome já diz. O tomate rasteiro ele, por ter mais suco, ele é muito bom pra preparar o, o, o molho. Então, prepara o molho antecipadamente e conserva ele, você tem um molho pra <i>um grande produção</i> e grande tempo. R: quer dizer, esse tomate aqui, o rasteiro, ele acaba tendo mais suco, então, ele é melhor pra fazer? F1 (chef): Ele é melhor. Além de tudo ele tem bons nutrientes que é o licopeno, que ajuda também no combate aos radicais livres e, ele é muito excelente pra preparação de... de pizzas,

⁵ Unidade de Tratamento Intensivo – UTI.

⁶ Central de Abastecimento

	saladas e molhos também. R: Agora, daqui a pouquinho a gente volta pra conversar com o <i>chef</i> Josenilton [sic] Santos que vai dar dicas ótimas de como armazenar e guardar esse tomate por até dois meses. É já, já, a gente volta. Sodake.
Comentários	A1: Obrigada, Adriana. A2: Brigada.

SETEMBRO

(N49) – Veiculação em 24 de setembro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: A gente fala agora de um crime que assustou moradores de um bairro nobre, aqui de Salvador. A2: Um homem foi morto, ontem, a tiros, no bairro da Pituba, por voltas das sete e meia da noite. Na hora do crime muitos pedestres e carros passavam pelo local. A1: O corpo de Elivaldo da Conceição Oliveira ainda está no Instituto Médico Legal. A polícia está investigando o caso.
VT/ Nota coberta	R: A vítima, Elivaldo da Conceição Oliveira, de 36 anos, estava trabalhando nesta barraca, que vende frutas, água de coco e outros alimentos, quando foi surpreendida pelo motociclista que deu vários tiros. O crime foi na Rua Ceará, por volta das sete da noite. Como nada foi roubado da barraca, a polícia acha que foi um atentado. Testemunhas disseram que o barraqueiro teria se envolvido numa briga de trânsito, mas o fato ainda está sendo apurado. Elivaldo morava em Rio Sena, no subúrbio ferroviário, e tinha a barraca há 10 anos. A polícia isolou o local para realizar uma perícia.

OUTUBRO

(N50) – Veiculação em 10 de outubro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: Pontos de ônibus lotados, trânsito parado e trechos de ruas e avenidas alagados. Foram alguns dos problemas causados pela chuva, pelas fortes chuvas que atingem Salvador, desde ontem. A2: Resultado: transtornos e aborrecimentos para motoristas e pedestres que circularam hoje cedo pela capital.
VT	R: Quem foi para a rua enfrentou pontos de alagamento em diversos trechos da cidade, desde bem cedo, quando o movimento no trânsito ainda estava começando. Alagamento no Largo da Mariquita, no Rio Vermelho, e, pontos de alagamento também no Comércio. Nestas imagens, a saída do Moinho e motoristas dirigindo com dificuldade. Pontos de alagamento também na Avenida da França. E um alerta para os motoristas que devem evitar a Avenida Contorno que foi novamente bloqueada por causa do risco de deslizamento de terra.

(N51) – Veiculação em 10 de outubro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: E agora há pouco o prefeito ACM Neto fez um balanço dos transtornos provocados pela chuva, em Salvador, e anunciou ações emergenciais.
VT	F1 (prefeito de Salvador): Nós estamos muito atentos é, às situações de deslizamento de

	terra, de desabamento de imóveis, de alagamentos, pontos de alagamentos na cidade. (<i>corte</i>). A Secretaria de promoção social também está mobilizada pra dar assistência às famílias que são vítimas da chuva, é... Com cobertor, com colchão, com alimentação e com auxílio moradia naqueles casos em que as famílias sejam obrigadas a sair dos seus imóveis. (<i>corte</i>). A Avenida Contorno nós tivemos um deslizamento sério, no primeiro semestre, nós dedicamos os últimos meses, ao lado da Universidade Federal da Bahia, dos seus técnicos, para fazer um estudo profundo do projeto da Avenida Contorno e amanhã será publicado no Diário Oficial do Município a licitação para a obra de contenção daquela encosta. Essa já é a maior chuva do ano, na cidade de Salvador, foram 140 é, milímetros de chuva em apenas 24 horas e as consequências são, é... Muito sérias pra toda a cidade.
--	---

NOVEMBRO

(N52) – Veiculação em 05 de novembro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: O número de negros no mercado de trabalho aumentou em Salvador e Região Metropolitana, é o que revela a pesquisa de emprego e desemprego, realizada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. A2: Segundo essa pesquisa, o número de negros trabalhando aqui na capital aumentou em comparação com o ano anterior. Mas os salários não acompanharam esse crescimento.
VT	R (off): Nas lojas, nos escritórios, na indústria, no transporte do dia-a-dia, não importa se o setor é público ou privado. Somamos mais de um milhão e quinhentos mil trabalhadores, em Salvador e Região Metropolitana. Deste total, mais de um milhão e trezentos mil são negros e cerca de 150 mil foram identificados como pessoas de outras raças. F1: Não importa a raça, o importante é trabalhar. Da forma melhor, mais honesta.
Passagem	R: Mas, afinal, negros e não negros têm o mesmo tratamento no mercado de trabalho? Os salários são diferentes? E as ocupações, como você acha que estão distribuídas? As respostas estão numa pesquisa feita pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia e pelo DIEESE ⁷ . Eles traçaram um raio-X do trabalhador que está aqui em Salvador e em cidades da Região Metropolitana.
VT	R: Pra chegar aos dados, foram visitados dois mil e quinhentos domicílios, por mês. Em todos eles foram entrevistadas pessoas com mais de 10 anos. Segundo a pesquisa, entre 2011 e 2012, o número de negros trabalhando aumentou em 86 mil. Já entre os trabalhadores não negros, houve redução de 16 mil postos de trabalho. Os negros tiveram mais ocupações em todas as áreas: no Serviço foram 49 mil negros empregados, enquanto os não negros perderam espaço neste setor, com queda de seis mil postos de trabalho. No Comércio, trabalhadores negros ocupam 13 mil novos empregos e os de outras raças perderam seis mil ocupações. Na Construção Civil foram onze mil novos postos de trabalho, no geral. Deste total, 10 mil foram ocupados por negros e o restante por pessoas de outras raças. Segundo os economistas, a pesquisa revela um mercado de trabalho com mais unidade mesmo ainda tendo que avançar muito. F2 (economista): Um aspecto positivo que a nossa pesquisa é, encontrou foi o forte crescimento da população negra ocupada. A população negra conseguiu ter acesso a posições de trabalho em maior quantidade do que a população não negra. (<i>corte</i>). Ainda há muito o que evoluir, muito o que corrigir, não só em relação ao acesso às posições de trabalho como também em relação ao quadro dos rendimentos, né.
Passagem	R: O único aspecto em que os negros continuam em desvantagem, segundo essa pesquisa, diz respeito ao salário. Em 2012, os não negros ganhavam, em média, mil setecentos e vinte e seis reais, por mês. Os negros, mil e quarenta e três. O menor nível de rendimento, de acordo com a pesquisa, continua sendo das mulheres negras, cerca de oitocentos e noventa e hum

⁷ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE.

	reais, ao final de cada mês.
VT	R: Depois de 10 anos trabalhando na indústria, Oseias decidiu buscar novas oportunidades e, acredita numa remuneração melhor através da qualificação. F3 (montador): Pensando em cursos, em qualificação, pra poder melhorar o rendimento, né. Acredito que eu vou conseguir sim.

(N53) – Veiculação em 13 de novembro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	A1: Agora a gente fala do caso de amor entre uma autista e um advogado na novela Amor à Vida, da Rede Globo. Linda, personagem vivida pela atriz Bruna Linzmeyer, é uma jovem autista, superprotegida pela mãe, e que tem despertado o interesse do advogado Rafael. A2: Mas o que muita gente fica em dúvida é: pode um autista se apaixonar, viver um romance? Hoje você vai ver a nossa primeira reportagem sobre o autismo e, vai entender até onde pode ir o interesse de um autista por uma outra pessoa. E como é a relação entre jovens autistas que fazem tratamento em uma associação aqui de Salvador.
VT	<i>Imagens da telenovela Amor à Vida. Música tema do casal da telenovela</i> Atriz: São pessoas extremamente inteligentes, muitas vezes mais do que... Acima da média, então... Têm um olhar muito sensível, muitos deles se tornaram grandes artistas. R (off): Linda, personagem da atriz Bruna Linzmeyer, é autista. Nas cenas. Ela faz uma interpretação cada vez mais próxima da realidade. Os gestos, a comunicação com poucas palavras. O olhar que parece procurar respostas. Atriz: O autismo tá muito por ser descoberto ainda. Tem muitas coisas <i>pra</i> se falar, então, acho que abrir essa discussão é que é bonito. R (off): A discussão mais recente, provocada pela novela, é sobre relacionamentos amorosos entre autistas. O advogado Rafael, personagem do ator Rainer Cadete, está cada vez mais encantado com Linda. (<i>Imagens da telenovela durante o off</i>).
Passagem	R: Pra mostrar como é a vida de um autista, as diferenças entre a ficção e a realidade, principalmente na fase da adolescência, nós viemos até a AMA, Associação dos Amigos do Autista. Aqui, vamos conhecer jovens que estão em tratamento. Será que eles são capazes de namorar, ter uma família, ter filhos? Os especialistas também vão ajudar a nossa reportagem a explicar todas essas questões.
VT	R (off): Uma vida mais próxima da realidade pode significar relações melhores com as pessoas. Segundo especialistas, no caso dos adolescentes autistas, a sexualidade é um assunto um pouco mais difícil de ser tratada. Aos 12, 13 anos, garotos e garotas com essa síndrome têm desejo muito mais pelo prazer físico. Há uma dificuldade de se apaixonar, principalmente por causa dos interesses restritos, da dificuldade de comunicação, características do autista. F1 (pedagoga): A sexualidade mesmo, da busca de um parceiro, de um par, de um namorado, a gente não tem nenhum caso que a gente possa relatar aqui na instituição. Aqui nós temos o exemplo de Nadiane, 17 anos de idade, e que nem o, a questão do prazer pelo corpo ela sente. É uma adolescente super tranquila quanto a esse aspecto. R (off): Ainda segundo pedagogos e psicólogos, as conquistas, principalmente amorosas, na vida de um autista, também dependem do grau da síndrome que cada um desenvolve, do acesso a bons tratamentos e do apoio da família. A professora Ednalva é uma incentivadora incansável do filho, Emerson. Ele tem 17 anos. E quando perguntamos se há alguma garota especial na vida dele surgiu uma amiga, lembrada com muito carinho. F2 (jovem de 17 anos): O nome dela é Bê. R: É uma amizade forte mesmo? F2 (jovem de 17 anos): É. uma amizade forte. A ponto de <i>tá</i> sempre perto e sentindo falta. É. R: É só uma amiga mesmo, Emerson? F2 (jovem de 17 anos): É. R: Não é uma paixão assim, uma namoradinha não? Não. R(off): Acompanhar de perto as sensações do filho autista preenche a vida da professora Ednalva. Estar sempre por perto, esperar as paixões, e namoros de uma garoto especial, vai

	<p>muito além de apenas proteger.</p> <p>F3(professora): Porque também a outra pessoa do outro lado pode não saber também lidar com o sentimento que ele possa nutrir por ela. E aí eu fico insegura, se vai... Vai fazer sofrer, como ele vai lidar com isso, a outra pessoa vai lidar com isso. Isso me deixa muito insegura. Espero que não desperte tão cedo a sexualidade (<i>risos</i>).</p>
--	---

(N54) – Veiculação em 29 de novembro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: O Bahia Meio-Dia mostra agora uma tradição católica dos festejos natalinos, os presépios, que representam o nascimento de Jesus.</p> <p>A2: O primeiro presépio foi montado por São Francisco de Assis, em 1223. E hoje a gente vai conhecer famílias, aqui de Salvador, que mantêm viva essa tradição, um gesto que para elas simboliza amor e união.</p>
VT	<p>R: Primeiro a família se reúne em oração. No mesmo lugar da oração, no canto da sala, a família do bairro do Cabula começa a montar o presépio.</p> <p>F1: Temos o tempo do Advento, que é o tempo final de novembro até o dia, grande dia do nascimento, né, dia 25 de dezembro, que é onde... É o tempo que se estreita pra fazer a... A montagem do presépio.</p> <p>R: Na casa, antes do nascimento do menino Jesus, era simbolizado só com esta peça da sagrada família, até que no ano passado Consuelo resolveu aumentar o presépio e levou o primeiro lugar no concurso da arquidiocese de Salvador.</p> <p>F2 (administradora): A beleza do presépio vem da simplicidade. A simplicidade que vem de Jesus. Então, tudo aqui é feito com o mínimo, mas acaba se tornando grandioso.</p> <p>R: Na casa da família Oliva, em Brotas, encontramos dona Ana e seu Heliomar dando os últimos retoques no presépio, uma tradição que começou quando dona Ana, ainda criança, ganhou de um amigo do pai um mini presépio com apenas 10 peças. Hoje, são mais de 200.</p> <p>F3 (dona de casa): Esse ano eu trouxe de Gramado três carneirinhos... É quase uma superstição botar mais alguma coisa todo ano. E na montanha com muito verde, lá está o anjo Gabriel, anunciando a chegada do menino Jesus. Na simplicidade da manjedoura, seu Heliomar ajeita o pisca-pisca, pra brilhar como a luz do nascimento. Alguns brinquedos dos filhos e netos, como este cavalinho, se tornaram peças indispensáveis, assim como os reis magos.</p> <p>F3 (dona de casa): Eu acredito piamente na presença viva dos reis na nossa vida também, né? O ouro, a mirra e o incenso a gente transforma isso em... Eu tenho, eu resumo tudo isso em uma coisa só: amor.</p> <p>F4 (aposentado): Ainda falta muita coisa e esperamos que até o dia do Natal tudo saia como sai todos os anos, né. A família junta, com um feliz natal e muita paz pra todo mundo.</p>
Comentários	<p>A1: Lembrando que você também pode participar do concurso de presépios da arquidiocese de Salvador. As inscrições terminam no dia 10 de dezembro. Para outras informações sobre as regras do concurso e como se inscrever, acesse a nossa página: g1.com.br/bahia.</p>

DEZEMBRO

(N55) – Veiculação em 07 de dezembro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A1: Quem passou ontem pelo Terminal da Praça da Sé, aqui em Salvador, se surpreendeu com uma festa de confraternização na rua, no ponto de ônibus.</p> <p>A2: Um grupo de passageiros que todos os dias se encontra resolveu celebrar a amizade construída ao longo de cinco anos, numa festinha de natal.</p>
VT	<p>R (off): Uma festa com direito a churrasco e troca de presentes. Seria um amigo secreto comum se não fosse o local onde foi realizado, o Terminal da Sé, no centro de Salvador, fim de linha de várias rotas de ônibus. Os participantes da confraternização fazem parte da turma</p>

	<p>do ponto.</p> <p>F1 (assistente administrativa): A gente já dividia esse <i>mermo</i> sofrimento de esperar o ônibus, de longas e longas horas. E aí um foi conhecendo a rotina da outra e foi formando, entendeu, a turma do ponto!</p> <p>R (off): Todos os meses eles se reúnem no mesmo lugar para celebrar a amizade que surgiu entre uma espera e outra do coletivo. Mas a festa de ontem à noite foi especial.</p> <p>F2 (rodoviário): Aproveitando a oportunidade <i>pá</i>, pra dar parabéns a todo mundo. Aqui tem amigo secreto, aqui tem aniversário, aqui tem tudo! É ótimo!</p> <p>R (off): Os grandes homenageados da confraternização deste ano foram os funcionários das empresas de ônibus que trabalham no local, entre eles o motorista Marcelo e a despachante Cleide. Por que os passageiros gostam tanto deles?</p> <p>F3(estudante): São pessoas assim muito doces, muito carinhosos, muito atenciosos também. Então, foi, foi fortalecendo a amizade e, aí, a gente <i>tá</i> aqui.</p> <p>R (off): Para os rodoviários, o reconhecimento pelo trabalho que realizam todos os dias.</p> <p>F4(despachante): Reconhecer que você <i>tá</i> fazendo o seu melhor é sempre bom, <i>né</i>.</p> <p>F5(motorista): A gente sente fazendo parte, como se fosse uma família. Não, não é mais aquele, aquela história de tratar passageiro como passageiro e motorista como motorista. Eu, particularmente, todos os meus passageiros eu trato como se fosse uma família.</p> <p>Todos da turma do ponto: Feliz natal!</p>
Comentários	A2: Bacana!

(N56) – Veiculação em 09 de dezembro de 2013.

MOMENTOS	TEXTO
Cabeça	<p>A2: Vamos falar agora de um antigo problema ainda sem solução. É o problema de quem depende de ônibus aqui na capital. Nesse domingo, a nossa equipe deu um giro pela cidade e encontrou muita gente reclamando da longa espera nos ônibus, nos pontos.</p> <p>A1: Em pleno dia de folga para grande parte da população, quem saiu <i>pra</i> se divertir teve dificuldade em conseguir transporte. Não foi fácil também para quem precisou chegar até os locais de prova de um concurso público, sem falar de quem saiu de casa <i>pra</i> fazer as compras, já que estamos aí a 15 dias do natal. Acompanhe a nossa reportagem.</p>
VT	<p>R (off): No domingo à tarde não é difícil encontrar passageiros irritados com a espera.</p> <p>F1(diarista): Já, já sofremos a semana toda com a falta, com a péssima qualidade de transporte. E ainda domingo, na hora do lazer, ainda tem essa dificuldade. Aí fica difícil.</p> <p>F2 (dona de casa): Diminui os ônibus justo hoje que é um dia de passeio, de que a gente quer sair mais, <i>né</i>, por não <i>tá</i> trabalhando, por querer se divertir. Eu acho muito complicado.</p> <p>R (off): Por causa do concurso da área técnico-administrativa da UFBA, realizada em vários locais da cidade, muitos pontos de ônibus ficaram assim: lotados. Depois de horas fazendo a prova, alguns candidatos reclamaram da demora.</p> <p>F3(não identificado): Você passa uma hora, uma hora e meia, ou até mais no ponto esperando o transporte.</p> <p>F4 (não identificado): Super complicado. Normalmente, com a frota diminuída, fica difícil saber que horas vai ter. Se perder um já era.</p> <p>R (off): De acordo com o Sindicato das empresas de ônibus, Salvador tem uma frota de dois mil e setecentos veículos operando no transporte coletivo. Durante o fim de semana, as 18 empresas reduzem a frota 30%. Quem curtiu o domingo de sol na praia também teve problemas na hora de ir <i>pra</i> casa. A queixa desse casal, que passou o dia no Porto da Barra, é a falta de informações sobre os horários dos ônibus.</p> <p>F5 (não identificado): Se tivesse a plaquinha, o horário: de meia em meia hora, de uma em uma hora, de 10 em 10 minutos, pelo menos explicasse a gente, <i>né</i>, ia ser bem melhor do que a gente <i>tá</i> esperando.</p> <p>F6 (não identificada): Até porque a gente mesmo se programaria pra isso. Se eu soubesse que o carro vai passar quatro e meia eu não ia <i>vim pra</i> o ponto três horas esperar um carro que vai passar quatro e meia, <i>né</i>. Eu acho que assim seria melhor.</p>
Passagem	<p>R: Agora nós estamos na Estação Pirajá, são seis horas da tarde, o movimento é intenso e, por aqui também tem muita gente reclamando da demora dos ônibus. A gente encontrou <i>Seu</i></p>

	<p>Wilson que veio de Paripe, com a filha, demorou quanto tempo <i>pra</i> chegar aqui?</p> <p>F7 (militar): Quase uma hora. A demora <i>tá</i> muito grande! Tenho mais de uma hora aqui esperando o ônibus Baixa dos Sapateiros, e não consigo mais esperar. <i>Tô</i> indo com minha filha pegar um taxi <i>pra</i> poder chegar em casa.</p> <p>F8 (não identificada): É estressante. Estressante.</p>
Comentários	<p>A2: Em pleno domingo. Ao comentar o assunto mostrado na reportagem, o superinten... O superintendente da TRANSALVADOR, Fabrizzio Muller, disse que desde outubro foi reforçado o número de ônibus, na orla, durante os fins de semana. É a chamada Operação Praia. Porque, segundo ele, são 51 ônibus a mais, na orla. No entanto, não foi o que a gente viu aí, muita gente esperando cerca de uma hora e meia <i>pra</i> pegar um transporte <i>pra</i> voltar <i>pra</i> casa depois da praia. Ainda de acordo com a TRANSALVADOR, houve também o reforço para a realização do concurso da UFBA. Foram colocados 90 ônibus à disposição e, ainda assim, muita gente esperando na fila, nos pontos de ônibus. Também, segundo a assessoria da TRANSALVADOR, nas outras áreas, o que é que acontece, o número de linhas aos domingos e feriados é reduzido em torno de 50%.</p> <p>A1: Já a assessoria do Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros, disse que o assunto é com a TRANSALVADOR, responsável por definir o número de ônibus que circulam aos domingos.</p> <p>A2: Independente de quem é a responsabilidade <i>pra</i> isso, o que acontece é que a população precisa de uma solução.</p> <p>A1: E o mais rápido possível.</p>